



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES  
DOUTORADO EM ARTES**

**FREDERICO DE CARVALHO FERREIRA**

**O CINETEATRO TERRITORIAL DE MACAPÁ E A  
CRIAÇÃO DE UMA POLÍTICA CULTURAL JANARISTA**

**BELÉM - PARÁ  
2023**

**FREDERICO DE CARVALHO FERREIRA**

**O CINETEATRO TERRITORIAL DE MACAPÁ E A  
CRIAÇÃO DE UMA POLÍTICA CULTURAL JANARISTA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará como requisito para a obtenção do título de Doutor em Artes.

Orientador (a): Profa. Dra. Bene Martins

Linha de pesquisa: Memórias, Histórias, e Educação em Artes.

**BELÉM - PARÁ  
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBDSistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

F383c Ferreira, Frederico de Carvalho.  
O CINETEATRO TERRITORIAL DE MACAPÁ E A CRIAÇÃO  
DE UMA POLÍTICA CULTURAL JANARISTA /  
Frederico de Carvalho Ferreira. — 2023.  
273 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Benedita Afonso Martins  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de  
Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação em Artes, Belém, 2023.

1. Teatro no Amapá. 2. Cineteatro Territorial de Macapá.  
3. Política Cultural Janarista. 4. Jornal Amapá. I. Título.

CDD 725.82209811

---



**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES**

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO DO PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ.**

Aos vinte e seis (26) dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e três (2023), às quinze (15) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade Federal do Pará, reuniu-se sob a presidência da orientadora professora doutora Benedita Afonso Martins (Bene Martins), conforme o disposto nos artigos 73 ao 77 do Regimento do Programa de Pós-Graduação em Artes, para presenciar a defesa oral de Tese de Frederico de Carvalho Ferreira, intitulada: **O CINETEATRO TERRITORIAL DE MACAPÁ E A CRIAÇÃO DE UMA POLÍTICA CULTURAL JANARISTA**. Perante a Banca Examinadora, composta por: Benedita Afonso Martins (Bene Martins - Presidente); Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida (Examinador Interno); Bruno Sérvulo da Silva Matos (Examinador Externo à Instituição); José Flávio Gonçalves da Fonseca (Examinador Externo à Instituição); Romualdo Rodrigues Palhano (Examinador Externo à Instituição). Dando início aos trabalhos, a professora doutora Benedita Afonso Martins (Bene Martins), passou a palavra ao doutorando, que apresentou a Tese, com duração de quarenta e cinco minutos, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pelo doutorando, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em **APROVAÇÃO** com o **conceito EXCELENTE** e recomendação de publicação da tese na íntegra. A aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pelo doutor, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, a professora Benedita Afonso Martins (Bene Martins) agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão. A presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da Banca e pelo doutor. Belém-Pa, 26 de junho de 2023.

Benedita Afonso Martins (Bene Martins)

Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida

Bruno Sérvulo da Silva Matos

José Flávio Gonçalves da Fonseca

Romualdo Rodrigues Palhano

Frederico de Carvalho Ferreira

Dedico este trabalho ao dono do meu destino até o fim, *Òṣà Ògìnyán*, o senhor que veste  
branco e também sabe lutar.  
Senhor do meu *Ori*, grande guerreiro *Funfun, Eléèjìgbó*.  
*Epà Epà Bàbá!*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a **Deus**, pois sem Ele nada disso seria possível. Agradeço também a toda minha ancestralidade, ao meu pai **Oxaguiã**, minha mãe **Yemoo**, e aos meus amados **Karês**. Agradeço também a toda Encantaria que me acompanha, do **Rei Menino de São Luiz do Maranhão** ao meu velho amigo, companheiro e confidente **Martinho Légua!**

Nesta terra, agradeço à minha mãe **Marcia Helena de Carvalho Lopes**, simplesmente por existir, por me acolher em seu colo, por ser minha primeira e mais verdadeira conexão com esta vida, por me ensinar, desde os primeiros passos, sobre o que há de mais sublime no amor.

Agradeço ao meu Pai, **Valter Ferreira Lopes**, por tudo que sempre fez e faz, por me oportunizar ser uma pessoa melhor a cada dia, por continuar sendo um homem sonhador.

Agradeço imensamente à minha irmã **Franciele de Carvalho Ferreira**, e sua grandiosa responsabilidade, força e destreza ao desempenhar as inúmeras funções que a vida lhe proporcionou, por alcançar o que ainda não consigo, enxergar o que ainda não posso ver, e com isso, ter se tornado essa mulher forte e protetora, como também por ter me presenteado com dois sobrinhos maravilhosos, **Bernardo e Benjamin**, partes de mim que escrevem suas próprias histórias, que carregam consigo nossas memórias, que me fazem vislumbrar o amor em outros tons. Amo vocês!

Sou e serei eternamente grato ao meu companheiro, **Marlon Galeno Rodrigues Júnior**, por nunca ter desistido, por ter acreditado neste e em tantos outros sonhos, pelo caminhar dos últimos sete anos, pela paciência, compreensão e equilíbrio, pelas inúmeras horas que passamos discutindo cada novo olhar sobre a pesquisa. Por ter me apresentado a Amazônia por outros ângulos, por me fazer entender o tempo do rio, por me fazer enxergar ainda mais beleza nas simplicidades, por segurar minha mão, de peito aberto, e me conduzir ao encontro da cultura amapaense, por me dar forças ao entrar na Ivaldo Veras, depois de seis intensos meses de ensaios diários, como brincante estreante da quadra junina de Macapá, por me levar a conhecer o movimento bovino e suas incríveis toadas, por me fazer descobrir a paixão de um torcedor azulado, por me levar ao maior espetáculo da Amazônia, o Festival Folclórico de Parintins-AM, por me ajudar a realizar um grande sonho, participar do espetáculo "Amazônia, nossa luta

em poesia” do Boi Caprichoso (2022), de dentro do Bumbódromo. Agradeço ainda por tudo que conquistamos juntos, pela conclusão de todas as obrigações e ritualísticas necessárias dentro da matriz afro-religiosa do Tambor de Mina, que nos conferiu o cargo de *Babalarishá Vodunnon*.

Nesta oportunidade, agradeço ainda ao meu Babá **Toy Vodunnon Huevy de Lissá** e minha **Nochê Rosângela de Abê Manjá**, à nossa casa mãe, **Casa Grande de Mina Djêje Nagô de Toy Lissá e Abê Manjá Huevy**, assim como a todos os cargos, irmãos mais velhos e mais novos, que escolheram estender a mão sempre que necessário.

Gratidão pelas inúmeras trocas com os professores do **Programa de Pós-Graduação em Artes** (PPGArtes) da **Universidade Federal do Pará** (UFPA), cuja dedicação e atenção foram essenciais para que esse trabalho fosse concluído satisfatoriamente.

Eternamente grato pela confiança, carinho e respeito com que fui generosamente reconduzido a essa pesquisa, pela minha orientadora **Profa. Dra. Bene Martins**, que me fez acreditar em um processo de escrita mais saudável, mais prazeroso, diferente dos espinhosos caminhos de outrora.

Agradeço também ao **Colegiado do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá** (UNIFAP), minha residência profissional desde o ano de 2015, por não medir esforços diante do processo de afastamento integral para qualificação docente, permitindo que eu pudesse dispensar mais tempo na presente pesquisa. Nesse sentido, estendo meus agradecimentos à UNIFAP e à UFPA pela realização do termo de cooperação técnica estabelecido em 2017, que possibilitou a reserva de duas vagas no processo seletivo para ingresso na turma de doutorado do PPGArtes-UFPA em 2018, direcionado aos docentes permanentes do Instituto Federal do Amapá (IFAP) e da UNIFAP. Agradeço a esse movimento de parcerias entre instituições federais públicas de ensino superior, que promovem o fortalecimento das pesquisas acadêmicas e a consequente melhoria do ensino oferecido. Minha sincera gratidão!

*“A verdadeira linha divisória entre as coisas que chamamos de trabalho e as coisas que chamamos de lazer é que no lazer, por mais ativos que sejamos, fazemos nossas próprias escolhas e nossas próprias decisões. Sentimos por enquanto que nossa vida é nossa”*

*Raymond Willians*

## RESUMO

A presente pesquisa de doutorado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, sob a orientação da Profa. Dra. Bene Martins, realizou estudo sobre contextos sócio-político-culturais engendrados a partir da instauração do Território Federal do Amapá (TFA), com foco no Cineteatro Territorial de Macapá, entre os anos de 1944 e 1949. A pesquisa, intitulada: *O Cineteatro Territorial de Macapá e a Criação de uma Política Cultural Janarista*. Os objetivos são os de evidenciar e de refletir sobre a criação de uma política cultural, disseminada pelo Governador Capitão Janary Gentil Nunes e suas possíveis influências no processo de formação identitária amapaense. Esta pesquisa justifica-se pela insuficiência de trabalhos que contemplem o tema e pela necessidade de abordagens mais aprofundadas sobre as memórias artística, cultural e teatral amapaense e seus contextos sociais e políticos, que podem ter influenciado na sua formação identitária e cultural, além de contribuir, como aporte teórico e crítico para pesquisas futuras, possibilitando, com isso, condições para o crescimento do Teatro no/do Norte e no/do Brasil. O ponto central do estudo é o movimento artístico e cultural oportunizado (ou não) pelo Cineteatro Territorial de Macapá, espaço oficial de difusão política e cultural do TFA. No processo de construção desta pesquisa, conforme objetivos propostos, é investigada a formação do TFA, desde sua fragmentação do estado do Pará (1943); a escolha da capital territorial e o Jornal Amapá, como fonte documental; a inauguração do Cineteatro Territorial de Macapá (1944) e suas atividades político-culturais; a criação de uma política cultural janarista e o possível diálogo com o movimento cultural amapaense. O estudo alia-se à linha de pesquisa: Memórias, histórias e educação em artes, do Programa de pós-graduação em artes (PPGARTES-UFPA). As metodologias de apoio são as do campo artístico-cultural, estudos culturais, em diálogo com outras referências, a partir de uma análise qualitativa das fontes. Inicialmente com leitura sistemática das bibliografias sobre política cultural, contextos teatral e audiovisual estabelecidos entre 1944 e 1949. Os materiais consultados são de filmes, espetáculos, artistas e companhias teatrais registrados em Macapá-AP. Caracteriza-se como pesquisa documental, por priorizar o levantamento e análise das fontes que possibilitem a interpretação dos órgãos e documentos oficiais, como o Jornal Amapá e Relatório de Atividades do Governo do Território Federal do Amapá.

**Palavras-chave:** Teatro no Amapá; Cineteatro Territorial de Macapá; Política Cultural Janarista; Jornal Amapá.

## ABSTRACT

This doctoral research, developed in the Graduate Program in Arts at the Federal University of Pará, under the guidance of Prof. Dr. Bene Martins, conducted a study on socio-political-cultural contexts engendered from the establishment of the Federal Territory of Amapá (TFA), focusing on Cineteatro Territorial de Macapá, between the years 1944 and 1949. The research, entitled: O Cineteatro Territorial de Macapá and the Creation of a Janarist Cultural Policy. The objectives are to highlight and reflect on the creation of a cultural policy, disseminated by Governor Captain Janary Gentil Nunes and its possible influences on the process of Amapá identity formation. This research is justified by the lack of works that address the theme and the need for more in-depth approaches to the artistic, cultural and theatrical memory of Amapá and its social and political contexts, which may have influenced its identity and cultural formation, in addition to contributing to , as a theoretical and critical contribution to future research, enabling conditions for the growth of Theater in/from the North and in/from Brazil. The central point of the study is the artistic and cultural movement provided (or not) by Cineteatro Territorial de Macapá, official space for political and cultural diffusion of TFA. In the construction process of this research, according to the proposed objectives, the formation of the TFA is investigated, since its fragmentation in the state of Pará (1943), the choice of the territorial capital and the Jornal Amapá, as a documentary source, the inauguration of the Cineteatro Territorial de Macapá (1944) and its political-cultural activities, the creation of a janarist cultural policy and the possible dialogue with the cultural movement of amapa. The study joins the line of research: Memories, histories and education in the arts, of the Graduate Program in Arts (PPGARTES-UFPA). The supporting methodologies are those of the artistic-cultural field, cultural studies, in dialogue with other references, based on a qualitative analysis of the sources. Initially with a systematic reading of bibliographies on cultural policy, theatrical and audiovisual contexts established between 1944 and 1949. The consulted materials are from films, shows, artists and theatrical companies registered in Macapá-AP. It is characterized as documentary research, as it prioritizes the survey and analysis of sources that allow the interpretation of official bodies and documents, such as the Jornal Amapá and the Report of Activities of the Government of the Federal Territory of Amapá.

**Keywords:** Theater in Amapá; Cineteatro Territorial de Macapá; Janarista Cultural Policy; Amapá newspaper

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|  |     |
|--|-----|
| Imagem 1: Capitão Janary Gentil Nunes .....  | 32  |
| Imagem 2: Casa dos primeiros funcionários do TFA .....   | 34  |
| Imagem 3: Relatório das atividades do Governo do Território Federal do Amapá. ....                 | 37  |
| Imagem 4: Base Aérea no município de Amapá (AP) .....  | 44  |
| Imagem 5: Base de atracação dos blimps .....   | 44  |
| Imagem 6: Apresentação musical na Base Aérea no município de Amapá (AP) .....                      | 48  |
| Imagem 7: Apresentação de dançarinas na Base Aérea no município de Amapá (AP).....                 | 48  |
| Imagem 8: Setor de obras raras da Biblioteca Pública Estadual Profa. Elcy Lacerda .....            | 52  |
| Imagem 9: Primeira edição do Jornal Amapá .....  | 55  |
| Imagem 10: Exemplares do Jornal Pinsonia .....   | 56  |
| Imagem 11: Presidente Getúlio Vargas nas escadas do Palácio Rio Negro em Manaus .....              | 90  |
| Imagem 12: Janary apresenta a pedra de manganês amapaense ao presidente Vargas, 1951               | 104 |
| Imagem 13: Cineteatro Territorial de Macapá (1947).....  | 113 |
| Imagem 14: Planta do Grupo Escolar Barão do Rio Branco .....                                       | 115 |
| Imagem 15: Construção do Grupo Escolar Barão do Rio Branco .....                                   | 116 |
| Imagem 16: Entrada principal do Cineteatro Territorial de Macapá.....                              | 117 |
| Imagem 17: Casa onde funcionava o Grupo Escolar de Macapá.....                                     | 119 |
| Imagem 18: Grupo Escolar de Macapá reconstruído .....  | 119 |
| Imagem 19: Vista frontal da Panair Clube .....   | 125 |
| Imagem 20: Time do Panair Sport Clube, 1944 .....  | 126 |
| Imagem 21: Vista geral da praça da matriz .....  | 127 |
| Imagem 22: Aracy Mont'Alverne e seu filho Sebastião Mont'Alverne.....                              | 130 |
| Imagem 23: Grupo Musical - Os Cometas - Macapá .....   | 131 |
| Imagem 24: Vista interna do Cineteatro Territorial de Macapá.....                                  | 133 |
| Imagem 25: Plateia do Cineteatro Territorial de Macapá.....  | 136 |
| Imagem 26: Notícia de evento realizado no Cineteatro Territorial, dia 07 de julho de 1945          | 140 |
| Imagem 27: Notícia de evento realizado no Cineteatro Territorial, dia 14 de julho de 1945          | 141 |
| Imagem 28: Notícia de evento realizado no Cineteatro Territorial, dia 21 de julho de 1945          | 142 |
| Imagem 29: Colégio Amapaense, 1954.....  | 144 |
| Imagem 30: Nota de divulgação das lições de Música e Violino, pelo professor Mário Rocha .....     | 144 |
| Imagem 31: Notícia de evento realizado no Cineteatro Territorial, dia 07 de setembro de 1945 ..... | 147 |
| Imagem 32: Notícia do Jornal Amapá de 07 de setembro de 1945 .....                                 | 148 |
| Imagem 33: Fachada do Grande Hotel de Macapá (Macapá Hotel), 1945 .....                            | 150 |
| Imagem 34: Notícia de evento realizado no Cineteatro Territorial, dia 15 de setembro de 1945 ..... | 150 |
| Imagem 35: Notícia de evento realizado no Cineteatro Territorial, dia 13 de outubro de 1945 .....  | 152 |
| Imagem 36: Honorinha Banhos de Araújo (Doninha Banhos).....  | 153 |
| Imagem 37: Cartaz / Cena do filme - Um barco e nove destinos .....                                 | 160 |
| Imagem 38: Nota informativa - Jornal Amapá, de 27 de abril de 1946 .....                           | 162 |

|  |     |
|--|-----|
| Imagem 39: Divulgação de sessão cinematográfica.....                                     | 163 |
| Imagem 40: Divulgação de evento comemorativo ao centenário da Princesa Izabel .....      | 164 |
| Imagem 41: Praça da matriz, 1908 .....   | 182 |
| Imagem 42: Divulgação da Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior. ....             | 189 |
| Imagem 43: Nota de divulgação Pianista Guilhermina Cerveira .....                        | 196 |
| Imagem 44: Informe o programa de exibições cinematográficas do Cineteatro Territorial .. | 199 |
| Imagem 45: Divulgação do filme "Um Passeio ao Sol" .....                                 | 200 |
| Imagem 46: Divulgação dos filmes: "Um Falcão em Perigo" e "Anjo ou Demônio" .....        | 201 |
| Imagem 47: Divulgação da temporada de Maria da Luz em Macapá.....                        | 206 |
| Imagem 48: Divulgação da temporada de Carmen Costa em Macapá.....                        | 207 |
| Imagem 49: Professora Aracy de Mont'Alverne .....  | 219 |
| Imagem 50: Capa do Livros publicados de Aracy Mont'Alverne .....                         | 220 |
| Imagem 51: Professora Aracy Mont'Alverne na década de 1970 .....                         | 221 |
| Imagem 52: Artistas do rádio teatro da Difusora de Macapá, 1956 .....                    | 225 |
| Imagem 53: Creusa Bordalo ao lado do elenco da Rádio Difusora de Macapá, 1958 .....      | 226 |
| Imagem 54: Creusa Bordalo, últimos registros .....                                       | 227 |
| Imagem 55: João Freire da Silva, operador do cinema .....                                | 230 |
| Imagem 56: Solenidade oficial no Palco Auditório do Cineteatro Territorial (1954).....   | 231 |
| Imagem 57: Sala de projeção do Cineteatro Territorial de Macapá, 2007 .....              | 232 |
| Imagem 58: Vista frontal interna do Cineteatro Territorial.....                          | 233 |
| Imagem 59: Vista posterior interna do Cineteatro Territorial. ....                       | 234 |
| Imagem 60: Portal de notícias G1, Governo do Amapá, 2021 .....                           | 235 |
| Imagem 61: Lateral do Cineteatro Territorial, 2021.....                                  | 236 |
| Imagem 62: Obras no antigo Cineteatro Territorial, 2022 .....                            | 237 |

## LISTA DE TABELAS

|  |     |
|--|-----|
| Tabela 1: Calendário de exibições cinematográficas, longas-metragens, 1946 ..... | 168 |
| Tabela 2: Calendário de exibições cinematográficas, longas-metragens, 1947 ..... | 169 |
| Tabela 3: Calendário de exibições cinematográficas, longas-metragens, 1948 ..... | 201 |
| Tabela 4: Calendário de exibições cinematográficas, longas-metragens, 1949 ..... | 214 |

## LISTA DE SIGLAS

|        |  |
|--------|--|
| ABNT   | Associação Brasileira de Normas Técnicas                           |
| IAPEN  | Instituto de Administração Penitenciária do Amapá                  |
| IBGE   | Instituto brasileiro de Geografia e Estatística                    |
| DEC    | Departamento de Educação e Cultura                                 |
| DNCE   | Departamento Nacional de Educação e Cultura                        |
| FEB    | Força Expedicionária Brasileira                                    |
| NECID  | Núcleo de Estudos em Espaços Culturais, Inclusivos e Deliberativos |
| PUC    | Pontifícia Universidade Católica                                   |
| RDM    | Rádio Difusora de Macapá   |
| PCB    | Partido Comunista Brasileiro                                       |
| PSD    | Partido Social Democrático   |
| PTB    | Partido Trabalhista Brasileiro                                     |
| SECULT | Secretaria de Cultura do Estado do Amapá                           |
| SGM    | Segunda Guerra Mundial   |
| TBC    | Teatro Brasileiro de Comédia                                       |
| TFA    | Território Federal do Amapá  |
| UDN    | União Democrática Nacional   |
| UECE   | Universidade Estadual do Ceará                                     |
| UFC    | Universidade Federal do Ceará                                      |
| UFPB   | Universidade Federal da Paraíba                                    |
| UFU    | Universidade Federal do Uberlândia                                 |
| UNIFAP | Universidade Federal do Amapá                                      |
| USP    | Universidade de São Paulo  |

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>1 PRÓLOGO.....</b>  | <b>15</b>  |
| <b>2 PRIMEIRO ATO – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL DA REGIÃO AMAPAENSE E VEÍCULO OFICIAL DE INFORMAÇÃO E DE PROPAGANDA.....</b> | <b>29</b>  |
| 2.1 CENA I – A CRIAÇÃO DO TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ .....  | 30         |
| 2.2 CENA II - A ESCOLHA DA CAPITAL DO TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ .....  | 41         |
| 2.3 CENA III – JORNAL AMAPÁ, DE IMPRENSA OFICIAL AMAZÔNIDA LOCAL À FONTE DOCUMENTAL .....  | 51         |
| <b>3 SEGUNDO ATO – MEMÓRIA CULTURAL IDENTITÁRIA.....</b>   | <b>64</b>  |
| 3.1 CENA I – MEMÓRIA E IDENTIDADES EM FOCO: UM “APAGÃO” AMAPAENSE<br>65  |            |
| 3.2 CENA II – PROCESSOS CULTURAIS, PERCURSOS E CONTEXTOS .....   | 76         |
| <b>4 TERCEIRO ATO – POLÍTICA CULTURAL DE VARGAS À NUNES, POSSÍVEIS PARALELOS.....</b>  | <b>86</b>  |
| 4.1 CENA I – GETÚLIO VARGAS, EDUCAÇÃO, CULTURA E NACIONALISMO.....   | 87         |
| 4.2 CENA II – JANARY NUNES E OS REFLEXOS DA POLÍTICA VARGUISTA .....   | 95         |
| <b>5 QUARTO ATO – CINETEATRO TERRITORIAL DE MACAPÁ, ATIVIDADES POLÍTICAS, SOCIAIS E CULTURAIS .....</b>                              | <b>106</b> |
| 5.1 CENA I – O SURGIMENTO DOS CINETEATROS NO BRASIL NA DÉCADA DE 1940<br>107   |            |
| 5.2 CENA II – O CINETEATRO TERRITORIAL DE MACAPÁ.....  | 113        |
| 5.3 CENA III – 1945 .....  | 138        |
| 5.4 CENA IV – 1946.....  | 158        |
| 5.5 CENA V – 1947 .....  | 169        |
| 5.6 CENA VI – 1948.....  | 187        |
| 5.7 CENA VII – 1949.....   | 202        |
| 5.8 CENA VIII – Personalidades artísticas, entre memórias e silenciamentos.....  | 218        |
| 5.8.1 Aracy Mont’Alverne .....   | 218        |
| 5.8.2 Creusa Bordalo .....   | 223        |
| 5.8.3 João Freire da Silva.....  | 228        |
| 5.9 CENA IX – A despedida do Cineteatro Territorial.....   | 231        |
| 5.10 CENA X – Reflexos da Política Cultural de Janary Nunes para a sociedade amapaense<br>238  |            |
| <b>6 ÚLTIMO ATO - CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>   | <b>243</b> |
| <b>7 REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>247</b> |
| <b>8 ANEXOS.....</b>   | <b>269</b> |

## 1 PRÓLOGO

### **Tarumã**

Minha história é que nem uma história  
 De um moço que se encantou, se encantou  
 Nas águas do rio Calçoene  
 Virou pau madeira de amor  
 E eu fui parar noutro rio  
 Atrás do meu grande amor  
 Nas águas do Araguari  
 Meu coração se encantou  
 É um rio encantado o Araguari, o  
 Araguari, o Araguari é um rio do  
 Passado o Araguari, o Araguari, o  
 Araguari

**Intérprete: Amadeu Cavalcante**

**Composição: Osmar Júnior**

O ponto de partida para a construção deste estudo de doutorado surgiu a partir de uma demanda tríplice, pautada sob as necessidades pessoal, profissional e acadêmica. Pessoal, relacionada à busca pelo conhecimento, até então, despercebido durante minha formação educacional, desde o ensino regular até o superior. Profissional, a partir do local onde me encontro, enquanto professor do Magistério Superior, ocupante da cadeira de Teoria do Teatro, do Curso de Licenciatura em Teatro, da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, com sede na capital Macapá, desde o ano de 2015. E, acadêmico pela necessidade de lançar um olhar pormenorizado sobre a formação cultural de tão novo estado federativo brasileiro, tendo como eixo dorsal o diálogo com a História do Teatro e com a Política Cultural, na cidade de Macapá, entre os anos de 1944 e 1949.

Antes de adentrar pelos leitões deste estudo, permito-me realizar uma breve contextualização histórico-cultural para evidenciar pontos fulcrais da minha trajetória. Nascido no ano de 1984, na cidade de Goiatuba, interior do estado de Goiás, com uma estimativa, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, de 34.307 pessoas<sup>1</sup> para o ano de 2021, filho de Valter Ferreira Lopes (67a) e Marcia Helena de Carvalho Lopes (59a), hoje, produtor rural e funcionária pública municipal, respectivamente; parte com a família em 1991, aos 7 anos completos, para o município de Uberlândia – MG, em busca de melhores condições sociais e econômicas.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/go/goiatuba.html>. Acesso em 18 maio 2023.

Egresso de escola pública, desde os anos iniciais até o ensino médio, tive a oportunidade de ingressar no ensino superior público no ano de 2002. Ao longo da minha formação acadêmica, no extinto Curso de Licenciatura em Educação Artística – habilitação em Artes Cênicas, hoje curso de Teatro, Licenciatura e Bacharelado da Universidade Federal do Uberlândia – UFU, vivenciei diversas experiências pedagógicas e artísticas, por meio dos estágios supervisionados e grupos de teatro universitário, que projetaram em mim o desejo pela pesquisa e carreira acadêmica.

Meus primeiros passos nos campos da pesquisa culminaram no trabalho de conclusão de curso da graduação em Educação Artística – habilitação em Artes Cênicas no ano de 2007. Naquele momento, sob a orientação da Profa. Dra. Michele Soares, debruçei-me sobre uma discussão acerca do universo da palhaçaria, em diálogo com o percurso formativo dos profissionais da saúde. O trabalho intitulado *Iniciação ao Clown: uma proposta para o processo de humanização da assistência hospitalar* tratou sobre a possibilidade da apropriação de técnicas clownescas, por parte de uma turma de graduandos, do curso de bacharelado em Medicina – UFU, como recurso sensível e poético para a construção de relações sociais mais humanizadas ao longo da carreira profissional.

A pesquisa realizada durante a graduação gerou outras inquietações; estas, ganharam espaço de discussão a partir da minha entrada na primeira turma do Mestrado Profissional em Artes – PROF-ARTES da UFU, no ano de 2014. Neste percurso, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Elvira Wu, busquei refletir acerca da inserção do palhaço na educação básica como recurso de horizontalização das relações sociais docente X discente. Este processo fora apresentado na dissertação intitulada “Pedagogia Palhacesca: uma poética de atravessamentos, transgressões e comicidade na escola básica”, 2016.

Ainda em 2015, mais precisamente no mês de dezembro, precisei me ausentar de Uberlândia – MG, município em que residi por 24 anos, para dar início a um novo capítulo da minha história. A primeira capital de um estado da região Norte brasileira, Macapá – AP, que tive a oportunidade conhecer tornou-se minha atual residência institucional. Em dezembro de 2015, assumi como docente responsável pela cadeira de Teoria do Teatro, do Curso de Licenciatura em Teatro<sup>2</sup> da UNIFAP.

---

<sup>2</sup> Primeiro, e único, curso de Graduação em Teatro do estado do Amapá, criado em 2013, com abertura da primeira turma no primeiro semestre letivo de 2014.

A partir da minha chegada em Macapá, cidade que ostenta a singularidade de situar-se, literalmente, no meio do mundo<sup>3</sup>, com o início das atividades docentes, deparei-me com o novo presente em cada detalhe, primeiramente, pela adaptação ao clima quente e úmido amazônico, totalmente diferente das baixíssimas taxas de umidade característica da região do Triângulo Mineiro. Após este primeiro impacto, o processo de aproximação cultural, por meio da gastronomia, seus cheiros e sabores, das visualidades, da arquitetura ribeirinha e o tempo do rio que, por muitas vezes, influencia nosso próprio ritmo. Bene Martins (2020), afirma que os rios, para a maioria da população, são expressão da vida, lugares de subsistência, possibilidades de transformação. Aqui, mais do que em qualquer outra parte, será acertado afirmar que o rio determina a vida (MARTINS, 2020, p. 75).

Eidorfe Moreira (1989), coaduna com Martins (2020), ao referir que:

É o rio, com efeito, que comanda e ritmiza a vida regional. É ele que, com sua poderosa e contínua ação erosiva, modela e anima a fisiografia da região; que com suas enchentes e inundações periódicas fertiliza grande parte das terras e da floresta; e com a sua extensa rede líquida caudalosa e desimpedida, permite a circulação, o comércio e a sociabilidade; que preside, enfim, à condensação e distribuição do elemento humano na paisagem (MOREIRA, 1989, p. 64-65, In: MARTINS, 2020, p. 75).

Entre as lembranças mais sensíveis e poéticas, situa-se no meu encontro com a suntuosa floresta amazônica recortada pelo majestoso Rio Amazonas e seus afluentes. Ao sobrevoar a região, o encanto pelos desenhos construídos nos encontros das margens dos rios, copas das frondosas árvores e casas de madeira elegantemente apoiadas sobre às águas. Imagens que germinaram em mim outras percepções, para além do contato amazônico de uma criança proveniente da região sudeste do país que, por anos, acreditou numa Amazônia restrita aos contornos da tela de uma televisão.

Ao longo dos primeiros dois anos, na docência do ensino superior, no processo de adaptação ao currículo acadêmico do Curso de Teatro – UNIFAP, deparei-me com algumas dificuldades relativas ao reduzido número de trabalhos publicados voltados à discussão do fazer teatral da/na região. Os registros dos trabalhos, no campo das Artes Cênicas, realizados pelos e para os amapaenses ainda não aparecem, de maneira mais robusta, nas estantes das bibliotecas em níveis regional e nacional.

---

<sup>3</sup> Macapá situa-se sob a linha do Equador, linha imaginária que divide o planeta em dois hemisférios, Norte e Sul. A cidade possui o monumento Marco Zero do Equador, que possibilita ao visitante posicionar cada um de seus pés nos distintos hemisférios, e ainda, assistir a mudanças das estações do ano por meio do relógio do sol nos meses de março e setembro.

Um dos motivos para essa lacuna de estudos acadêmicos que abordem o fazer teatral da região, pode estar associado ao fato do estado do Amapá estar entre os mais novos estados da federação, criado a partir da Assembleia Nacional Constituinte de 1988; outro pode ser a carência de pesquisadores interessados em voltar seus olhares, suas pesquisas às problemáticas sócio-históricas-culturais da região. Contudo, essa situação veio a ser alterada, a partir do ano de 1995, com a entrada do pesquisador Romualdo Rodrigues Palhano, natural de Itabaiana – PB, para trabalhar com a disciplina Teatro do, à época nomeado, Curso de Educação Artística – UNIFAP. Pioneiro no estudo sobre o teatro no Amapá, realizou diversas pesquisas e orientou inúmeras outras, inclusive trabalhos de conclusão de curso, voltados para a área do teatro. Sua trajetória culminou na abertura do Curso de Licenciatura em Teatro, aprovado em 2013, com sua primeira turma no ano de 2014.

Vale destacar os trabalhos desenvolvidos pelo pesquisador: é Professor Titular da UNIFAP; Pós-Doutor em Teatro pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; fez parte do colegiado do atual curso de graduação em Artes Visuais – UNIFAP; e atuou em diversos setores acadêmicos e protagonizou o processo de criação do curso de Teatro desta instituição. Acerca de sua vida e obras, destaca-se o primoroso trabalho em analisar, criticar e descrever a história do teatro no Amapá, por meio de livros, artigos, páginas virtuais e textos jornalísticos, ao atuar como valoroso crítico teatral na cidade, construindo assim uma série de fontes e materiais a serem discutidos. Naturalmente, ainda há muito por pesquisar, e é também neste campo de intensa fertilidade que semeio novas inquietações a partir desta pesquisa.

Os frutos dessa transformação estrutural no campo da pesquisa, teórica e prática, no Estado começa a se consolidar por meio dos trabalhos de conclusão curso, dos artigos científicos, dos relatos de experiência, das produções artísticas que avançaram os limites geográficos do estado, sendo apresentados em outras importantes cidades do circuito nacional, todos produzidos em diálogo com o fazer teatral regional.

Outro importante braço, no tocante ao fortalecimento dos estudos teatrais, no Estado do Amapá, o Curso de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Estudos Teatrais Contemporâneos<sup>4</sup>, com sua primeira turma oferecida em 2020, e em sua segunda turma (2022), aparece como resultado do

---

<sup>4</sup> O Curso organiza-se, basicamente, em apenas uma área de concentração – Artes – e na subárea de Teatro, conforme indicação da Capes e CNPq. O curso vincula-se ao Grupo de Pesquisa NECID – Núcleo de Estudos em Espaços Culturais, Deliberativos e Inclusivos (UNIFAP/CNPq), ao (LABORA)tório (NO)made: Grupo de Pesquisa sobre a Cena Expandida e Intermedial (UNIFAP/CNPq) e ao Grupo de Pesquisa em Artes Cênicas(UNIFAP/CNPq), todos pertencentes ao Colegiado de Licenciatura em Teatro da UNIFAP e que contam com linhas de pesquisa relacionadas ao presente Curso de Especialização. Fonte: <https://www2.unifap.br/teatro/curso-de-especializacao-em-estudos-teatrais-contemporaneos/>. Acesso em 18 maio 2023

esforço conjunto do colegiado do Curso de Licenciatura em Teatro – UNIFAP, a partir da demanda da própria comunidade acadêmica que, até então, não possuía espaço para continuar suas pesquisas no âmbito da pós-graduação em terras amapaenses. É importante ressaltar que o estado do Amapá apresenta certa dificuldade de acesso, por se tratar de uma extensão territorial de densa floresta, entrecortada por largos rios, furos, igarapés. Aliás, é esta particularidade geográfica que coloca o Amapá em situação de quase isolamento, em que o acesso, por parte dos outros estados brasileiros, só acontece por via fluvial e aérea.

No extremo norte do Estado existe um acesso terrestre que liga o Amapá ao platô das Guianas, por meio da ponte binacional franco-brasileira, que atravessa o rio Oiapoque, ligando as cidades de Oiapoque, no Amapá, Brasil, e *Saint George*, na Guiana Francesa. Concluída em 2011, foi inaugurada simbolicamente em 18 de março de 2017. “A ponte é um dos símbolos dentro do projeto de cooperação celebrado entre os dois países, por meio do Acordo de Cooperação Brasil-França, assinado em maio de 1996, com o objetivo de garantir o desenvolvimento econômico da região de fronteira franco-brasileira”<sup>5</sup>. Apesar disso, a utilização da ponte ainda reserva particularidades no acesso que alternam benefícios e entraves, de acordo com a nacionalidade do cidadão. Aos guianenses, franceses geograficamente sul-americanos, isto é, naturais do departamento ultramarino da França, é resguardado certo número de facilidades de acesso ao Brasil, via ponte binacional; enquanto que, aos cidadãos brasileiros, faz-se necessário sujeitar-se a uma maior burocracia como a exigência de visto de curta duração, valor divulgado por volta de R\$ 390,00 reais, no primeiro trimestre de 2023, além dos valores com o seguro obrigatório<sup>6</sup>.

No extremo sul do Estado do Amapá, uma promessa de ligação com o Estado do Pará completa 21 anos de espera. A obra da ponte sobre o rio Jari<sup>7</sup>, com 406 metros de extensão, iniciada em 2002, apresentou diversas paradas ao longo dessas duas décadas devido aos inúmeros indícios de corrupção; e que, em 2019, mesmo sendo entregue à responsabilidade do Governo Federal, ainda não foi concluída. Esta poderá ser a primeira ligação terrestre entre o Amapá e o Pará e, por conseguinte, com o resto do Brasil. Esta ponte que já possui alguns pilares de concreto construídos e fincados no rio Jari, fica entre o município de Laranjal do Jari,

---

<sup>5</sup> Fonte: “Franceses e brasileiros abrem oficialmente a Ponte Binacional do Rio Oiapoque”. Disponível em: [https://www.amapa.gov.br/ler\\_noticia.php?slug=1803/franceses-e-brasileiros-abrem-oficialmente-a-ponte-binacional-do-rio-oiapoque](https://www.amapa.gov.br/ler_noticia.php?slug=1803/franceses-e-brasileiros-abrem-oficialmente-a-ponte-binacional-do-rio-oiapoque). Acesso em 06 mar 2023.

<sup>6</sup> Fonte: “Randolfe recebe ministro das relações exteriores e trata sobre Oiapoque/Guiana Francesa”. Disponível em: <https://www.diariodoamapa.com.br/cadernos/politica/randolfe-recebe-ministro-das-relacoes-exteriores-e-trata-sobre-oiapoque-guiana-francesa/>. Acesso em 06 mar 2023.

<sup>7</sup> Fonte: “Ministérios assinam termo para projetar ponte inacabada sobre o Rio Jari, que ligará AP ao PA”. Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2020/10/02/ministerios-assinam-termo-para-projetar-ponte-inacabada-sobre-o-rio-jari-que-ligara-ap-ao-pa.ghtml>. Acesso em 06 mar 2023.

no Amapá e Monte Dourado/Almeirim, no Pará, que permanecem utilizando o serviço de balsas e voadeiras como forma de transporte e ligação interestadual.

Todo esse contexto acima relatado, juntamente com a necessidade de mergulhar ainda mais por entre a riqueza cultural amazônica, pouco explorada até então, fez germinar em mim o desejo por reinventar as direções construídas ao longo da minha carreira acadêmica. Reinventar sim, pois, ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Artes, minha pesquisa possuía vertente direcionada a um estudo sobre trajetórias, percursos e vivências de uma pedagogia palhacesca como potencializadora da poética de corpos femininos enclausurados. Essa discussão seria levantada a partir da experiência obtida durante a realização do projeto de extensão Teatro e Prisão, vinculado à Pró-reitoria de Extensão da UNIFAP e coordenado pelo Prof. Dr. Emerson de Paula e por mim, direcionado a um grupo de mulheres apenadas, no Instituto de Administração Penitenciária do Amapá-IAPEN, em Macapá.

O anseio por entender e aplicar a linguagem teatral, como estimuladora da fruição estética, a pessoas em situação de cárcere e/ou vulnerabilidade social não cessou, apenas ficou adormecida até o meu regresso às atividades profissionais na Universidade Federal do Amapá. Nesta, estive vinculado a dois Projetos de Pesquisa, o primeiro, *Políticas Públicas para a Educação Penitenciária no Amapá: por uma implantação de programa governamental*, e o segundo, *Estudos em Espaços Culturais, Inclusivos e Deliberativos* vinculado ao Grupo de Pesquisa: *Núcleo de Estudos em Espaços Culturais, Inclusivos e Deliberativos-NECID*.

Democratizar, em um plano social, as linguagens teatrais sempre fora o baluarte de toda minha trajetória; por isso, a mudança de projeto, pela percepção e necessidade de entender o contexto sócio-político-cultural, como plural, não mais monopolizada pela história regional do eixo centro-sul do imenso território brasileiro. A partir de minha chegada ao Pará, fixando morada em Belém, terra das mangueiras, esse anseio pela democratização aumentou e fora potencializada, gradativamente, pela interação com os docentes do programa, os quais traduzem em muitos tons e diferentes intensidades, em suas produções acadêmicas / científicas, a necessidade de uma pesquisa voltada para Amazônia, traduzida em seus mais variados modos de fazer ARTE.

Destaca-se, em caráter de justificativa social, que a presente pesquisa dialoga com o cenário de mudanças sociais e com a necessidade de uma visita ao passado, visando demonstrar a existência de elementos sociais correlacionáveis com os fatos presentes, frente à atemporalidade da cultura, enquanto instrumento social. Dessa forma, é papel do pesquisador, imerso em quaisquer das multiáreas da ciência, desconstruir para reconstruir, desnaturalizar-se, dilatar-se e buscar novas estratégias e novos procedimentos metodológicos de ensino e de

pesquisa, para que seus trabalhos contribuam para a revalorização e o desenvolvimento sociocultural da região.

A destruição do passado, ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas, é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do milênio. Por esse mesmo motivo, porém, eles têm de ser mais que simples cronistas, memorialistas e compiladores (HOBBSAWN, 1995, p. 60).

Desse modo, entendemos a necessidade do conhecimento e da revalorização do passado, em especial os de ramificações regionais, destacando a importância de desconstruir o “presente contínuo”. Ou seja, proporcionar meios para que a comunidade em geral conheça e entenda sua formação cultural, constituída por inúmeros aspectos, incluindo as construções políticas. Neste ponto, surge o objeto da minha pesquisa e a problemática a ser estudada: *O Cineteatro Territorial de Macapá e a criação de uma política cultural Janarista*. A escolha do *Cineteatro Territorial de Macapá*, em um período politicamente atípico (nacional e mundial), com base em documentações oficiais (Jornal Amapá), possui, em suma, o intuito de dialogar sobre a existência, ou não, de um projeto cultural institucionalizado pelo líder Janary Gentil Nunes.

O recorte temporal dessa pesquisa fora delimitado entre os anos de 1944 a 1949 (os primeiros cinco anos do governo Janary Nunes), quando foi realmente instituído o Território Federal do Amapá (desmembrado do Estado do Pará), a partir da instalação do seu governo; esse período, que se estendeu até o início da década de 1970, fora marcado, na História do Amapá, por uma perpetuação política ininterrupta que ocorreu no território, por parte um mesmo grupo gestor, levando-o a ser conhecido como “Janarismo” (LUNA, 2017).

Vencidas as justificativas da pesquisa e as delimitações (espacial e temporal), necessito demonstrar o percurso teórico e metodológico escolhido. Na presente pesquisa, trabalharei com metodologias pertencentes ao campo da ciência histórica, que contempla os eixos da história cultural e política, a partir de uma análise qualitativa das fontes bibliográficas. Para este estudo, o diálogo com produções da seara das ciências humanas se tornou indeclinável e será, portanto, uma pesquisa interdisciplinar.

Dessa feita, enquanto aporte teórico, para a construção desta tese, tomarei como revisão literária, *a priori*, alguns trabalhos que permeiam e/ou tangenciam a formação histórica, sociocultural e identitária do Amapá, entre eles destacam-se: Fernando Rodrigues Santos

(1998) e Manoel Azevedo de Souza (2016), que discutem aspectos políticos sobre o antigo Território Federal do Amapá; a obra de Verônica Xavier Luna (2017), que discorre sobre o processo de construção do Amapá enquanto ente federado; a obra de Sidney Lobato (2014), que versa sobre a federalização da fronteira, dentre outras fontes, nos periódicos do Jornal Amapá, e os trabalhos de Ednaldo Pinheiro Nunes Filho (2014), que investiga as influências norte americanas no TFA, durante a Segunda Guerra Mundial. Além de autores dos estudos culturais como Maria Elisa Cevasco (2008), Jesús Martín-Barbero (2001), Néstor García Canclini (2005), Carlo Ginzburg (2006), dentre outros apoios fundamentais para a compreensão da complexidade cultural amapaense.

No decorrer desse levantamento bibliográfico, muito falado sobre a política cultural voltada para o território, mas sempre como expoentes da educação, do urbanismo e dos veículos comunicacionais como destaque; no entanto, são quase inexistentes pesquisas que entendam o contexto político dando enfoque as manifestações artísticas e culturais. Suponho, em caráter preliminar, que muitos pesquisadores não declinaram nas investigações por haver, na época, uma junção das pastas educacionais e culturais para o território (a exemplo, o próprio Cineteatro Territorial de Macapá, anexado em 1946 à primeira escola regular construída, em alvenaria, na região); logo, essa pesquisa visa dar destaque aos produtos artísticos produzidos no cineteatro territorial, dentro do contexto político do Amapá Território.

Como supra aludido, utilizarei ainda, como eixo metodológico, instrumentos qualitativos de análise das fontes, em especial na investigação de documentos, como no caso dos exemplares do jornal oficial do governo (Jornal Amapá). A intenção é produzir, ao longo dos levantamentos de dados, uma análise subjetiva sobre o ancorado nos periódicos circunscritos, fugindo de uma objetividade, naturalmente alcançável ao trabalhar-se com fontes históricas oficiais. As autoras Silveira e Córdova (2009), no capítulo que tratam sobre a pesquisa científica, na obra Métodos de Pesquisa, organizada pela própria Denise Tolfo Silveira em parceria com Tatiana Engel Gerhardt, esboçam características sobre a pesquisa qualitativa. Neste assinalo a imprevisibilidade do método, devido à importância de subjetivação, de aproximação e de arredamento constante para a compreensão, a análise e a produção da pesquisa.

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc [...]. Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação)

e se valem de diferentes abordagens. Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível (SILVEIRA; CORDOVA, 2009, p. 31).

Sob essa perspectiva qualitativa, na utilização dos periódicos jornalísticos como fonte documental histórica, é necessário que se compreenda o cenário sócio-político em que esses circulavam. Assim, deve se levar em conta a identificação dos personagens que protagonizam os produtos ali veiculados e para qual público foi direcionado, pois o meio jornalístico é também um lugar de poder, e serve a determinados personagens que acabam por estruturar os registros, de acordo com seus interesses políticos, construindo, assim, uma memória forjada no atravessamento de campos sociais.

A metodologia utilizada será da análise de discurso, um estudo voltado para a história cultural do homem no tempo e na sociedade, que busca uma reflexão que transcende a observância de datas e acontecimentos históricos, privilegiando o entendimento das relações estabelecidas entre o homem e a sociedade em determinado recorte histórico. E, naturalmente, na área dos estudos culturais, como apoio para entender o fenômeno cultural, ao buscar um discurso crítico e auto reflexivo que redefina sua própria trajetória e reestruture os mecanismos descritivos em prol de outras leituras, até então construídas. Barker (2008), afirma que:

Os estudos culturais constituem um corpo de teoria construída por investigadores que olham a produção de conhecimento teórico como uma prática política. Aqui, o conhecimento não é nunca neutral ou um mero fenômeno objetivo, mas é questão de posicionamento, quer dizer, do lugar a partir do qual cada um fala, para quem fala e com que objetivos fala (BARKER, 2008, p. 27).

Nesse campo de conceitos e subsidiado por uma análise qualitativa, lançarei sobre o objeto uma visão sensivelmente pormenorizada, buscando entender os periódicos para além do que neles se encontra escrito, para questionar lugares de poder e de silenciamentos sociais propositais, proporcionados por uma parcialidade (intencional ou não) na comunicação de órgãos oficiais, subjetivando, dessa forma, uma fonte por natureza objetiva.

Sendo assim, analisarei exemplares do Jornal Amapá, de 1945 até 1949, que se encontram disponíveis no setor de obras raras da Biblioteca Pública Estadual Profa. Elcy Lacerda situada em Macapá – AP, assim como no meu acervo particular, em formato midiático (fotografias), gentilmente cedidos pela pesquisadora Profa. Dra. Maura Leal da Silva. O trabalho que será desprendido a essas fontes não será de uma análise positivista, mas sim de um

processo investigativo de desconstrução do corpus, entendendo as particularidades sociais, políticas, espaciais e temporais no qual a fonte analisada fora produzida.

Ao entender o sujeito individualizado, a partir de uma análise coletiva, o estudo pode revelar, de maneira gradual, não só a existência de uma política cultural voltada para o Amapá, como também quais foram os impactos desses projetos culturais nos sujeitos históricos, projetos os quais foram orquestrados por um governador territorial, estritamente ligado aos interesses varguistas da época, (o janarismo e o Amapá território, será trabalhado em um capítulo oportuno).

Para esta investigação, o *Cineteatro Territorial* é objeto de estudo, frente às inúmeras particularidades que o cercam, como o fato de ter sido um dos poucos espaços de cultura *oficial* estabelecido na época. Destaco a palavra oficial, pois a comunidade Amapaense da época já detinha lugares de cultura informais, razão pela qual a tradição do Marabaixo<sup>8</sup> se perpetuou, com maior força em zonas descentralizadas da cidade, frente à política urbanística territorial, que deslocou as comunidades negras macapaenses para regiões marginalizadas e instituiu praças, escolas e o próprio Cineteatro Territorial na região nobre da cidade.

Outro ponto pelo qual abordo a política cultural territorial, tendo como marco o Cineteatro Territorial, deu-se pelo fato de esse espaço ter sido usado como centro de autoafirmação política Janarista, para com a comunidade. Janary Gentil Nunes, populista como Vargas, sabia dialogar com as massas e reservava um dia na semana, no *Cineteatro*, para receber pessoas vindas de extratos sociais vulneráveis. Dessa maneira, a incipiente elite amapaense podia frequentar e apreciar as atrações do *Cineteatro* livremente; contudo, uma vez por semana, os valores eram simbólicos e os amapaenses pobres também podiam usufruir do mesmo espaço.

Dessa forma, meu objeto de estudo se traduz em um espaço comum, mesmo que hierarquizado, para toda a população Amapaense da época, uma vez que os espetáculos e filmes para a região ficavam em cartaz por um tempo considerável, frente às dificuldades de acesso ao território federal.

Preliminarmente, no campo teatral, entendo o projeto arquitetônico do teatro como a chegada da modernidade à região, uma vez que, fazendo uma referência ao teatro em outras regiões do país, na década de 1940, percebo a chegada da modernidade no teatro nacional. Nos campos das artes visuais, da música e da literatura, o período moderno ganhou destaque a partir de 1922, com a Semana de Arte Moderna. O teatro, segundo a tradição crítica produzida no sudeste brasileiro, apesar de tentativas ainda incipientes, só conseguiu inaugurar essa nova etapa

---

<sup>8</sup> Dança popular do estado do Amapá a qual os registros sobre a ocorrência do Marabaixo datam de 1792, nas localidades amapaenses do Cúriau, Macapá e Mazagão (ACCIOLY; DE SALLES, 2012).

a partir da estreia da peça *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues (natural de Recife – PE, nascido em 23 de agosto de 1912 e falecimento em 21 de dezembro de 1980, no Rio de Janeiro) foi autor de crônicas, contos, romances, folhetins e peças de teatro. Em 28 de dezembro de 1943, com a encenação de Zbigniew Marian Ziembinski, mais conhecido pelo seu último nome, (natural de Wieliczka – Polônia, nascido em 7 de março de 1908, e falecido no Rio de Janeiro em 18 de outubro de 1978) foi um reconhecido ator e diretor polonês que buscou abrigo no Brasil, durante sua fuga da Segunda Guerra Mundial – SGM (1939-45), e ainda com o cenário construído pelo artista Santa Rosa. Tomás Santa Rosa (paraibano, natural de João Pessoa, nascido em 20 de setembro de 1909, e falecido em 29 de novembro de 1956 na cidade de Nova Delhi na Índia) foi pintor, ilustrador, designer, cenógrafo, professor, decorador e figurinista, alcunha o título de pai da cenografia moderna brasileira. O espetáculo realizado pelo grupo *Os Comediantes*, precursores do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), representou o início de uma nova história para o teatro brasileiro.

Esse marco histórico no processo modernizador do teatro brasileiro é discutido no artigo: Uma breve história do teatro brasileiro, de Carolin Overhoff Ferreira (professora associada – livre docente – nos cursos de graduação e pós-graduação em história da arte da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP). Nesse, Ferreira (2008) traça um panorama sobre as influências e os conflitos na construção da linguagem cênica e escrita dramática nacional, a partir da aproximação de encenadores e de temas estrangeiros no cenário teatral brasileiro, vejamos:

Ao contrário da literatura e das artes plásticas, o teatro brasileiro progrediu apenas em meados dos anos 1940 da "comédia de costumes" – uma comédia com personagens e situações tipo para uma dramaturgia sobre os problemas do Brasil contemporâneo. Anteriormente, a popularidade da comédia de costumes era tão grande que entre 1930 e 1932, por exemplo, 103 comédias foram apresentadas no Rio de Janeiro, ao lado de 69 revistas e dois dramas. Não obstante, devido às mudanças políticas, ao longo dos anos 1930 (o Estado Novo de Getúlio Vargas procurava industrializar o país, porém, não de forma democrática) já eram notáveis as primeiras tentativas de modernizar a dramaturgia brasileira (FERREIRA, 2008, p. 132).

As transformações políticas, sociais, econômicas e culturais daquele período continuam sendo materiais de discussão entre diversos historiadores, sociólogos, antropólogos, artistas, dentre outros pesquisadores. Refletir acerca das transformações ocorridas nesse período, dialogar a partir de suas memórias, no intuito de buscar maiores compreensões acerca da política cultural praticada à época e quais suas influências e rastros deixados na história cultural amapaense, tendo como ponto de convergência cultural o Cineteatro Territorial de Macapá é o

objeto desse trabalho, que pretende investigar a política cultural janarista e os reflexos que a utilização de espaços artísticos (como o cineteatro) a serviço de um grupo político podem afetar as relações e identidades de uma sociedade.

Com esta contextualização, convido-os para entendermos juntos esses processos de construção histórico-artístico-cultural de tamanha relevância para a história desse estado, da região amazônica e para toda a história do Teatro no Brasil, evidenciando que os locais de cultura são inconstantes e fluidos, não se limitando a regiões centrais do nosso país. Tendo em vista o objeto de pesquisa deste trabalho, uma pesquisa em Teatro, trago como proposta de divisão das seções a estrutura de um texto dramaturgico. Utilizo como referência as concepções de Patrice Pavis, em sua obra *Dicionário de Teatro* (2015), ao ressignificar a Introdução, Capítulos/Considerações e Subcapítulos em Prólogo, Atos e Cenas, respectivamente. De acordo com Pavis (2015):

**PRÓLOGO** - Parte que antecede a peça propriamente dita (e, portanto, distinta da exposição) na qual um ator – às vezes também o diretor do teatro ou o organizador do espetáculo – dirige-se diretamente ao público para lhe dar boas-vindas e anunciar alguns temas importantes, como o início da função, fornecendo-lhe dados considerados necessários à boa compreensão da peça. Trata-se de uma espécie de "prefácio" da peça, no qual só é correto falar ao público de algo que esteja fora da intriga e seja do interesse do poeta e da própria peça (PAVIS, 2015, p. 308).

**ATO:** Divisão externa da peça em partes de importância sensivelmente igual em função do tempo e do desenrolar da ação. A distinção entre os atos e a passagem de um a outro são marcadas de maneira bastante diversificada no decorrer da história do teatro ocidental. O mesmo ocorre quanto à maneira de indicar a mudança de ato: intervenção do coro (GRYPHIUS), fechar a cortina (a partir do século XVII), mudança de luz ou *black-out*, refrão musical, cartazes etc. Isto porque os cortes entre atos correspondem a necessidades muito diversas (PAVIS, 2015, p. 28).

**CENA:** O termo cena conhece, ao longo da história, uma constante expansão de sentidos: cenário, depois área de atuação, depois o local da ação, o segmento temporal no ato e, finalmente, o sentido metafísico de acontecimento brutal e espetacular (PAVIS, 2015, p. 42).

Assim, o primeiro ato, evidencia o processo de formação histórico-cultural do Território Federal, a escolha da capital e a sua elevação a estado federativo brasileiro autônomo e rico em históricas, culturas e tradições, e, ainda, apresentar e refletir sobre a fonte documental de maior importância neste estudo, o *Jornal Amapá*. Neste ato, dialogo com as obras de Fernando Rodrigues Santos (1998), Verônica Xavier Luna (2017), Ivone Alves Portilho (2010), Edinaldo Nunes Filho (2014, 2015), José Sarney e Pedro Costa (1999), Adalberto Paz (2014), Yurgel

Caldas e Manoel Souza (2019), Mauro Cezar Coelho (2004), Tânia Regina de Luca (2008), Lilia Moritz Schwarcz (1987) e Bene Martins (2020).

No segundo ato, discorro sobre questões relativas aos conceitos e a importância da memória, da identidade e da cultura que, ao enredar este estudo, apresenta-nos caminhos que nos fazem compreender as transformações e as emanções identitárias, advindas da instalação do governo no Território Federal do Amapá. Neste ato, palavreio com as obras de Maria Elisa Cevasco (2008), Nelson Maldonado Torres (2019), Michael Pollak (1989), Walter Benjamin (1993), Jesús Martín-Barbero (2001), Hugo Lovisoló (1989), Carlo Ginzburg (2006), Janary Gentil Nunes (1946), Maura Leal da Silva (2022), Thays Fregolent de Almeida (2018), além de autores já citados.

Já no terceiro, debruço-me sobre a política cultural integrada ao governo do Presidente Getúlio Vargas, absorvida e intermediada pelo Governador Capitão Janary Nunes no TFA, o avanço janarista sobre a terra das bacabas, e possíveis processos de transformações socioculturais, de silenciamentos e de censura. Para isso, retomo a conversa com os autores já citados, além de Sidney Lobato (2014), Maria Rosa dos Santos Correia e Nadya Maria Deps Miguel (2009), Júlia Falivene Alves (1988), Rômulo de Paula Andrade (2010), Almir de Andrade (1941), Alfredo Felix Távora Gonsalves (2010), Cecília Maria Chaves Bastos (2006) e Rogério Schmitt (2000).

No quarto ato, abro espaço para que se possa entender o cenário político de criação dos cineteatros no Brasil, apresento o Cineteatro Territorial de Macapá e seu “embrião cultural”, realizo a análise dos dados obtidos perante as 251 (duzentas e cinquenta e uma) edições do Jornal Amapá, entre os anos de 1945 a 1949, em que ensejo o Cineteatro Territorial como espaço difusor da política cultural janarista, além de pincelar sobre os deslocamentos geográfico-culturais e o encerramento das atividades do Cineteatro. Ainda neste ato, apresento 3 (três) personalidades importantes para o movimento cultural amapaense nas décadas de 1940 e 1950. O encerramento deste “ofegante” ato se dá a partir de alguns apontamentos acerca da política cultural janarista e seus possíveis reflexos sobre a sociedade amapaense.

No último ato, apresento as considerações que fluem até o momento, pois compreendo o objeto escolhido neste estudo e o diálogo reflexivo a ele empreendido, como marcações – interpretações flutuantes, dentro de estrutura aberta, dinâmica e passível de outras escrituras. As tessituras de cada olhar lançado sobre o objeto ainda emanam para tantas outras possibilidades de abordagem. Este estudo, que tem como finalidade contribuir para o enriquecimento e, também, para o aquecimento das pesquisas em Teatro no Amapá, fora estimulado a partir das pesquisas desenvolvidas pelo Prof. Dr. Romualdo Palhano da

Universidade Federal do Amapá, desde a década 1990. E que, assim como ele, ressalto a inauguração e nas atividades do Cineteatro Territorial de Macapá, como um marco histórico-cultural no Território Federal do Amapá, que merece verdadeiro destaque e uma maior assistência e cuidado por parte dos gestores públicos.

## **2 PRIMEIRO ATO – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL DA REGIÃO AMAPAENSE E VEÍCULO OFICIAL DE INFORMAÇÃO E DE PROPAGANDA**

Neste primeiro ato, apresento um panorama contextual referente à criação do Território Federal do Amapá, desde a sua finalidade política protetiva, passando pelas premissas basilares apoiadas pelo governo Vargas, referente às ações a serem desenvolvidas na região e as percepções de um Governo Territorial, ao se deparar com um espaço onde “tudo estava por fazer”. Aproveito a oportunidade para pontuar um dos importantes acontecimentos, logo no início do TFA, que tratou sobre a escolha de Macapá como a capital territorial e declínio desse status para a cidade do Amapá, região de primeira escolha do presidente da república. Nesse, contemplo ainda alguns dos motivos que transformaram Macapá em sede do governo e a mais nova “propulsora da perspectiva desenvolvimentista nacional”. A este respeito, faço algumas ponderações quanto ao estado de guerra que ventilava pela região, além de apontar certo movimento cultural local. Finalizo o primeiro ato por meio da apresentação do Jornal Amapá, veículo oficial do governo territorial, fonte documental de maior importância neste estudo, que abre portas para os desdobramentos que se seguirão, além do levantamento de questões importantes no cerne dos cuidados necessários à utilização desta mídia impressa. Este início do ato, visa situar o leitor quanto às peculiaridades deste espaço geográfico e temporal escolhido para esta tese. Conhecer parte da história que emerge é o ponto fulcral deste estudo, e é de extrema relevância para uma melhor percepção e compreensão das análises que se seguirão.

## 2.1 CENA I – A CRIAÇÃO DO TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ

### **U Amassu I U Dubradú<sup>9</sup> (1ª parte)**

U primeiro mé chegú  
 Cumo quem qué africar  
 Troxe dois baita tambú  
 Lá dé Mazagão dé lá  
 Donde tudo cumeçú  
 Ante dé nós cumeçá  
 Mé jurú eterno amur  
 Sé punhú-sé a batucá  
 I fui tanto du quitum  
 I quitum i tracatá  
 Qué a floresta sé calú  
 Num sé ouvia um sabiá  
 Jiripoca num piú  
 Galo deixú dé cantá  
 Só sé ouvia u tá quitum  
 I quitum i tracatá

**Intérprete: Patrícia Bastos<sup>10</sup>**

**Composição: Dante Ozzetti / Joãozinho Gomes**

Geograficamente, o Amapá é um estado federativo situado no extremo norte do Brasil, faz fronteira ao norte, com a Guiana Francesa e o Suriname e, ao sul, com o estado do Pará, do qual foi membro até 13 de setembro de 1943, quando fora desmembrado e elevado à condição de TFA. Assim como os territórios de Guaporé (desmembrado do Amazonas e do Mato Grosso), Rio Branco (desmembrado do Estado do Amazonas), Iguazu (desmembrado dos Estados do Paraná e de Santa Catarina) e Ponta Porã (desmembrado do estado do Mato Grosso), surgem a partir do Decreto-Lei nº 5.812, de 13 de setembro de 1943, que instituía a criação dos Territórios Federais. Assinado por Getúlio Vargas, então Presidente da República Federativa do Brasil, tinha como objetivo aproximar estas regiões fronteiriças, pouco habitadas e consequentemente frágeis diante de possíveis invasões provenientes da expansão da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), aos poderes do governo federal. Ventilou-se essa autonomia territorial em 1920, implementada pela própria comunidade amapaense, que se demonstraram

<sup>9</sup> Composição: Dante Ozzetti / Joãozinho Gomes. Fonte: <https://www.lettras.mus.br/patricia-bastos/u-amassu-i-u-dubradu/>. Acesso em 16 abr 2023.

<sup>10</sup> Formada em administração, a macapaense começou a se dedicar à música aos 18 anos, quando entrou para a Banda Brinds. Filha do educador Sena Bastos e da cantora Oneide Bastos, Patrícia cresceu rodeada por músicos que fazem parte da história do Amapá. Na década de 1990, começou a carreira solo, cantando em bares de Macapá. Depois passou a participar de festivais e editais do governo federal para realizar shows pelo país, chegando a ganhar numa categoria do Prêmio da Música Brasileira e foi indicada ao Grammy Latino. Patrícia Bastos já gravou 7 álbuns inspirados na música amazônica. No dia 10 de novembro de 2022, Patrícia Bastos, junto de artistas da Amazônia Contemporânea, estiveram presentes no Palco Nave, no *Rock in Rio 2022* (ALEIXO, 2022, on-line)

descontentes com as omissões de uma capital tão inacessível (Belém); todavia, essa separação só ocorrera quando o interesse passou a ser nacional. A respeito da criação dos territórios federais, refere o próprio Vargas em discurso proferido em 27 de janeiro de 1944, no Território de Ponta Porã:

Dispomos de vasto território e não ambicionamos um palmo de terra que não seja nossa. Já o afirmei de outra feita e agora repito: Não nos impede outro imperialismo que não seja o de crescermos para dentro de nossos limites territoriais para fazer coincidir as fronteiras econômicas com as fronteiras políticas. O escasso povoamento de algumas regiões fronteiriças representa, de longo tempo, motivo de preocupação para os brasileiros. Daí a ideia de transformá-la em Territórios Nacionais sob a direta administração do Governo Federal. Era uma antiga aspiração política de evidente alcance patriótico, principalmente dos militares que possuem aguda sensibilidade e relação aos assuntos capazes de afetar a integridade da Pátria e sentido mais objetivo dos problemas atinentes à defesa nacional. A criação dos territórios fronteiriços nas zonas colidentes e de população esparsa deve ser considerada, por isso, medida elementar de fortalecimento político e econômico. O programa de organização e desenvolvimento desses territórios, resume-se em poucas palavras: “sanear”, “educar”, “povoar” (VARGAS, 1944, p. 269-270).

Acerca dos objetivos de criação do TFA e as condições encontradas pelo governador Janary Nunes, inicialmente alinhado as concepções varguistas e, posteriormente, oposição ao mesmo, Fernando Rodrigues dos Santos, nascido em Macapá, no dia 9 de novembro de 1951, licenciado em História e especialista em História Social e Cultural da Amazônia, ambos pela UNIFAP, professor na educação básica da rede estadual de ensino do Amapá, pesquisador e autor de honrosas obras no campo da historiografia regional, refere em *História do Amapá: da autonomia territorial ao fim do janarismo 1943-1970*, que:

Ao ser criado o Território Federal do Amapá em 1943, não obstante a tentativa de colonizar e promover a autonomia da região fosse remota, tudo estava para ser feito e acontecer no campo da modernidade para que o homem amapaense começasse a desfrutar de benefícios mínimos inerentes à época. Inexistia saneamento e produção agrícola diversificada que atendessem a demanda interna. O ensino tentava apenas alfabetizar, enquanto a assistência médica era precaríssima. Num espaço de 143.716 Km<sup>2</sup> inóspito, insalubre e isolado geograficamente do resto do país, vivia aproximadamente 21.491 habitantes [recenseamento geral de 1940] concentrados nas sedes dos municípios de Macapá, Amapá, Mazagão e lugarejos próximos, às margens dos rios, lagoas e igarapés, a quase totalidade em situação de penúria, doentes, analfabetos e explorados pelo coronelismo interno (SANTOS, 1998, p. 15).

Apesar das difíceis condições descritas por Santos (1998), havia interesses bélicos também na emancipação territorial, vez que, nos meados da SGM (1939 a 1945), o Brasil, que

buscava a neutralidade, teve que se render as pressões estrangeiras e colocou à disposição suas zonas territoriais estratégicas para a implementação de bases aeronavais estadunidenses. Entre as concessões, a região da cidade do Amapá fora uma das escolhidas, frente a suas favoráveis condições hidrográficas (para comportar submarinos) e sua proximidade com fronteiras francesas.

O estado de guerra instaurado neste período, aliado à nova conjuntura política internacional, visando a estruturação da nação para o enfrentamento de possíveis infortúnios, implementou a militarização de áreas fronteiriças e repartição de estados para a criação de territórios federais.

A partir da criação do TFA, a região recebe seu primeiro governador, à época escolhido pelo então presidente Getúlio Dornelles Vargas, o paraense Janary Gentil Nunes, natural de Alenquer-PA, pessoa de sua confiança, oficial militar formado pela Escola Militar do Realengo no Rio de Janeiro-RJ.

Na preferência do ditador pela sua pessoa (Janary Gentil Nunes), contaram méritos militares, o fato de ainda não haver exercido função civil e o amplo conhecimento da região que iria governar. Havia em 1940, inclusive comandado a guarnição denominada Pelotão Independente de Fronteiras, sediada em Oiapoque, nos limites do Brasil com a Guiana Francesa. No momento da nomeação, em 27 de dezembro de 1943, comandava a 1ª Companhia Independente de Metralhadoras Antiaéreas, que organizou, sediada em Belém, no Estado do Pará e servia como oficial de ligação entre as tropas brasileiras e norte-americanas sediadas nessa capital (SANTOS, 1998, p.28-29).

Imagem 1: Capitão Janary Gentil Nunes



Fonte: Relatório de Atividades do Governo do Território Federal do Amapá (1946, p. 130b)

Na imagem, em primeiro plano, devidamente fardado, na feira de produtos agrícolas da Cooperativa Agrícola Escolar de Macapá, uma das figuras mais contraditórias da História do Amapá, o governador Janary Gentil Nunes foi responsável por inúmeras transformações na região, frente à necessidade de estruturar um território apto a suprir interesses políticos e, paralelamente, urbanizar e modernizar a pacata Macapá, que aos olhos do governante que assumia era uma região parada no tempo que necessitava de um processo gentrificador e modernizador.

Nesse processo, de caráter autoritário, civilizador e doutrinário, geriu politicamente por meio da desqualificação do estilo de vida local, disseminou entre a população amapaense a imagem de honroso e combatente herói, responsável pelo fim do pessimismo, abandono e pauperismo, e início do progresso e da modernidade; propulsor da elevação social, econômica e cultural daquela população esquecida na outra margem do rio Amazonas. A pesquisadora Verônica Xavier Luna, doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará - UFC, docente do curso de graduação em História da UNIFAP, com pesquisas relacionadas à memória de sujeitos sociais urbanos, em sua obra *Um cais que abriga histórias de vida: sociabilidades conflituosas na gentrificação da cidade de Macapá (1943-1970)*, refere que:

Na década de 1940, enquanto as maiores cidades brasileiras já haviam incorporado os modelos e práticas urbanas pulverizadas pela cultura francesa, a estrutura urbana da cidade de Macapá continuava esquecida pelos interesses regional e nacional. Tal disposição não condizia, segundo o governador Janary Nunes com as necessidades de conforto social para receber sua família, assim como o corpo de funcionários que formaria o quadro da administração a ser ali instalado; um grupo social acostumando aos padrões modernos de serviços urbanos (LUNA, 2017, p. 165-166).

Luna (2017) ressalta que esse processo de gentrificação, de higienização imposto à Macapá pelo governo Janary, ocorreu por meio da construção de edifícios públicos, de residências para funcionários do executivo, legislativo e de órgãos financeiros territoriais; da abertura de ruas largas e arborizadas e de medidas mais assertivas no controle de doenças endêmicas. Essa reestruturação na paisagem social, econômica, cultural e arquitetônica no TFA redesenha a cidade de Macapá para receber, além de sua família, uma grande quantidade de servidores territoriais, sobretudo provenientes do estado do Pará entre outros mais chegados, inclusive do exército que, sob a confiança de Janary, possuíam mais capacidade técnica para assumir cargos de chefia em variadas instâncias do governo. Para isso, foram recrutados inúmeros cidadãos e migrantes, em maioria nordestinos, para o setor de obras públicas, que viram na criação do TFA a oportunidade de trabalho e de crescimento econômico, fato que

corroborar, substancialmente, para o acelerado crescimento populacional logo no início do governo Janary. A pesquisadora Ivone dos Santos Portilho, Mestre em Geografia, Gestão Urbana e Regional pela UFPA, professora de geografia aposentada pelo estado do Amapá, em seu artigo *Áreas de Ressaca e Dinâmica Urbana em Macapá/AP* (2010) destaca que:

É com o intuito de criar um novo padrão de cidade, que o governo do TFA passa a promover remanejamentos e implementar a política de modernização da cidade de Macapá, uma nova cidade, uma nova forma de se organizar, pensar e agir influenciando os padrões socioculturais locais. A construção de prédios públicos, a edificação de conjuntos residenciais, e o remanejamento da população mais pobres das zonas centrais para a área periférica da cidade, são elementos que vão consolidando o ordenamento urbanístico de Macapá, principalmente com a construção de residências-modelo destinados aos funcionários do Território (PORTILHO, 2010, p.08).

Na foto abaixo, datada de 1946, a construção, já em estágio avançado, do conjunto de casas destinadas aos funcionários do TFA. É possível constatar uma organização e unidade estética arquitetônica que refletia os padrões modernos de civilidade almejados pelo governador Janary Nunes.

Imagem 2: Casa dos primeiros funcionários do TFA



Fonte: Relatório de Atividades do Governo do Território Federal do Amapá (1946, p. 108d).

Entre as ações janaristas desenvolvidas à época, encontra-se o processo de urbanização da cidade e o conseqüente remanejamento de famílias, sobretudo negras, da região central de

Macapá, próximo a Fortaleza de São José de Macapá<sup>11</sup>, e a orla da cidade, para espaços mais periféricos da cidade, dando início aos mais tradicionais bairros da capital, o Laguinho e a Favela. Esse processo contou com a aliança política entre Janary Nunes e Julião Thomaz Ramos, representante do Marabaixo e líder da comunidade negra que habitava o centro histórico. No Local, foram edificadas prédios em alvenaria como a residência do Governador e a atual Ordem dos Advogados do Brasil - Seccional do Amapá.

Os negros, originalmente, ocupavam a frente da cidade, próximo ao trapiche municipal e ao estaleiro. Muitos viviam da pesca e do plantio da mandioca, no largo de São José, hoje Praça Barão do Rio Branco. E com a transformação do Amapá em Território Federal e a consequente instalação do primeiro governo, Macapá foi decretada capital. A transferência dos negros para a parte norte da cidade não foi um fato enfrentado com passividade por eles; daí naturalmente surgiram alguns núcleos de reação contra a arbitrariedade cometida pelo governo, que retirou os negros da frente da cidade com o objetivo real de preparar o referido local estrategicamente situado às margens do rio Amazonas. O Laguinho, chamado antes de Poço da Boa Hora, era uma ressaca de águas estagnadas, cercada de buritizeiros, local hoje situado entre as ruas Odilardo Silva e Eliezer Levy. Tratava-se de um lugar temido, misterioso e encantado, moradia de caruanas e iaras, excepcionalmente tétrico à noite e culpado pelo desaparecimento de muitas crianças. O Poço da Boa Hora era temido pelos negros que, mesmo professando a religião católica – embora não houvesse nenhum padre em Macapá, na época – consultavam pajés, catimbozeiros e benzedeiras para espantar os espíritos maléficos que habitavam o lugar (CANTO, 2021, on-line).

Estas alianças políticas foram essenciais para o cumprimento dos objetivos traçados pelo governo territorial. Segundo Fernando Pimentel Canto (1998), paraense, natural de Óbidos, nascido em maio de 1954, doutor em Sociologia pela UFC, músico, compositor, integrante do Grupo Pilão<sup>12</sup>, ator, pesquisador e autor de inúmeras obras de referência, inclusive para esta pesquisa, *A Água Benta e o Diabo*, o autor refere que havia uma troca de favores com a

<sup>11</sup> Inaugurada em 19 de março de 1782, com o propósito de defender a margem esquerda do Rio Amazonas, na então colônia, das possíveis investidas francesas de conquistar a região amazônica. Construída com mão de obra escrava em uma área de quase 30 mil metros quadrados, a edificação foi tombada em 22 de março de 1950 pelo Instituto de Patrimônio Histórico Nacional (Iphan).

<sup>12</sup> Criado em 25 de setembro de 1975, por ocasião da realização do 5º Festival da Canção Amapaense, o Grupo Pilão é pioneiro no uso e valorização da cultura regional do Amapá. Formado inicialmente por três músicos (Fernando Canto, Bi Trindade e Juvenal Canto). Ao decorrer de sua carreira, ganhou quatro novos integrantes – Eduardo Canto, Orivaldo Azevedo Costa, Tadeu Canto e Leonardo Trindade. Durante sua trajetória musical, o grupo gravou três CDs – “Na Maré dos Tempos”, “Quando o Pau Quebrar” e “Trevelê”. A maioria das letras das músicas gravadas é de autoria do cantor e compositor Fernando Canto. Com sua vasta experiência em gravação de CDs, o maestro Manoel Cordeiro também foi responsável pelos arranjos e direção musical dos três discos. O Grupo Pilão sempre teve como pano de fundo a valorização da cultura local e popular, além da preocupação com as transformações econômicas, ambientais e sociais que o estado do Amapá enfrentou ao longo de quatro décadas e meia de existência do conjunto musical. Uma das canções mais conhecidas do grupo é “Quando o Pau Quebrar”. Disponível em: <https://www.diariodoamapa.com.br/cadernos/nota-10/cantando-o-amapa-grupo-pilao-comemora-45-anos-com-live/>. Acesso em 09 mar 2023.

população, como a oferta de vagas de emprego a essas famílias para que houvesse uma melhor aceitação das transferências residenciais. Contudo, nem todos saíram satisfeitos desse processo. De acordo com Santos (1998), os empregos reservados à comunidade negra ficavam circunscritos aos níveis mais básicos da pirâmide administrativa.

As pessoas brancas ou com predominância de caracteres desse tipo étnico ocupariam cargos e funções relevantes. Os mestiços bem evidentes, quase sempre desempenhariam atividades de caráter intermediário. Já os negros atuavam nos serviços gerais, principalmente, e na capital trabalhavam na Prefeitura, na limpeza pública” (SANTOS, 1998, p.35).

Essa organização administrativa descrita por Santos (1998) revela faces do perfil progressista de Janary Nunes, ao alimentar, de maneira homeopática, as relações com as classes mais pobres do TFA na construção/imposição de uma hegemonia amapaense. De acordo com Luna (2017), essas negociações não foram oficialmente documentadas, muitas famílias acabaram sendo ludibriadas e outras, arrancadas de seus lares (seus espaços de memória), sem nenhum tipo de auxílio, incentivo ou vantagem, simplesmente com o direito a um terreno limpo e nivelado, distante da paisagem agraciada pelo Rio Amazonas. Essa disparidade na forma de acolhimento dessas famílias provocou uma cisão no ritual tradicional do Marabaixo, a Favela direcionando suas celebrações voltadas ao culto da Santíssima Trindade e o Laguinho ao Divino Espírito Santo<sup>13</sup>.

A retirada dos afros amapaenses do centro da cidade foi à razão posta e pela qual o governo foi contestado. Nos versos dos marabaixistas macapaenses que foram chamados a se retirar da área urbana de Macapá, há um registro de sentimento de revolta quanto à obrigação de saída de seu lugar familiar de moradia. A transferência se fez pior porque deveriam desmanchar suas casas para ir construí-las em terrenos sem as mínimas condições sociais que lhes permitissem usufruir de cidadania, ao menos água e energia elétrica (LUNA, 2017, p. 173).

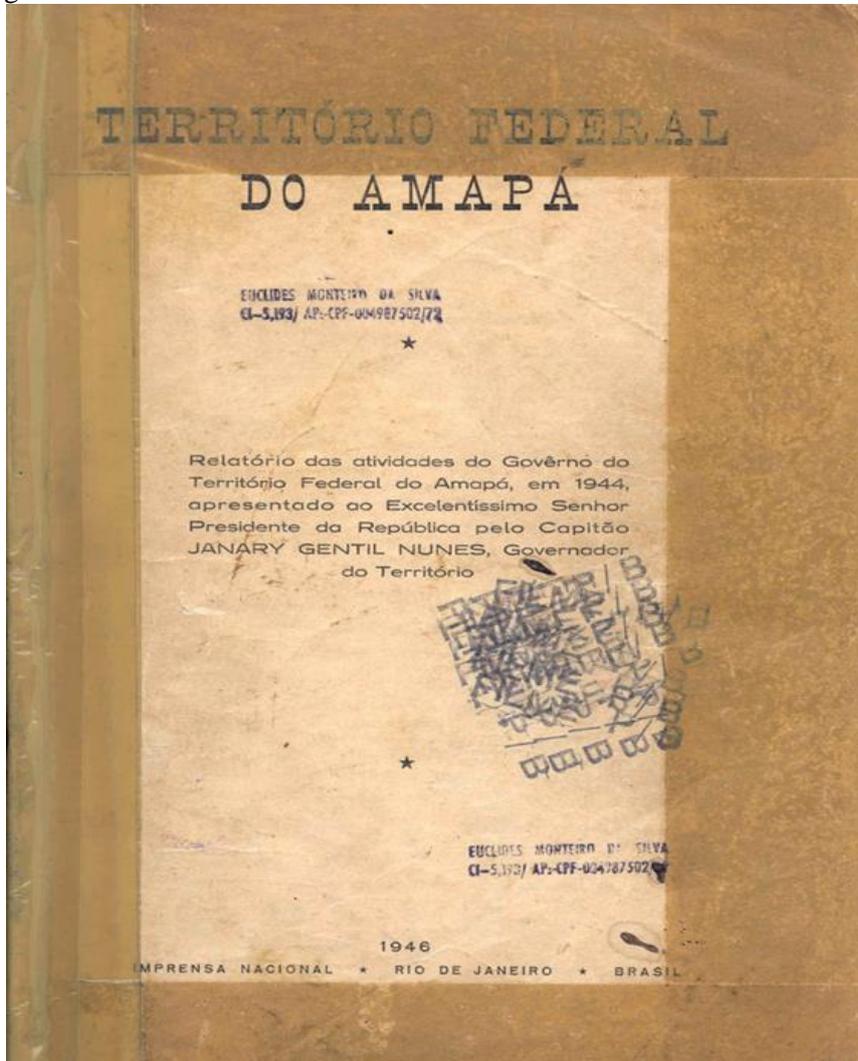
Ao chegar a Macapá em 25 de janeiro de 1944, o novo governador territorial, apoiado por sua equipe, redigiu um documento que descrevia as primeiras percepções e ações quanto à organização dos serviços administrativos, fixação de diretrizes e planejamentos de Janary e sua equipe, realizadas no período compreendido entre 27 de dezembro de 1943 (data de sua

---

<sup>13</sup> Essa polarização espraiou-se também para o carnaval amapaense, dois gigantes, entre outros, na passarela do samba são Boêmios do Laguinho e Maracatu da Favela. A vermelha e branca, e a verde e rosa, respectivamente, enfrentam-se anualmente, nutridas de suas raízes culturais, demonstram a força de suas comunidades, transformadas em samba, enredo, alegorias, trajes, harmonia e desembaraço, na tão especial Avenida Ivaldo Veras.

nomeação), até o final de 1944, enviado ao presidente da república, Getúlio Vargas, logo no início de 1945.

Imagem 3: Relatório das atividades do Governo do Território Federal do Amapá.



Fonte: Acervo do Museu Histórico do Amapá “Joaquim Caetano da Silva”.

Intitulado de Relatório das Atividades do Governo do Território Federal do Amapá, disponível no *Museu Histórico do Amapá Joaquim Caetano da Silva*, antigo prédio da Intendência, construído no final do século XIX, durante a administração do intendente Coriolano Jucá, Janary se referia à alta incidência de endemias tropicais, como a malária e verminoses; alimentação irregular, à base de cafezinho com farinha pela manhã; carne salgada, pirarucu ou jabá fervido na água e sal, com farinha, ao almoço, pouco diferindo o jantar; Moradias miseráveis, ausência de privadas e quarto comum para toda a família, exceto pelas edificações deixadas pelos norte-americanos; alta incidência de promiscuidade sexual entre pais e filhos; população, em grande maioria analfabeta, assinava as próprias folhas de pagamento,

com auxílio datiloscópico do dedo polegar; sistema de transportes (marítimo, terrestre e aéreo) ineficazes; comunicação telegráfica praticamente inexistente, deixando o Governo e população ilhados. Em caso de urgência, o único recurso seria pedir ao Exército Americano e à Panair – que possuíam estações em Santo Antônio, Base Aérea do Amapá e Macapá; ausência de olaria ou serraria, ficando-se na dependência de Belém e do interior do Pará, para qualquer construção; inexistência de luz elétrica, água encanada, esgotos, ou serviço público necessário à higiene e ao progresso.

Segundo Janary, “tudo estava por fazer” para que o Amapá tivesse um “destino de opulência e brilho de nossa Pátria”, e que o povo amapaense trabalharia, incansavelmente, para alcançar tal posição de destaque, perante grandes centros urbanos da época. O Jornal Amapá, em seu primeiro ano, traz em sua sétima edição, parte do livro “BRASIL” (1943-1944), publicação do Ministério das Relações Exteriores, o motivo e as premissas referentes à criação de Territórios Federais.

A criação dos territórios fronteiriços nas zonas colidentes e de população esparsa deve ser considerada, por isso, medida elementar de fortalecimento político e econômico. O programa de organização e desenvolvimento desses territórios resume-se em poucas palavras: “sanear”, “educar”, “povoar”.

SANEAR – criar centros de puericultura e de educação sanitária; orientar e acudir realmente por uma assistência social desvelada e completa os núcleos esparsos da população.

EDUCAR – criar escolas, não só para alfabetizar, como para despertar o interesse pelo trabalho da terra, estabelecendo o ensino profissional necessário á aprendizagem das pequenas indústrias e do artesanato; enfim, valoriza o esforço dos habitantes dessas regiões, tornando-o remunerativo e formando cidadãos conscientes de seus direitos e de seus deveres para com a Pátria.

POVOAR – colonizar, distribuir a brasileiros as terras ainda incultas de modo a gerar núcleos compactos e ativos, que sejam sentinelas avançadas da Nação; construindo estradas de ferro e de rodagem, estabelecendo linhas aéreas de transporte, telégrafos e telefone, teremos ligadas tais regiões quase isoladas aos centros de produção e cultura do litoral e do centro facilitando, assim, o intercâmbio de todos os produtos nacionais.

Eis a finalidade da criação da criação dos Territórios Nacionais (JORNAL AMAPÁ, 05 maio 1945)<sup>14</sup>.

De acordo com Santos (1998), “seu estilo de governar (Janary) e fazer política originou o Janarismo, período político-administrativo marcado, sobretudo pela dicotomia entre discurso e prática, refletido pela ausência de grandes modificações no quadro socioeconômico”, até o ano de 1964, quando o Brasil entrou em um regime militar que, por configurar um governo autoritário, descentralizou muitas decisões unilaterais do governador e de seus sucessores.

---

<sup>14</sup> Nas citações retiradas de periódicos optou-se pela grafia da época.

Durante a vigência da condição de território, o Amapá viveu um período conhecido como Janarismo que, em poucas linhas, fora uma experiência administrativa bem parecida com o coronelismo (vivida com intensidade durante a república do Café com Leite<sup>15</sup>) que consistia na hegemonia e na perpetuação de um único grupo político, valendo-se, para tanto, de interferências legais e supraleais, visando a manutenção do poder (SARNEY e COSTA,1999).

Segundo Adalberto Júnior Ferreira Paz (2014), doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, pesquisador no campo da História do Brasil Império e República, com ênfase em História Social do Trabalho, docente do curso de graduação em História da UNIFAP, refere em sua obra *Os mineiros da floresta: modernização, sociabilidade e a formação do Início da mineração caboclo-operário no início industrial amazônica*, que haviam também interesses econômicos na autonomia territorial do Amapá, frente à descoberta do manganês na região, minério essencial na produção de ligas metálicas. As primeiras experiências industriais de exploração surgiram com os estímulos internacionais do então governador Janary, sua política atrelava o desenvolvimento da região às concessões de exploração de riquezas naturais (projeto ICOMI<sup>16</sup>; projeto JARI<sup>17</sup>), cedendo às empresas americanas autonomia para a exploração comercial. De acordo com o Jornal Amapá, de 03 de novembro de 1945:

Evidencia-se cada vez mais o interesse criado em tôrno das possibilidades de exploração mineral dêste Território. Temos sido visitados por sucessivas comissões de geólogos, mineralogistas, industriais e comerciantes, brasileiros e estrangeiros, todos atraídos pela inteligente ação do nosso governo, empenhado em revelar novas fontes de riquezas ao país e outras oportunidades de trabalho ao nosso povo. Região rica e abandonada de outrora, está sendo agora palmilhada em todos os sentidos, na tentativa de traçar novo rumo à sua economia. Auspiciosamente já se iniciou o ciclo da exploração comercial de

---

<sup>15</sup> Política do café com leite derivou-se da "Política dos Governadores" e visava a predominância do poder nacional por parte das oligarquias paulista e mineira, executada na República Velha a partir da Presidência de Campos Sales (1898-1902). O coronelismo imperou durante esse período pois, como o polo industrial se consolidava no eixo centro-sul do país, muitos municípios dessa região tinham coronéis como prefeitos, os quais usavam de coação e corrupção para alcançar sua perpetuação política, assim como de governadores e presidentes, ocasionando o fenômeno conhecido como voto de cabresto.

<sup>16</sup> O projeto ICOMI tratava sobre a exploração do Manganês em Serra do Navio – AP, inaugurando a mineração industrial na Amazônia. A indústria de Comércio de Minérios S.A. – ICOMI, empresa privada brasileira, criada em 08 de maio de 1942 com sede em Belo Horizonte – MG, ganhou, em licitação, o direito de exploração mineral na área amapaense partir de 1948. Este processo foi realizado em parceria com a *Bethlehem Steel Corporation*, empresa norte-americana que contribuiu na investigação, custeio, geração, administração e comercialização do minério.

<sup>17</sup> O projeto JARI, iniciado em 1967, ventilado pela mesma política de exploração em terras amapaenses por parte de agências norte-americanas, tinha por objetivo a produção de celulose. Neste período, a região de Laranjal do Jari, município situado no extremo sul do TFA e fronteira com o Pará, acompanhou, estarecida, a chegada de navios de grande porte, transportando a fábrica de celulose e uma usina termelétrica de origem japonesa. O projeto JARI foi responsável pela construção de portos, ferrovias, estradas e ainda o município de Monte Dourado, no lado paraense da fronteira, para abrigar os trabalhadores do projeto.

certos minérios, como a cassiterita e a tantalita, enquanto o ferro é também objeto de interesse geral. Com o estanho e a siderurgia, teremos inaugurada uma fase de prosperidade que só redundará em benefício à Nação, contribuindo para o progresso da civilização brasileira. Os objetivos da administração territorial que vem dotando o Amapá dos elementos necessários ao seu desenvolvimento serão alcançados brevemente com a crescente aplicação de capitais particulares no aproveitamento de nossa produção mineral (JORNAL AMAPÁ, 03 nov. 1945).

O TFA deixa de existir e o Amapá torna-se Estado com o advento da carta magna de 1988, marco histórico da experiência democrática que vivemos, e essa condição faz com que o Amapá seja uma das mais novas unidades federativas do Brasil.

## 2.2 CENA II - A ESCOLHA DA CAPITAL DO TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ

### **U Amassu I U Dubradú (2ª parte)**

U segundo mé chegú  
 Cumo quem vem saqueá  
 Num porrudo dum motô  
 Batelão dé alto mar  
 Num pediu u meu amur  
 Puis podia mé tumá  
 Só que num nasci fulô  
 Pra impostú dispetalá  
 Era nuite dé tambú  
 Mão dé coiro au luá  
 Labisonho mé assustú  
 Mé sculheu pru seu jantá  
 Gengibirra mé sarvú  
 Fez u macho imbriagá  
 Nu calú du tá quitum  
 I quitum e tratatá  
 Su devota dé São José  
 Lá de bêra du rio-mar  
 Onde cristo lavú os pé  
 Quando veio mé batizá  
 Tive sorte nasci mulhé  
 Num recanto du Amapá  
 I nasci pra sorri cantá sorri  
 Cantá cantá amar cantá, cantá

**Intérprete: Patrícia Bastos**

**Composição: Dante Ozzetti / Joãozinho Gomes**

A escolha da capital do TFA tratou-se de mais um capítulo interessante na história da região que, à época, contava com três cidades de pequeno porte: Macapá, Amapá e Mazagão. A cidade de Macapá, como já destacado, “tem sua origem em 1738, quando o governo colonial português estabeleceu na região um destacamento militar. Em 4 de fevereiro de 1758, foi elevada à categoria de vila; e de cidade, em 6 de setembro de 1856” Reis (1949). Apesar de possuir um percurso histórico mais consistente e ainda contar com a Fortaleza de São José de Macapá, a maior fortificação portuguesa da América Latina, acabou perdendo a disputa inicial do título de capital do TFA. De acordo com Santos (1998), Macapá tratava-se de:

Um vilarejo decadente sem serviços e atendimentos imprescindíveis ao bem-estar coletivo e ao progresso, onde instalava o governo amapaense, sob a indiferença de parte da população. A desconfiança no poder público decorria do descaso que o governo paraense relegou a região quando lhe pertencia que chegou a também considerá-la zona de castigo, para cá transferindo, compulsoriamente, servidores públicos que caíam no desagrado do governo estadual, como aconteceu com o promotor público Armando Corrêa, que aqui

se estabeleceu em 1935 e dois anos após retornava a Belém, acometido de impaludismo (SANTOS, 1998, p. 29-30).

Os problemas que cercavam a cidade de Macapá também se espalhavam pelas outras cidades do TFA; porém, outras questões, mais especificamente, políticas e geográficas embasaram a escolha da cidade do Amapá para se tornar a sede do governo. O município do Amapá, criado pela lei n.º 798 de 22 de outubro de 1901, situado ao nordeste do então TFA, banhada pelo oceano Atlântico tem sua história ligada a batalhas militares. Por meio do decreto-lei n.º 5.839, de 21 de setembro de 1943 (oito dias após a criação do Território), a cidade do Amapá tornou-se a capital do TFA. O motivo de tal escolha adveio dos desdobramentos de acordos de cooperação internacional entre o Brasil e os Estados Unidos da América.

O presidente Getúlio D. Vargas (natural São Borja, Rio Grande do Sul, nascido em 19 de abril de 1882 e falecido em 24 de agosto de 1954, no Rio de Janeiro) havia cedido espaço, há cerca de 15 km da cidade do Amapá e 300 Km de Macapá, aos norte-americanos para a construção de uma Base Aeronaval, em 29 de outubro de 1941. Essa articulação política deu-se pelo enfraquecimento dos países aliados durante a SGM, devido à rendição francesa ocorrida em 22 de junho de 1940, ao eixo, constituído pela Alemanha, Itália e Japão. Ressalta-se que as relações entre os governos brasileiro e alemão, que até então contava com certo grau de aproximação política e econômica, foram esmorecidas após o torpedeamento de um navio brasileiro por um submarino alemão, culminando em seu naufrágio.

Em 1943, iniciaram-se as operações da Base Aeronaval do Amapá (BAA), região estrategicamente escolhida devido a sua proximidade com a Guiana Francesa, possível porta de acesso dos nazistas após a rendição francesa e também por se apresentar geograficamente importante, como um entreposto para outras bases aeronavais americanas como as de Belém-PA, São Luís-MA e Natal-RN.

Quando apareceram as primeiras aeronaves a população ficou assustada ao ver tanta movimentação, pois, como foi dito anteriormente, a comunicação era precária e por isso não foram informados anteriormente o que iria acontecer no município com a construção da BAA, bem como, o que significava aquela obra militar. Ninguém sabia que os aviões carregavam consigo equipamentos bélicos para a base de Natal, e dali sairia para o norte da África. Com o passar do tempo à população foi se acostumando com tanta movimentação, mas o que causou mais impacto foram os blimps pelo seu tamanho, segundo relatos, a princípio quando os moradores viram os primeiros blimps alguns pensavam que era o fim do mundo, pois jamais tinham visto algo tão grande e estranho por aqueles arredores (NUNES FILHO, 2014, p.15).

Para os cidadãos, a intervenção aérea norte-americana foi de tamanha estranheza que desencadeou nas mais diversas reações. Elton Tavares<sup>18</sup>, responsável pelo Blog De Rocha, publicou no dia 11 de dezembro de 2020, trechos do livro *Telas & Quintais*, de Fernando Canto (1987), as impressões dos populares sobre a chegada dos primeiros dirigíveis.

Conta o Sr. Martinho Ramos, filho de Mestre Julião contava que: “Na época em que a Segunda Grande Guerra estava ‘popocando’ pra todo mundo, pode-se bem dizer, em que todo mundo estava no conflito, começaram a aparecer por aqui os primeiros dirigíveis. “Tinha uma base aérea no Amapá e esses dirigíveis, que eram os zepelins, ficavam observando por aí e passavam sempre sobre Macapá. “Mas o primeiro que passou foi meio ‘assustoso’ porque ninguém sabia, ninguém conhecia o que era. “Aqui na cidade não ocorreu tanto conflito porque, afinal de contas, nós já estávamos um pouco mais ambientados. Mas aconteceu que o pessoal do interior tinha menos oportunidade de ter conhecimento; inclusive eu digo isso porque, nós conversando, ocorreu com um rapaz, um amigo meu chamado Valdevino. Ele vivia lá no Curiaú. Na ocasião em que um zepelim passou, ele estava com um pessoal cortando abacaxi numa lata lá perto para vender aqui na Casa Leão do Norte, onde nós tivemos a primeira sorveteria, que o sorveteiro era o Biló Pitaíca. Nessas alturas, o Valdevino e o pessoal dele, que estavam cortando abacaxi, observaram e ouviram aquela zoadá. Rapidamente saíram correndo pra dentro do abacaxizal, largando tudo. O bicho voava muito devagar e eles se assustaram. Quando conseguiram sair do abacaxizal, estavam todos cortados (Canto, 2020, on-line).

Esses dirigíveis, responsáveis por missões de busca e de salvamento em mata fechada, e ainda patrulhas no Atlântico, relatados pelos populares do Amapá, também conhecidos como zepelins, ou blimps, tiveram sua passagem registrada por meio de lentes fotográficas, estas nem sempre muito bem esclarecidas quanto a data, localização exata e autor. Contudo, por meio de pesquisas iconográficas realizadas a partir de blogs, trabalhos acadêmicos e obras impressas, é possível encontrar imagens como a que se segue (imagem 4). Nela, pode-se observar o zepelim, centralizado em segundo plano, um avião de combate, em primeiro plano, uma intensa movimentação de pracinhas ao fundo, e ainda, próximo a região frontal do dirigível, a base de atracação. Em função da SGM, percebe-se que o movimento era intenso na BAA. Inclusive, após 80 anos do conflito, no caso de uma visita ao local, nos dias de hoje, ainda é possível observar entre as ruínas a base de atracação dos zepelins (imagem 5), como também restos de viaturas, tratores e até tanques de guerra que lá permanecem desafiando as intempéries da natureza, e o desprezo, desse museu a céu aberto<sup>19</sup>, pelos gestores e políticos da região.

<sup>18</sup> Amapaense, atua como assessor de comunicação, jornalista e editor do site “Blog De Rocha”.

<sup>19</sup> Um projeto da Universidade Federal do Amapá (Unifap) pretende transformar o Museu à Céu Aberto da Segunda Guerra Mundial, localizado no município de Amapá, região centro-leste do estado, em um parque. A ideia é

Imagem 4: Base Aérea no município de Amapá (AP)



Fonte: Foto/Reprodução do acervo do jornalista Edgar Rodrigues. Disponível em: <https://www.blogderocha.com.br/category/historia/page/28/>. Acesso em 15 maio 2023.

Imagem 5: Base de atracação dos blimps



Fonte: Foto/reprodução. Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2023/02/12/projeto-quer-transformar-museu-a-ceu-aberto-em-parque-sobre-a-2a-guerra-mundial-no-amapa.ghtml>. Acesso em 15 mar 2023.

---

envolver locais que foram usadas no período do conflito mundial e que estão fora da área do museu. O coordenador do Laboratório de História Militar da Unifap, Edinaldo Pinheiro, detalhou que importantes pontos como o local onde os dirigíveis atracavam e o porto por onde chegavam equipamentos e veículos militares, não estão na área do museu e precisam ser preservados de alguma forma. Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2023/02/12/projeto-quer-transformar-museu-a-ceu-aberto-em-parque-sobre-a-2a-guerra-mundial-no-amapa.ghtml>. Acesso em 15 mar 2023.

A instalação da BAA fomentou diversas transformações na região, recebeu em seus arredores, por volta de dois mil norte-americanos e centenas de famílias migrantes nordestinas, trouxe energia elétrica, desenvolvimento urbanístico e outras melhorias sociais nas questões de saneamento, escolarização, saúde e lazer para população; melhorias essas que foram retiradas da região, pelos norte-americanos, logo após o fim do conflito armado em 1945. Entretanto, sentiu-se uma momentânea melhoria na vida urbana do lugar, o que fez da cidade do Amapá um ponto de chegadas e partidas de outros profissionais, que migravam para região a fim de viver a qualidade trazida pelo “desenvolvimento”.

As influências trazidas pelos norte-americanos, que para o Brasil vieram e permaneceram com as instalações das bases aéreas, acabaram transformando o espaço de sociabilidade, os hábitos e os costumes. Edinaldo Pinheiro Nunes Filho (2014), pós doutor em História Contemporânea pela Universidade de Coimbra/Portugal, pesquisador, arqueólogo, escritor e docente do curso de graduação em História da UNIFAP, refere que os moradores do Amapá, foram aprendendo e conhecendo um pouco do universo estrangeiro, adquirindo assim alguns modos de vida dos americanos, como por exemplo, “comer enlatados”.

Com isso, desenvolveu-se naturalmente, sem a população perceber, um gosto e vício por produtos industrializados. Isso pode ser percebido na assimilação da língua inglesa, por parte da população, assim como peças de vestuário e as práticas alimentares, com destaque para o famoso refrigerante norte-americano, a Coca-Cola, trazidas com a forma de vida americana. Registra-se nesse período, o aumento do consumo de utensílios domésticos, os quais passaram a integrar o cotidiano da cidade que ansiava por se tornar moderna. Dentro da perspectiva do moderno, essa incorporação na rotina das famílias brasileiras, relaciona-se com a tentativa de diminuir o tempo gasto em certas atividades e sua proporcional disponibilidade para a realização de outras atividades necessárias.

Apesar de todos os significados ventilados pela *american way of life*<sup>20</sup> sobre a população da região amapaense, durante os poucos anos de fervor desenvolvimentista, tudo se dissolveu em velocidade superior à que foi erigida, restando àquelas pessoas apenas lembranças de um prematuro Eldorado. De acordo com Nunes Filho (2014):

---

<sup>20</sup>*American way of life* foi usado na década de 1940 para descrever o estilo de vida e os valores que eram considerados típicos dos americanos na época. Este termo enfatizava a importância da família, do trabalho árduo, investimento e aquisição de bens de consumo e do patriotismo. Além disso, a década de 1940 foi marcada pelo boom econômico e pela ascensão da classe média, o que contribuiu para a popularidade do "American way of life". No entanto, esse conceito também se pautou como forma de homogeneizar a cultura americana e promover o conformismo.

O fim da SGM na Europa representou para muitos, uma nova era de modernidade tecnológica e progresso econômico, por isso, resultou em comemoração. Porém para a pequena população do município de Amapá, do atual estado do Amapá-Brasil, representou o oposto, ou seja, a notícia do fim da SGM foi recebida, inicialmente com festa, mas, em poucos dias, com a partida gradativa dos militares dos EUA que serviam na BAA para seus locais de origem, tornou-se um fato odiado, pois, com o fim da SGM desmontou-se toda a estrutura econômica (acordos comerciais, contratos de trabalho, venda de gêneros alimentícios e equipamentos, comércios e serviços, etc.) que foi montada na BAA, para atender o funcionamento da máquina de guerra. Desta feita, a maioria da população nativa e temporária residente no município do Amapá e municípios do entorno, viram parte ou quase toda a sua renda mensal ou semanal sumir como uma explosão de uma bomba (NUNES FILHO, 2014, p. 301).

Ainda que muito breve tenha sido esse período áureo da cidade do Amapá, Nunes Filho (2014) chama atenção para um fato interessante e que convém ser pontuado neste trabalho. Segundo o autor, juntamente ao progresso instaurado na região, foi construído um espaço de lazer para os soldados norte-americanos e moradores dos arredores, vejamos:

Os norte-americanos também construíram um cassino onde se apresentavam atores, cantores como Carmem Miranda, Grande Otelo, Dinamar e Dinamor, atrizes e o tão popular – nos Estados Unidos, é claro – jazz. Este cassino foi construído para aliviar a pressão daqueles tempos difíceis. Outras opções para o lazer dos norte-americanos eram os jogos de mesa e jogos como futebol e *basebol* além de programações com músicas e danças que faziam a alegria não só dos americanos como também da população jovem, em especial as mulheres (NUNES FILHO, 2014, p. 316).

Entretanto, Nunes Filho destaca que, por insuficiência de fontes, fora inviável reconstruir, ou aprofundar, qualquer extensão social e artística desse cassino no contexto do conflito. Todavia, é importante destacar essa memória de guerra que circunda o Amapá e compreender que as manifestações artísticas estiveram presentes dentro desse espaço, assim como foram recorrentes ao longo de todo o período da segunda guerra em diferentes bases, tanto as dos aliados (França, Inglaterra, EUA e URSS), quanto as do Eixo (Japão, Itália e Alemanha).

Entre os poucos rastros deixados sobre a atividade cultural na BAA, o Jornal Amapá abriu espaço no dia 05 de maio de 1945 para registrar a passagem por terras amapaenses, de uma atriz norte-americana, que à época, fazia visitas em bases norte-americanas espalhadas pelo litoral norte e nordeste, a fim de saudar seus compatriotas, que se empenhavam em diversas frentes de trabalho durante a SGM.

**Kay Francis<sup>21</sup> esteve nesta capital**

Em dias desta semana, estive em visita a Macapá, onde se demorou três horas, a grande artista cinematográfica Ray Francis. Viajando em avião transporte norte-americano, aquela conhecida estrela do “ecran”, após almoçar em companhia de seus compatriotas meteorologistas do exército estadunidense aqui baseados, - majores Charlton J. Fincher, Charles D. Blackwell (ambos do Corpo Aéreo), tenente Oliver P. Stockwell (da Marinha) e outros estive em visita de cortesia ao Sr. Governador Interino, indo depois conhecer a histórica Fortaleza de Macapá, que percorreu em companhia do Sr. Governador interino e sua esposa e autoridades territoriais, posando ali gentilmente para fotógrafos. Mais tarde prosseguiu viagem para a base do Amapá em visita aos americanos ali existentes (JORNAL AMAPÁ, 05 maio 1945).

Após incansáveis pesquisas acerca de possíveis vestígios da produção cultural neste período, encontrei algumas imagens que retratam manifestações culturais na BAA; todavia, o espaço não reflete a estrutura de cassino, como citado por Nunes Filho (2014). Entre elas, destaco as Imagens 6 e 7 (abaixo) que, segundo a fonte consultada, apesar da imprecisão de datação e autoria, tratavam-se de apresentações musicais e de dança para o público baseado, tendo como objetivo promover momentos de distração e esquecimento/respiro relativos ao confinamento na selva densa. É possível perceber na imagem 6, dois artistas tocando violão para uma plateia organizada em uma semi arena. Ao lado direito, uma estrutura em formato de tenda circular coberta, com a presença de dois homens, um deles sem camisa, sentado sobre uma espécie de banco mais alto, e o outro de terno. Esses mesmos personagens aparecem na imagem 7, ao fundo de duas dançarinas com traje havaiano. Logo, é possível deduzir que tais apresentações culturais se deram no mesmo dia.

---

<sup>21</sup> Kay Francis nasceu o 13 de janeiro de 1905 em Oklahoma City, Oklahoma, EUA. Era atriz e produtora e foi conhecida pelo seu trabalho em *Capricho Branco* (1934), *Ladrão de Alcova* (1932) e *Raffles* (1930). Foi casada com Kenneth MacKenna, William Gaston e James Dwight Francis. Morreu o 26 de agosto de 1968 em Nova Iorque, Nova Iorque, EUA. Disponível em: [https://www.imdb.com/name/nm0290215/?ref=nm\\_rvi\\_nm\\_i\\_1](https://www.imdb.com/name/nm0290215/?ref=nm_rvi_nm_i_1). Acesso em 15 mar 2023.

Imagem 6: Apresentação musical na Base Aérea no município de Amapá (AP)



Fonte: Foto/Reprodução. Disponível em: <https://www.sixtant.net/2011/artigos.php?cat=u.s.-navy-bases-in-brazil&sub=u.s.-navy-bases-&tag=3>usn-naf-amapa. Acesso em 15 mar 2023.

Imagem 7: Apresentação de dançarinas na Base Aérea no município de Amapá (AP)



Fonte: Foto/Reprodução. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/grappie/10656627335/in/album-72157651217308026/>. Acesso em 15 mar. 2023.

Contudo, a imposição presidencial sobre a instalação da sede do governo territorial não coadunaria com os desejos de Janary Gentil Nunes, futuro governador do TFA (empossado no dia 27 de dezembro de 1943; portanto, três meses após o decreto-lei que conferia à cidade do Amapá o título de capital do TFA), que logo ao assumir o cargo arrolou uma série de dificuldades para a concretização do decreto como destaca Santos (1998):

A cidade do Amapá, apesar da localização geográfica, quase equidistante dos extremos do Território, apresentava dificuldades de acesso e comunicação com as demais áreas, para funcionar como polo irradiador de ações e decisões governamentais objetivando a promoção do desenvolvimento regional, na época. Somente poderia ser alcançada pelas vias aérea e marítima, ressaltando-se que, através de aeronaves mediante permissão estrangeira, e por embarcações, periodicamente decorrente de questões hidrográficas. O aeroporto era o da base militar aérea norte-americana e para se ter acesso aquele núcleo urbano por água, necessário se fazia, primeiro navegar pelo Oceano Atlântico, em seguida pelo estreito, pouco profundo e acidentado rio Amapazinho (SANTOS, 1998, p. 30-31).

As críticas à sede governamental do TFA na cidade do Amapá, provenientes também de Macapá e de Belém, foram logo encaminhadas ao presidente Getúlio D. Vargas. A elas, foram agregadas alegações do próprio governador Janary, acerca de projetos mais promissores para a cidade de Macapá, devido ao seu alto potencial histórico e estrutural. Dentre eles, o fato de Macapá estar situada na foz do Rio Amazonas e, com isso, as possibilidades de fortalecimento econômico e mercantil e a construção de uma via de integração entre Macapá e a região do Oiapoque (fronteira com a Guiana Francesa), entre outros. Ressalta-se que essa via de acesso, conhecida como Br-156, foi iniciada em 1940 e, hoje, é conhecida como a obra incompleta mais antiga do país, num total de 595 Km, entre as cidades de Macapá e Oiapoque e ainda conta com cerca de 110 Km, sem pavimentação asfáltica no trecho Calçoene – Oiapoque, o que gera inúmeros contratemplos para as pessoas que nela trafegam causadas pelo excesso de atoleiros, principalmente durante o inverno amazônico.

Após oito meses da instauração da sede administrativa do governo territorial na cidade do Amapá, os conflitos orbitantes acerca desta escolha chegaram ao fim, pelo Decreto-Lei nº 6.550, de 31 de maio de 1944, que oficializou a transferência definitiva da capital do TFA para a cidade de Macapá, tornando-a irradiadora do novo regime político, por parte um mesmo grupo gestor. Esse grupo inicia-se com o próprio Janary, de 1944 a 1956, ano em que deixa o cargo de governador territorial para assumir como presidente da Petrobrás. Contudo, mesmo distante fisicamente do cargo no TFA, Janary consegue interferir politicamente na região a partir as alianças políticas com os gestores territoriais até o ano de 1970. A finalização deste período

tem ligações com a insuficiente força política após o término de seu segundo mandato como deputado federal em 1970, aliado às pressões emanadas do cenário da ditadura militar.

### 2.3 CENA III – JORNAL AMAPÁ, DE IMPRENSA OFICIAL AMAZÔNIDA LOCAL À FONTE DOCUMENTAL

#### **U Amassu I U Dubradú (3ª parte)**

U terceiro mé chegú  
 Muito ante d'eu chega  
 Este-um só m'infeitú  
 Cum ané i cum cocá  
 Mé deu broche dé bambú  
 Mé incheu de acaneté  
 Sé assustu-sé cuns tambú  
 Mas comigo fui dança  
 Incantú-se cum quitum  
 I quitum i tracatá  
 Quando u dia clariú  
 Sé arvorú me namurá  
 Mé pintú de urucú  
 Quis comigo sé casá  
 Nu imbalo du quitum  
 I quitum e tracatá  
 Já u quarto mé chegú  
 Vindo lá dé Macapá  
 Trouxe um ramo dé fulô  
 Chuculate i guaraná  
 -que caboco sedutú!-  
 Se assanhú pra mé bejá  
 Disse que eu tenho jambu  
 Nu meu beço de alguidá  
 Mas num su dé qualque um  
 Cuidei logo dé avisá  
 Lhé mandei tumá cupu  
 Açú mesmo é meu sonhá  
 Incuntrá u meu amur  
 I cum ele m'incantá  
 Nu cumpasso du quitum  
 I quitum e tracatá

**Intérprete: Patrícia Bastos**

**Composição: Dante Ozzetti / Joãozinho Gomes**

No tocante à história da imprensa na Amazônia e, conseqüentemente, na região amapaense, muito se assemelhou ao cenário nacional, sendo possível percebê-la como propulsora informativa do movimento político, tanto o emanado pela própria região, quanto o ventilado pelas outras unidades federativas. Yurgel Caldas e Manoel Souza (2019), esclarecem que:

A editoração dos primeiros jornais na Amazônia contou com tecnologia importada da Europa, cuja condição para sua chegada deu-se principalmente pela inserção da região no mercado econômico internacional, em função do ciclo da borracha na região (segunda metade do século XIX e início do século XX), com a oferta do produto especialmente para os países da Europa. Nesse

contexto, as duas maiores cidades da região, Belém e Manaus, incorporavam-se na era da modernidade, a partir do modelo de urbanização europeia, vivenciando a chamada Belle Époque que tem como referência a modo de vida glamoroso da sociedade burguesa europeia, sobretudo parisiense. No Amapá, o cenário no qual a atividade de imprensa foi criada se aproxima muito de como funcionou os primeiros serviços tipográficos em outros espaços da Amazônia e, de certo modo, das condições em que também funcionou inicialmente a imprensa nacional, especialmente no que diz respeito aos homens mais “letrados”, a quem lhes foram dadas prerrogativas de tradutores, intérpretes e porta-vozes das ideias daqueles que estavam no poder (CALDAS; SOUZA, 2019, p. 207-208).

O Jornal Amapá, principal fonte documental nesta pesquisa, disponível no setor de obras raras da Biblioteca Pública Estadual Profa. Elcy Lacerda (imagem 8), na cidade de Macapá – AP, situada ao lado da Igreja de São José de Macapá, o padroeiro da cidade, e ainda, aos fundos do Teatro das Bacabeiras<sup>22</sup>.

Imagem 8: Setor de obras raras da Biblioteca Pública Estadual Profa. Elcy Lacerda



Fonte: o autor (2019)

<sup>22</sup> Construído entre os anos de 1984-1990, foi inaugurado como Cineteatro de Macapá, e após dois anos recebeu o nome de Teatro das Bacabeiras. Vinculado à Secretaria de Cultura do Estado do Amapá (SECULT), é o prédio de maior opulência no campo cultural da capital amapaense. Este destaque do patrimônio arquitetônico de Macapá, estruturado à italiana, possui 705 poltronas dispostas para uma plateia dividida em dois pavimentos (térreo e mezanino).

Em sua tese de doutorado, intitulada: *Imagens, memórias e discursos: a construção das identidades amapaenses no Jornal Amapá – 1945 a 1968*, Manoel Azevedo de Souza<sup>23</sup> (2016), descreve sobre o Jornal Amapá, vejamos:

O Jornal Amapá foi o periódico amapaense que atingiu a mais longa duração na fase de território federal. Foram 1479 edições entre os anos de 1945 a 1968 e mesmo considerando que, de um modo geral, o Jornal Amapá pouco apresentava em relação aos aspectos críticos, visto que predominava o informativo, o opinativo e o entretenimento, há de se reconhecer que, do ponto de vista da informação foi responsável por uma maior divulgação do Amapá tanto no cenário regional quanto nacional (SOUZA, 2016, p. 17-18).

De acordo com o *Relatório de Atividades do Governo do Território Federal do Amapá*, Nunes (1946), descreve sobre o cenário encontrado no setor de publicidade ou propaganda encontrado no TFA.

Na época da criação do Território, não havia, em todo o Amapá, nenhuma oficina gráfica, nenhum meio de publicidade ou propaganda. Macapá, que tivera nos fins do século XIX e em princípios do presente [século XX], um jornal, denominado “Pinzônia”, e, mais tarde, os órgãos “Arauto da Verdade” e Correio de Macapá”, de circulação local, estava desaparelhada nesse sentido ao ser instalado o Governo Territorial” (NUNES, 1946, p. 13-14).

Nunes (1946) afirma que ao se instalar o TFA, foi preciso adquirir uma oficina gráfica destinada à impressão de material de expediente e a outros fins de divulgação. Desta, pouco mais de um ano após a instalação do governo territorial, surge o Jornal Amapá, o primeiro jornal impresso do TFA. Este noticioso foi um importante veículo de informação oficial do governo. Nele é possível encontrar textos do próprio governador Janary Nunes, entre outros, sem nenhum tipo de vestígio autoral, que trazia em suas páginas decretos governamentais, premissas de saúde, propagandas comerciais, acontecimentos policiais e esportivos, além de informações a respeito dos eventos que aconteciam no Cineteatro Territorial de Macapá, como palestras educativas, apresentações artísticas musicais, filmes norte-americanos, pronunciamentos do governo e equipe, espetáculos teatrais de grupos locais e de outros estados brasileiros. Caldas e Souza (2019), referem que:

Desde o primeiro número e na sua primeira página, o Jornal Amapá já se anunciava como um mecanismo não apenas de difusão dos programas do

---

<sup>23</sup> Graduado em Letras pela Universidade Federal do Pará (1982); Especialista em Educação pela Fundação Getúlio Vargas (1990); Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Amapá (2011) e Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (2016). Professor adjunto da Universidade Federal do Amapá e membro da Academia Amapaense de Letras.

primeiro governo do recém-criado Território Federal do Amapá, mas também como um espaço de divulgação e afirmação das identidades amapaenses. Pode-se dizer que o Jornal Amapá foi um periódico feito pelo governo do Território Federal do Amapá voltado primeiramente para atender aos seus interesses. Basta observarmos, por exemplo, que era comum em quase todas as edições, discursos elogiosos ao Amapá feitos por figuras públicas, especialmente políticos, militares e jornalistas que visitam pela primeira vez o Território Federal do Amapá. Assim, é interessante verificar que, se por um lado o Jornal Amapá enfatizava mais as notícias sobre a “prosperidade” que vinha acontecendo no novo território federal, por outro, tornou-se o veículo de comunicação mais eficiente da época, que aos poucos foi ganhando maior penetração na comunidade amapaense, principalmente quando aumentou o número de alfabetizados – condição em que o jornal passa a ser mais lido (consumido) (CALDAS; SOUZA, 2019, p. 208-209).

Mauro Cezar Coelho, doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, docente no curso de graduação em História e no Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da UFPA, em sua obra, *De caboclo a brasileiro: Estado e nacionalidade no território federal do Amapá* (2004), afirma que o Jornal Amapá, instrumento do Serviço de Imprensa e Propaganda (SIP) fora criado sob a sombra do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Acerca desses serviços, o autor destaca que:

O DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) trabalhou com o objetivo de modificar o caráter do discurso jornalístico: a crítica política, o debate partidário, a expressão da opinião pública foram substituídos pelo discurso pedagógico, personalista, doutrinário, educativo. Seu trabalho resultava em uma manutenção do Estado, não mais o lugar no qual a sociedade é representada, mas o lugar a partir do qual a sociedade é formada e conduzida. O SIP (Serviço de Imprensa e Propaganda) constituiu-se no sucedâneo do DIP no Amapá. Suas responsabilidades compreendiam a divulgação dos atos do governo, das informações de interesse público e, também, organização de festas cívicas, o estudo de fatos históricos e geográficos, a coordenação de todas as atividades intelectuais que visassem a propaganda e conhecimento do Amapá nos outros pontos do país. O jornal Amapá foi instrumento do SIP nesse empreendimento. Ele buscou dar conta de uma representação do Estado, da região, da memória regional e nacional. Por se tratar de órgão da administração pública, esteve submetido diretamente aos interesses dos governantes. Composto de quatro a oito páginas, com edição semanal, figurou como único órgão de imprensa no Território Federal do Amapá, nos primeiros anos de sua formação. O [jornal] Amapá representou, ainda o modo de fazer política instaurado no Território: a privatização da coisa pública, transformando a ação do estado em beneplácito do chefe do executivo (COELHO, M. C., 2004, p. 149).

A primeira página do Jornal Amapá, de 19 de março de 1945, em sua primeira edição, dia de São José, o padroeiro da cidade de Macapá, o autor (não identificado no impresso), faz saber sobre os interesses do veículo de informação.

Imagem 9: Primeira edição do Jornal Amapá

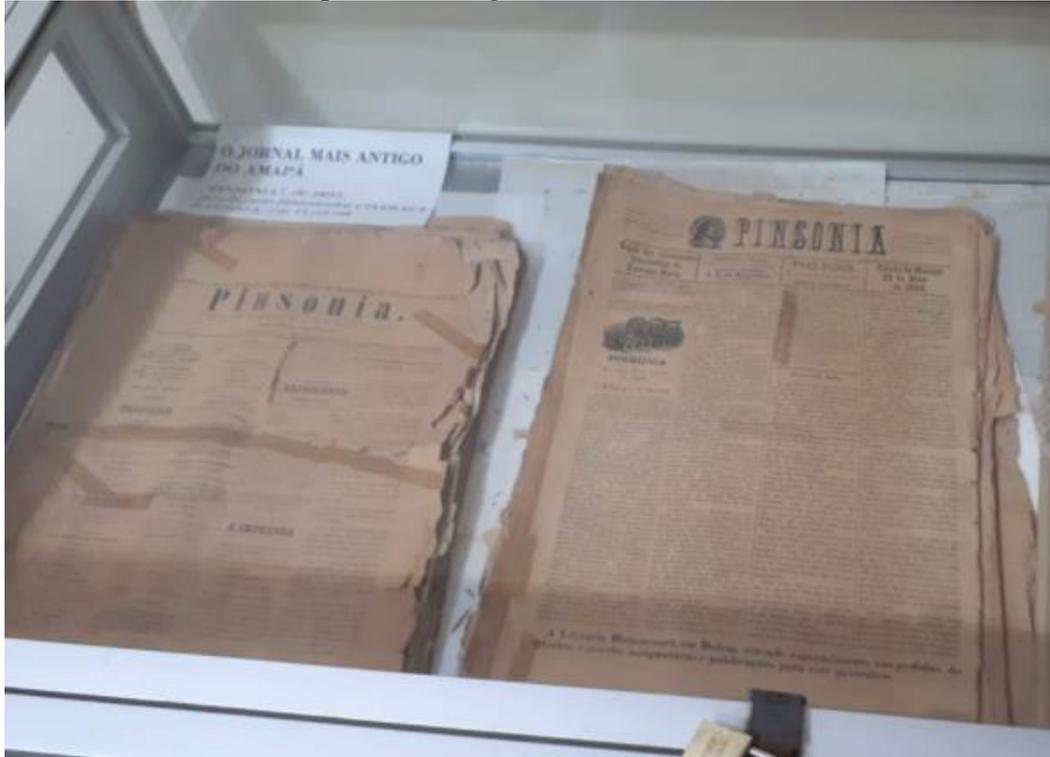


Fonte: do autor (2019).

Fazendo circular hoje o primeiro número deste jornal, órgão oficial da administração pública. O governo do Território Federal do Amapá alcança um novo setor do programa que se traçou a cumprir. Desde o semanário “Pinzonias”, editado em Macapá pelo jornalista e político Mendonça Júnior, o Múcio Javrot da literatura paraense, que esta região não dispunha de imprensa. Sinal de decadência, o desaparecimento de “Pinzonias”, nos primeiros anos deste século, bem representou a desvalorização econômica, social e humana destas terras. Ressurge, com o governador Janary Nunes, o jornal do Governo para o povo, uma demonstração eloquente de que novos tempos são chegados, foi iniciada uma era de trabalho e de progresso para o Amapá. Este órgão de publicidade é destinado à divulgação da obra do Governo, em seus aspectos oficiais, e no noticiário geral de exclusivo interesse público, conforme os leitores poderão verificar em suas páginas. Este número do “Amapá” é o marco zero de uma longa marcha que encetamos em prol da divulgação e da expansão do porfioso combate que se trava pela completa integração do brasileiro em seus legítimos domínios (JORNAL AMAPÁ, 19 mar. 1945).

Sobre o “Pinsonia”, referido no texto acima, ressalto que é possível observar algumas de suas edições; porém, sem acesso físico devido ao estado de conservação. Suas páginas amareladas e com esfrelamentos em diversos pontos, acondicionada em uma caixa com tampo de vidro, encontra-se também no setor de obras raras da Biblioteca Pública Estadual Profa. Elcy Lacerda.

Imagem 10: Exemplos do Jornal Pinsonia



Fonte: o autor (2019).

O pesquisador Adalberto Paz (2015), relata que o Pinsonia possuía estrutura simples, bem semelhante a estrutura dos jornais do final do séc. XIX como “A Província do Pará” e “A República”, publicados em Belém-PA. Contando com no máximo quatro páginas, tinha como objetivo “se tornar porta-voz das especificidades econômicas, sociais e políticas daquela porção do território nacional, à margem esquerda do rio Amazonas” (p. 01). Contudo, o tabloide amapaense obteve um reduzido número de publicações, sendo extinto poucos anos depois de sua primeira edição. A esse respeito Souza (2016) afirma que:

As atividades tipográficas e a veiculação de jornais no Amapá são anteriores a seu desmembramento do estado do Pará, com a criação do território federal, em 1943. O primeiro jornal a circular no Amapá foi o Pinsonia, em 1895 por iniciativa de Joaquim Francisco de Mendonça Junior e de José Antonio de Siqueira. O nome do periódico está relacionado a uma homenagem prestada ao navegador espanhol Vicente Yánes Pinzón, descobridor da foz do Rio

Amazonas, em 1500. O Pinsonia era impresso no formato tabloide, com circulação semanal. Ressalte-se que suas primeiras edições não foram feitas no Amapá, mas em Belém. Em 1897 chegam a Macapá máquinas alemãs para a impressão do referido jornal. Durante o período de circulação o jornal Pinsonia evidenciou em sua publicação referências à região Amazônica e as questões relacionadas ao cenário da cidade de Macapá. Desse modo os textos vão aos poucos ocupando espaço no jornal e os assuntos locais e regionais tornaram-se relevantes, mesmo assim, sua duração não passou de quatro anos (SOUZA, 2016, p. 102-103).

Como primeira ferramenta oficial de comunicação do governo territorial, para com os leitores e ouvidores, vez que o analfabetismo se fazia presente sobre grande parte da população amapaense, o Jornal Amapá apresentava uma narrativa jornalística própria, responsável por atribuir significados e valores que funcionavam como intermediários nas relações de poder no território amapaense. Contudo, refletir sobre os sentidos do discurso em torno da narrativa empreendida, leva-nos, primeiramente, a considerar as condições de sua produção e contexto. A partir desses aspectos, é possível refletir, por meio da política protagonizada pelo governador Janary Nunes, consonante às aspirações varguistas, a maneira como o discurso estabeleceu significados e provocou efeitos sobre os sujeitos envolvidos. A partir desse sentido, o discurso jornalístico do Amapá, apoiado pela pressuposição da verdade e da neutralidade, funcionou como braço governamental no processo de construção social.

Eni Orlandi (1993) reflete com Caldas e Souza (2019) que o:

Discurso jornalístico toma parte no processo histórico de seleção dos acontecimentos que serão recordados no futuro. E mais ainda: uma vez que ao selecionar está engendrando e fixando sentido para estes acontecimentos, a imprensa acaba por constituir no discurso um modo (possível) de recordação do passado (ORLANDI, 1993, p. 33, In: CALDAS; SOUZA, 2019, p. 205).

É importante ressaltar que para a utilização do jornal, como fonte documental histórica, é necessário que se compreenda o cenário sócio-político em que circulava, assim deve se levar em conta a identificação dos personagens que protagonizam os produtos ali veiculados e para qual público é direcionado, pois o meio jornalístico é também um lugar de poder e serve a determinados personagens que acabam por estruturar os registros, de acordo com seus interesses políticos, construindo, assim, uma memória histórica. Lilia Moritz Schwarcz, doutora em antropologia social, docente sênior do Departamento em Antropologia Social da USP, na obra *Retrato em branco e preto: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX* (1987), refere que:

Primeiramente, enquanto “produto social”, isto é, como resultado de um ofício exercido e socialmente reconhecido, constituindo-se como um objeto de expectativas, posições e representações específicas. As notícias, os fatos selecionados serão entendidos e recuperados, então, não enquanto situações que “realmente” aconteceram e cuja veracidade iremos comprovar, mas antes enquanto situações plenas de significação, sendo nesse sentido mais relevante apreender como se produziram, difundiram e repercutiram às vezes diversas interpretações de um mesmo fato do que buscar uma concepção única, onde operaria uma síntese empobrecedora das diferentes visões (SCHWARCZ, 1987, p. 15-16).

A utilização dos periódicos como fonte e objeto para a compreensão de processos históricos encontraram na década de 1930 um divisor de águas. O surgimento das concepções da História Nova, a partir da Escola dos Annales, propôs uma nova perspectiva na utilização dos periódicos, pulverizando o caráter tradicionalista embebido pela análise positivista destas fontes em prol de abordagens mais amplas, que buscasse destacar outros vieses do movimento político, social, cultural e econômico. Olhar a partir de prismas silenciados, por meio “dos vencidos” e não somente dos vencedores, prática usual do período progressivo.

Apesar da virada estrutural na perspectiva da análise e discussão dessas fontes proposta pela História Nova, o aparecimento e o protagonismo desses documentos nos campos da pesquisa ainda permaneceram marginalizados por algum tempo. Tânia Regina de Luca, doutora em História Social – USP, professora Livre Docente em História do Brasil Republicano pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, no texto *História dos, nos e por meio dos periódicos* (2008), refere que na década de 1970:

[...] ainda era relativamente pequeno o número de trabalhos que se valia de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história no Brasil. [...] Reconhecia-se, portanto, a importância de tais impressos e não era nova a preocupação de se escrever a História da imprensa, mas relutava-se em mobilizá-los para a escrita da História por meio da imprensa (LUCA, 2008, p.111).

A baixa aderência à utilização dos periódicos, durante grande parte do séc. XX, como fonte e objeto de investigação histórica devia-se ao fato de serem produtos carregados de objetivos bem específicos, estruturas alimentadas por interesses comuns a grupos seletos, lugar de poder e de disseminação ideológica, baseados na imparcialidade e nas distorções tendenciosas provenientes de uma rede de conveniência. Tais características distanciavam o pesquisador destes documentos, em busca de fontes “marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo” (LUCA, 2008, p.112).

Vale destacar que a manipulação e a difusão de valores abordados nos impressos nem sempre figurou de maneira a servir um único projeto político. Durante o regime político brasileiro em vigor na década de 1940, o Estado Novo, a imprensa apresentou certas ambiguidades e hesitações, e sofreu interferências significativas caracterizados pela censura, sendo “silenciada, ainda que por vezes sua própria voz tenha colaborado para criar as condições que levaram ao amordaçamento” (LUCA, 2008, p. 129).

Como procedimentos teórico-metodológicos adotados no tratamento das fontes, passamos a entender o discurso enquanto um lugar de poder. Dessa forma, apontar o ângulo de aproximação e análise, para depois delinear os grilhões de intervenção da vida cotidiana, ocultos, e não menos poderosos, presentes nas redações jornalísticas converge no sentido de contribuir, em larga escala, para o estudo. Essa análise deve compreender também o como é dito, o como é mostrado, para quem é direcionado, qual contexto social, político, econômico e cultural é construído e direcionado. Nessa senda:

Uma frente de trabalho que se abre ao analista de discurso, especialmente no jornalismo, é a que problematiza a prática do silenciamento (ORLANDI, 1997). O discurso jornalístico é, por definição, plural. Logo, seria de se esperar que o texto jornalístico expressasse, ao menos em parte, a pluralidade de visões sobre um determinado tema, mas nem sempre é o que acontece. Em estudos do discurso, o não dito tem tanta força quanto o dito. Para estudá-lo, porém, é preciso que o analista detenha grande conhecimento sobre a temática em questão - para, depois de mapear os sentidos presentes no discurso, identificar aqueles sentidos que, embora significativos, estão silenciados e analisar por que, afinal, estão ausentes daquele espaço discursivo. Assim, a análise do silenciamento, sem dúvida entre as mais fascinantes e produtivas dos estudos de discurso, só é aconselhada para pesquisadores que conheçam em profundidade a configuração histórica e social da temática em observação (LAGO, 2010. p. 115).

Dessa forma, a presente pesquisa se ampara na análise de discurso das edições do jornal Amapá, na compreensão do discurso implícito e explícito, para entender as dinâmicas e relações artísticas desse espaço, bem como compreender os meandros políticos que estruturavam as escolhas de filmes, espetáculos e eventos nas dependências do teatro.

Entender o jornal enquanto um produto dinâmico e que carece de inúmeras classificações para ser absorvido em uma pesquisa, na qualidade de fonte documental, é imprescindível nesse processo. Dessa forma, de acordo com Luca (2008), cabe elencar algumas características relevantes que podem apontar possíveis conjecturas sobre os grupos de origem e de destino de cada periódico. Segundo a autora:

[...] a forma como os impressos chegaram às mãos dos leitores, sua aparência física (formato, tipo de papel, qualidade da impressão, capa, presença/ausência de ilustrações), a estruturação e divisão do conteúdo, as relações que manteve (ou não) com o mercado, a publicidade, o público a que visava atingir os objetivos propostos. Condições materiais e técnicas em si dotadas de historicidade, mas que se engatam a contextos socioculturais específicos, que devem permitir localizar a fonte escolhida numa série, uma vez que esta não se constitui em um objeto único e isolado (LUCA, 2008, p. 138-139).

Acerca das informações veiculadas nos impressos, é imprescindível questionar a diferença entre notícia e interpretação. A imprensa seleciona, ordena, estrutura e narra o acontecimento de acordo com particularidades singulares, e esse produto sofre forças externas e internas, aproximando ou distanciando da neutralidade e da imparcialidade. Assim, apropriar-se dos periódicos como fonte e objeto de pesquisa, traz consigo a necessidade em identificar tais diferenças no intuito de minimizar possíveis falhas de discussão.

O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. Entretanto, ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação: é muito diverso o peso do que figura na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um grande matutino e o que fica relegado às páginas internas. Estas, por sua vez, também são atravessadas por hierarquias: trata-se, por exemplo, da seção "política nacional" ou da "policia"? (Já se mostrou como greves e movimentos sociais são sistematicamente alocados na última.) O assunto retorna à baila ou foi abandonado logo no dia seguinte? Em síntese, os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir (LUCA, 2008, p. 140).

A esse respeito, podemos reportar o trecho de uma matéria jornalística que procurou evidenciar que o dia 25 de janeiro de 1944, data da posse do Governador Janary, tornou-se um marco histórico, dividindo em dois momentos, radicalmente distintos, a história das populações do TFA. Na referida matéria, observamos uma sequência discursiva que apresenta uma aproximação do editor para com a construção de um discurso político hegemônico, silenciando o pretérito e intitulando o “novo” como o começo. Vejamos:

Macapá, quando foi instalado o Governo do Território do Amapá, apresentava aspecto de ruína [...]. Hoje há um sentido de renovação em todos os setores das atividades públicas e particulares. Os primeiros funcionários que aqui aportaram sentiram a falta de acomodações, mas o Governador o Sr. Janary Nunes, atacou o problema dando o início, desde logo, à construção de uma

vila de casas de madeira, simples, porém confortáveis, destinadas aos servidores do Território (JORNAL AMAPÁ, 04 ago. 1945).

Dessa forma, observa-se no instrumento oficial de comunicação, o destaque especial para com a figura do Governador Janary Nunes, atribuindo a ele o título de responsável pela vertiginosa ascensão de “todas” as condições da região amapaense. Razão pela qual torna indispensável, não mais que outras, um confronto contínuo entre os dispostos nesses periódicos e o que se sabe realmente sobre a história do Estado. Sobre a figura de Janary e sua política, podemos considerá-lo, por vezes, controverso. Apesar de seu governo autoritário, sua proximidade com o povo lhe rendeu muita popularidade e garantiu sua permanência no cargo, em tempos de extremas transformações no cenário governamental dos territórios federais à época. Acerca disso, pontuo parte do pronunciamento do Senador pelo Amapá, Randolfe Rodrigues, filiado ao partido Rede Sustentabilidade, graduado em História pela UNIFAP, Direito pela faculdade SEAMA – AP e mestre em políticas públicas pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, proferido dia 01/03/2012 na tribuna do Senado Federal em menção a figura de Janary Nunes como personalidade importante “não só para a formação da história do Amapá, mas também, e em especial, para a formação da história amazônica” (on-line).

Janary governou o Amapá numa época em que não havia televisão, em que não existia o chamado *marketing*, que hoje conhecemos. Mas ele, mesmo sendo militar, teve a perspectiva de governar no contato direto com o povo. É conhecida no Amapá a história de Janary em que, certa vez, estava na residência oficial e saiu. A sua esposa, no retorno dele, perguntou porque ele tinha saído tão tarde, e ele informa que Julião Ramos, claro amigo dele, estava acometido de uma doença e ele tinha ido lá prestar-lhe os primeiros socorros. Essa era uma característica que distinguia, primeiramente, esse amapaense, esse amazônida. Sem nenhum exagero, posso afirmar que Janary representa para o Amapá uma figura tão importante quanto Juscelino foi naquele período dos anos 1950 (BRASIL, 2012, on-line).

Todavia, não podemos considerar o seu apelo popular como um acaso. Essa perspectiva nasce dos resultados dos discursos propagados, entre outros, especialmente pelo Jornal Amapá, que servia não só como um periódico de notícias, mas também como um folhetim de informes das ações do governador, bem como os projetos que se instauravam no Amapá que nascia.

Fazer história dos processos implica fazer histórias das categorias com que os analisamos e das palavras com que os nomeamos. Lenta, mas irreversivelmente viemos aprendendo que o discurso não é um mero instrumento passivo na construção do sentido que tomam os processos sociais, as estruturas econômicas ou os conflitos políticos. E que há conceitos tão carregados de opacidade e ambiguidade que só a sua historicização pode

permitir-nos saber de que estamos falando mais além do que supomos estar dizendo (MARTÍN-BARBERO, 2001. p. 33).

Dessa forma, é observando o jornal Amapá enquanto esse espaço de construção de discurso que passamos a entender que notícias simples como anúncios de obras ou reproduções de falas e de discursos do interventor são eivadas de parcialidade, uma vez que o jornal, alinhado à política cultural janarista, fomentava ideias e imaginários na população amapaense.

A educação, por exemplo, tinha cadeira cativa nas páginas do Jornal Amapá. Suas edições valorizavam a importância da educação, e as ações relacionadas a política educacional janarista, dispostas em tons enaltecidos, propunham-se despertar nos mais novos, nas crianças, o interesse por reelaborar a cultura e as relações sociais locais que até então permaneciam arraigadas em um conservadorismo generalizado. O baixo nível escolar e o pouco conhecimento acerca de hábitos mais saudáveis que predominava entre os amapaenses, sejam em relação ao próprio corpo e saúde, sejam em relação à forma de trabalho, colocava-se como empecilhos ao seu estilo de governar. Era preciso reverter esse quadro para que se gerasse uma sociedade mais receptiva aos seus comandos, uma sociedade mais controlável.

No Amapá ela [a educação] terá de intervir em todos os setores de atividades: alfabetizando, porque se aprender a ler e contar não constitui sua finalidade, é, pelo menos, o processo inicial mais necessário para atingi-la; divulgando as regras higiênicas e sanitárias e criando a mística do caboclo sadio para combater o conformismo à doença; executando processos novos de cultura da terra, de assistência à criação; de organização administrativa e social; lutando contra o nomadismo, a casa miserável, a família sem tradição, o pauperismo; pregando a fixação ao solo e exemplificando com fatos a possibilidade de ser feliz na cidade ou no interior; propagando o dever de satisfazer os compromissos comerciais, o instinto da economia e o amor ao trabalho; ensinando a alimentação, o vestuário, o exercício, a alegria, o conforto, a crença; inculcando em cada indivíduo a noção de que pertence à coletividade brasileira; difundindo as diretrizes da geopolítica nacional de forma simples e acessível para que se tornem cogitação popular; plasmando a ânsia de melhorar seu corpo, sua família, sua pátria. Para atender a tantas imposições do meio, a escola não poderá ser somente a sala onde se ministra a aula, mas também o lar, a igreja, o campo agrícola, a floresta, o posto médico, a praça de esportes, as vias de comunicação, os meios de transporte, a oficina e a casa de comércio, o rádio, o teatro, o cinema, a biblioteca pública, as associações profissionais e beneficentes, enfim, se estende a todos os ambientes da vida regional (JORNAL AMAPÁ, 19 abr. 1947).

Em regimes autoritários, o controle da informação é uma das principais ferramentas para manter o poder e restringir a liberdade de expressão. Nesse contexto, os jornais assumem uma importância crucial, tanto para o regime quanto para uma população que busca informações sobre os acontecimentos políticos e sociais. Os regimes autoritários geralmente controlam os

meios de comunicação, incluindo jornais, rádios e televisões. Eles podem censurar notícias, proibir a publicação de determinados assuntos, ou até mesmo fechar meios de comunicação que sejam considerados opositores ao regime. Dessa forma, o acesso à informação pode se tornar limitado e parcial. No entanto, mesmo em situações de tensões políticas, os jornais podem desempenhar um papel importante na disseminação de informações e na defesa dos direitos humanos. Os jornais também podem ser importantes para o movimento popular, ao fornecer informações sobre protestos, manifestações e outras formas de resistência contra o regime, e esse caráter múltiplo do jornal pode ser compreendido dentro do conceito de um meio de comunicação de massa.

Desse modo, massa deve deixar de significar adiante anonimato, passividade e conformismo. A cultura de massa é a primeira a possibilitar a comunicação entre os diferentes estratos da sociedade. E dado que é impossível uma sociedade que chegue a uma completa unidade cultural, então o importante é que haja circulação. E quando existiu maior circulação cultural que na sociedade de massa? Enquanto o livro manteve e até reforçou durante muito tempo a segregação cultural entre as classes, foi o jornal que começou a possibilitar o fluxo, e o cinema e o rádio que intensificaram o encontro (MARTÍN-BARBERO, 2001. p. 70-71).

Por fim, os jornais podem ser importantes para a construção da memória coletiva e para a preservação da história. Em regimes autoritários, a história oficial muitas vezes é reescrita ou manipulada para servir aos interesses do regime. Os jornais podem ajudar a preservar a verdade histórica, documentando eventos e testemunhos que muitas vezes são esquecidos ou apagados pela narrativa

### 3 SEGUNDO ATO – MEMÓRIA CULTURAL IDENTITÁRIA

A memória, a identidade e a cultura são conceitos interligados que têm sido amplamente discutidos em diversos campos acadêmicos, incluindo dos estudos culturais, da antropologia, da sociologia, da psicologia e da história, dentre outros. Esses conceitos são fundamentais para a compreensão da forma como as sociedades e os indivíduos constroem e negociam suas identidades culturais ao longo do tempo, em meio a processos de mudança e de continuidade.

A memória, como um fenômeno social e individual, é central na formação e na transmissão da cultura e da identidade. Por meio da memória, as pessoas atribuem significado e valor a eventos passados, lugares, tradições e narrativas que são considerados relevantes para a sua identidade e pertencimento cultural. A memória também é uma ferramenta para a construção de narrativas coletivas e de histórias compartilhadas, que moldam a compreensão de uma comunidade sobre si mesma e sobre o seu passado.

A identidade, por sua vez, é uma construção social e cultural que se relaciona com a forma como os indivíduos e os grupos se veem e são vistos pelos outros. Uma identidade cultural é influenciada por fatores como etnia, gênero, religião, nacionalidade, classe social, entre outros, e é constantemente negociada e construída em um contexto específico. A cultura desempenha um papel fundamental na formação da identidade, uma vez que as normas, os valores, os símbolos e as práticas culturais moldam a forma como as pessoas se percebem e se relacionam com os outros.

Nesse contexto, a relação entre memória, identidade e cultura é complexa e dinâmica, envolvendo processos de seleção, de esquecimento, de reinterpretação e de recontextualização das narrativas do passado, em função das necessidades e interesses presentes. A memória e a identidade também são permeadas por relações de poder, uma vez que as narrativas e as representações culturais são moldadas por discursos hegemônicos e lutam por espaço e pensamento.

Diante disso, este ato busca examinar criticamente a interconexão entre memória, identidade e cultura, investigando como esses conceitos são entrelaçados e como se manifestam em diferentes contextos e perspectivas teóricas. Será realizada uma revisão da literatura e uma análise aprofundada das principais teorias e debates acadêmicos sobre o tema, destacando suas psicologias para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais, abrindo espaço para as discussões posteriores deste trabalho.

### 3.1 CENA I – MEMÓRIA E IDENTIDADES EM FOCO: UM “APAGÃO” AMAPAENSE

É, tá cada vez pior o Amapá  
 Do jeito que tá indo é pra acabar  
 A gente tá com cara de Zumbi  
 Não come nem consegue mais dormir  
 Sempre faltando água na torneira  
 A energia é só uma roubalheira  
 Não funciona nada por aqui  
 Tem que ressuscitar o Janary  
 O povo pena, o povo sofre  
 E já não sabe mais o que fazer  
 Tem gente que foi embora daqui  
 Tu jura que ela vai voltar pra aqui  
 Vumbora minha mana me dá uma água gelada  
 Que eu tô lascada, eu tô torrada  
 A fila do gelo é bem alí no Matapi  
 Pra piorar aumentaram o açai  
 A internet é um negação  
 Só Deus pode ser nossa salvação  
 Ô ô ô ô ô só Deus pode ser nossa salvação  
 Ô ô ô ô ô o Amapá precisa de atenção<sup>24</sup>

Nesta cena apresento o apagão que ocorreu no espaço que conhecemos hoje como Amapá, mas que já fora chamado de Território Federal; foram, também três cidades do Estado do Pará (Mazagão, Macapá e Amapá); já foi descrito como Capitania do Cabo Norte, sofrendo cobiça por parte dos franceses, dos holandeses, dos portugueses e dos espanhóis; mas que também já foi, originalmente, chamada de terra pertencente aos povos *tucujus*, *tapuiaçus* e *paliculires*, etnias indígenas que compõe o tronco étnico da gente desse lugar.

Contudo, quando uso o termo “apagão” não busco me referir ao episódio de novembro de 2020<sup>25</sup>, quando o Estado do Amapá ficou sem energia em 13 dos seus 16 municípios, deixando mais de 800 mil pessoas no escuro por 22 dias, evento hoje classificado por especialistas como o maior *blecaute* do país desde 1999<sup>26</sup>. Utilizo-me dessa expressão para falar

<sup>24</sup> Transcrição de uma música divulgada na página “Santana do Amapá”, no dia 08 de novembro de 2020, na rede social Facebook. No vídeo, duas adolescentes, cantam e tocam sobre as dificuldades vividas durante o apagão amapaense. Fonte: <https://fb.watch/jTj9sGtAdZ/>. Acesso em: 19 maio 2023.

<sup>25</sup> O período do apagão energético amapaense foi motivo para a edição do vídeo “Apagão no Amapá// Uma História de Horror Amapaense, postado na plataforma Youtube. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=JzZA\\_88pV9k&ab\\_channel=Haerivigs](https://www.youtube.com/watch?v=JzZA_88pV9k&ab_channel=Haerivigs). Acesso em: 11 maio 2023.

<sup>26</sup> O fato ocorreu no dia 03/11 e se gerou em decorrência da queima de um dos geradores na subestação de energia da zona norte da capital. O gerador era um dos poucos que abasteciam o Estado, e ao não resistir a uma forte chuva que acometeu a cidade, expôs a população local não só a prejuízos e desconfortos, evidenciou também a fragilidade e o descaso com o qual o poder público trata as zonas mais longínquas dos grandes centros (PACHECO; CASTRO, 2021, on-line).

do projeto de “apagão” na memória coletiva de povo recém elevado a condição de território, praticamente recém considerados Brasil.

Na esteira de entendermos mais o Amapá de transformações, como vimos no ato anterior, é primordial adentrarmos na discussão sobre memórias e silenciamentos, demonstrando que o projeto implementado no Amapá de 1943 vai muito além do que questões urbanísticas e governamentais. Ele toca sensivelmente na película cultural de um povo que assistiu, apático, suas memórias e seus valores serem ignorados por aquele que chegava prometendo progresso. Sendo assim, proponho essa cena visando discutir os espaços de memória (em suas disputas e/ou cerceamentos) que ocuparam o palco do TFA dentro da concepção histórica do lugar. Consecutivamente, e quase indissociável, abordaremos a forma como os símbolos nacionais e regionais foram utilizados na busca de uma construção de identidade social da comunidade amapaense.

A busca em silenciar a memória de comunidades que já residiam em dada região, e a implementação de verdades homogêneas a partir da edificação de mitos, de símbolos e de heróis nacionais para uma unificação de identidade e de pertencimento não é uma receita nova, pelo contrário, é base de uma colonialidade recorrente em espaços como o da América Latina. Regiões que foram, e ainda são, atravessados por múltiplos processos de colonização, sejam esses palpáveis, como a relação colônia e metrópole que conhecemos no período das invasões da América; ou sejam esses simbólicos, como nos processos de neocolonização cultural que se edifica com a instituição do capitalismo como modelo hegemônico de economia, tendem a vivenciar inúmeros processos de descolonização, mas sem passar pela experiência da decolonialidade.

Para entendermos essa relação ambígua, trago à baila os ensinamentos do professor Nelson Maldonado Torres (2019), professor associado do Departamento de Estudos Latinos e Caribenhos e do Programa de Literatura Comparada da *Rutgers University (New Brunswick)*, com estudos voltados para a seara da decolonialidade e epistemologia descolonizadora que, em uma das 10 teses sobre colonialidade e decolonialidade, apresenta-nos que “colonialidade é diferente de colonialismo e decolonialidade é diferente de descolonização”. Dessa forma, vivenciar a liberdade de uma colonização não necessariamente caminha junto com a experiência de um pensamento decolonial.

É complexo, mas a confusão entre esses conceitos não pode ser considerada um acaso semântico, mas um projeto que visa colocar colonialidade e colonização como sinônimos, para que o colonizado, ou o condenado, como versa o professor Maldonado Torres, não perceba que

mesmo quando se encontra liberto da colonização efetiva, ele nunca vai estar liberto da colonialidade cultural, artística, econômica e afins.

Em suma, colonialismo condiz com o período das “descobertas” e com a relação estabelecida entre metrópole/colônia; colonialismo moderno é compreendido como a colonização cultural de comportamentos, costumes e gostos como o *American way of life*, apontado na segunda cena do primeiro ato; enquanto que a colonialidade pode ser compreendida como a subjugação do outro como inferior sem necessariamente estar atrelado a relação colonial formal, apesar de que sempre que essa existe, aquela encontra-se presente.

Sendo assim, descolonização é o ato de emancipação política, institucional e, por vezes, financeira que a colônia consegue da metrópole; ao passo que a descolonialidade se refere a uma luta ideológica de desprendimento das armas morais, materiais e/ou simbólicas que os colonizados experimentam. Entender que as duas se completam, mas que não são sinônimos é um exercício de reivindicação dos conceitos em sua magnitude, não deixando que o colonizador os utilize de forma sarcástica ou depreciativa.

Colonialismo e descolonização são às vezes definidos de modo tão generalizante, que acabam se aplicando a todas as formas de construção do império e de resistência, desde o começo da humanidade. Mas quando sujeitos colonizados apontam para a relevância da colonização e da descolonização, eles tendem a se referir particularmente às formas modernas de colonização. A confusão massiva começa a ser feita quando o interlocutor imagina um conceito trans-histórico de colonialismo que se aplicaria tanto ao Império Romano na antiguidade quanto aos impérios não europeus anteriores à descoberta do Novo Mundo. A estratégia é simples: fazer do colonialismo um conceito geral para que ele perca especificidade e quaisquer implicações sobre o presente. Isso não significa que não há laços importantes entre diferentes formas de colonialismo e construção do império, bem como entre vários modos de desumanização; no entanto, a relevância contemporânea do colonialismo e da descolonização é perdida se esses conceitos são abordados apenas dessa forma (MALDONADO-TORRES, 2019, p. 35).

Assim, passamos a entender que as políticas de silenciamento de memórias, que ocorreram na implementação do Território Federal do Amapá, não se trata de uma singularidade dessa região; pelo contrário, é um processo da colonialidade que se perpetua em discursos de progresso e desenvolvimento.

Contudo, questiono: “progresso/desenvolvimento para quem? Afinal, se o progresso a ser implementado era para o povo amapaense, onde o povo estava nesse cenário? Que amapaense foi ouvido para ajudar a desenhar a política administrativa daquele gestor? Se a

população que ali residia foi remanejada para zonas periféricas, novamente questiono, para quem serviu então o dito progresso?

As fontes da época não proporcionam sólidas respostas para essas indagações, o que, por si só, já se apresenta como rastros do silenciamento. Assim, encaramos que o Amapá Território, esteve imerso na perspectiva de progresso como sinônimo de desenvolvimento, enquanto invenção e crença contemporânea (Steinbrenner; Castro, 2018). Ou seja, desenvolver, em linhas literais, é superar toda e qualquer estrutura que já estivesse anteposta naquela região, apagar o que um dia existiu e implementar o novo, que já nasce nas amarras da velha colonialidade.

Essa invenção contemporânea do desenvolvimento mora na necessidade que o condenado, que nega esse perfil, encontrou de se aproximar de padrões ditados como “certos”. A perspectiva de “não é bonito ter gente negra na frente da cidade, precisamos esconder essa gente” é só um extrato de uma política janarista fundada no apagamento, em um processo de não reconhecimento daquela gente ou daquele lugar e a busca por transformá-lo, mesmo que para isso fosse preciso silenciar memórias e histórias.

Essa perspectiva mora na estrutura do colonizado/colonizador se repetindo, e se disfarçando, na lógica do desenvolvido/subdesenvolvido, como se, mesmo ostentando o caráter de colonizado/subdesenvolvido (Brasil), a reprodução de padrões europeus e estadunidenses (colonizadores/desenvolvidos) deveria ser dita como verdade implantada pelo condenado aliado ao colonizador.

É evidente que esse ideal de progresso/desenvolvimento não é uma particularidade apenas do Amapá territorial. Esse projeto de modernização fora implementado (e falhou) em inúmeros países, ou deu certo, se pensarmos sob a ótica de que o colonizador/desenvolvido nunca impulsionou verdadeiramente um desenvolvimento pleno: eles reproduziam apenas discursos velhos, metamorfoseado de “novo”, que visava acentuar desigualdades sociais e enfraquecer povos tradicionais para que, assim, as riquezas naturais e a mão de obra desses países “em desenvolvimento” fossem colocadas a preço de feira no mercado internacional.

Dessa forma, reitero: progresso para quem? Pois o Amapá que se construiu em 1944 não pensou na população que já residia ali; pelo contrário, a primeira e mais clara medida do gestor era justamente retirar a população, em sua maioria negros, da frente da cidade de Macapá e construir casas em “padrões dignos” para os funcionários que desembarcavam na pacata cidade das bacabas.

Com a presença do gestor público e com ele o projeto de transformação do TFA, inclusive de investimento na estrutura urbana, que viesse a atender a nova realidade que ali estava se projetando, veio a intenção de ordenar e controlar o social distanciando-o de sua realidade de mundo natural. Postura política vinculada ao movimento de uma época e de concepções modernas que eram próprias desse gestor. Têm início, então, na cidade de Macapá as modificações urbanas para atender a uma categoria social (funcionários do executivo, legislativo e de órgãos financeiros) de padrão distinto do nativo, que se instalaria naquele espaço urbano a partir de 1944. Para tanto, Janary Nunes elegeu o centro urbano como lócus de apropriação atribuindo-lhe um sentido classificador, de ser área de moradias nobres e de edificação dos prédios administrativos. Propósito que o levou a fazer a higienização social do lugar, retirando os afrodescendentes que naquele local residiam (LUNA, 2017, p. 164).

Por mais contraditório que pareça, era como se no Amapá que se projetava não coubessem os amapaenses que ali estavam; dessa forma, objetivando causar mais inquietações do que respostas, reitero a pergunta: afinal, progresso para quem? Era como se nascesse um Amapá do futuro que não assistia seu próprio passado, em uma busca evidente de apagar memórias para que prevalecesse, sob Janary, o mito de “salvador” daquela gente. Nesta perspectiva, já ousou pontuar que qualquer semelhança com imagem difundida pelos órgãos oficiais do Estado Novo de Getúlio Vargas não se trata de mera coincidência.

Esse processo de apagamento reflete-se de maneira direta na memória coletiva do povo amapaense em que, de um lado se edifica uma história construída em silenciamento, e, lá para as bandas da favela e do laguinho, outra história é atravessada na memória daqueles que viram o Amapá se modificar. É oportuno destacar que entendemos por memória um dos elementos que constitui cada indivíduo; contudo, ou sobretudo, esse indivíduo não é único responsável por sua memória, ela perpassa pela coletividade até ser concebida. Ou seja, é possível falarmos de memória amapaense a partir da forma como os seus portadores as registraram e transmitiram.

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLAK, 1989, p. 15).

Assim, e a partir da fala de Michael Pollak (1989), não se deve entender a memória como algo “puro” e intocado, que nasce do indivíduo de maneira ingênua, como somos naturalmente levados a pensar. Antecedente à Pollak, a abordagem de Jacques Le Goff (1990) à memória inclui a investigação de como as sociedades recordam e esquecem eventos e figuras históricas, como a memória é preservada e transmitida por meio de narrativas orais e escritas,

e como é usada para construir identidades culturais e políticas. E ainda, como também é influenciada por contextos sociais, políticos e religiosos, e como ela pode ser usada para legitimar o poder e a autoridade. O autor argumenta ainda que a memória é uma força poderosa na construção da história e da identidade de uma sociedade, e que a compreensão de seu funcionamento ao longo do tempo pode ajudar a perceber as mudanças culturais, sociais e políticas em uma sociedade. Em sua obra *História e memória*, ressalta que “a memória não é somente uma conquista; é também um instrumento e um objeto de poder, na medida em que, pela dominação da recordação e da tradição, o grupo se afirma e se reconhece” (p. 476).

A memória é um processo de construção social desnaturalizado e, como todo processo de construção, é influenciada por questões e acontecimentos internos e externos, em que o produto final da memória é algo que atenda aos interesses de alguma espécie de elite ou grupo que detenha o poder sobre os outros em determinada circunstância.

Assim, a singularidade na memória coletiva do povo daquela região foi atravessada, de maneira permanente, pelas ações do então governador Janary Nunes, e isso é um fato imutável, afinal, o povo da pacata Macapá nunca mais seria o mesmo após o início dos projetos erguidos naquele lugar. O que podemos entender como memória individualizada é a maneira como cada um lidou com e/ou expressou os processos que os perpassara. Hugo Lovisolo (1989), em *A memória e a formação dos homens*, refere que, a respeito de comemorações de datas que se vinculam à memórias de maneira positiva, pública e intersubjetiva, as “organizações nacionais e internacionais promovem ações para nutrir e valorizar a memória, sobretudo aquela que espelha o caráter coletivo” (p. 16); ou seja, o sistema organizador destas memórias coletivas, por vezes tendenciosos, determinam as formas de construção da história, a partir da desvalorização das memórias individuais em detrimento daquilo que se deseja, realmente, contar. Neste ensejo, ressalta que:

É certo que a memória desvalorizada é a que resulta da vida de cada um, da capacidade de se lembrar, de fazer presente, de trazer à tona conteúdos. Contudo, o lembrar, o recordar[...], nem sempre foi desvalorizado na modernidade. Assim como a memória coletiva estaria estreitamente ligada à identidade do mesmo gênero, a memória individual se situaria como vetor constitutivo da identidade do eu. Entretanto, em ambos os casos, as operações de esquecimento seriam elementos produtivos da retórica da memória. Malhada ou desejada, carga ou ausência, a memória aparece como um tema recorrente na história do Ocidente (LOVISOLO, 1989, p. 18).

A memória pode ser percebida também como um espaço de trocas, de lutas e de deslizamentos de grupos, povos e sociedades, que, a partir do encontro, deixam-se trocar ou são

abruptamente invadidos, colonizados, adestrados, encontram outros pontos de contatos e (re)constroem sua própria identidade, a todo instante. Este processo de aproximações e distanciamentos dialoga com a tese da pesquisadora Bene Martins (2020), ao referir que,

As identidades estariam, a todo instante, se deparando com fronteiras e travessias, limites e limiares. A ideia de travessia ilustra concepções de identidades culturais em processo e em constante movimento de deslocamentos das fronteiras delimitadas excludentes. A travessia, pleonasticamente falando, romperia as delimitações e abriria novos inícios ou indícios para outro espaço. Esse espaço seria indefinido e aberto em função da instabilidade, de se localizar ou caracterizar uma identidade única. Por isso, a identidade é inapreensível enquanto um todo (MARTINS, 2020, p. 122-123).

A memória é um conceito que se amplia, ainda mais, se levarmos em consideração que a identidade social não é homogênea e, por vezes, essa é a forma mais objetiva que se tem para o entendimento de determinados contextos e recortes. Em Le Goff (1990), nas sociedades sem escrita, onde a oralidade era a principal forma de transmissão de conhecimento. Dessa forma, a memória desdobra-se de três maneiras particulares, as quais podem ser aplicadas às comunidades tracionais da Amazônia: 1) A primeira é ligada aos mitos de criação, uma vez que sempre existiu uma necessidade universal de interpretar e, principalmente, de propagar uma identidade ligada às origens de determinado povo, em busca de construir uma memória coletiva; 2) A segunda é uma memória genealogista, ligada a uma transmissão da história de determinada família apresentando sua linhagem, suas heranças materiais e culturais e seus fenótipos, em busca de construir uma memória comum aos indivíduos do mesmo clã; e 3) Já a terceira é a memória mística, e está ligada ao sacro que sempre esteve presente em diferentes períodos e de diferentes formas à sociedade, em especial em sociedades sem escrita ou tradicionais, onde a transmissão dessa memória se dá de forma oral e como instrumento de resistência cultural, nascendo assim uma memória mutável a cada geração, embora mantenedora de suas tradições.

Trazendo esse conceito para dentro deste estudo, entendemos que antes da criação do TFA, a região amapaense já apresentava traços importantes de memórias e de identidades, construídas desde os primeiros grupamentos de pessoas daquela região, e que, a partir de 1943, inicia-se um novo processo de transformação por meio da chegada de uma nova estrutura política, social, econômica e cultural. Assim, se a memória e as identidades são produtos sociais e históricos, logo, elas se encontram em constantes reformulações e em uma região longínqua como o Amapá, essa reestruturação fomentou interferências relevantes na memória e, consecutivamente, nas identidades.

Juntamente com a transformação da região em território federal, durante o auge da SGM, e a chegada de eletricidade, aviões, soldados se comunicando por meio de outro idioma que não o português, e diversas outras influências culturais externas, em uma localidade pacata, não poderiam passar despercebidos pelos moradores da redondeza. LUNA (2017) destaca que nesse período que envolveu a SGM, a região amapaense não recebeu apenas soldados e chefes das forças armadas Americana, mas também muitos moradores dos interiores do Pará, Amazonas e Guianas se direcionaram para a região, uma vez que se sabia da necessidade de mão de obra barata e que conhecesse as intempéries da Amazônia.

Além dessa memória construída entre as relações que os sujeitos estabelecem por meio das migrações ou do trabalho, outro condicionante na construção da memória são os locais de acontecimentos marcantes. Pollak (1989) destaca a existência do lugar de memória e que, diferente da memória coletiva, eles não são sujeitos à flutuação; porém, o valor ou a memória que a eles são atrelados pode ser ressignificado.

Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma relembração de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela. Para a minha geração na Europa, este é o caso da Segunda Guerra Mundial (POLLAK, 1989, p. 45).

Como o autor ressalta, o lugar de memória pode causar em uma comunidade uma lembrança mediata ou por tabela. Independente de quem viveu o momento, a memória será coletiva até que aquele monumento/praça/edifício seja ressignificado por uma nova geração. Isso pode ser observado, por exemplo, nas ruínas da antiga base aérea no Amapá, que as crianças da região não presenciaram os acontecimentos da guerra, porém, ao conviverem com as ruínas, elas absorvem essa memória de seus familiares e irão reproduzi-la quando chegar a hora.

Por tratar-se de um contexto de guerra, mesmo que não tenha sido a cidade do Amapá atingida em primeiro plano, falar sobre memória remete também a Walter Benjamin (1993), e a sua teoria sobre o silenciamento proveniente do trauma. Ao se referir sobre os soldados que voltavam do front de batalha emudecidos, relegando ao limbo da inconsciência as memórias mais sangrentas, percebo possíveis diálogos com os moradores da região, que também se viram amedrontados diante da situação que se instalara. Nunes Filho (2014) afirma que,

A Segunda Guerra trouxe a população do Amapá experiências novas até então desconhecidas, como no modo de vestir, comer e se divertir através de jogos de entretenimentos. Este novo contato trouxe coisas positivas e negativas. O lado positivo foi à assistência que os norte-americanos prestaram a essa população como serviços de atendimentos hospitalares e, como já foi dito, o envolvimento deles com a população em várias formas de lazer e entretenimento, esta parte trouxe a música, dança, bebidas, jogos, sorvetes, artistas que vinham de fora, etc., outro ponto positivo foi o aumento da população através dos novos descendentes dos soldados. O lado negativo tem a ver como o temor e o medo que tudo isso causou na população amapaense, onde muitos deixaram suas rotinas e passaram a conviver com o medo e o temor de a qualquer momento serem surpreendidos com invasões inimigas, outro ponto negativo foi o recrutamento dos jovens amapaenses para a guerra, onde os mesmos deixavam suas famílias para “ir para a guerra”, causando dor e sofrimento nos familiares (NUNES FILHO, 2014, p. 317).

Com isso, podemos entender que a memória do povo dessa região foi transpassada por inúmeros fatores concomitantes a criação do TFA, sejam eles à criação da base aeronaval, a gentrificação urbana, a chegada de meios de comunicação como serviço de autofalantes e o Jornal Amapá, e ainda a construção de edifícios educacionais e espaços culturais, como o Cineteatro Territorial.

Assim, mesmo que os eventos tenham sido os mesmos para todos, cada um vai interpretar/absorver de maneiras diferentes, uma vez que é a partir dos pontos em que estão inseridos que nasce sua memória individual. Dessa forma, se para determinado extrato da população amapaense, em geral os que estavam ligados a administração direta, o governo Janary foi benéfico, para outros amapaenses a recordação não é bem essa. Maura Leal da Silva, professora adjunta do curso de licenciatura em História e Mestrado Profissional em História, ambos da UNIFAP, doutora em História pela Universidade de Brasília, revela em sua pesquisa, *A cidade imaginada: histórias e vivências em Macapá nos primeiros anos do território federal do Amapá*, que:

Para tia Zefa, a implantação do Território Federal foi sentida de forma bem diferente daquela relatada por Benony. Como moradora antiga e estabelecida em Macapá há muitos anos, esse foi um tempo de incerteza, de insegurança, de mudança de todo um modo de vida assentado em hábitos simples, típicos de regiões rurais, onde o tempo parecia passar tão lentamente que mal era sentido. Para tia Zefa, depois de 1943, houve mais emprego em Macapá, mas, para a população residente, a fatura de trabalho foi mais na informalidade. Ela mesma chegou a trabalhar na capinagem para a abertura de novas ruas pela cidade: "Os homens derrubavam (inaudível) e a gente ia capinar para fazer o campo da aviação" (Silva, 2013: 11). Nas lembranças de tia Zefa, um dos momentos impactantes vivenciados nesse momento inicial do Amapá federal foi a desapropriação das terras em que moravam, de familiares e demais membros das comunidades afrodescendentes de Santa Engrácia (Praça

de Cima e Largo São José de Macapá) e o remanejamento pela administração pública para o Campus do Laguinho e para a Favela (SILVA, 2022, p. 302).

No relato, observamos que há um caminhar na contramão do discurso oficial, de que se instalava um Amapá do progresso, desenvolvimento e modernidade, com a chegada do capitão Janary e a implementação do TFA. Como bem vimos, tia Zefa deixa claro que a vida não melhorou em nada com a chegada da “modernidade”; pelo contrário, piorou, uma vez que quem já estava na região foi condicionado a subempregos, o que afetou de forma acentuada a qualidade de vida dessas pessoas.

Dessa forma, mesmo não podendo responder à pergunta inicial “progresso para quem?”, a essa altura já estamos aptos a entender que o progresso não foi para a tia Zefa, nem tão pouco para seus similares, que assistiram abasbacados as transformações que aconteciam na região, mas que em nada os beneficiavam diretamente; de certo, o dito progresso tinha classificação por cor e classe social. Contudo, memórias como a da Tia Zefa foram silenciadas e, no lugar, o mito Janary Nunes foi construído como um governador que trouxe progresso e tirou o Amapá de 1943 do buraco do esquecimento e marasmo. Bem, é aí que mora a discussão sobre identidade social e o uso de símbolos nacionais para a constituição dessa; afinal, a forma de silenciar/apagar o discurso do colonizado é o invalidando, a partir de um outro discurso hegemônico.

Em vários momentos, Maurice Halbwachs insinua não apenas a seletividade de toda memória, mas também um processo de "negociação" para conciliar memória coletiva e memórias individuais: "Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum (POLLAK, 1989, p. 3-4).

A maneira que essa “negociação” entre memórias que Pollak (1989) menciona, mora na esteira da construção de identidades sociais atravessadas por memórias oficiais, em especial quando falamos do nacionalismo que emergiu com os militares na Proclamação da República e depois, mais fortemente com Vargas em 1930, quando os símbolos nacionais e a história de heróis nacionais foram forjadas como certos e verídicos. Dessa forma, quando se instituíam feriados nacionais e se promoviam desfiles cívicos militares, a intenção não era uma rememoração simples de um passado, mas sim a criação de um sentimento de pertencimento, em que a partilha dessas ideias gerasse uma identificação entre indivíduos. Nessa senda, Thays Fregolent de Almeida (2018), afirma:

As histórias nacionais são reescritas constantemente e têm sido predominantemente empregues na identificação dos membros da coletividade, em oposição aos estranhos de fora. Celebrar a consciência nacional e a memória coletiva é uma maneira efetiva de estabelecer a fronteira que identifica os *membros* e os *estranhos* e de transcender as diferenças internas. Comemorar, estabelece a distinção entre aqueles que reconhecem o significado e o valor dos símbolos e aqueles que não reconhecem (ALMEIDA, 2004, p. 4).

Assim, quando o governo Janary conclamava a população para as comemorações nacionais, ou instituía dias de celebração de mártires amapaenses que lutaram para que o Amapá fosse pertencente ao Brasil, como o “heroico” Cabralzinho<sup>27</sup>, ele não buscava, com isso, simplesmente prestigiar um momento histórico, mas sim construir, a partir de um discurso de integração, um sentimento de reconhecimento e de pertencimento dos amapaenses a sua região e ao Brasil. Esses episódios recorrentes, como nos mostra o Jornal Amapá, nos quais as celebrações cívicas e os desfiles em feriados nacionais eram divulgados como grandiosos eventos, buscavam envolver todas as camadas da sociedade amapaense, inclusive as menos favorecidas, em prol de uma formação identitária nacionalista em curso, alimentada por uma memória coletiva que creditasse à figura do governador Janary Nunes, o crescimento social e econômico da região, abrindo largo espaço para a tentativa de instauração de sua política cultural janarista.

---

<sup>27</sup> O mito do herói Cabralzinho surgiu quase que espontaneamente às lutas que precederam as novas ordens das coisas, passando a ter essa representação pela imprensa e pela história oficial, ainda nos últimos anos que antecederam a decisão burocrática arbitral, que deu a posse definitiva das terras contestadas ao Brasil, da mesma forma que ocorreu com conflitos auríferos, que passaram a serem representados como lutas nacionalistas (SILVA, 2017, p. 265-266).

### 3.2 CENA II – PROCESSOS CULTURAIS, PERCURSOS E CONTEXTOS

#### **Cultura**

O girino é o peixinho do sapo  
 O silêncio é o começo do papo  
 O bigode é a antena do gato  
 O cavalo é pasto do carrapato  
 O cabrito é o cordeiro da cabra  
 O pescoço é a barriga da cobra  
 O leitão é um porquinho mais novo  
 A galinha é um pouquinho do ovo  
 O desejo é o começo do corpo  
 Engordar é a tarefa do porco  
 A cegonha é a girafa do ganso  
 O cachorro é um lobo mais manso  
 O escuro é a metade da zebra  
 As raízes são as veias da seiva  
 O camelo é um cavalo sem sede  
 Tartaruga por dentro é parede  
 O potrinho é o bezerro da égua  
 A batalha é o começo da trégua  
 Papagaio é um dragão miniatura  
 Bactérias num meio é cultura

**Compositor e intérprete: Arnaldo Antunes**

Dentre os inúmeros conceitos de cultura e de como ela se manifesta, fiscalizada ou não, quando nos leva a repensar sobre nossas próprias práticas sociais, numa tentativa de compreender sobre como certas nuances colonizadoras subvertem o status quo da cultura, constantemente, num processo dinâmico, eloquente, transformando a cultura em um lugar de poder e de reafirmação de classes. Maria Elisa Cevasco (2008), doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, e professora titular da USP, com pesquisas voltadas para os estudos de cultura e sociedade, em sua obra *As Dez Lições Sobre os Estudos Culturais*, revela que:

A palavra "cultura" entrou na língua inglesa a partir do latim *colere*, que significava *habitar* - daí, hoje, "colono" e "colônia"; *adorar* - hoje com sentido preservado em "culto"; e também *cultivar* - na acepção de cuidar, aplicado tanto à agricultura quanto aos animais. Esta acepção preponderante no século XVI. Como metáfora, estendeu-se ao cultivo das faculdades mentais e espirituais. Até o século XVIII, cultura designava uma atividade, era cultura de alguma coisa. Foi nessa época que, ao lado da palavra correlata "civilização", começou a ser usada como um substantivo abstrato, na acepção não de um treinamento específico, mas para designar um processo geral de progresso intelectual e espiritual tanto na esfera pessoal como na social – o processo secular de desenvolvimento humano, como em uma cultura e civilização europeia (CEVASCO, 2008, p. 9-10).

No que diz respeito às origens da nova abordagem, podemos dizer que, embora surjam no século XX, os estudos culturais se ligam a algumas tradições precursoras, entre essas, merece destaque uma problemática surgida em meados do século XIX na Inglaterra, que diz respeito as relações entre cultura e sociedade. O tema foi tratado por perspectivas variadas e a partir de autores diversos; contudo, cabe ressaltar que foi na Inglaterra vitoriana que se travou as primeiras discussões sobre os efeitos deletérios da publicidade e da cultura industrializada como um todo.

No campo da história, o historiador francês Jacques Le Goff (1990), no espectro da teoria da formação da cultura, destaca a importância da memória coletiva na formação e preservação da cultura. Segundo o autor, a memória coletiva é a base da cultura, pois é por meio dela que as tradições, os valores e as crenças são transmitidas de geração em geração. O historiador argumenta que a memória coletiva é construída ao longo do tempo, por meio da interação de diversas fontes, como tradições orais, escritas e monumentos culturais, e destaca que a memória coletiva é influenciada pelo contexto histórico e social em que está inserido, assim como pela atuação de grupos sociais e de instituições. Além disso, afirma que a cultura é dinâmica e está sempre em processo de mudança, durante o qual novos elementos são adicionados à memória coletiva ao longo do tempo, enquanto outros são descartados ou modificados. Sua teoria sobre a formação da cultura arregimentou fortes bases para a compreensão da importância da memória e da preservação da cultura, assim como na análise das mudanças culturais, sendo amplamente utilizada em estudos de história cultural, de antropologia e também em estudos culturais. A partir da Antropologia, por meio da etnografia, podemos analisar diferentes grupos humanos, até para identificar diferenças e semelhanças entre as culturas tão diferentes, no sentido de compreender como cada indivíduo dá sentido ao mundo.

Cultura e civilização, por muito tempo, estiveram a serviço de um só sentido. Tornar-se civilizado, isto é, render-se à máquina imperialista seria também dotar-se de cultura, diante das inúmeras e esmagadoras transformações do século XIX, emanadas pela Revolução Industrial. Essa conotação acerca do treinamento das faculdades mentais, começa a perder sentido a partir de 1950, quando se inicia na Inglaterra o processo de ressignificação da cultura, por meio da estruturação da disciplina Estudos Culturais. Nesse contexto, Cevasco (2008) aponta como figura central o pesquisador, crítico e escritor galês Raymond Williams (1921-1988), que observa como a cultura deixa de ser posse de um grupo seletivo, passando a ser compreendida a partir da antropologia, como modo de vida. De acordo com a pesquisadora, “o que Williams percebia nessa concentração do debate eram os primeiros passos gigantescos da nossa “era da

cultura”, assim denominada pelo predomínio dos meios de comunicação de massa e pelo desvio do conflito político e econômico para o cultural” (Cevasco, 2008, p. 11).

A partir de 1950, Raymond Willians nos leva a entender que a cultura não deve ser tratada em separado da política e da economia, como se fazia até então; pois, para ele, a cultura teria de ganhar contornos de discussão em uma maior amplitude. Esse processo dá início a estruturação do que conhecemos por estudos culturais. Neste campo, Cevasco (2008) elenca três obras fundamentais para se compreender essa nova disciplina: *Culture and Society, 1780-1950*, de Raymond Willians; *The Uses of Literacy*, de Richard Hoggart (1957), e *The Making of the English Working Class* (1963), de Edward Thompson, autores responsáveis por uma nova esquerda inglesa.

Os estudos culturais condensam uma área interdisciplinar que se concentra na compreensão e na análise da cultura, incluindo a produção, a circulação e a recepção de bens culturais e simbólicos; buscam, ainda, entender como a cultura é produzida, distribuída e consumida, assim como os processos políticos, sociais e psicológicos que a afetam. Entre os principais autores dos Estudos Culturais, também se encontram: a) Stuart Hall, conhecido por sua teoria da cultura como "construção social", argumentando que a cultura é construída através da interação social e que é influenciada por contextos políticos e sociais; b) Michel Foucault, que abordou a questão do poder e da cultura, argumentando que o poder é distribuído através da cultura e que a cultura é usada para controlar e regulamentar as pessoas; c) Antônio Gramsci, que desenvolveu uma teoria da "hegemonia cultural", que destaca a importância da cultura como uma forma de controle social e de manutenção do poder por parte dos grupos dominantes, e também d) Jean Baudrillard, conhecido por sua teoria do "simulacro", que argumenta que a cultura contemporânea é dominada por imagens e representações falsas que obscurecem a realidade.

Esses autores e suas teorias formam a base conceitual para a compreensão da cultura como uma forma de expressão e de resistência social, bem como na análise dos processos de poder e de controle que ocorrem na cultura. Todavia, para a concepção dessa pesquisa, ancoramo-nos em conceitos de Cevasco (2008), para entender as dinâmicas culturais que atravessaram o Amapá territorial, bem como seus reflexos das políticas administrativas de espaços artísticos, em discussão, o cineteatro.

No campo dos estudos culturais, subverte-se o entendimento da cultura como algo restrito a um grupo seletivo, a uma classe especial, que cria um único sistema de significados e de valores hegemônicos, responsável por formatar o processo de construção social da infraestrutura a partir de lugar em comum, a superestrutura, em prol de sua compreensão como

espaço mútuo de produções, de sentidos e de significados próprios, não mensurados e/ou julgados, mas em desalinho com a verticalidade do poder. Neste campo, não é possível estabelecer a cultura como algo comum a todos, uma vez que, para isso, é preciso que seja dado sentido ao que se produz, que se consome e que se relaciona. E isso se faz somente a partir do acesso democrático ao conhecimento e aos meios de produção cultural.

É importante ressaltar que, no século XIX, Matthew Arnold (1822-1898) percebe a cultura como espaço de poder operante na reafirmação de classes, ainda que em meio ao aumento de uma sociedade industrializada, a consolidação da divisão social, ao reflexo do crescimento econômico de grupos seletos e ao esmorecimento da religião como ferramenta apaziguadora em prol de uma ciência questionadora. De acordo com Cevasco (2008), Arnold (1993), pontua:

Permitam-me recomendar a cultura como um dos nossos principais auxiliares diante das dificuldades atuais, a cultura como busca da perfeição por meio do conhecimento, em todas as questões relevantes, do melhor que foi pensado e dito no mundo, e, por meio desse conhecimento, a capacidade de dedicar um pensamento renovado e livre a nossas noções e hábitos corriqueiros (ARNOLD, 1993 In: CEVASCO, 2008, P. 15-16)

Para Arnold (1993), a cultura seria capaz de estabelecer valores únicos à própria sociedade, atribuídas por uma elite intelectual e servindo de canal para o alicerçamento e a manutenção das distâncias entre as classes sociais, “onde a única distinção social será entre as elites e o resto da comunidade” (p. 16), uma espécie de ideologia de raças e de indivíduos superiores que reaquecem memórias como o movimento nazifascista que, infelizmente, além de motivar a Segunda Guerra Mundial, de maneira audaciosa, permanece encontrando personagens (ir)responsáveis em assombrar até nossa atual democracia.

Essa acepção de cultura como estrutura homogeneizante, posse de um pequeno grupo social e responsável em preservar especiais valores humanos para, posteriormente, por meio da educação, sanificar de maneira homeopática, hábitos divergentes de um modelo projetado, hegemônico, não passa de uma receita antiquada, que reduz, deturpa e invisibiliza uma polifonia cultural, a multiplicidade de significados e de valores, de codificação própria desverticalizada.

É muito usual utilizar o termo cultura, como algo comum à sociedade, para diferenciar os fenômenos artísticos e intelectuais a partir de códigos hierarquizantes. Os fenômenos são ranqueados a partir de uma atribuição tendenciosa de valoração, que estabelece como uns mais cultos do que outros, e isso, de certa forma, classifica e hierarquiza as pessoas, os grupos sociais, os comportamentos, as relações. Sob o prisma da antropologia, todas as sociedades são dotadas

de cultura – não existindo aquela mais ou menos imbuídas dessa – e capazes de dar sentido ao mundo, de interpretá-lo, a partir da comunicação e da linguagem; logo, sem exceção, dotadas de cultura. Podemos assim dizer que a cultura está presente em toda e qualquer manifestação humana: não há uma ação do homem esvaziada de sentido, pois há símbolos e códigos socialmente estabelecidos e compartilhados.

E a cultura, nesses termos, redefine os antigos conceitos herméticos do comportamento humano; e, para isso, é preciso desconsiderar os determinismos. As pessoas não possuem uma estrutura de percepção, de leitura e de relação determinada por instinto, por herança genética, por questões geográficas ou climáticas. As configurações culturais são moventes, fluidas, transitórias. Nesse viés, torna-se mais importante evidenciar e analisar quais são os símbolos criados e lidos, os códigos compartilhados por um grupo social, os processos de significação.

A cultura, então, seria o modo próprio de ser do indivíduo em coletividade, que pode se realizar de forma consciente, ou inconscientemente, construindo um sistema mais ou menos coerente. Há vários sistemas culturais entre diversas sociedades. O próprio pensar, o se comunicar, é articular a compreensão do mundo que cada sujeito faz. Assim, essa compreensão, a partir do pensamento, e externalizado na linguagem, liga-se a formação da cultura. A respeito da linguagem, Cevasco (2008) lembra que

O exemplo mais claro da dependência da criação de processos que são comuns à toda a sociedade é a linguagem; ela é um a prática social cujo significado é estendido e aprofundado por certos indivíduos, cuja criatividade depende do grupo social para sua inteligibilidade. A criação de significados é comum a todos, e suas realizações são parte de uma herança comum a todos (CEVASCO, 2008, p. 20).

A partir desta acepção, é possível refletir sobre como a cultura, enquanto lugar de poder, de formatação social, influencia os padrões de linguagem ao estabelecer modelos em polarização, por meio de culto e popular. A forma como se fala, escreve-se e lê-se diz sobre o lugar de onde se vêm, diz sobre os espaços que lhe é permitido ocupar e, principalmente, sobre os caminhos que lhe são reservados; isto é, quem alcança lugares de poder, utiliza-se de construções culturais para se manter neste lugar, e ainda, para arbitrar sobre o que deve ou não permanecer como elemento cultural inerente a um determinado grupo social. Essa categorização entre os modelos culturais polarizados é assinalada por Martin-Barbero (2001), ao dizer que

A invocação do povo legitima o poder da burguesia na medida exata em que essa invocação articula sua exclusão da cultura. E é nesse movimento que se geram as categorias “do culto” e “do popular”. Isto é, popular como in-culto, do popular designando, no momento de sua constituição em conceito, um modo específico de relação a totalidade do social: a da negação, a de uma identidade reflexa, a daquele que se constitui não pelo que é mas pelo que lhe falta (MARTIN-BARBERO, 2001, p. 37).

Essa hierarquização cultural por meio do “que lhe falta”, pontuada por Martin-Barbero (2001), ascende para profícuas discussões em torno das práticas sociais que são relegadas à marginalidade, por simplesmente conter traços divergentes da cultura em destaque. Neste contexto, os produtos de significação do “eu” tornam-se aceitáveis ou não, de acordo com o lugar de onde fala, se partem do centro para as bordas, ou em seu caminho contrário. A centralidade constrói o “nós”, e as flutuações marginais formam o “outro”. Essas relações, complexas e mutáveis são de constante conflito; embora reconheça-se que até mesmo estes espaços sejam dotados de intercâmbios, é preciso que a infraestrutura, a borda, a marginalidade exista, para que a superestrutura, o centro, o meio, continue a existir. A alta cultura precisa da baixa cultura, ou cultura primitiva, para manutenção da distância entre as elites e tudo aquilo que não é, aquilo que sobra, que não está contido por não conter. Carlo Ginzburg (2006), sinaliza que

Só através do conceito de "cultura primitiva" e que se chegou de fato a reconhecer que aqueles indivíduos outrora definidos de forma paternalista como "camadas inferiores dos povos civilizados" possuíam cultura. A consciência pesada do colonialismo se uniu assim a consciência pesada da opressão de classe (GINZBURG, 2006, p. 12).

Os elementos culturais, próprios de cada indivíduo e grupo social, são fundamentais para que possamos compreender a trajetória individual, vez que o indivíduo é um produto social, resultado de memórias e de identidades particulares. Dentre algumas das características da cultura, podemos dizer que ela é: 1) aprendida e transmitida de geração em geração por meio da linguagem, de rituais e de costumes; 2) acompanhada, ou seja, utiliza símbolos para representar ideias e conceitos; e 3) adaptativa, pois as culturas se desenvolvem e se adaptam às mudanças no ambiente e nas condições sociais, em acordo com Cevasco (2008), ao afirmar que o “domínio da cultura não é um campo dado e estático, mas está aberto à contestação e à reapropriação” (p. 22).

A transmissão da cultura, numa perspectiva de dominação, acontece desde os primeiros anos de vida, quando a criança é orientada sobre as formas de andar, de falar, de se comportar,

de acordo com cada situação, e até mesmo de acordo com o sexo, em que meninas, “relegadas ao rosa”<sup>28</sup>, são proibidas de afastar os joelhos um do outro, de expor o tórax frente as pessoas, de falar em tom elevado, de se expressar, ao contrário da velha e empoeirada liberdade reservada aos meninos, “proprietários do azul”. Ressalta-se que essa transmissão também acontece no silêncio, nas sinuosidades do não dito, por meio da observação, consciente ou não.

Cada encontro cultural gera novas ramificações, novas perspectivas e novas leituras. A este respeito, é possível encontrar a transmissão cultural em todo e qualquer lugar e/ou grupo social que cada indivíduo permeia, seja na sua própria casa, na escola, em uma reunião com amigos, em passeios ou viagens; ou dentro de sua atividade religiosa, seja verbalizada ou por meio da observação, eu ouço o que se fala, observo o que não é dito e reproduzo por meio dos meus próprios significados, o que pra mim faz sentido, diante do lugar que ocupo, o que é comportamento, para assim me situar e estabelecer trocas com este indivíduo, espaço, sociedade.

Os estudos culturais integram um campo de investigação interdisciplinar que busca entender como os significados são produzidos e difundidos nas sociedades atuais. Os autores ligados a essa perspectiva concebem a cultura como campo de luta em torno da significação social. Diferente do teor mais formalista da crítica literária tradicional, os estudos culturais buscam examinar a conexão das obras culturais com as relações sociais e de poder. Nessa perspectiva, a criação de significados e de práticas significativas, revelam o papel que possui o poder político em regular o cotidiano nas mais variadas formações culturais.

Para quem não questiona o que é alta cultura ou quem decide o que é relevante culturalmente e o que não é, a saída política se resume a difundir pela educação “o melhor que foi pensado pela humanidade”, sem se preocupar com quem atribui valor cultural sou decide que partes da humanidade “têm” cultura (CEVASCO, 2008, p. 22).

Os encontros culturais podem promover, por vezes, em escalas macro perceptíveis ou ainda em estrutura micro sensíveis, conflitos culturais por meio de desentendimentos ou de disputas entre indivíduos ou grupos que possuem diferenças culturais, como de língua, de religião, de tradições, de valores ou de costumes. Esses conflitos podem surgir de várias maneiras, como a luta pelo poder ou recursos, questões de identidade cultural ou disfunção. Os

---

<sup>28</sup> Refere-se a fala de Damares Alves, Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, amplamente veiculada em várias plataformas de divulgação de notícias, em janeiro de 2019. “É uma nova era no Brasil. Menino veste azul e menina veste rosa.” Estas foram as primeiras palavras de Damares após assumir o cargo de ministra. HANCOCK (2019, ON-LINE).

conflitos culturais podem ser intensos e persistentes, especialmente quando as diferenças culturais são vistas como ameaças para a identidade, ou o modo de vida de uma pessoa ou grupo. Esses conflitos podem levar a situações de violência, de opressão ou de marginalização de grupos culturais; e mesmo assim, promoverem trocas em campos menos visíveis. Nesse contexto, Martin-Barbero (2001) afirma que

Mas nem o conflito nem a opressão paralisam o intercâmbio. Por vezes inclusive estimulam, uma vez que ao aproximar muito de perto, “corpo a corpo”, as culturas enfrentadas, elas as expõem. Com o tempo a oposição vai dando lugar a um diálogo feito “de pressões e repressões, de empréstimos e resistências” entre Cristo em Merlin, santos e dragões, Joana D’Arc e Melusiana. Le Goff adverte que tanto o *sabbat* quanto a Inquisição aparecem só quando a simbiose se rompeu, enquanto que durante dez séculos teve lugar o grande diálogo entre o escrito e o oral que transformou os relatos populares nas lendas com que os senhores feudais começam a contar e escrever sua história, o mesmo diálogo que impregna do maravilhoso popular os relatos evangélicos que proclamam os clérigos convertendo santos em fadas e demônios em fantasmas (MARTIN-BARBERO, 2001, p. 105).

Além disso, os conflitos culturais também podem surgir a partir das reivindicações do olhar sobre questões sociais, políticas ou culturais. Por exemplo, questões de gênero, de direitos humanos ou questões ambientais emergem como gatilhos sinuosos de conflitos culturais entre grupos culturais em divergência. A resolução desses conflitos, se é que se trata disso, requer uma abordagem sensível e baseada na busca da compreensão dos significados e dos processos culturais distintos de cada grupo, pois muito do que não é dito pode falar mais do que é verbalizado. O diálogo intercultural e a compreensão mútua podem ser valiosos para superar as fronteiras culturais e construir relações solidárias entre grupos culturais em oposição, para além dos já conhecidos mecanismos de centralização política e unificação cultural.

O diálogo intercultural seria um processo de comunicação entre pessoas de diferentes culturas, com o objetivo de promover o entendimento pleno, a tolerância e a cooperação. É uma forma de reconhecer e aceitar as diferenças culturais, além de conversar sobre questões sociais, políticas e culturais. É importante destacar que esse não deve ser visto como uma solução mágica para resolver os conflitos culturais, mas sim como uma ferramenta valiosa para melhorar a compreensão ampla e a convivência entre grupos diferentes, o que pode gerar um enriquecimento cultural e social, já que permite a troca de conhecimentos, de valores e de tradições entre diferentes grupos.

As aproximações de culturas diversas, seja no embate ou no diálogo, espalha-se em atos como a aculturação, processo pelo qual duas ou mais culturas se influenciam mutuamente,

desenvolvidas na incorporação de elementos de uma na outra. Isso pode ocorrer devido a várias razões, como migrações, colonização, contato comercial ou social. Ela possui potencial catalizador, gerando impactos na vida das pessoas e/ou grupos sociais, incluindo mudanças nas tradições, nos hábitos alimentares, nas vestimentas, nas línguas e nos valores culturais. Embora possa ser percebida como uma forma de enriquecimento cultural, também pode resultar em conflitos e em perda de identidades culturais. É importante destacar que o processo de aculturação não é necessariamente uma troca igualitária, já que uma cultura dominante, geralmente, exerce influência sobre a outra, a divergente, a em que há falta, a que não contém. Além disso, a aculturação seria como um dos fatores responsáveis pela determinação de uma homogeneização cultural, uma estrutura que busca suplantar as especificidades culturais divergentes, comum em regimes ditatoriais, extremo conservador, culminado em situações de apagamentos e de silenciamentos de singularidades culturais.

A cultura, como um complexo conjunto de significados, de valores e de práticas compartilhadas, desempenha um papel central na construção da identidade e na formação da memória coletiva de uma sociedade, representando um espaço de lutas vividas, onde diferentes grupos e interesses disputam a representação do passado, do presente e do futuro. Nesse sentido, a análise da cultura nos permite compreender como as identidades são forjadas, contestadas e transformadas ao longo do tempo, e como a memória é mobilizada e instrumentalizada em diferentes contextos.

Dessa forma, podemos considerar a necessidade de distanciarmos a expressão cultura da concepção coloquial, e por vezes imediata, que se tem do termo ligando-o a algo “folclórico”, ou há alguma particularidade de determinada civilização como “eles agiam de certa forma pois era sua cultura”.

Reconhece-se esta corrente no uso coloquial da palavra cultura, mas ela tem sustentação na filosofia idealista. A distinção entre cultura e civilização foi elaborada pela filosofia alemã no final do século XIX e no princípio do XX: Herbert Spencer, Wilhelm Windelband, Heinrich Rickert. Este último lançava mão de uma distinção muito acessível para a diferenciar cultura e civilização. Dizia que um pedaço de mármore extraído de uma pedreira é um objeto de civilização, resultado de um conjunto de técnicas que permitem extrair este material da natureza e convertê-lo num produto civilizatório. Mas este mesmo pedaço de mármore, segundo Rickert, talhado artista que lhe imprima o valor da beleza, torna-se obra de arte, torna-se cultura (CANCLINI, 2005. p. 37).

Nessa toada, passamos a entender cultura como processo humano, podendo ser ele artístico, comunicacional, político, mercantil, etc. Assim, é palpável entender que a ação humana em sociedade é, por natureza, uma relação cultural; dessa forma, entender as

transformações que a região amapaense sofreu durante a constituição do Território Federal e apontar as maneiras como foram orquestrados os projetos durante esse período – com enfoque nos artísticos – é entender a dinâmica da política cultural amapaense.

Ao conceituar a cultura deste modo, estamos dizendo que a cultura não é apenas um conjunto de obras de arte ou de livros e muito menos uma soma de objetos materiais carregados de signos e símbolos. A cultura apresenta-se como processos sociais, e parte da dificuldade de falar dela deriva do fato de que se produz, circula e se consome na história social. Não é algo que apareça sempre da mesma maneira. Daí a importância que adquiriram os estudos sobre recepção e apropriação de bens e mensagens nas sociedades contemporâneas. Mostram como um mesmo objeto pode transformar-se através de usos e reapropriações sociais. E também como, ao nos relacionarmos uns com os outros, aprendemos a ser interculturais (CANCLINI, 2005 p. 41-42).

Assim, os traços do discurso do interventor, o modo de seleção dos filmes e as peças teatrais, a utilização do espaço do cineteatro para eventos cívicos e de celebrações, o destaque para alguns personagens amapaenses e o paralelo silenciamento de outros são objeto da nossa análise dentro de uma ótica cultural. Portanto, sob essa ótica e entendimento de cultura, enquanto lugar de poder e de disputa, de transmissões, de encontros, de conflitos, de diálogos e de aculturação, analisaremos no próximo ato os paralelos entre as políticas culturais varguistas e janaristas, personagens que buscam transformar regiões “desabitadas” em símbolos de progresso e de modernidade.

#### **4 TERCEIRO ATO – POLÍTICA CULTURAL DE VARGAS À NUNES, POSSÍVEIS PARALELOS**

A política cultural é uma dimensão importante das políticas públicas em qualquer sociedade, sendo um campo que reflete a visão de mundo, os valores e os objetivos de um determinado governo em relação à cultura de um país.

No contexto brasileiro, a era de Getúlio Vargas (1930-1945) foi marcada por manifestações transformadoras em políticas culturais e sociais, a partir de uma intensa intervenção estatal na cultura, buscando consolidar uma identidade nacional e promover o desenvolvimento do país. Nesse período, foi prática de seu governo implementar uma série de políticas culturais, que incluiu ações de promoção do patrimônio, da educação, da arte, da literatura e afins, buscando fortalecer a identidade nacional e consolidar a imagem do Estado como promotor e guardião da cultura brasileira. Além disso, os governadores federais, nomeados por Vargas para governar os estados e territórios, também tiveram um papel relevante na definição e na implementação dessas políticas culturais, adaptando-as às especificidades regionais e locais.

Neste ato, serão examinadas as principais políticas culturais integradas durante o governo de Getúlio Vargas e de Janary Nunes, governador do TFA, investigando suas bases ideológicas, seus objetivos, suas estratégias e seus impactos. Serão analisados os contextos políticos, sociais e econômicos em que essas políticas foram integradas, considerando as dinâmicas e as contradições presentes naquele momento histórico. Por meio dessa investigação, busca-se compreender como a política cultural foi utilizada como instrumento de construção da identidade nacional, de promoção do desenvolvimento e de legitimação do Estado durante esses governos completamente alinhados.

#### 4.1 CENA I – GETÚLIO VARGAS, EDUCAÇÃO, CULTURA E NACIONALISMO

**O bonde de São Januário**  
 Quem trabalha é quem tem razão  
 Eu digo e não tenho medo de errar  
 O Bonde de São Januário leva mais um ~~séie~~  
~~etário~~ operário  
 Sou eu que vou trabalhar  
 Antigamente eu não tinha juízo  
 Mas hoje eu penso melhor no futuro  
 Graças a Deus sou feliz vivo muito bem  
 A boemia não dá camisa a ninguém  
 Passe bem!  
**Intérprete: Ataulfo Alves**  
**Compositores: Ataulfo Alves / Wilson Batista**

Antes de adentrarmos ao cenário político e cultural propagado pelo governador territorial Janary Nunes, personagem de destaque neste trabalho, considero importante expandir geograficamente nosso olhar em busca de maiores compreensões amalgamadas pelo projeto nacionalista em curso, orquestrado por Getúlio Vargas, principalmente no que tange à região Amazônica.

É importante lembrar que, anterior à ascensão de Vargas ao poder em 1930, o Brasil encontrava-se polarizado entre as elites oligárquicas das indústrias do café e do açúcar, e a classe trabalhadora urbana. A economia era fortemente dependente das exportações e o país era atormentado pela instabilidade econômica, pela desigualdade social e pela corrupção política. O golpe de Estado de Vargas na década de 1930 marcou o fim da República Velha, caracterizada pelo domínio das elites tradicionais, dando início ao Governo Provisório, um novo regime político que intentava em “modernizar o Brasil e reduzir a desigualdade social”.

Em 1937, por meio do golpe que instaurou o Estado Novo, Vargas lança um olhar mais “cuidadoso” para a Amazônia e para a atual região Centro-Oeste, a partir de um programa de governo “neocolonial” intitulado *Marcha para o Oeste* (1938); com este, pretendia integrar economicamente regiões “longínquas e desabitadas” ao restante da nação, isto é, ao sudeste. Rômulo de Paula Andrade (2010) refere que:

A integração seria realizada por meio da conquista e ocupação de fronteiras do país, entre as quais a Amazônia. Para Cassiano Ricardo, a "Marcha para o Oeste" seria a plenitude do imperialismo brasileiro, ou seja, a conquista dos próprios territórios que, de acordo com o discurso oficial, nunca teriam recebido a devida atenção do poder central. Este seria o "sentido bandeirante" do novo regime. Redimensionando e, ao mesmo tempo, recriando a história

do Brasil a partir das inúmeras expedições que se sucederam na conquista dos interiores do país, o autor via o Estado Novo como refundador destas bandeiras, e que, após séculos, daria conta de seu destino final: a conquista e o espaçamento do próprio território a partir de um "espírito unitário", na visão do autor, "anti-federalista", pois só assim o Brasil se veria livre de povos estrangeiros que poderiam se apoderar dos grandes espaços vazios do país (ANDRADE, 2010, p. 459).

Vargas entendia que era preciso reorganizar e reunificar o Brasil, ocupar regiões “desabitadas”, fortalecer todo o território nacional diante dos estrangeirismos, e, com isso, fazer emergir, por meio da ressignificação dos símbolos e heróis nacionais, a legitimidade de seu regime. Para isso, era necessário promover o uso político do passado, a partir de sua própria versão, para que as novas gerações pudessem nele se apoiar e se identificar, consolidando um sentimento nacionalista. Neste caminho, Vargas desenvolve uma série de políticas culturais que permitam a concretização de uma única memória histórica nacional, como fundamento basilar para a criação de uma identidade cultural, exclusivamente brasileira, distinta das velhas e conhecidas influências europeias que assombravam o Brasil desde o período imperial, inclusive na “esquecida” Amazônia.

Nesta senda, Rômulo de Paula Andrade, doutor em História das Ciências e da Saúde da Fundação Osvaldo Cruz – PPGHCS, e professor nesta mesma instituição, em seu trabalho intitulado: *“Conquistar a terra, dominar a água, sujeitar a floresta”: Getúlio Vargas e a revista “Cultura Política” redescobrem a Amazônia (1940-1941)*, apresenta um panorama sobre a retórica governista para a Amazônia, que:

[...] caracterizou-se no curso do século XX pela marca do ‘abandono’ e pelas constantes ‘descobertas’ e ‘conquistas’ que tais governos iriam efetuar na região. A situação de abandono das fronteiras geográficas do Centro-Oeste e do Norte transformou-se em um “espectro geopolítico” que rondou o Estado brasileiro ao longo do século XX, especialmente após a Revolução de 1930 (Pádua, 2000). No decurso dos anos 1930 e, especialmente, no limiar dos anos 1940, ocorreram mudanças nesta concepção, que, visando atender às novas diretrizes governamentais para a região, passou a valorizar o homem até então concebido por trás da selva: o caboclo. Dois fatores colaboraram com o aumento de citações à Amazônia nos primeiros anos da década de 1940: o programa de governo "Marcha para o Oeste", que definiu a Amazônia como um lugar a ser 'conquistado' pelo poder central, e a viagem de Getúlio Vargas à região em 1940, quando proferiu o discurso denominado posteriormente de "Discurso do rio Amazonas", amplamente divulgado pela propaganda governamental como a nova ‘descoberta’ da região (ANDRADE, 2010, p. 454).

Sobre a viagem de Getúlio Vargas às terras amazônicas na década de 1940, o *Jornal A Noite*, Rio de Janeiro, de 08 de outubro de 1940, em sua terceira página divulga uma matéria

intitulada: *Dias melhores e mais felizes para o trabalhador da Amazônia*, e registra a passagem de Vargas por Belém – PA. Nesta oportunidade, o presidente da república agradece uma manifestação das classes trabalhadoras por meio de um discurso que exalta a figura do trabalhador como expoente para o desenvolvimento em ascensão daquela região.

Trabalhadores paraenses! Ontem vi desfilar a garbosa e entusiasta mocidade; depois recebi uma expressiva homenagem das classes conservadoras e agora veio manifestar-me a sua solidariedade o operariado vibrante do Pará. O futuro, a riqueza e o trabalho. E o trabalho sois vós [...]. No longo período de sete anos, quanto fizemos, vós proletários e o governo que vos ampara numa troca contínua de colaboração e esforços! A lei dos dois terços assegurou a predominância do trabalhador nacional, até então esquecido nas fábricas cujos proprietários não lhe reconheciam este direito. A lei da sindicalização conferiu aos trabalhadores a representação social e a colaboração através de seus órgãos representativos nos altos conselhos do governo. A lei de oito horas de trabalho e a lei de estabilidade nas funções evitaram que o proletário continuasse vítima do arbítrio e da prepotência. As caixas de aposentadoria e pensões deram aos operários a garantia e a segurança de uma velhice tranquila, e também o amparo às suas mulheres e aos seus filhos, na viuvez e na orfandade. A lei do salário mínimo assegurou ao proletário o direito de viver com decência e conforto. A justiça do trabalho deu-lhe a forma de garantir, pratica e seguramente, o reconhecimento dos seus direitos. Apesar dos grandes benefícios da legislação trabalhista que amparava e ampara a todos os proletários do Brasil, é natural que existam falhas e deficiências na sua aplicação, limitadas a determinadas regiões. Uma e outras precisam ser devidamente apreciadas (Jornal A Noite, 08 out. 1940)<sup>29</sup>.

Durante seu discurso, Getúlio Vargas, advogado e político gaúcho, que ocupou o cargo de Presidente do Brasil de 1930 a 1945 e de 1951 a 1954, traça um panorama de sua reestruturação política, econômica e social brasileira, incluindo leis trabalhistas e programas de seguridade social que, apesar das dificuldades, intenta em adentrar lugares até então desguarnecidos, ou seja, a Amazônia. Um leque de bem feitorias de cunho modernizante, sustentados por uma sucessão de ações desmanteladoras, caracterizado por um regime autoritário, marcado pela censura, repressão e violência política, verdadeiras cicatrizes de seu legado.

Em 10 de outubro de 1940, Vargas chegou na capital do Amazonas, sendo acolhido por populares e estudantes, que comemoraram sua presença em terras manauaras (como mostrado na imagem 11). Nesta visita à Manaus, o presidente da república se pronunciou por meio do

---

<sup>29</sup>Disponível

[http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=348970\\_04&pagfis=4999&url=http://memoria.bn.br/docreader#](http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=348970_04&pagfis=4999&url=http://memoria.bn.br/docreader#). Acesso em 17 abr 2023.

conhecido (posteriormente como) *Discurso do Rio Amazonas*, em que aponta para a necessidade de integração da economia amazônica à nacional.

O empolgante movimento de reconstrução nacional consubstanciado no advento do regime de 10 de novembro não podia esquecer-vos, porque sois a terra do futuro, o vale da promessa na vida do Brasil de amanhã. O vosso ingresso definitivo no corpo econômico da nação, como fator de prosperidade e de energia criadora, vai ser feito sem demora. Vim para ver e observar, de perto, as condições de realização do plano de reerguimento da Amazônia. Todo o Brasil tem os olhos voltados para o Norte, com o desejo patriótico de auxiliar o surto de seu desenvolvimento. E não somente os brasileiros; também estrangeiros, técnicos e homens de negócio, virão colaborar nessa obra, aplicando-lhe a sua experiência e os seus capitais, com o objetivo de aumentar o comércio e as indústrias e não, como acontecia antes, visando formar latifúndios e absorver a posse da terra, que legitimamente pertence ao caboclo brasileiro (Vargas, 1942, p. 260-261).

Imagem 11: Presidente Getúlio Vargas nas escadas do Palácio Rio Negro em Manaus



Fonte: Foto/Reprodução do acervo CPDOC/FGV. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/amazonia-80-anos-antes/>. Acesso em 16 abr 2023.

O ideal progressista e nacionalista, percebido no discurso proferido por Vargas em Belém-PA e Manaus-AM, em outubro de 1940, que se manteve como fio condutor deste período, esteve pautado na necessidade de se estabelecer um sentimento de brasilidade como propulsor da manutenção do regime getulista. Poderia resumir como características deste período: a) a centralização do poder, a partir do enfraquecimento do poder Legislativo, reforço do Executivo e, conseqüente, financiamento do Estado Novo; b) a criação de uma política

trabalhista por meio da ampliação de benefícios e direitos trabalhistas e consequente aproximação com a massa trabalhadora; c) a exaltação da imagem de Vargas por meio de uma propaganda política ostensiva, orquestrada pelo DIP; e d) as Políticas Culturais que se evidenciaram durante sua longa passagem pelo governo.

Como líder político, Getúlio é amplamente reconhecido por seu impacto sobre a busca de uma identidade política e cultural do Brasil. Seu legado como ditador, que governou o Brasil por quase 20 anos, tem sido ponto fulcral de debate entre diversos pesquisadores, que traduzem em seus trabalhos sentimentos e percepções sobre as contribuições e os desamparos, fomentados pelo audacioso e, não obstante, contraditório “pai dos pobres”. Isso porque instaurou uma nova ordem social, e uma nova roupagem, para estabelecer novos padrões de governo para os velhos, empoeirados e já conhecidos mecanismos de controle, ou seja, “nada de novo no front”<sup>30</sup>; intenso, apesar de pouco original.

Para o processo de reorganização política e cultural brasileira, Vargas lança mão dos dados obtidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (1938), reestruturado no Estado Novo a partir do embrionário Instituto Nacional de Estatística (1934), para reconhecer a real estrutura social da população brasileira. Maria Rosa dos Santos Correia e Nadya Maria Deps Miguel (2009) pontuam que:

[...] o IBGE foi primeiramente uma forma encontrada pelo governo de enfrentar o federalismo e centralizar os estudos estatísticos no Brasil. A partir da criação de um órgão responsável, em nível nacional, pela divulgação dos dados geográficos, sociais e econômicos de nossa sociedade, o governo poderia ter o auxílio da instituição para planejar suas estratégias. [...] o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que caracterizava-se por sua estrutura de representações que contemplava todas as instâncias de governo, o que pode ser definida com agência capilarizada do poder central, conferindo monopólio da informação e, ao mesmo tempo, oferecia subsídios à elaboração das políticas públicas (CORREIA; MIGUEL, 2009, p. 10-11).

Todavia, desse advêm um importante obstáculo para a construção e execução de um programa de massa: a alta taxa de analfabetismo no Brasil, que constituía verdadeiro empecilho para a efetivação dos mecanismos de controle varguistas. Assim, como estratégia não só para reduzir o analfabetismo, mas também para interagir positivamente com seu projeto desenvolvimentista industrial que necessitava de mão de obra qualificada, Vargas reestrutura a área de educação, extremamente necessária para o sucesso de sua política cultural, conhecida

---

<sup>30</sup> Referência ao filme, *Nada de Novo no Front*, do cineasta alemão Edward Berger, indicado ao Oscar de 2023. (ELOI, 2023, on-line).

como Educação Nova, pautada no progressismo e na valorização da identidade e da indústria brasileira, garantindo a todos o acesso a uma educação formal, pública e laica, com especial atenção ao ensino técnico de qualidade para formação dos trabalhadores industriais. É importante ressaltar que essa reestruturação do setor educacional contou com o auxílio de um grupo de intelectuais que coadunam com o seu desejo em modernizar a cultura brasileira. Neste período, o Brasil experimentou uma onda de nacionalismo que se refletiu em várias expressões culturais (a música, a literatura e a arte brasileiras floresceram e os artistas começaram a incorporar temas e valores brasileiros em suas obras).

Em paralelo, Vargas se debruçou ainda em torno da valorização da propaganda como estrutura de sustentação política do populismo e do nacionalismo, em meio a movimentos contrários que se fortaleciam em segundo plano. De acordo com Júlia Falivene Alves (falecida em 25 de maio de 2020, aos 76 anos), professora, licenciada em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica – PUC, de Campinas - SP, e escritora, em sua obra *A invasão cultural norte-americana* (1988), descreve que:

Em 1935, em cadeia nacional, Getúlio implantava a “Hora do Brasil”. Entre um e outro samba, na voz dos mais admirados cantores, diariamente ouviam-se discursos do presidente e de seus ministros, bem como notícias “promissoras” do seu governo [...]. O primeiro rádio jornal brasileiro implantado foi ao ar em 1941 e se chamou “Repórter Esso”. Seu material informativo era fornecido pela *United Press* dos USA e o patrocinador era a *Sytandart Oil Company of Brazil*. A técnica utilizada seguia o modelo norte-americano: notícias transmitidas por meio de frases curtas, rápidas e incisivas, uso de *slogans*, prefixo musical identificador e *jingles* de fácil assimilação anunciando os produtos da Esso [...]. Estávamos bem arranjados! As notícias nacionais nos eram fornecidas pelo próprio Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do governo (ditatorial), e as internacionais por agência informativa norte-americana paga por uma das maiores multinacionais do petróleo, também dos USA!! (ALVES, 1988, p. 81).

O DIP, criado em 1939, tinha como objetivo o de atuar na propaganda, no rádio (veículo de massa já conhecido pelos brasileiros), na imprensa, no cinema, no teatro e em todo e qualquer veículo que contribuísse no processo de formação identitária, inclusive na *Cultura Política – Revista Mensal de Estudos Brasileiros*, sob a direção de Almir de Andrade, proveniente da formação de um grupo de intelectuais que se propõe a pensar o país, buscando o que seria sua cultura e seu povo, com o intuito de desenhar o pensamento político do Estado Novo. Em sua primeira edição, de março de 1941, a revista finaliza sua apresentação ao dizer que:

As páginas desta Revista procurarão definir e esclarecer esse rumo. Elas serão, nesse sentido, um espelho do Brasil. O que somos, o que pensamos, o que

realizamos em todos os setores da nossa atividade creadora – na política, na economia, na técnica, nas artes, nas letras, nas ciências – ficará estampado nestas páginas, através do depoimento de todas as gerações que hoje vivem, em todas as cidades e rincões do Brasil. Uns após outros esses depoimentos virão, do norte e do sul, do litoral e do centro, de velhos e moços, de gerações da República e do Império, de antes e de após-guerra. Eles falarão pelo Brasil. Porque eles são o Brasil (ANDRADE, 1941, p. 8).

Esses canais de comunicação tinham por objetivo promover e alimentar constantemente o fascínio do maior número de pessoas para com a valorização dos aspectos contidos no projeto político em curso. Na contramão, o DIP também foi responsável pela censura de qualquer resquício reacionário aos sentidos ideológicos do Estado Novo. Pontua-se nesse período o protagonismo da Rádio Nacional, como fonte irradiadora político-ideológica, veículo de transmissão oficial do governo Vargas, a intensificação das radionovelas e o aumento de produções cinematográficas nacionais como ferramentas mais abrangentes, uma vez que a maioria da população era analfabeta. Cabe lembrar também que essa atenção especial ao rádio esteve presente desde o início da década de 1930. Alves (1988) refere que:

Foi o governo getulista que se preocupou, na década de 30, em tornar o rádio mais difundido e popularizado, com o objetivo de divulgar em todo país o nacionalismo populista que lhe garantiria o poder por cerca de 15 anos. Transformou-o em serviço público acessível a particulares, mediante concessão estatal e sob determinadas condições. Quando, em 1932, autorizou a veiculação de propaganda comercial e política pelo rádio, estimulou ainda mais a expansão e dinamização da radiofonia brasileira (ALVES, 1988, p. 80).

Neste processo, emergem algumas relações de trocas de produtos culturais entre o Brasil e o Estados Unidos, por meio de uma política da boa vizinhança, tendo em vista a relação de aproximação, já referida durante o curso da SGM. Neste sentido, a indústria cultural norte-americana, em especial a *Walt Disney Company*<sup>31</sup>, produz o personagem Zé Carioca, um papagaio construído a partir do estereótipo do malandro carioca do início do século XX; vadio, preguiçoso e amante do samba, e que revelava, a partir de uma visão estadunidense, a identidade do nativo brasileiro. Entretanto, apesar de ter chegado ao Brasil, contou com a desaprovação de Vargas, que defendia uma política de valorização do trabalho.

---

<sup>31</sup> A *The Walt Disney Company* foi fundada em 1923 pelos irmãos *Walt Disney* e *Roy Oliver Disney*. A empresa nasceu como pioneira no mercado de animação e ao longo das décadas ampliou sua participação na indústria, tornando-se a gigante do entretenimento que todos conhecem. O personagem mais famoso da companhia é *Mickey Mouse*, que estrelou o primeiro filme sonoro da *Disney*, *Steamboat Willie*, em 18 novembro de 1928. Após deixar de atuar exclusivamente com animações, a *Disney* expandiu seus negócios para o teatro, parques temáticos, música, rádio e mídia online. Hoje, a *The Walt Disney Company* opera redes de televisão pagas e tem como subsidiárias empresas como *Lucasfilm*, *Marvel Entertainment*, *Pixar* e *ABC*. Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/walt-disney/>. Acesso em 21 mar 2023.

Na contramão, do lado brasileiro, surge um dos produtos culturais mais difundidos à época, a atriz e cantora luso-brasileira, Carmem Miranda. A “Pequena notável” (apelido relativo a sua baixa estatura), de perfil olhar sexy e atraente, nascida em Canaveses, Portugal, 9 de fevereiro de 1909, e falecida em Los Angeles, Estados Unidos, 5 de agosto de 1955. Sempre lembrada por sua personalidade irreverente e seus trajes extravagantes, caracterizado por longos vestidos ou conjunto de duas peças que acentuavam sua silhueta, de barras bufantes devido a sobreposição de tecidos em forma de babados, além, é claro, de sua marca registrada, a cesta de coloridas frutas tropicais no alto da cabeça.

Na década de 1940, Carmem Miranda se tornou a referência da identidade nacional brasileira na terra dos ianques. Estes se renderam ao talento da artista, conferindo a ela um dos melhores cachês artísticos da época, além de ter suas mãos e pés impressos, em 1941, no pátio do *Grauman's Chinese Theatre*, em *Los Angeles*, e uma estrela para chamar de sua na calçada da fama de *Hollywood*, em 1960, cinco anos após seu falecimento.

## 4.2 CENA II – JANARY NUNES E OS REFLEXOS DA POLÍTICA VARGUISTA

**Aonde tu vais rapaz**

**Marabaixo**

Aonde tu vais rapaz  
 Nesses caminhos sozinhos  
 Eu vou fazê minha morada  
 Lá nos campo do laguinho  
 As ruas do Macapá  
 São cheia de bangalô  
 Tem hospitá, tem escola  
 Pros fío dos trabalhado  
 Dia 1º de junho  
 Eu não respeito sinhô  
 Eu saio gritando viva  
 Ao nosso governado  
 Me peguei com São José  
 Padroeiro de Macapá  
 Pro Capitão Janary  
 Não sair do Amapá

**Música e letra de Julião Ramos e seus pupilos**

**Melodia colhida no laguinho, pelo pianista Manoel Godinho.**

**Gravação de Luiz Gonzaga**  
 (JORNAL AMAPÁ, 06 ago. 1949)

A partir das discussões levantadas sobre a política varguista na cena anterior, traremos para esta cena, o foco sobre o movimento político cultural estabelecido no TFA, instaurado pelo governador capitão Janary Nunes. No encontro com alguns autores que norteiam esta discussão e ao analisar o avanço do janarismo sobre a terra das bacabas, percebo algumas questões que merecem destaque por evidenciar processos relativos a tentivas de transformações sócio-culturais, de silenciamentos e de censuras que, sobremaneira, manteve-se durante o processo de criação de uma identidade nacional, alinhado à estratégia de Vargas.

Como mote para a reestruturação daquela região “entregue à barbárie”, e sua a inserção nos moldes esperados para a época – em resposta à política nacional – inaugura-se uma nova fase na história local a partir da chegada no Território Federal do Amapá, em 1944, do Capitão Janary Nunes e sua equipe. O antigo comandante da unidade de defesa antiaérea de Belém-PA, tido como o expoente desta nova fase, aclamado por seus próprios órgãos de propaganda governamental, elevado a condição de herói, na mesma envergadura de Vargas; “o salvador”, defendido por uns e destituído de tais características por outros.

No dia 25 de janeiro de 1944, num avião da Força Aérea Brasileira, Janary Nunes chegou a Macapá para a instalação do novo governo territorial. Acompanhavam-no a sua esposa, Iracema Carvão Nunes e seus dois filhos,

assim como o Ministro da Justiça e Negócios Interiores, alguns deputados e convidados. Neste dia, também chegaram a Macapá, por via fluvial, vários membros das camadas mais abastadas de Belém e das ilhas circunvizinhas. Todos interessados em assistir à posse daquele que aos 31 anos de idade trazia um histórico de destacadas atividades militares. Na cerimônia de posse – ocorrida na sede antiga Intendência de Macapá – o Coronel Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, interventor do Pará, leu o ato de transferência dos bens patrimoniais do Pará para o Território Federal do Amapá (LOBATO, 2014, p. 281-282).

Durante uma longa gestão territorial, Janary tornou-se responsável por inúmeras transformações na região, frente à necessidade de estruturar o território, e torná-lo apto a suprir interesses políticos e, paralelamente, urbanizar e modernizar a pacata Macapá, que aos seus olhos resumia-se uma região parada no tempo. Munido de sua equipe, o governador inicia o processo de construção das casas para os funcionários territoriais e equipe do alto escalão, de hospital, de escolas, abertura de ruas e avenidas.

Em seu primeiro decreto, de 25 de janeiro de 1944, divulgado na primeira edição do *Jornal Amapá*, de 19 de março de 1945, cria 8 (oito) órgãos da administração territorial, sendo: 1) Secretaria Geral, sob a responsabilidade do Dr. Raul Montero Valdez; 2) Departamento de Administração, sob a direção do Dr. Paulo Moacir Santos Carvalho; 3) Departamento de Educação e Cultura, sob a direção do Dr. Otávio Mendonça; 4) Departamento de Viação e Obras Públicas, sob a direção do Dr. Hildegardo Nunes; 5) Departamento de Produção e Pesquisas, sob a responsabilidade do Dr. Artur de Miranda Bastos; 6) Departamento de Saúde Pública, sob a direção do Dr. Pedro Borges; 7) Departamento de Terras e Colonização. Geografia e Estatística, sob a direção do Sr. Raimundo Expedito Amaral; e 8) Departamento de Segurança Pública e Guarda Territorial, sob a responsabilidade do Dr. Paulo Eleutério Filho. Além dos diretores departamentais, de acordo com Gonsalves (2010), também fizeram parte da primeira equipe do governo territorial, “chefe de gabinete Sr. Antônio Gillet, assessor Mário Teixeira; representante em Belém, seu sogro, Sr. Carvão; representante no Rio de Janeiro, seu irmão, Coaracy Nunes” (p. 37). Entre as intervenções do governo territorial, Palhano (2021) declara que:

A implantação do Território Federal do Amapá na década de 1940 redimensionou as questões geográficas, políticas e culturais de uma das áreas mais setentrionais do Brasil. Em se tratando de questões culturais, isto se dará mais propriamente a partir de meados da década de 1940, com a inauguração e implantação de vários setores da cultura como, por exemplo, a inauguração do Cíneteatro Territorial em 22 de julho de 1944; inauguração da Rádio Difusora de Macapá em 23 de julho de 1946; inauguração da Escola Barão do Rio Branco (primeira escola em alvenaria de Macapá), em 13 de setembro de

1946, onde começa a surgir dramatizações de peças por alunos, com apoio de professores. Inauguração do Novo Hotel em 07 de setembro de 1945, e a inauguração da Praça Barão do Rio Branco em 1º de janeiro de 1950 (PALHANO, 2021, p. 40-41).

Todas essas intervenções urbanas no cenário amapaense estiveram sob a instrução progressista em curso, a partir do tripé político varguista: *Sanear, Educar e Povoar*, termos forjados pelo Estrado Novo e cunhados enfaticamente por Janary. Neste pilar político, percebo em maior destaque o termo *Educar* como fio condutor de seus pares, visto que era preciso educar o povo amapaense para que pudessem lidar com as premissas sanitárias, absorvendo somente os “bons costumes”, para a conquista de uma vida mais saudável, pautada na prevenção e no tratamento de doenças tropicais, de alta incidência na região, como relatado em documentos oficiais da época.

Elfredo Felix Távora Gonsalves, nascido na capital paraense no dia 14 de janeiro de 1922, foi escritor, fundador e diretor do Jornal Folha do Povo de Macapá, e ainda um dos dirigentes do Partido Trabalhista Brasileiro, oposição ao Partido Socialista Democrático de Janary Nunes, falecido no dia 30 de abril de 2015 em Fortaleza – CE e sepultado no cemitério Nossa Senhora da Conceição em Macapá, em sua obra *Folhas soltas do meu alfarrábio: um livro para meus filhos* (2010), revela que:

No início do governo medidas importantes foram tomadas pelo governador Janary Nunes. Entre elas destacam-se os cuidados que teve para preservar a saúde da população: a exigência da vacinação contra febre amarela, que nessa época ainda existia no Norte do Brasil e a instalação, em Macapá, de uma unidade do SESP (Serviço Especial de Saúde Pública), sob a direção do engenheiro (dir-se-ia sanitarista) Jucundino Puger, que desencadeou uma campanha contra a malária, que grassava em toda a região. Drenaram-se lagos e igarapés, borrifavam-se as casas frequentemente com BHC e outros inseticidas para acabar com os mosquitos e etc. Fez-se uma campanha para construção de fossas residenciais e recomendou-se às pessoas que vinham para o Território o uso de mosquiteiros. Além disso, contratação de professoras, construção de escolas, postos de saúde e do hospital, abertura de ruas e avenidas. O governador procurou humanizar a cidade, mandando plantar mangueiras nas principais ruas e construindo várias praças, para melhorar a ventilação. O serviço de arborização era feito pela “turma do buraco”, aproveitando jovens estudantes, sob a batuta do técnico agrícola José Aniceto Costa (GONSALVES, 2010, p. 39).

Era necessário educar, ensinar a ler e a escrever, para que os cidadãos amapaenses pudessem ser inseridos na máquina desenvolvimentista. Sendo tomados pelo sentimento nacionalista de povoamento de regiões ermas, era preciso educar para que as pessoas pudessem se apropriar dos códigos necessários para o desenvolvimento de uma política econômica cada

vez mais expansiva da região, que pressupunha profundas transformações culturais na “identidade cabocla”, nas palavras de Janary Nunes, no Jornal Amapá de 16 de março de 1946:

Precisamos reagir contra esse vício que bem revela o desprezo pela produção. Há falta de ambição e de eficiência. Combatamos essa tara de nosso caráter e de nossa formação. De nada adiantará o esforço isolado. Levemos para a barraca do agricultor, do seringueiro, do pescador, do castanheiro, para todos os lares da Amazônia, dos que moram nas cidades, dos que se juntam em torno dos ‘barracões’ ou dos isolados nas beiras dos rios sob a sombra da selva – a evidência da necessidade de produzir mais. Esse será o caminho da redenção do nosso caboclo e do levantamento do nível de vida do povo brasileiro (NUNES, In.: JORNAL AMAPÁ, 16 mar. 1946, p. 01).

Apesar disso, a sociedade amapaense assistia apática ao agigantado número de intervenções no TFA, como a rearticulação dos núcleos populacionais, o crescimento demográfico, a partir da chegada de um grande número de migrantes e de trabalhadores que percebiam este momento como oportunidade de crescimento social e econômico. Tudo isso pertinente ao projeto de modernização, ventilado desde a “Marcha para o Oeste” (1938), que consistia na ocupação do vazio demográfico e na integração socioeconômica ao restante do país, além da propagação do regime getulista.

Em uma manchete do Jornal Amapá de setembro de 1946, que tratou sobre o processo de ocupação no TFA e o consecutivo protagonismo dos migrantes, assim como em outros assuntos tocados em várias edições do noticioso, é possível perceber uma estrutura de reafirmação do governo janarista como marco temporal de ruptura com os velhos hábitos. Dessa forma, o passado é duramente criticado e relegado à perspectivas de primitivismo; o presente detido como lugar de enaltecimento da figura do capitão Janary como verdadeiro herói, salvador daquele povo que há décadas se encontravam esquecidos pelo poder público; e o futuro, resultante dos esforços janaristas que, assim como Vargas, acentuava nas estruturas modernizantes as sementes que seriam colhidas pelas futuras gerações.

### **Imigrantes para a lavoura**

Apesar de contar o Amapá em toda a sua vastidão, com numerosas terras férteis e aráveis, a sua vida rural, incipiente e rotineira, não atingiu, no passado, uma posição de realce com que pudesse aquilatar as nossas possibilidades agrícolas. O colono, que a princípio se ocupava dos afazeres da roça, plantando o milho, o arroz, a mandioca e o feijão, produtos que serviam não só para a sua subsistência, como ainda para a exportação em pequena escala, abandonou, repentinamente, a lavoura e, seduzido pela indústria extrativa, que então empolgava a Amazônia, passou a embrenhar-se nos seringais em procura da goma elástica, na ânsia de conseguir rendimentos fabulosos. A era do <látex>, que enriqueceu muitos proprietários de seringais

e proporcionou o maior desafogo e bonança aos seus trabalhadores, teve um triste epílogo em meio ao esbanjamento de torturas transitórias. Depois de um período letárgico, durante o qual a agricultura foi quase inteiramente abandonada e substituída pelo <rush> ao ouro, a produção do Amapá, deficiente e inexpressiva, expunha o nosso homem nativo a uma situação vexatória e lastimável. As doenças tropicais, acometendo-os rudemente no seu tugúrio de misérias e sofrimentos, tornavam-no apático e incapaz de enfrentar a Natureza. O Govêrno do Território teve de lutar contra uma série de obstáculos que pareciam intransponíveis, afim de incutir no cérebro da gente nativa uma nova mentalidade, visando a fecundação do solo para extrair as riquezas que brotarão de seu seio, mediante um cultivo que obedeça aos processos em voga e possa concorrer para o progresso econômico da região. A lavoura amapaense, graças ao concurso dos técnicos especializados que foram especialmente convocados pelo governo está-se transformando radicalmente, num ritmo que faz prever o mais absoluto sucesso dentro de pouco tempo. A vinda de imigrantes nordestinos para a labuta nos campos é uma das características do surto evolucionista, o qual será uma contribuição inestimável para o engrandecimento do Amapá, que muito espera do braço adventício mobilizado para o incremento de suas atividades rurais (JORNAL AMAPÁ, 28 set. 1946, p. 2).

Esse projeto desenvolvimentista implicaria no início do uso econômico da região, por meio da exploração dos recursos minerais e madeireiros, da produção agropecuária e industrial na segunda metade do século XX, protagonizado pela bandeira da modernidade, e da proteção das áreas fronteiriças e fragilizadas. A pesquisadora Cecília Maria Chaves Bastos, doutora em Educação - UFU. Professora do curso de História - UNIFAP, do Mestrado Profissional em História (ProfHistória/UNIFAP) e do Curso de Especialização em Política Educacional (CEPE/UNIFAP), em sua dissertação intitulada: *Conflitos ambientais urbanos em áreas de ressaca: um estudo da comunidade negra da Lagoa dos Índios em Macapá / AP*, observa que:

Nesse sentido, o novo território do Brasil tornou-se um pólo de atração à migração, especialmente, pela necessidade de mão-de-obra para a estruturação político-administrativa e a organização das atividades produtivas do território. O governador nomeado para esta nova unidade brasileira, visando “desenvolver” o Território Federal do Amapá implantou algumas medidas como: dinamização do sistema educacional - construiu novas escolas; desenvolvimento da agricultura e pecuária - criando pólos de produção (como a Colônia Agrícola do Matapi na região do atual município de Porto Grande); e urbanização de Macapá - construiu hospitais, ruas e rodovias, além de outras obras públicas (BASTOS, 2006, p. 37).

Por se tratar de um território federal, toda a administração era concentrada nas mãos do capitão Janary, que, em tese, deveria cumprir com os objetivos já traçados pelo regime Vargas. Contudo, essa aliança ainda passaria por algumas dissidências durante o a política janarista. Gonsalves (2010), relata que “os primeiros meses do governo Janary Nunes foram profícuos,

porém, depois as coisas passaram a mudar. Começaram a aparecer sinais de egocentrismo e de promoção pessoal, e um velado endeusamento por parte dos aduladores, que vicejavam em torno do governador” (p.40).

As preferências de Janary Nunes começaram a se estabelecer com maior visibilidade logo após a deposição de Getúlio Vargas, em 29 de outubro de 1945, a partir da posse do marechal Eurico Gaspar Dutra, em janeiro de 1946, como presidente do Brasil. Acontece que nestas eleições, no TFA, o candidato Dutra, pertencente ao Partido Social Democrático – PSD (o mesmo de Getúlio Vargas), coligado ao Partido Trabalhista Brasileiro – PTB, dividiu votos com os candidatos Eduardo Gomes, do União Democrática Nacional – UDN, e Yedo Fiúza do Partido Comunista Brasileiro – PCB. De acordo com Gonsalves (2010)

Os simpatizantes desses candidatos foram identificados e marcados pelo governador, que considerou aqueles votos um ato de rebeldia e hostilidade ao seu governo e passou a discriminá-los. Não era, mas a atitude do governador foi recebida pelos “rebeldes” como uma tentativa à liberdade de pensamento, contrária ao clima democrático em que vivia o resto do país. Por outro lado, alguns atos do governo vinham causando descontentamento e criando revolta em diversos setores, que viviam calados e sufocados, sem uma válvula de escape (GONSALVES, 2010, p. 40).

Essa tensão política dentro do alto escalão, fragmentou algumas relações nos departamentos territoriais. Dentre elas, a saída do Dr. Paulo Eleutério Filho, diretor do Departamento de Segurança Pública e Guarda Territorial, e sua ligeira substituição pelo capitão Humberto Pinheiro de Vasconcelos. Anos mais tarde, já afastados do TFA, residentes em Belém – PA, o Dr. Paulo, à época redator-chefe de O Liberal, foi assassinado pelo seu antigo substituto, que, sentindo-se atacado por um editorial anônimo, descarregou sua arma contra o redator, acreditando ser dele a autoria. Porém, a situação foi elucidada posteriormente e afastou qualquer hipótese de autoria do editorial em nome do falecido.

Em 18 de setembro de 1946, por meio da nova Constituição, ficou estabelecido que cada território deveria eleger um deputado federal. O PSD, partido da situação no TFA, escolhe o irmão de Janary, Coaracy Nunes, como único candidato à vaga. Acerca disso, o Jornal Amapá de 28 de setembro de 1946 trouxe como manchete principal:

**Memorável Assembleia Popular  
Levantada a candidatura do dr. Coaracy Nunes à deputação federal do Amapá.**

Ante-ontem, à noite, o povo desta capital, numa demonstração eloquente de sinceridade de propósitos e de firme convicção nos princípios democráticos, ocorreu em massa à sede do Esporte Clube Macapá, à avenida Assis de

Vasconcelos, onde se realizou uma assembleia para o levantamento da candidatura do dr. Coaracy Nunes à deputação federal. Elementos de todas as classes sociais, inclusive do comércio, proletariado e do povo em geral, unidos pelo ideal de ver a terra comum cada vez mais elevada no conceito das demais unidades da Federação, foram ali testemunhar o seu aplauso à escolha do nome de um cidadão que, na qualidade de representante do Governo do Amapá no Rio de Janeiro, tem prestado inestimáveis serviços a esta futura gleba do setentrião brasileiro (JORNAL AMAPÁ, 28 set. 1946, p. 1).

Nesta assembleia, de acordo com o veiculado no Jornal Amapá, demonstraram apoio o Sr. Jurandir Barriga Aimoré, representante do município de Mazagão; o Sr. José Serra e Silva, representando o “subúrbio do Laguiño”; e o Dr. Marcílio Viana, representando o bairro do Trem. Todos com discursos equalizados sob o sentimento de simpatia e confiança de que Coaracy Nunes era a escolha mais acertada para o pleito à câmara dos deputados. Contudo, de acordo com Gonsalves (2010), esse sentimento não fora compartilhado de maneira equânime entre o eleitorado amapaense.

Para a resistência que já delineava, essa situação era um verdadeiro desastre, um sufoco: o governador, comprovadamente ditatorial, com todo o poder nas mãos (podendo demitir ou nomear qualquer um, sem concurso, com a única credencial de obedecer cegamente à sua vontade, distribuir empregos, terras sem qualquer critério, perseguir pretensos adversários e com o irmão deputado federal, sem que houvesse uma voz autorizada que chegasse aos altos poderes da República) era o fim (GONSALVES, 2010, p. 43-44).

Diante disso, e na contramão da ascensão janarista, um grupo minoritário x, liderado por Claudomiro Moraes e pelo próprio Alfredo Távora Gonsalves, em 16 de dezembro de 1946, funda o Diretório Regional do PTB na capital do TFA, na perspectiva de direcionar um candidato, o general João Álvares de Azevedo Costa, de oposição à Coaracy Nunes, nas eleições para deputado federal. Entretanto, a tentativa não logrou êxito devido ao exíguo tempo que tinham para registrar a candidatura, que à época devia ser consolidada à mais de 2.600 (dois mil e seiscentos quilômetros) de distância, pelo Tribunal Eleitoral do Rio de Janeiro - RJ.

Apesar do infortúnio petebista, esse movimento “insurgente” planta, definitivamente, a desconfiança no capitão Janary, gerando uma série de represálias a qualquer cidadão de potencial revoltoso. Sobre este aspecto, o próprio Gonsalves (2010), considerado o “cabeça da oposição”, relata que:

Certa manhã, quatro guardas arrombaram a porta da residência de Claudomiro Moraes, onde eu estava hospedado, procurando por mim, para me conduzirem preso à presença do chefe de polícia, capitão Vasconcelos. Porém, na noite à véspera do acontecido, um delegado amigo avisara Claudomiro sobre o ardid que estava sendo preparado para me apanhar. Diante do aviso, nessa mesma

noite, embarquei para Belém numa canoa à vela, chamada Deus te salve, que estava só esperando a hora da maré para sair, com escala em Afuá, Chaves e Anajás. A viagem demorou onze dias, debaixo do toldo de uma canoa, em meio a jerimuns e melancias, escapei por pouco, porque o chefe de polícia, pessoalmente, costumava vistoriar as embarcações que saíam de Macapá. Se fosse preso, não sei o que aconteceria, dado ao espírito truculento daquele esbirro (GONSALVES, 2010, p. 45).

Esse tipo de conduta tornou-se recorrente: o governo territorial se detinha a utilizar a máquina pública para financiar suas alianças políticas com a elite local, por meio de troca de favores, distribuição de privilégios a quem lhe servisse com tudo aquilo que seus olhos e ouvidos não alcançassem, sendo a tentativa de fragilizar qualquer fagulha da oposição, motivo de total interesse. Enquanto os aparelhos de divulgação oficiais do governo se mantinham espalhando as conquistas de sua imaculada gestão por todo o território nacional, à uma parcela amapaense, o sentimento era de perseguição e terrorismo.

Entre tantos episódios descritos por Gonsalves (2010), um chama bastante atenção devido a dissidência entre o poder territorial e federal, protagonizado por Janary e Vargas, em 1950.

O PSD era o partido do governador de seu irmão, o deputado Coaracy Nunes, que tinham como candidato o Dr. Cristiano Machado. O PTB apresentou Getúlio Vargas. Também concorriam Ademar de Barros, pelo PSP, e o brigadeiro Eduardo Gomes, pela UDN. Com vistas às circunstâncias partidárias, o governador tinha de acompanhar o candidato Cristiano Machado, mas a vitória de Getúlio Vargas era quase uma certeza, e isso preocupava seriamente Janary Nunes, em virtude de certas atitudes e declarações públicas feitas anteriormente contra Getúlio e seus aliados. O governador esforçava-se para demonstrar prestígio absoluto, que lhe servisse de barganha na hora de pleitear sua permanência qualquer que fosse o presidente eleito. Dessa forma, a existência da oposição era um empecilho, o que desencadeou uma perseguição desenfreada contra os correligionários do PTB, no intuito de diminuir os efeitos de qualquer votação dos trabalhistas, ao mesmo tempo em que o governador se lançou em ardorosa campanha em prol de Cristiano Machado (GONSALVES, 2010, p. 48-49).

Essa perseguição desenfreada resultou em ataques às casas dos líderes petebistas, fraudes nas urnas de votação, indicação de mesários que coadunavam com a política janarista, aumento de obstáculos para o acesso aos interiores, entre outras ações que objetivavam o esmorecimento da campanha de Vargas no TFA. O sucesso no pleito presidencial, obtido pelo PTB no quadro nacional se opôs ao resultado da urna territorial do Amapá, que daria a vantagem ao candidato pessedista de Janary Nunes.

Em uma visita a Belém do Pará, durante a campanha presidencial de 1950, Vargas se dirigiu aos seus apoiadores amapaenses por meio da Rádio Clube do Pará, que irradiava sua frequência para o TFA. Aos primeiros instantes da leitura de um discurso autoral, em que declarava ciência dos sofrimentos que passavam os trabalhadores, seu compromisso em prol da reparação dos danos causados durante o nefasto hiato de tempo que permaneceu afastado do governo e ainda sobre a gratidão que sentia aos seus eleitores do Amapá, o presidente enfrentou mais um dos obstáculos criado pelo capitão. Gonsalves (2010) afirma que:

Para breca a campanha de Getúlio, ele [Janary] mandou desligar a energia elétrica exatamente na hora da irradiação, porque sabia que o podo do Amapá era grato ao presidente, que depois de quarenta e três anos de abandono de outros governantes, olhara para aquela região, transformando-a em território federal. Além disso, com esse gesto antidemocrático dava um aprova de abominável ingratidão (para não dizer traição) ao homem que foi tirá-lo do anonimato e nomeá-lo governador. A estranha “coincidência” deixou revoltada a população, que queria ouvir as palavras do candidato. Apenas as pessoas que tinham radinhos de pilha, conseguiram captar as mensagens (GONSALVES, 2010, p. 52).

Aqui precisamos fazer uma pausa na linearidade traçada para discutirmos essa política de utilização de bens e de serviços públicos para favorecimentos pessoais e/ou descrédito de adversários políticos (uma prática tão velha na politicagem quanto a estrutura do palco italiano). Mas o enfoque não seria a utilização em si, pois o governo Janarista não seria o primeiro, nem tão pouco o último, a fazer uso desse meio de manipulações; o que salta aos olhos é a forma como o governador mudou suas concepções e, consecutivamente, afetou toda sua estrutura política. Ou seja, se antes tínhamos espaços artísticos, comunicacionais e administrativos, onde a exaltação ao sentimento nacionalista e a hiper valorização da figura do então presidente eram regras, com essa mudança de filosofia partidária do governador, esses mesmos espaços passam a servir a outros interesses, formulando outros discursos.

Retornando, a vitória de Getúlio Vargas caiu como uma bomba no colo do governador que, tomado pelo sentimento de insegurança nas mesmas proporções do entusiasmo dos petebistas, procurou reforçar relações com a base pessedista nacional, culminando em sua manutenção no mais elevado cargo do TFA. Apesar da pressão do PTB amapaense sobre Getúlio, para que substituísse Janary Nunes logo após a posse presidencial, a alternativa escolhida pelo presidente se tratava de um movimento político que gerasse uma melhor governabilidade, visto que era preciso manter boas relações com a bancada do PSD que ocupava parcela considerável no Congresso.

Essa relação é de fácil explicação, pois, apesar de as experiências democráticas brasileiras terem sido presidencialistas, o parlamentarismo sempre fora uma realidade na política nacional: ou seja, a história demonstra que presidentes que não possuíam forte apoio e boas relações dentro do parlamento tendiam a ter seus governos esmagados pela oposição ou, até mesmo, sofrerem *impeachment* (a exemplo, os governos Collor e Dilma), pois a força exercida pelo legislativo inibe o poder governamental do líder do executivo (SCHMITT, 2000).

Os primeiros anos após o retorno de Vargas ao palácio do Catete, o governo do TFA manteve-se pautado pela absorção dos representantes da oposição no governo territorial. Esse deslocamento da margem para o centro administrativo teve como direcionamento a vontade do novo presidente, e, nesse período, as relações entre os governantes se reaproximaram. Data de 1951, primeiro ano do último governo de Vargas, o registro de Janary, em audiência com Getúlio no Palácio Rio Negro (em Petrópolis, região serrana do Rio de Janeiro), mostrando ao presidente do Brasil a pedra de minério de manganês, recolhida no início dos anos 1940. Esse gesto simbólico, conforme registrado na imagem 12, seria o pontapé inicial à exploração mineral no antigo Território Federal, com o advento da ICOMI.

Imagem 12: Janary apresenta a pedra de manganês amapaense ao presidente Vargas, 1951



Fonte: Foto reprodução do Arquivo Histórico do Amapá. Disponível em: [https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2019/08/foto-memoria-da-mineracao-amapaense\\_17.html](https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2019/08/foto-memoria-da-mineracao-amapaense_17.html). Acesso em 20 abr 2023.

Essa aproximação “compulsória” e subordinada dos petebistas com o capitão Janary se estendeu até agosto de 1954, data em que Vargas “deixa a vida para entrar na história”. A morte

precoce e inesperada de Getúlio foi o estopim de novas cisões no centro do poder territorial. Opositores declarados ao governo do capitão, pertencentes ao quadro administrativo territorial, ao perderem sua referência presidencial, optaram por se afastar do governo.

Em 1956, nomeado pelo novo presidente Juscelino Kubitschek, Janary Nunes deixa o cargo de governador do TFA para assumir a presidência da Petrobrás. Em seu lugar, nomeados pelo presidente da república, assume como governador Amílcar Pereira e como secretário geral Pauxy Nunes, o irmão de Janary; ou seja, o janarismo ainda sobreviveria nas terras amapaenses. Sobre isso, afirma Lobato (2014):

Durante os seus doze anos de governo – no dia 1º de fevereiro de 1956 foi nomeado presidente da Petrobrás – Janary procurou evidenciar que o dia 25 de janeiro de 1944 foi um marco histórico que dividiu em dois momentos radicalmente distintos a história das populações das terras do novo território. Nos dias 25 de janeiro ocorria atividades como: apresentações diversas, campeonatos esportivos, inaugurações, churrascos, passeios e bailes. Neste dia, o jornal Amapá apresentava edições especiais, com um número maior de páginas ou vários cadernos com fotos e crônicas sobre as principais realizações do governo (LOBATO, 2014, p. 282).

Esse marco histórico temporal se perpetuará durante todo o período conhecido como janarismo e, ainda, até os dias atuais. A partir das memórias de seus apoiadores, e até mesmo de seus opositores, o senhor Janary Gentil Nunes fora realmente um importante personagem perante as transformações políticas e culturais do TFA, como veremos daqui por diante.

## 5 QUARTO ATO – CINETEATRO TERRITORIAL DE MACAPÁ, ATIVIDADES POLÍTICAS, SOCIAIS E CULTURAIS

Nesta cena apresento mais especificamente o objeto deste estudo, o Cineteatro Territorial; contudo, para isso, acredito ser de fundamental importância trazer à primeira cena, um olhar sobre o aparecimento dos edifícios destinados à Cineteatros no Brasil, na década de 1940, e sua relação com o movimento expansionista de Getúlio Vargas, nomeado Marcha para o Oeste.

Vencidas essas elucidações, abro as cortinas para adentrarmos à primeira casa de espetáculos do TFA, sob o governo janarista, o Cineteatro Territorial de Macapá, a primeira edificação totalmente construída em alvenaria. Este espaço surge com o objetivo de instaurar na capital territorial um novo modelo cultural, inspirado nos grandes centros culturais brasileiros. Sua arquitetura moderna e requintada, diante do que já havia na região, inspirava o início de uma nova era naquelas terras “esquecidas” e “desabitadas”. O erguimento de um majestoso edifício na região central da capital para receber o “herói” Capitão Janary Gentil Nunes e toda sua equipe que, de lá, catalisaria o processo desenvolvimentista instruído pelo “generoso” presidente Getúlio Dorneles Vargas.

Pois bem, esse espaço torna-se um lugar de reafirmação do poder sob diversos aspectos, sendo percebido na construção da soberana política cultural janarista, no fortalecimento da “mais fina flor da elite” macapaense, e ainda como palco de diversos artistas de destacado brilho no contexto nacional. Sobretudo, no palco territorial, a plateia macapaense pode ver germinar o teatro escolar e o teatro do estudante, o nascedouro de diversos artistas regionais, responsáveis pela projeção das artes no atual estado do Amapá. Entre os artistas que integram a história cultural amapaense, aproveito a oportunidade para destacar parte da trajetória das professoras Aracy Mont’Alverne e Creusa Bordalo, pontuando suas profundas contribuições no campo educacional e artístico. Apresento também o senhor João Freire da Silva, um personagem ainda pouco acessado entre as importantes personalidades deste efusivo processo cultural instaurado no TFA. O encerramento das atividades no palco do Cineteatro Territorial de Macapá e as influências da política cultural janarista arrematam este ato, e ainda nos aponta para o próximo abrir de cortinas da antiga maior casa de espetáculos do TFA, que agora se prepara para assumir mais uma grande responsabilidade para com a memória histórico-cultural, no centro na capital do meio do mundo.

## 5.1 CENA I – O SURGIMENTO DOS CINETEATROS NO BRASIL NA DÉCADA DE 1940

Na década de 1940, em meio à Segunda Guerra Mundial, sob o regime do Estado Novo de Getúlio Vargas, o Brasil foi invadido por uma importante transformação política e cultural. Nesta, destaca-se o movimento propagado como “Marcha para o Oeste”, que tinha como eixo norteador o esforço nacional para a interiorização de recursos e de contingentes populacionais para o desenvolvimento dos interiores do Brasil. Essa face expansionista do regime, divulgada como “necessária” para a criação de uma identidade nacional e proteção de áreas “desabitadas”, é referenciada em Almeida (2018):

A primeira metade da década de 1940 ficou marcada pelo início da Campanha da Marcha para o Oeste, na qual Getúlio Vargas viajaria pelo Centro-Oeste, Norte e Nordeste do Brasil. No ano de 1941 foram criadas inúmeras colônias agrícolas pelo território brasileiro, no ano seguinte criou-se a Coordenação de Mobilização Econômica e em 1943 foram criadas duas importantes instituições: a Expedição Roncador-Xingu e a Fundação Brasil Central. Carregados de um discurso nacionalista, esses esforços, que se deram principalmente por iniciativa do Estado, visavam a reeducação do "homem brasileiro" de forma que ele se identificasse com os desígnios da nação, ou seja, com a busca de seu caráter nacional (ALMEIDA, 2018, p. 338).

Este movimento serviu como ferramenta política do governo Vargas para ligar regiões mais distantes aos grandes centros urbanos, por meio de uma propaganda desenvolvimentista, que prometia retirar essas regiões das situações de barbárie, até então submetidas. Além de estabelecer nestes lugares uma sociedade moderna aos moldes dos grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo, a política getulista pretendia urbanizar essas regiões, tirando delas o caráter integralmente agrícola para instituir núcleos industriais, seguindo modelos de sociedades desenvolvidas, trazendo consigo também, a valorização da cultura, esta, facilmente compreendida como processo homogeneizador social, de forte apelo gentrificador e sanitizante, escondido por detrás de uma robusta cortina de fumaça modernizante.

De acordo com Lion (2016), a modernidade poderia ser compreendida como uma criação, um modo de ver a realidade e de transformá-la pela ação do homem e pela necessidade inventada de "melhorar" lugares, coisas e aspectos na perspectiva da emergência de um grande projeto burguês nascente. Antônio Ricardo Calori de Lion (2016), mestre em História pela Faculdade de Ciências e Letras na Universidade Paulista (FCL UNESP/Assis), em seu trabalho

intitulado: *Cine-Teatro Cuiabá e a simbolização da modernização cultural em Mato Grosso nos anos 1940*, coaduna com Giddens (1991), ao referir que,

[...] a modernidade é vista como um monstro. Mais claramente talvez do que qualquer de seus contemporâneos, Marx percebeu o quão destruidor, e irreversível, seria o impacto da modernidade. Ao mesmo tempo, a modernidade era para Marx o que Habermas chamou com precisão de um "projeto inacabado". O monstro pode ser domado, na medida em que os seres humanos sempre puderam submeter ao seu próprio controle o que eles criaram (GIDDENS, 1991, p. 123).

Esse processo modernizante fomentou o aparecimento, ou ainda, a consolidação do poder das elites locais, controladoras dos meios de produção e de distribuição de bens e serviços. Dentre eles a indústria do entretenimento que, neste momento, passou por um período de efervescência, com o inerente de movimentos artísticos importantes, como o modernismo brasileiro, que buscou romper com as formas tradicionais de expressão artística e trazer uma visão mais contemporânea e crítica da sociedade brasileira. Artistas, criadores e intelectuais brasileiros buscaram explorar novas ideias e experimentar novas formas de expressão artística, entusiasmadas para a construção de uma identidade cultural brasileira mais diversa e complexa. Foi nesse contexto que floresceu os cineteatros, espaços que combinavam a exibição de filmes com apresentações teatrais ao vivo, e ainda, como espaço integrante ao aparato institucional de veiculação política e propagandística.

Em 1941, na cidade de Cuiabá, capital do estado do Mato Grosso, anterior ao Decreto-lei nº 5.812, de 13 de setembro de 1943, que instituiu a criação dos Territórios Federais, inclusive o de Ponta-Porã, destacado de Mato Grosso, a simbolização da modernização cultural, divulgado pela imprensa jornalística à época teve como marco a construção do *Cine-Teatro Cuiabá*. Esse esforço publicitário cuiabano foi também observado diante da inauguração do Cineteatro Territorial de Macapá (1944), à cargo do Jornal Amapá. Acerca dos significados deste momento, para a capital mato-grossense, Lion (2016), destaca que:

A construção do Cine-Teatro Cuiabá, localizada na Avenida Getúlio Vargas, foi calcada não só nos símbolos e representatividades que gerariam os espaços e a "ascensão" cultural de Mato Grosso vista não só pelo teatro, mas principalmente pelo cinema. De 1941 até a sua inauguração em 1942, o Cine-Teatro Cuiabá fora visto como um espaço que simbolizaria a clamada mudança pelo Estado Novo e publicizada pelo jornal *O Estado de Mato Grosso* (LION, 2016, p. 101).

Essa perspectiva de ascensão cultural do Mato Grosso na década de 1940, referida por Lion (2016), emergiu entre várias outras experiências desenvolvimentistas que ocorriam em outras regiões do país, que, acometido por esse momento de transição, política e cultural, assistia o processo de democratização e desenvolvimento econômico emanado pela política varguista. Os crescentes processos de urbanização e industrialização, a busca por uma identidade nacionalista, percebidos na literatura, na música, na moda, na arquitetura e nas artes em geral, convergiram para a estruturação de um modelo cultural, que à época, assim como o percebido no TFA, contou com influências proveniente do território *yanke*. Sobre isso, cabe ressaltar que o destacamento militar da Força Expedicionária Brasileira – FEB, popularmente conhecido por “pracinhas brasileiros”, para atuarem no teatro de operações na Europa durante a SGM, além da aproximação do Brasil com os Estados Unidos, de certa maneira, facilitou uma maior exposição à cultura americana, por meio do cinema, da música, da moda e de outras formas de expressão artística. O conhecido *American way of life* começou a ser incorporado na cultura brasileira, especialmente nos grandes centros urbanos que, a partir do cinema, refastelavam-se com as películas hollywoodianas.

Nesse contexto, o soerguimento de inúmeros cineteatros no Brasil sobreveio como resposta ao aquecimento da indústria cinematográfica. Com a popularização do cinema como forma de entretenimento, os empresários experimentaram explorar novas maneiras de atrair o público para as salas de cinema. A necessidade em conjugar públicos e serviços, fez com que a combinação entre filmes e teatro, em um mesmo espaço, brilhasse aos olhos empresariais como alternativa mais lucrativa.

A ascensão da indústria cinematográfica no Brasil, na década de 1940, além das reproduções norte-americanas, serviu também para consolidar o cinema brasileiro, como forma de expressão cultural relevante, com a produção de filmes que buscavam retratar a realidade brasileira e refletir as mudanças sociais, políticas e culturais da época, sem esquecer, é claro, do cinema educativo, que desde a década de 1930 já possuía caráter de formação política e ideológica. Neste sentido, Simis (1997), afirma que “a contribuição do cinema na ‘formação’ da nação, a par de suas vantagens pedagógicas, teria ressonância junto ao poder”. Essa fala diz respeito ao discurso proferido por Getúlio Vargas, em 25 de junho de 1934 na manifestação promovida pelos cinematografistas, durante o governo provisório, que destacava o papel pedagógico do cinema na implementação de sua política:

Sanear a terra, polir a inteligência e temperar o caráter do cidadão, adaptando-o às necessidades do seu habitat, é o primeiro dever do Estado. Ora, entre os

mais úteis fatores de instrução, de que dispõe o Estado moderno, inscreve-se o cinema. Elemento de cultura, influenciando diretamente sobre o raciocínio e a imaginação, ele apura as qualidades de observação, aumenta os cabedais científicos e divulga o conhecimento das coisas, sem exigir o esforço e as reservas de erudição que o livro requer e os mestres, nas suas aulas, reclamam. A técnica do cinema corresponde aos imperativos da vida contemporânea. Ao revés das gerações de ontem, obrigadas a consumir largo tempo no exame demorado e minucioso dos textos, as de hoje e, principalmente, as de amanhã, entrarão em contacto com os acontecimentos da História e acompanharão os resultados das pesquisas experimentais, através das representações da tela sonora. Os cronistas do futuro basearão os seus comentários nesses seguimentos vivos da realidade, colhidos em flagrante, no próprio tecido das circunstâncias.

[...]. O cinema será, assim, o livro de imagens luminosas, no qual as nossas populações praieiras e rurais aprenderão a amar o Brasil, crescendo a confiança nos destinos da Pátria. Para a massa dos analfabetos, será essa a disciplina pedagógica mais perfeita, mais fácil e impressiva. Para os letrados, para os responsáveis pelo êxito da nossa administração, será uma admirável escola (VARGAS, 1934, p. 187-188).

Nem em sonho Vargas imaginaria que aquele “livro de imagens luminosas” teria seu brilho desfocado com o advento, e evolução, da internet no Brasil, no final do século XX. Tampouco que faria com que o cinema começasse a dividir espaço com as plataformas de *streaming*, tecnologia de transmissão de conteúdo on-line, plataformas educacionais (vigoroso espaço de ensino e aprendizagem à distância, principalmente depois do período pandêmico instalado a partir de 2020, com o aparecimento do COVID-19), redes sociais, entre outros que tem servido também como instrumento político ideológico para divulgação de *Fake news*<sup>32</sup>, alienação cultural e discursos de ódio. A exemplo, o despautério ocorrido com a eleição de um saudosista fascista, além de espaço para organizações de atos golpistas e criminosos, como o infeliz episódio acontecido em 08 de janeiro de 2023<sup>33</sup>, no Congresso Nacional.

Retornando a década de 1940, um dos principais marcos da indústria cinematográfica brasileira ficou conhecido como os "Cinemas de Companhias", a partir de grandes nomes como Cinédia, Atlântida e Vera Cruz. Essas eram companhias cinematográficas que buscavam

---

<sup>32</sup> A Organização dos Estados Americanos (OEA) afirmou que o fenômeno observado no Brasil de uso massivo de *fake news* para manipular o voto por meio de redes privadas "talvez não tenha precedentes". Diversas pesquisas conduzidas antes do segundo turno por outros institutos concluíram que a maioria das notícias falsas foi direcionada contra o Haddad e o PT. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/90-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditaram-em-fake-news-diz-estudo.shtml>. Acesso em 21 abr 2023.

<sup>33</sup> Movimentos antidemocráticos que contestam o resultado das eleições presidenciais [2022] são organizados desde o final do ano passado por meio de plataformas como *WhatsApp*, *Telegram*, *Facebook*, *TikTok*, *YouTube*, *Kwai* e outras. Se, inicialmente, as mensagens colocavam em dúvida o processo eleitoral, no último domingo (8), terroristas executaram atos golpistas em Brasília. Grupos de radicais ocuparam a Esplanada dos Ministérios, na área central e, de lá, invadiram e depredaram as instalações do Palácio do Planalto, do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal (STF) (INTRIELI; OLIVEIRA, 2023, on-line).

produzir filmes de qualidade técnica e artística, com roteiros bem elaborados e sofisticados, pensados para atender as demandas do público nacional.

A Cinédia foi um estúdio de cinema ativo nos anos 1930 e 1940, no Rio de Janeiro, com uma produção de quase mil curtas-metragens e 93 longas, sendo 56 produções próprias, na maioria dramas populares e comédias musicais. É considerada a primeira tentativa de industrializar a produção cinematográfica no Brasil. Em 1936, o estúdio produziu, entre outros títulos, o filme *Alô, Alô Carnaval*, um grande encontro de astros musicais como Carmem Miranda (1909-1955), Aurora Miranda (1915-1980) e Almirante (1908-1980), num documento completo sobre a música popular brasileira (MPB) dos anos 1930. Com ampla produção em duas décadas de atividade, a Cinédia fechou suas portas em 1951 (CINÉDIA, 2023, on-line).

A Atlântida Cinematográfica<sup>34</sup>, fundada em 18 de setembro de 1941, por Moacir Fenelon e José Carlos Burle, tornou-se uma das principais produtoras de filmes no Brasil durante a década de 1940. Ela produziu uma série de comédias musicais conhecidas como "chanchadas", que se tornaram populares entre o público brasileiro. Esses filmes retratavam a vida urbana do Rio de Janeiro e outras cidades brasileiras, com histórias engraçadas e personagens carismáticos, e eram conhecidos pelo uso de músicas e danças típicas do Brasil. Entre seus grandes sucessos, encontra-se *Moleque Tião*, estrelado pelo saudoso Grande Otelo. Em meados da década de 1950, a produtora contava com reconhecido *casting*, entre eles: Oscarito, Zé Trindade, Cyl Farney, Eliana Macedo, Julie Bardot, Fada Santoro e María Antonieta Pons.

Outra importante empresa cinematográfica, já nos finais da década de 1940, foi a Companhia Cinematográfica Vera Cruz<sup>35</sup>. Fundada em 1949 pelos industriais Francisco Matarazzo Sobrinho e Franco Zampari (também responsáveis no mesmo período pela criação do Museu de Arte Moderna e do Teatro Brasileiro de Comédia – TBC), a Companhia foi a principal tentativa de implantar uma indústria cinematográfica no país. Até 1954, a empresa produziria 18 longas, dos mais variados gêneros – melodrama, comédia, filme histórico, filme de aventuras e policial – todos dotados de grande preocupação com a qualidade técnica e com a interpretação. Participaram das produções intérpretes como Paulo Autran, Ziembinski, Cleyde Yáconis, Jardel Filho e Sérgio Cardoso. Seus filmes abordavam temas como a vida no campo, a desigualdade social e as questões políticas e culturais do Brasil da época. No entanto, é

---

<sup>34</sup> Fonte: Assim era a atlântida. Disponível em: <http://www.atlantidacinematografica.com.br/historia/>. Acesso em 19 maio 2023.

<sup>35</sup> Fonte: Cultura: Trajetória da Companhia Cinematográfica Vera Cruz em cartaz na Casa das Rosas. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/eventos/cultura-trajetoria-da-companhia-cinematografica-vera-cruz-em-cartaz-na-casa-das-rosas/>. Acesso em: 19 maio 2023.

importante ressaltar que a indústria cinematográfica brasileira também enfrentou desafios na década de 1940, como a falta de recursos financeiros, a concorrência com filmes estrangeiros e a falta de infraestrutura adequada para a produção cinematográfica. Mesmo assim, a sua produção neste período contribuiu para o fortalecimento do cinema nacional como uma forma de expressão artística e cultural, que buscava retratar a realidade do Brasil, de forma mais crítica e realista, e refletir as transformações sociais e culturais da época.

Esses espaços conhecidos como cineteatros eram geralmente localizados em áreas urbanas, especialmente nos centros das grandes cidades. Eles eram projetados de forma a abrigar uma grande tela de cinema e também um palco para apresentações teatrais, frequentemente decorados de forma distinta, com poltronas confortáveis, iluminação sofisticada e elementos de arquitetura que remetiam aos teatros tradicionais.

Os cineteatros se tornaram populares no Brasil, especialmente entre as classes média e alta, que buscavam formas de lazer mais sofisticadas e diferenciadas, ou seja, um espaço de elitização. As apresentações teatrais ao vivo variavam de peças de teatro a musical, danças, e outros espetáculos, acrescentando uma dimensão extra à experiência do cinema. No entanto, o auge dos cineteatros no Brasil foi relativamente curto, e com o envolvimento da televisão na década de 1950<sup>36</sup>, a popularidade desses espaços começou a declinar. Com o tempo, os cineteatros foram se adaptando às mudanças na indústria do entretenimento e passaram a se dedicar principalmente à exibição de filmes, abandonando as apresentações teatrais ao vivo. Hoje em dia, embora alguns cineteatros ainda (re) existam, eles são menos comuns e têm uma presença menos significativa na indústria do entretenimento no Brasil.

---

<sup>36</sup> Hoje, a televisão é um item comum na casa dos brasileiros. Mas isso só aconteceu porque em 18 de setembro de 1950 nascia a primeira emissora de tevê do país com a primeira transmissão no Brasil, feita pela Rede Tupi de Televisão, a TV Tupi, a primeira estação da América do Sul e a quarta do mundo, de responsabilidade do jornalista e empresário Assis Chateaubriand, do Diários Associados. A estreia da TV Tupi, Canal 3, foi com a exibição da cerimônia de inauguração, com a presença de Assis Chateaubriand, do bispo Dom Paulo Rolim Loureiro e de nomes conhecidos da época ligados à cultura, como o apresentador Homero Silva, a poetisa Rosalina Coelho Lisboa Larragoit e a atriz Lolita Rodrigues que foi responsável por substituir Hebe Camargo na missão de cantar o Hino da TV. A solenidade, nos estúdios em Sumaré, teve de tudo, de atraso, por conta de câmeras que pifaram, até bênção religiosa. O que importa é que, às 17h30 de 18 de setembro de 1950, a tevê brasileira nascia sob o aviso da atriz mirim Sonia Maria Dorce, vestida de índio: "Boa noite! Está no ar a televisão brasileira!" (IZEL, 2020, on-line).

## 5.2 CENA II – O CINETEATRO TERRITORIAL DE MACAPÁ

Imagem 13: Cineteatro Territorial de Macapá (1947)



Fonte: Jornal Amapá, 24 de junho de 1947.

O Cineteatro Territorial de Macapá, como podemos observar na imagem acima, permeia a memória e a história amapaense. Foi o espaço propulsor de uma política janarista, que buscou erguer bases sólidas para o desenvolvimento artístico cultural do TFA; contudo, é importante lembrar que o teatro na região amapaense possui raízes ainda mais profundas.

A última obra do pesquisador Romualdo Palhano, *História do Teatro no Amapá, do século XVIII à década de 1940* (2021), nos leva-nos a conhecer parte desta história. O autor revela que há registros, ainda no século XVIII, de um teatro construído em madeira na Vila de São José Macapá (região atualmente conhecida como a capital do estado do Amapá), para receber o Presidente da Província do Grão-Pará, senhor João Pereira Caldas, em visita a região. Considera ainda ser este o “primeiro espaço teatral fechado, ou seja, um edifício à italiana. Embora este teatro tenha existido, não se sabe quais textos ou espetáculos foram apresentados em seu interior” (p. XX).

Ainda no século XVIII, Palhano (2021) trata sobre outro espaço teatral na Vila de Nova Mazagão, a partir de 1771, quando se deu a chegada de “136 famílias de afrodescendentes”, provenientes do Marrocos, fundadores da cidade de Mazagão – AP. Cabe destacar que nesta cidade acontece uma das maiores encenações a céu aberto do estado amapaense, a “Batalha

entre Mouros e Cristãos”<sup>37</sup>, que “vem sendo realizada há mais de 244 anos”, no final do mês de julho, em celebração à São Tiago. De acordo com o pesquisador:

A encenação entre mouros e cristãos tem como objetivo manter viva a chama da civilização cristã, então dominadora e vencedora contra os infiéis. Manifestações como estas, anda acontecem no Brasil, como as cavalhadas de Pirenópolis, em Goiás; a festa do Divino em Parati, Rio de Janeiro; e ainda, a festa de São Luiz do Paraitinga, em São Paulo, vale aqui ressaltar que em todas essas manifestações são dramatizadas a batalha entre mouros e cristãos (PALHANO, 2021, p. 29).

Chegando no século XX, Palhano (2021) destaca a presença do Padre Júlio Maria Lombaerd como impulsionador religioso cultural, ao instituir um “grupo de teatro que tinha como papel principal, treinar os coroinhas para o sacerdócio”, por meio de uma relação palcosplateia, dimensionado às condições da igreja, onde “os coroinhas criavam e ensaiavam seus discursos, recitavam poemas e contavam histórias” (p.33).

Esses pequenos registros nos levam a compreender que o fazer teatral na região amapaense, anterior a década de 1940, encontrou em seu percurso histórico, maneiras para se recriar diante de cada adversidade. Desde apresentações para autoridades públicas, quanto religiosas e festivas, a história do teatro amapaense entra em um novo capítulo a partir da criação do TFA.

O Cineteatro Territorial de Macapá, como corrobora Palhano (2021), foi inaugurado em 22 de julho 1944, sendo, posteriormente, anexado à primeira escola construída em alvenaria na região, o Grupo Escolar Barão do Rio Branco, inaugurado em 13 de setembro de 1946, aproximadamente “dois anos e dois meses após a inauguração do Cineteatro” (p. 48). Destaca-se que o Grupo Escolar Barão do Rio Branco surge a partir do Grupo Escolar de Macapá, já existente no município desde o período em que ainda era anexado ao estado paraense. A alteração de nomenclatura acontece, de acordo com a “Súmula de Atos e Fatos” de maior importância no DEC – TFA, no dia 20 de abril de 1945,

O governador do Território Federal do Amapá, por decreto denomina o Grupo de Macapá “Grupo Escolar Barão do Rio Branco. É instalada, em Macapá, a Biblioteca e Arquivo Público do Território, comemorando-se o primeiro centenário do Barão do Rio Branco” (JORNAL AMAPÁ, 30 jun. 1945, s/p.).

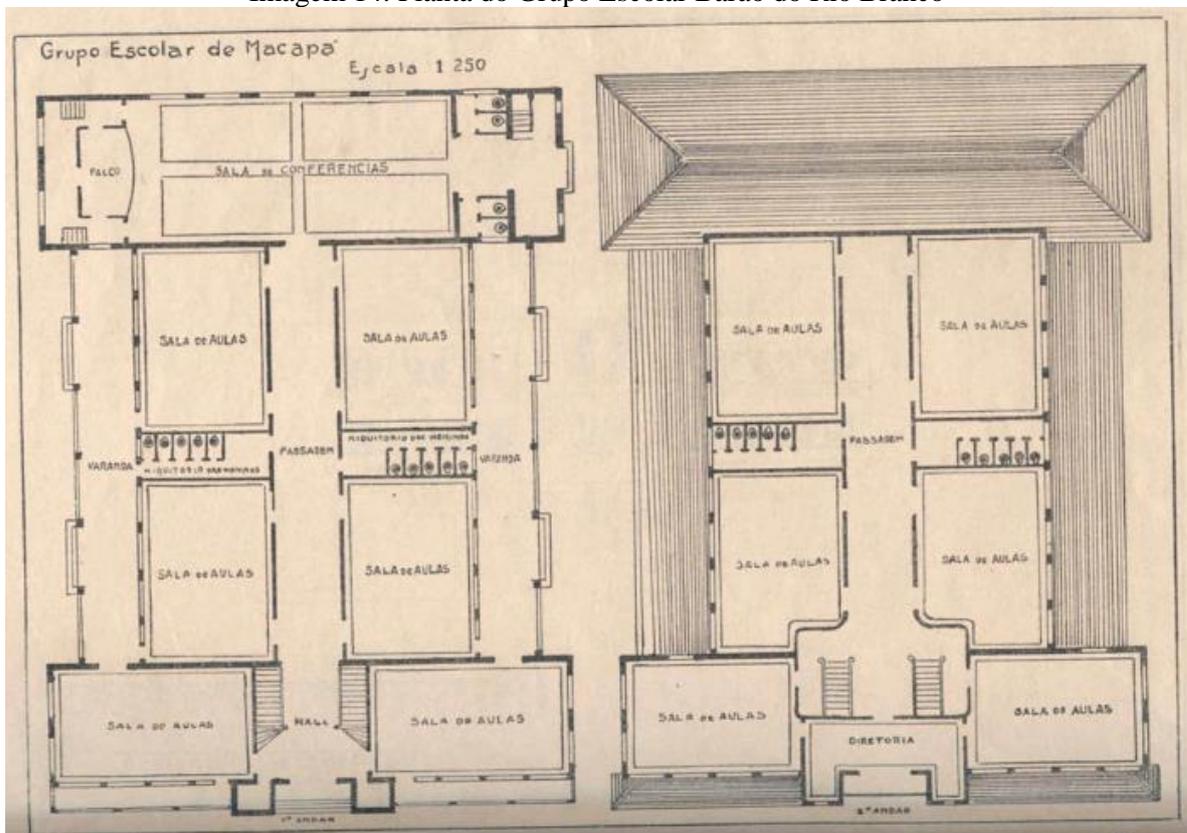
Na imagem 14, apresentada no *Relatório das Atividades do Governo do Território*

---

<sup>37</sup> Acerca desta, ver a tese de doutorado de Juliana Souto Lemos, intitulada *A batalha entre mouros e cristãos da festa de são tiago em mazagão velho – ap: uma experiência (etno)dramatúrgica*. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/217126>. Acesso em: 22 abr 2023.

*Federal do Amapá*, é possível ver a planta (andar-térreo à esquerda e 1º andar à direita) do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, com a estrutura do Cineteatro Territorial de Macapá, no canto superior esquerdo. Nessa, podemos perceber o espaço arquitetônico, da esquerda para a direita, dividido entre palco (elevado) com escadas laterais, plateia (sala de conferências), banheiros em ambos os lados e Hall de entrada. Esta entrada dava acesso para atual rua Cândido Mendes, perpendicular à avenida FAB, acesso central ao Grupo Escolar. Além disso, o espaço contava com um camarim abaixo do palco, e acima do hall de entrada, a sala de projeção e uma sala *vip* acima dos banheiros.

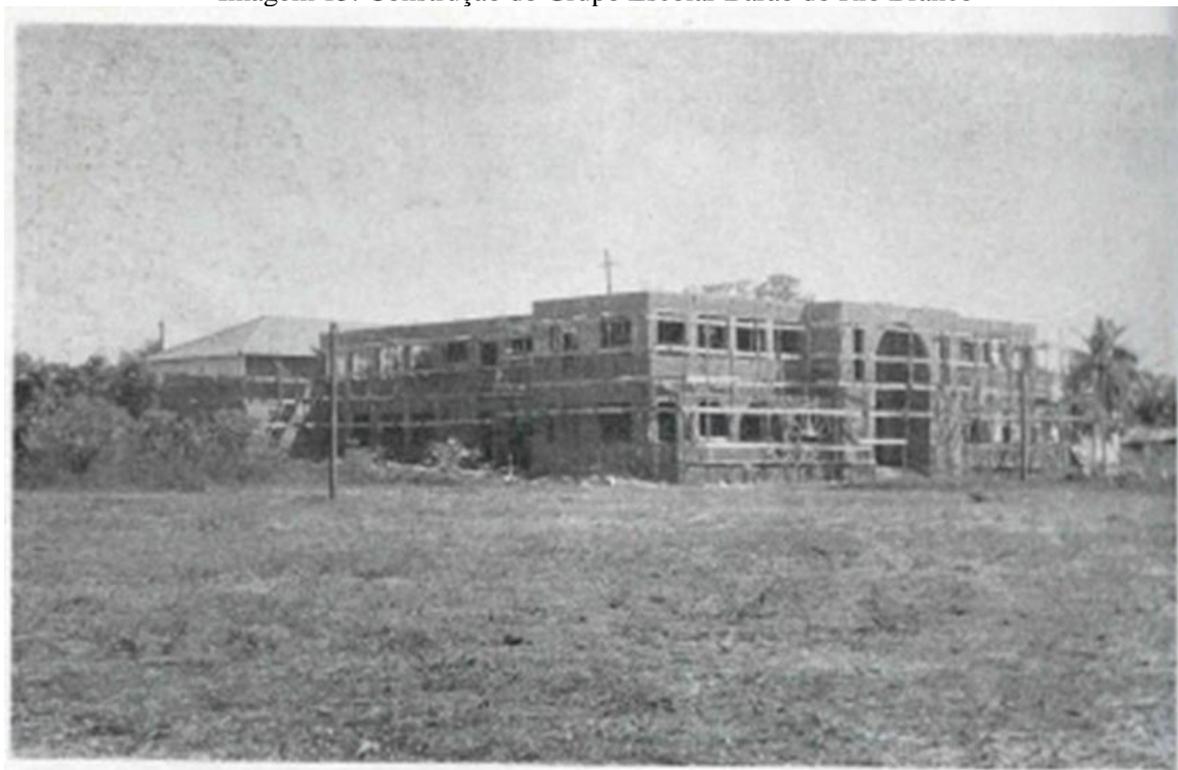
Imagem 14: Planta do Grupo Escolar Barão do Rio Branco



Fonte: Relatório das Atividades do Governo do Território Federal do Amapá (1946, p. 42)

Na próxima imagem (15), pertencente ao *Relatório das Atividades do Governo do Território Federal do Amapá*, é perceptível que durante a construção do Grupo Escolar Barão do Rio Branco (em primeiro plano) já se encontrava o Cineteatro Territorial de Macapá (em segundo plano) ao fundo e à esquerda.

Imagem 15: Construção do Grupo Escolar Barão do Rio Branco



Fonte: Relatório das Atividades do Governo do Território Federal do Amapá, 1946, p. 34d.

Analisando mais profundamente, a imagem seguinte (16) nos revela o momento da edificação do Grupo Escolar Barão do Rio Branco em 1946. Aqui, percebe-se o momento exato da anexação do edifício do Cineteatro Territorial àquela instituição de ensino. Nesta ocasião, já fazia dois anos que o seu prédio havia sido inaugurado (julho de 1944). Em função desse fato, observa-se um andaime de madeira que dá suporte para a anexação entre os respectivos edifícios.

Imagem 16: Entrada principal do Cineteatro Territorial de Macapá



Fonte: Relatório das Atividades do Governo do Território Federal do Amapá (1946, p. 108a).

A esse respeito, cabe ressaltar o Comentário da Semana do Jornal Amapá, de 28 de setembro de 1946, que trata sobre a inauguração do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, não excluindo a oportunidade para estereotipar o caboclo amazônico como figura “ignorante”, envolto pelo “caos” e entregue a “caminhos tortuosos do vício e do crime”, uma forma de estabelecer distâncias culturais que só poderiam ser encurtadas a partir dos processos desenvolvimentistas em curso da política janarista.

#### **Comentário da Semana**

O Grupo Escolar de Macapá, que teve recentemente inaugurado o seu novo edifício, á praça Barão do Rio Branco, á um estabelecimento de ensino que honra os créditos do Território. Se há menos do que um quinquênio, era deplorável a situação educacional do nosso povo, hoje o panorama que se nos

descortina é um contraste flagrante aos tempos ominosos em que se achava que o caboclo amazônico deveria permanecer envolto no caos da ignorância e do analfabetismo, para que pudesse ser explorado com maior facilidade pelos senhores da terra. A escassez de escolas, a má organização do magistério e a irregularidade nos períodos letivos ocasionavam a indiferença búdica de certos pais, que abandonavam seus filhos à própria sorte, impedindo-lhes que tivessem acesso aos cargos de relevo e lançando-os (...ilegível) nos caminhos tortuosos do vício e do crime. A Educação no Território profundamente disseminada pelos mais recônditos lugares do interior, constitui uma das preocupações máximas do governo territorial, que deseja ver a nossa população perfeitamente integrada nos verdadeiros destinos do Brasil (JORNAL AMAPÁ, 28 set. 1946, p. 3).

O referido “Grupo Escolar de Macapá”, e neste observa-se o erro na nomenclatura como já explicitado anteriormente, hoje Escola Estadual Barão do Rio Branco, situado à avenida FAB, nº 122, região central de Macapá, e que à época da publicação desta edição do Jornal Amapá já possuía o nome Grupo Escolar Barão do Rio Branco, foi a concretização do primeiro espaço escolar estruturado com diversas salas para receber os estudantes de maneira seriada. Até então, a partir da chegada do governador Janary Nunes em 1944, os espaços escolares criados em Macapá e nos interiores, que atendiam crianças e adultos, não possuíam estrutura que comportasse a divisão dos estudantes. Nunes (1946) destaca que

Alugou várias casas e aceitou outras onde instalou provisoriamente escolas, executando melhoramentos necessários. Em face da deficiência geral de prédios apropriados, teremos de construir obras novas nas quais possam ficar morando os professores, enquanto não tiverem residências à parte. Não conseguimos escolas do bom padrão se não instalarmos convenientemente os mestres (NUNES, 1946, p. 36).

Para o governo territorial, as condições estruturais da educação encontradas no TFA delineavam uma atmosfera de total abandono, com apenas 7(sete) escolas em ruínas, sendo: 2 (duas) em Macapá, 1 (uma) no rio Pedreira, 1 (uma) na cidade do Amapá, 1 (uma) no povoado de Tucumã e outra no de São Miguel, e 1 (uma) na vila de Mazagão. O analfabetismo em massa se ligava à mínima oferta de ensino, somente até o terceiro ano primário. Registra-se na imagem 17 o local de funcionamento do Grupo Escolar de Macapá e na imagem 18 a reconstrução do grupamento escolar. Este espaço improvisado foi utilizado até a inauguração do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, durante as comemorações do segundo aniversário do marco legal que instituiu a criação dos territórios federais, 13 de setembro de 1946.

Imagem 17: Casa onde funcionava o Grupo Escolar de Macapá



Fonte: Relatório das Atividades do Governo do Território Federal do Amapá, 1946, p. 34b.

Imagem 18: Grupo Escolar de Macapá reconstruído



Fonte: Relatório das Atividades do Governo do Território Federal do Amapá, 1946, p. 34c.

Em pouco mais de dois anos de governo, o Jornal Amapá comemorava o avanço referente ao sistema de ensino implantado no TFA, enaltecendo os esforços de Janary Nunes e

Eurico Gaspar Dutra, presidente do Brasil à época. De acordo com o divulgado no Comentário da Semana, de 20 de julho de 1946.

**Comentário da Semana**  
**Mais escolas no Território**

O carinho com que os Governos federal e territorial abordam e resolvem os problemas concernentes ao ensino não é uma vã expressão de retórica, mas a realidade palpável dos fatos. Tempos houve em que o analfabetismo campeava nos mais longínquos recantos desta região, criando ambientes propícios ao vício e ao crime. A deficiência de métodos pedagógicos disseminados por um professorado mal pago e que trabalhava mais por amor ao ofício, era decorrente da própria situação em que se achava, expiando o descalabro de governantes que não auscultavam as legítimas reivindicações populares. O advento da administração Janary Gentil Nunes trouxe novo impulso à questão educacional, rebuscando-a e traçando-lhes diretrizes mais seguras e acertadas. Atualmente, o Território conta com dezenas de escolas diurnas e noturnas para ministrar a instrução primária a crianças e adultos. Devidamente aparelhados, dirigidas por professores conscientes de sua missão e bem recompensados pelos serviços que prestam à comunidade, é ali que aprendem as primeiras letras o agricultor, o extrator, o operário e seus filhos. Desejosos de serem mais uteis à Pátria, pela evolução de suas ideias, anteriormente imersas no caos da ignorância completa, absorvem eles no templo iluminado do saber os conhecimentos que melhor os nortearão através das vicissitudes da vida (JORNAL AMAPÁ, 20 jul. 1946, p. 2).

De acordo com Palhano (2021), o Cineteatro Territorial de Macapá, espaço cultural e educacional de maior prestígio a partir do primeiro ano do governo Janary, foi anunciado como um dos marcos da chegada da modernidade, o símbolo de uma nova cultura, no início do período territorial.

O Cineteatro Territorial, foi sem dúvida um dos primeiros edifícios construídos na administração do Capitão Janary Nunes. Em função de que não havia construções adequadas para reunir sua equipe administrativa, esse prédio foi erigido inicialmente para ser o Centro de Convenções do Governo, levando-se em consideração que só havia um lugar para tal atividade que era o antigo prédio da Intendência, que depois se transformou no museu Joaquim Caetano. Sendo assim, o prédio do Cineteatro Territorial se transformou no principal espaço para que os administradores pudessem se reunir com tranquilidade com a equipe do novo governo, para dar andamento ao projeto de transformação política do Território recém-instalado. Na cidade de Macapá, além do prédio da Intendência não havia nem outro espaço digno para que se pudesse reunir os gestores do novo território, em função disso o Governador determinou que fosse urgentemente construído um novo espaço para ele poder se reunir com seus secretários. O Capitão Janary Nunes aportou em Macapá no dia 25 de janeiro de 1944 e em julho do mesmo ano o prédio já estava pronto para servir como Centro de Convenções do novo governo, ou seja, em tempo recorde, em apenas seis meses o referido prédio já estava inaugurado (PALHANO, 2021, p. 43-44).

Esse espaço foi um dos braços do Departamento de Educação e Cultura (DEC) criado por Janary, sob a direção do Dr. Otávio Mendonça, que acumulava também as seguintes unidades: Serviço de Coordenação; Serviço de Ensino Primário e Profissional; Colégio de Macapá; Biblioteca e Arquivo Público. De acordo com o próprio Janary Nunes (1946)

Incumbirá ao DEC, manter ainda em permanente funcionamento o Cine-Teatro e a Biblioteca de Macapá, destinados, o primeiro à exibição de filmes e peças educativas, de preferência aproveitando motivos nacionais e regionais, e a última para o fácil acesso de todo o público às novidades da imprensa e da literatura brasileira e internacional (NUNES, 1946, 36).

O DEC-tinha como princípio estabelecer diretrizes, coordenar e supervisionar ações de intervenção direta na região, como a alfabetização, divulgação de regras higiênicas e sanitárias, novos processos de cultura da terra, assistência à criação, instinto à economia e amor ao trabalho, entre outras, tendo como finalidade erigir em cada indivíduo a noção de pertencimento à coletividade brasileira; ou ainda, homogeneizar, controlar e preparar uma massa trabalhadora subserviente, como disposto pelo próprio governador, em seu relatório oficial.

Qualquer transformação duradoura na vida de um povo só se obterá eficientemente preparando as gerações novas. Elas terão de ser utilizadas pelas elites como se fossem tropas encouraçadas incumbidas de abrir brechas nos hábitos e superstições da gente velha, aplicando o princípio preconizado por Durkheim de reeducar os pais pelos próprios filhos (NUNES, 1946, p. 34).

O Cineteatro Territorial de Macapá fora intensamente destinado à exibição de filmes e de peças educativas, além de espaço de recepção de diversos artistas em evidência no cenário nacional, como também internacionais, aproveitando motivos nacionais e regionais, alinhados ao perfil populista e progressista proposto por Janary Nunes. A este espaço, de acordo com o *Relatório das Atividades do Governo do Território Federal do Amapá* (1946), competia:

- a) Divulgar e estimular a arte dramática, aproveitando, sempre que possível motivos e pessoas locais;
- b) Comentar datas cívicas, sob a ordem do Govêrno;
- c) Orientar na técnica elementar de teatro as iniciativas paralelas (teatro escolar, representações populares, etc.);
- d) Manter em funcionamento o cinema de Macapá, incluindo:
  - 1) Solicitar com antecedência a aquisição de novos filmes;
  - 2) Escolhê-los de tipo agradável e útil para o Território;
  - 3) Promover a distribuição de programas, com sessões no interior, sempre que possível;
  - 4) Difundir o gôsto pelo cinema educativo, com sessões especiais para escolares e comentários simultâneos, quando o assunto impuser (NUNES,

1946, p. 39).

Cabe pontuar sobre o cuidado do governador Janary em torno da “qualidade” das produções exibidas no Cineteatro Territorial, como também o referente ao acesso a “bons livros”. O Jornal do Amapá, de 20 de outubro de 1945, registra trechos de uma palestra do Dr. Marcilio Viana, proferida no grupo escolar sobre a “Importância da educação na delinquência infantil”. Sobre este tema, destaco abaixo um trecho que já nos sinaliza para questões relevantes acerca da política cultural janarista, associada à educação no território.

O mau cinema é o principal meio empregado pela delinquência para o desaparecimento do pudor, do respeito à família, à sociedade, e do modo de se conduzir dentro da vida. Quantas e quantas crianças são estragadas pelo mau cinema: outro agente nefasto da delinquência é o mau livro, que não possui finalidade de educar e unicamente prejudica. A educação é a polícia que vigia a delinquência; com ela, dentro dela, a criança caminhará por uma estrada limpa, honrosa e digna para o seu futuro, e quando homens feitos, tenho certeza, não esquecerão de mandar educar seus filhos, netos e bisnetos, porque a grandeza do Brasil depende da educação dos seus filhos (JORNAL AMAPÁ, 20 out. 1945, p. 03).

A partir desse trecho, é possível notar como a política janarista se inseria no TFA, erigindo um programa de intervenções culturais que intentavam em produzir modelos homogeneizantes, hierarquizando produções artísticas e literárias a partir das diretrizes impostas pelo próprio governo, ficando a cargo do regime estabelecido a seleção do que pode ou não ser veiculado. Não é difícil perceber tais distinções ao longo da história da humanidade, uma vez que disputas culturais sempre estiveram em torno da luta pelo poder, com mais evidência em regimes ditatoriais.

Nunes (1946) descreve no relatório de governo, com certa satisfação, que mesmo durante a construção do Cineteatro Territorial de Macapá, os escolares matriculados nas unidades provisórias de ensino já haviam iniciado, de maneira improvisada, pequenas encenações por meio do Teatro Escolar, atividade paralela ao período escolar que, notoriamente, acabou por conquistar a atenção dos estudantes e familiares.

O Teatro Escolar começou de improviso. A 24 de maio (1944) desejou-se entremear uma sessão cívica com alguns números feitos por alunos. Apurou-se que 3 ou 4 tinham certo desembaraço. Nasceu a ideia de instituir um trabalho regular. A 7 de setembro, 3 de outubro, 15 e 19 de novembro, 24 e 25 de dezembro, o Teatro funcionou. Melhor ou pior, teve o mérito de desenvolver valores mentais e alcançou uma bela repercussão entre os alunos e suas famílias. É natural que se tenha de enfrentar o obstáculo de não consentir na deturpação da finalidade pelo encanto do sucesso. Em algumas

ocasiões não houve um Teatro puramente escolar, mas cenas de adultos feitas pelas crianças. Inconveniente que se reduzirá à medida que fôr coligida uma biblioteca sobre o assunto e feito o contrôlo mais seguro. Ambos estão começados. Há uma professora exclusivamente para a Cooperativa e o Teatro. Os 4 elementos de mais passaram a 12 de dezembro. Aumentando o número, diminui a atenção sobre cada qual e, com ela, as consequências da vaidade e desnorteio. Duas pequenas peças do Dr. Miranda Bastos e dezenas de “sketches” foram ao palco. É uma aspiração no Grupo entrar para o Teatro. Deu vida à escola. Tornou-se ativa, portanto (NUNES, 1946, p. 48).

Esse Teatro Escolar, citado por Nunes (1946), caminhou paralelamente à Cooperativa Agrícola. Nessa, os alunos, ora citados como sócios, ajudavam no preparo da terra doada pelo governador, roçando e retirando tocos de madeira para posterior plantio. Essa Cooperativa buscava incutir nos alunos o apreço pelo trabalho, educando o corpo para a formação de mão obra necessária ao desenvolvimento da região. Aos sócios, “cada presença valia uma cota e a quantidade destas determinaria a porcentagem nos lucros”. De acordo com Nunes (1946), “no dia de Natal, os sócios representaram uma pequena peça. O bilheteiro era um aluno. O porteiro outro. Todos os artistas alunos. Na última sessão a diretoria resolveu comprar com a renda chapéus de carnaúba para o serviço ao sol” (p. 48).

Acerca das primeiras projeções cinematográficas realizadas no TFA, o *Relatório das Atividades do Governo do Território Federal do Amapá*, revela que:

Desde julho [1944] funcionaram em Macapá, sob a direção do DEC, dois aparelhos cinematográficos de 16 m/m, a princípio projetando apenas filmes silenciosos e, a partir de dezembro, também sonoros. Para as sessões foi adaptado um prédio tôsko agora com capacidade para cerca de 400 pessoas sentadas. Como os filmes silenciosos trazem legendas em inglês, o DEC promove a tradução e elas são lidas pelo megafone. Numerosas sessões gratuitas foram oferecidas a operários e estudantes. Às pagas, em número de 28, afluíram 2.606 espectadores, ou sejam 93 assistentes em média (NUNES, 1946, p. 50-51).

Chamo a atenção para analisarmos essa informação de Nunes (1946) sob alguns aspectos. Primeiro sobre a datação, julho de 1944, sendo o dia 22 a inauguração do Cineteatro Territorial de Macapá, construído em “tempo recorde”, de acordo com Palhano (2021); segundo, é afirmado que fora adaptado um prédio “tôsko” para as sessões, o que gera certa confusão, pois o que sabemos é que o Cineteatro Territorial de Macapá fora totalmente construído, e não adaptado. Nesta linha de raciocínio, em terceiro, sobre a quantidade de aparelhos cinematográficos, duas unidades de 16m/m, seriam os dois aparelhos destinados ao mesmo espaço, ou haveria mais de um espaço para as projeções cinematográficas, considerando

ainda que, em quarto, a capacidade de 400 lugares sentados não corresponde aos 280 lugares do Cineteatro Territorial de Macapá, como descrito no Jornal Amapá, de 06 abril de 1946.

Por conseguinte, essa questão se amplia ainda mais, a partir do *Relatório de Atividades do Governo do Território Federal do Amapá*. Ao tratar dos *Recursos empregados em 1944*, revela os valores investidos em construções e adaptações prediais para instalação de órgãos públicos, sendo empregado para “adaptação do prédio para cine-teatro o valor de Cr\$ 17.460,00” (dezessete mil, quatrocentos e sessenta cruzeiros); e, em *Trabalhos Realizados em 1944*, ao relatar que “entre as obras iniciadas ou concluídas em 1944 avultam: (...)o Cine-Teatro provisório” e ainda:

Construímos um amplo barracão de madeira, coberto de palha, que também serve de sede do “Panair Clube”, para o funcionamento provisório do Cine-Teatro de Macapá. Foi neste barracão, coberto de palha, que muitos brasileiros macapaenses, pela primeira vez, assistiram à projeção de um filme cinematográfico, e exibições de peças teatrais (NUNES, 1946, p. 100).

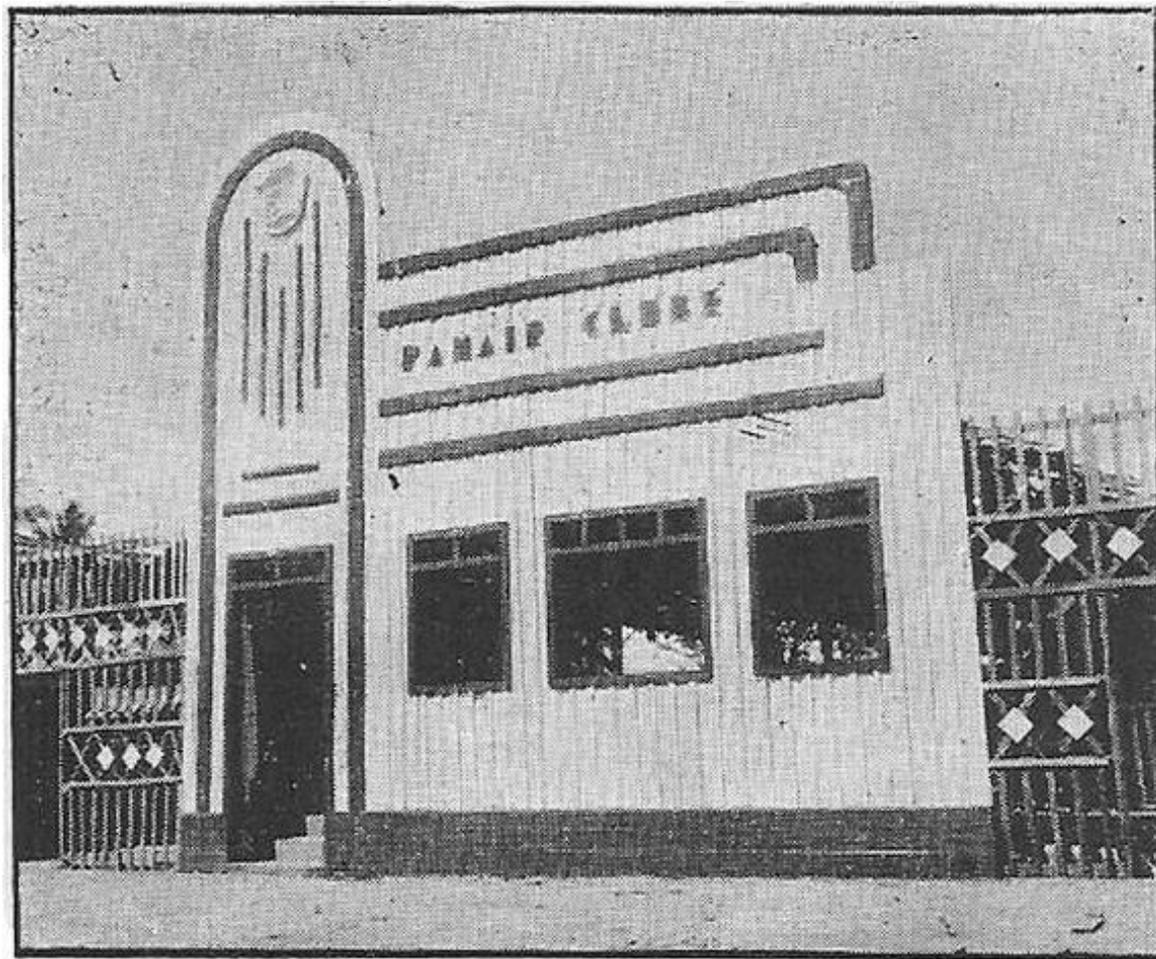
A provisoriedade é a tônica, ainda hoje, para abertura de espaços artísticos principalmente, o que nos leva a entender que, assim como o Grupo Escolar Barão do Rio Branco, o Cineteatro Territorial de Macapá também precisou de um espaço provisório (as instalações da Panair Clube) para a realização de palestras, de encontros com a população, de apresentações de Teatro Escolar e de projeções cinematográficas educativas. Isso se devia a urgência em instituir o novo padrão cultural janarista, antes mesmo da inauguração do Cineteatro Territorial em julho de 1944, e ainda para atender à população de maneira periódica, devido à intensa agenda administrativa do novo Centro de Convenções do Governo quando inaugurado.

Sendo assim, a partir do *Relatório de Atividades do Governo do Território Federal do Amapá*, o Cineteatro provisório montado nas instalações da Panair Clube, foi o primeiro espaço de difusão cultural do TFA, possivelmente compartilhando por algum tempo essa função com o primeiro edifício em alvenaria do TFA, o Cineteatro Territorial de Macapá.

Contudo, ao espaço “tôsko” não fora destinado tanta notoriedade em prol da natureza moderna, símbolo do desenvolvimento e do progresso, com que nascia o principal palco de celebrações educacionais, cívicas e festivas da nova era na terra das bacabas. Cabe ressaltar que, mediante as 251 (duzentas e cinquenta e uma) edições do Jornal Amapá, de 19 de março de 1945 a 31 de dezembro de 1949, analisadas neste trabalho, não foi encontrada nenhuma referência ao momento de abertura e de fechamento deste Cineteatro improvisado no prédio da Panair Clube.

A este respeito na imagem abaixo (19), de 1945, a partir do Blog Porta-Retrato, pode-se visualizar a estrutura relatada por Janary Nunes, o prédio “tôsko” da Panair Clube construído em madeira e coberto de palha.

Imagem 19: Vista frontal da Panair Clube



Fonte: Foto/reprodução/recorte da “Panair em Revista”. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2022/07/memoria-do-esporte-amapaense-mudanca-de.html>. Acesso em: 12 maio 2023.

O Panair Sport Clube, fundado no dia 07 de setembro de 1940, foi o embrião do Esporte Clube Macapá. O Clube era formado pelos funcionários da Panair do Brasil, empresa aérea que atuava na época, posteriormente substituída pela “Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul” e as partidas de futebol aconteciam no campo da praça da matriz em frente à sede.

Na imagem abaixo (20), de 1944, podemos observar os integrantes do clube: 11 (onze) jogadores, sendo 6 (seis) em pé, e 5 (cinco) agachados, segurando o pavilhão azulino. De acordo com ângulo do registro, o time está posicionado defronte à fachada do Clube, pois ao fundo é mostrado a fachada de algumas casas, provavelmente, situadas à rua, hoje conhecida como Cândido Mendes.

Imagem 20: Time do Panair Sport Clube, 1944



Fonte: Foto/reprodução do arquivo da família Duarte Moraes. Disponível em: [https://historiadofutebol.com/blog/?attachment\\_id=76664](https://historiadofutebol.com/blog/?attachment_id=76664). Acesso em 12 maio 2023.

De acordo com o Jornal Amapá (edição de número 20, de 4 de agosto de 1945), a alteração do nome do azulino amapaense de Panair Sport Clube para Esporte Clube Macapá aconteceu em reunião de Assembleia Geral, realizada na própria sede do Clube, no dia 18 de julho de 1945, quarta-feira.

Quanto à localização da sede do clube, é possível observar alguns detalhes na imagem 21, que apresenta em primeiro plano um grupo de garotas em um desfile de escolares na região da praça da Matriz, conduzidas por um militar fardado, visível no canto esquerdo. Em segundo plano, uma cerca de madeira pintada de branco e algumas mangueiras que emolduram a cena. Em terceiro plano, mais visível, o antigo prédio do Senado da Câmara (posteriormente demolido), sendo neste local erigida a atual Biblioteca Pública Estadual Profa. Elcy Lacerda, situada à avenida São José; e à sua esquerda, atrás de uma mangueira, as instalações da antiga Panair Clube. Este espaço, hoje, encontra-se ocupado por um prédio comercial, situado na esquina das avenidas São José e General Gurjão.

Imagem 21: Vista geral da praça da matriz



Fonte: Relatório das Atividades do Governo do Território Federal do Amapá, 1946, p. 56b.

Outra questão importante relatada no *Relatório de Atividades do Governo do Território Federal do Amapá*, é a ausência de um sistema de sonorização no início das projeções cinematográficas que, desde a instauração do cinema como ferramenta educativa, era de responsabilidade do DEC ler as traduções ao megafone, a legenda de cada película, atividade que se encerraria em dezembro do mesmo ano, com a instalação do maquinário específico.

No anexo 16, página 67 desse relatório, fora apresentado a distribuição de material do DEC. Nele pode-se observar a existência de três aparelhos cinematográficos em 1944, sendo dois silenciosos e um sonoro. A partir disso, é possível inferir que esses dois aparelhos silenciosos foram os primeiros a chegar no TFA, como relatado por Nunes (p. 50-51), sendo posteriormente agregado uma outra unidade de aparelho cinematográfico, esse mais moderno, constituído de sistema sonoro.

Em concordância ao relatado por Nunes (1946), e também, de acordo com Palhano (2021), ao citar *O Território Federal do Amapá depois de um ano de administração, possibilidades – riquezas – esclarecimentos úteis*, publicado em junho de 1945 temos o seguinte: “em Macapá acaba de ser montado um cinema com aparelhagem moderníssima e, ainda em 1945 espera-se instalar uma potente estação de rádio-emissora” (p. 7). Em paralelo, o *Jornal Amapá*, de 02 de junho de 1945, apresenta a pequena nota: “BREVEMENTE terá o

público de Macapá oportunidade de frequentar um novo e importante cinema sonoro, cujo moderno aparelhamento está sendo montado no edifício do Grupo Escolar Barão do Rio Branco” (JORNAL AMAPÁ, 02 jun. 1945, s/p.).

Logo, entende-se que essa “aparelhagem moderníssima”, já presente em 1944, fora instalada, aproximadamente, no segundo semestre de 1945, o que pode explicar a motivação para uma segunda inauguração do Cineteatro Territorial de Macapá. Essa hipótese se fundamenta no Jornal Amapá, de 1º de dezembro de 1945, nº 37, quando é anunciada a inauguração do cinema, com a presença do Capitão Janary Nunes, durante a festividade em comemoração ao 45º aniversário de assinatura do Laudo Suíço (relativo a integração da região contestada entre os rios Oiapoque e Araguari ao território nacional). Assim, essa segunda inauguração, ocorrida em dezembro de 1945, pode ter sido em função da instalação da aparelhagem sonora, inexistente na de julho de 1944.

Sobre a nomenclatura desse espaço de difusão política e cultural, Centro de Convenções do Governo, encontram-se mais alguns engasgos que merecem destaque. Os nomes “Cineteatro Territorial de Macapá” e “Cineteatro de Macapá” aparecem nas edições mais antigas do periódico, entrecruzando-se e produzindo algumas confusões. Isso nos leva a alguns questionamentos como, se teria havido uma alteração na nomenclatura em determinado momento ou, se poderia ser um erro na redação do texto, ou ainda, se foram dois espaços distintos?

Nesse sentido, para Palhano (2021), o nome Cineteatro Territorial de Macapá passou a ser utilizado a partir da inauguração, em 22 de julho de 1944, em detrimento do anterior Cineteatro de Macapá. Contudo, apoiado pela fonte documental deste trabalho, seja possível encontrar as duas nomenclaturas em edições posteriores à inauguração de julho de 1944. Quanto à possibilidade de ter havido algumas confusões na redação do Jornal, acreditamos ser possível, baseados no exemplo das aparições de “Grupo Escolar de Macapá”, mesmo após a alteração da nomenclatura, em 20 de abril de 1945, para “Grupo Escolar Barão do Rio Branco”. Nesta perspectiva, não seria estranho o Jornal Amapá se referir ao mesmo espaço por meio do nome oficial, Cineteatro Territorial de Macapá, como também por Cineteatro de Macapá. Entretanto, retomando Palhano (2021), quando destaca “em detrimento do anterior Cineteatro de Macapá”, e ainda, trazendo à baila a existência do Cineteatro improvisado no edifício em madeira da Panair Clube, podemos certificar que, ao usar a antiga denominação do espaço, o Jornal Amapá pode estar indicando sobre o local improvisado. Isso porque, desde sua inauguração, em 22 de julho de 1944, o espaço, posteriormente anexado ao Grupo Escolar Barão do Rio Branco, já nascera intitulado como Cineteatro Territorial de Macapá.

Diante disso, assumimos a denominação Cineteatro Territorial de Macapá, em concordância à obra de Palhano (2021), para designar o espaço de difusão política e cultural janarista, seja no espaço improvisado da Panair Clube, ou, ainda, o primeiro edifício construído em alvenaria no TFA.

A inauguração do Cineteatro Territorial de Macapá acontece em 22 de julho de 1944; porém, Souza (2016) parece se confundir sobre tal. Apesar disso, o autor apresenta algumas questões estruturais que coadunam com esta pesquisa, principalmente no que tange questões estruturais e artísticas relevantes, vejamos:

Construído pelo governo territorial, o Cine Teatro Territorial (1946) era uma espécie de espaço representativo, característico da modernidade que chegava ao Amapá. Com capacidade para 280 pessoas, o local proporcionou à comunidade assistir as primeiras sessões cinematográficas de longa-metragem com os principais filmes comerciais da época. Além de filmes, também eram ali apresentadas peças teatrais e shows com artistas locais como: Nonato Leal, Aymorezinho, Sebastião Mont’Alverne, dentre outros, e de artistas nacionais renomados da época como: Luiz Gonzaga, Ângela Maria, Dalva de Oliveira, Ademilde Fonseca, dentre outros (SOUZA, 2016, p. 222-223).

A respeito do que refere Souza (2016), no trecho acima, cabe abrir espaço para ressaltar algumas curiosidades sobre um dos artistas locais, José Sebastião de Mont’Alverne, o “Zeca”, “Caboquinho” ou simplesmente “Sabá”. Natural de Belém-PA, nascido em 19 de março de 1945, e falecido em Macapá, em 26 de julho de 2016, foi filho de José Jucá de Mont’Alverne e da professora Aracy Miranda de Mont’Alverne. Sua mãe, foi a responsável pela sua alfabetização e, indiretamente, por sua aproximação ao conhecimento musical. De acordo com João Lázaro<sup>38</sup>, chegou a proibir o pequeno Sabá de ser músico, pois, naqueles tempos, tocar era coisa de boêmio. Na imagem abaixo (22), um registro da professora Aracy Mont’Alverne segurando o pequeno Sabá. Ressalta-se que na página virtual do Blog Porta-Retrato, local onde se encontra hospedada a imagem a seguir, não foram detalhadas as especificações de data e local do registro.

---

<sup>38</sup> Responsável pelo Blog Porta Retrato. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/search/label/Sebasti%C3%A3o%20Mont%27Alverne>

Imagem 22: Aracy Mont'Alverne e seu filho Sebastião Mont'Alverne



Fonte: Reprodução Facebook Fernando Canto. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2014/09/lembrancas-da-professora-aracy.html>. Acesso em 03 abr. 2023.

Apesar da insistência de sua mãe em afastá-lo da esfera artística, os caminhos de Zeca se entrelaçariam à arte. Autodidata, quando chegou em Macapá aos doze anos, já havia se tornado um exímio violonista. Participou do programa *Clube do Guri*<sup>39</sup> da Rádio Difusora de Macapá, tocou em Belém com a banda *The Kings*, nos clubes do Remo, Paysandu e Tuna Luso Brasileira, e ainda integrou uma das formações da banda *Os Cometas*, que tinha sua esposa

---

<sup>39</sup> O programa radiofônico “Clube do Guri”, posteriormente conhecido como “A Hora do Guri”, foi um programa, dominical, infantil de calouros. As crianças eram convidadas a cantar e a declamar poesias na presença de público. Ressalta-se o palco do Cineteatro Territorial de Macapá como um dos espaços utilizados para a realização do programa da RDM, com a presença de auditório.

como vocalista, e contou também com Nonato Leal e Aymorezinho, artistas que se apresentaram no palco do Cineteatro Territorial (na imagem abaixo 23 da banda *Os Cometas*, no centro da fotografia, Sebastião Mont'Alverne e seu violão). Ressalta-se que na página virtual do Blog Porta-Retrato, local onde se encontra hospedada a imagem a seguir, não foram detalhados local e data do registro.

Imagem 23: Grupo Musical - Os Cometas - Macapá



Fonte: Reprodução do acervo do grupo. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/search/label/Sebasti%C3%A3o%20Mont%27Alverne>. Acesso em 12 maio 2023.

Em 1962, Zeca trabalhou ainda como fotógrafo a campanha em que Janary Nunes se elegeu deputado federal pelo Partido Social Progressista (PSP). Foi também, por cinco anos, professor de violão clássico da Escola de Música Walkíria Lima, servidor na UNIFAP, além de exímio afinador de piano. Faleceu no dia 25 de julho de 2016, na cidade de Belém – PA, vítima de um ataque cardíaco. Foi enterrado no Cemitério São José, bairro do Buritizal, em Macapá,

deixando seu legado musical a cargo de dois<sup>40</sup> dos três filhos que teve com Célia, a vocalista da banda Os Cometas.

Retornando ao Cineteatro Territorial, Souza (2016) relata que foi um importante espaço de socialização e uma forma de buscar uma identidade mais elitizada. Ressalto que este hábito da elite de frequentar teatro, como sinal de distinção social, era típico da época; em várias capitais, como em Belém do Pará, ir ao Teatro da Paz era acontecimento para poucas famílias endinheiradas. Dessa forma, o complexo de povo colonizado e excludente fora naturalizado, assim como o acesso a outros acontecimentos educativo-culturais, que eram restritos a poucos. Infelizmente, estamos vivendo, atualmente, um retorno às práticas exclusivas das populações periféricas.

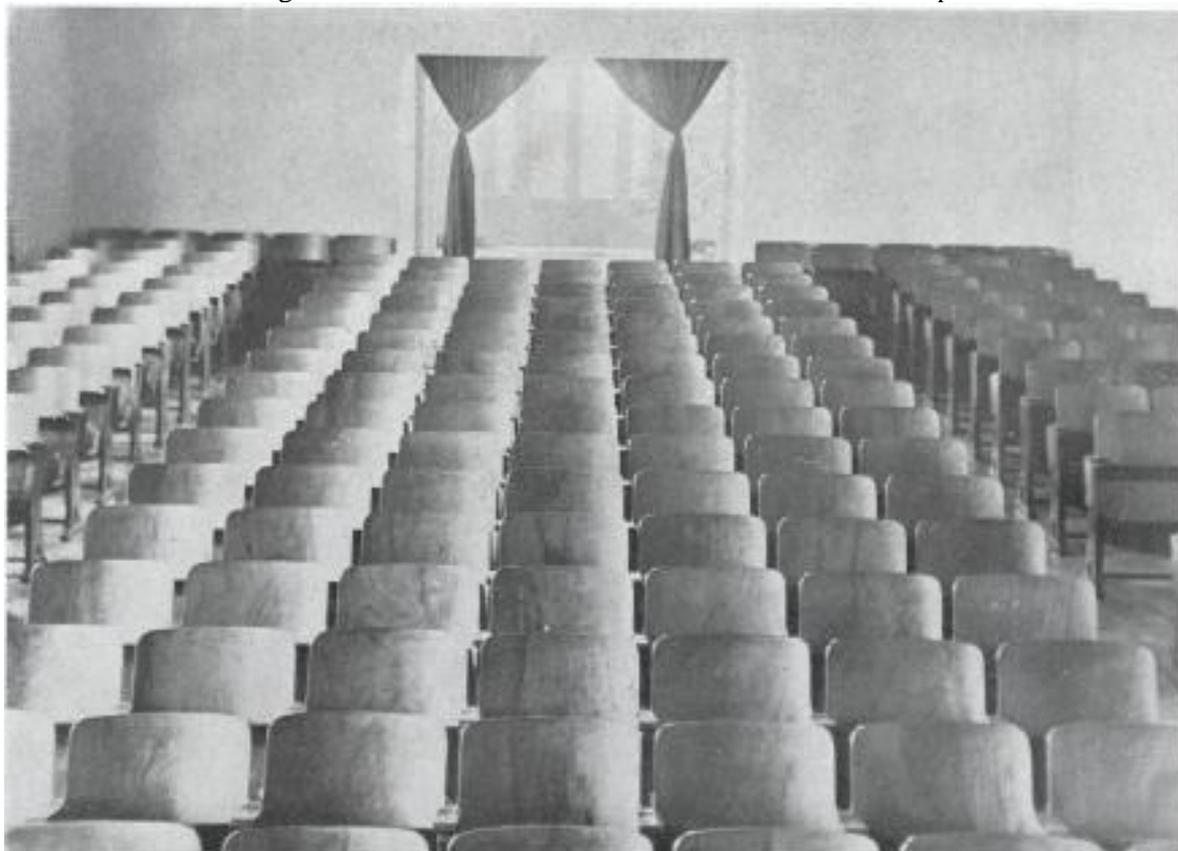
Nesse período, ir ao Cineteatro Territorial, além de opção de lazer para a população, em número mais significativo para a elite local, era um sinal de elegância e distinção social, o que de certa forma levava a busca de uma identificação com as elites de outras capitais brasileiras (SOUZA, 2016, p. 233).

O Cineteatro Territorial fazia parte das transformações arquitetônicas do espaço na cidade de Macapá, a partir da criação do TFA, percebida nos prédios, praças e comércios. Concentrava-se nele a fusão da nova arquitetura da época, como visto na imagem 24, que registra a vista sua interna: em primeiro plano, as cadeiras de madeira simetricamente dispostas em declive em direção ao palco; em segundo plano, ao fundo, uma abertura que dá acesso ao Hall de entrada, decorada com cortinas; e, em terceiro plano, com visibilidade menor, as portas do prédio que davam acesso à atual rua Cândido Mendes. A imagem não possibilita visualizar a área VIP, acima do Hall de entrada, nem a sala de projeção cinematográfica, como descrito na planta do Grupo Escolar Barão do Rio Branco (imagem 24).

---

<sup>40</sup> Um deles, Fábio José de Oliveira Mont'Alverne, baterista da Banda Negro de Nós durante 21 anos, faleceu em 29 de abril de 2020, no Hospital de Clínicas Alberto Lima (HCal), região central de Macapá, vítima de complicações de COVID-19.

Imagem 24: Vista interna do Cineteatro Territorial de Macapá



Fonte: Relatório das Atividades do Governo do Território Federal do Amapá (1946, p. 108b).

O acesso a “tão aclamada” modernidade percebida nas dependências do Cineteatro Territorial não ficava totalmente restrita a uma parcela específica da população, uma vez que era de interesse do governo territorial a inclusão de todas as classes sociais, mesmo que fosse em uma escala reduzida. Isso acontecia por meio de uma estrutura de acessibilidade, a partir de uma redução do valor do ingresso em determinado dia da semana, além das atividades festivas e cívicas que geralmente eram financiadas pelo governo.

É importante se atentar que, apesar da ação democrática de inclusão e de acessibilidade à principal casa de espetáculos do TFA, destinadas às classes operárias, a modernidade descrita acerca do espaço físico e a reduzida oportunidade em frequentá-lo, pelos mais pobres, de longe, leva a entender que o Cineteatro Territorial seria um espaço direcionado à elite amapaense. Esta iniciativa fazia parte da política governamental, que se preocupava em utilizar o espaço, também, para difundir a educação e os bons costumes, desde as crianças até os adultos.

#### **Comentário da Semana**

O Cine Teatro Territorial de Macapá, localizado em um edifício moderno com linhas arquitetônicas admiráveis, após contrato assinado com a *Twenty Century Fox*, vem exibindo ótimos filmes, tornando-se o centro de diversão

mais frequentado da cidade. Dotado de dois moderníssimos projetores Zeiss com som fidelíssimo, prodigaliza a todos um espetáculo que nada deixa a desejar ao mais intransigente espectador. O salão com capacidade para 280 cadeiras confortáveis apropriadas, com cortinas luxuosas pendentes às janelas e à abertura do palco, dão, juntamente com a beleza arquitetônica, um aspecto de bom gosto e distinção - aliás, necessários numa casa de diversão - que raramente se vê num cinema das capitais do extremo norte do Brasil. É com alegria que observamos o operário, o agricultor, o criador, o comerciante, o escriturário, etc, nos seus 'bate-papos' cotidianos, aludindo ao filme e ao seu fundo moral, elogiarem mais essa iniciativa que diverte e que educa. Pelo cinema, e com filmes apropriados e educativos, não só a criança se educa mas um povo. E o povo de Macapá, a pouco a pouco, vai sendo educado porque a, acessibilidade do preço da entrada assim o permite. Nota-se, também, que o operário, em qualquer filme, dispendioso ou não, tem a sua sessão especial assegurada, às quintas-feiras pelo preço de Cr\$ 3,00. Também as crianças tem uma vespéral especial, desde que o filme não seja impróprio e prejudicial aos bons costumes que, diariamente, vem aprendendo nas escolas. Este é mais um aspecto de como funciona a Democracia em Macapá (JORNAL AMAPÁ, 06 abr. 1946, p.2).

Cabe aqui ressaltar os “dois moderníssimos projetores Zeiss com som fidelíssimo”, referidos pela edição do Jornal Amapá de 06 de abril de 1946. Sabemos que em 1944, de acordo com o Relatório das Atividades do Governo do Território Federal do Amapá, já existia um projetor sonoro e que sua instalação, provavelmente, fora a “motivação” para a segunda inauguração, em dezembro de 1945. A edição de 06 de abril de 1946, apresenta mais uma informação a respeito do sistema sonoro, dando indícios de instalação de um novo equipamento, agora sendo dois projetores alemães Zeiss Ikon, aumentando ainda mais a qualidade para exibição de longas-metragens.

O Cineteatro Territorial de Macapá era mantido pelo governador Janary Nunes, e todos os eventos coadunavam com os princípios políticos em execução: bailes populares, palestras e exposições de cinema educativo, apresentações artísticas de música e teatro eram financiadas pelo governo territorial. Algumas atividades eram oferecidas gratuitamente a população, outras já contavam com a necessidade da aquisição de ingresso. Segundo o Comentário da Semana do Jornal Amapá, de 06 de abril de 1946, “nota-se, também, que o operário, em qualquer filme, dispendioso ou não, tem a sua sessão especial assegurada, às quintas-feiras pelo preço de Cr\$ 3,00”. Esse pequeno trecho do noticioso abre campo para discussões mais aprofundadas sobre o desenho social desse espaço sob uma política cultural em curso.

De acordo com Antônio Albino Canelas Rubim (2007), “a história das políticas culturais do estado nacional brasileiro pode ser condensada pelo acionamento de expressões como: autoritarismo, caráter tardio, descontinuidade, desatenção, paradoxos, impasses e desafios” (p.11). O caráter tardio citado por Rubim nos leva a década de 1930, quando, por meio de um

movimento político-militar, finaliza a primeira república (1889-1930), e Getúlio Vargas assume o governo provisório no Brasil (1930-1934). Este período dá início a um processo de intervenções sistemáticas na estrutura cultural brasileira, tendo como objetivo construir um sentimento de brasilidade. O pesquisador Alexandre Barbalho (2007) refere que:

Os responsáveis pela elaboração da identidade nacional e por sua publicização serão os intelectuais, já que para estes “cultura” e “política” formam termos indissociáveis, devendo mesmo se fundir em torno da “Nação”. Há a tentativa de criar uma “cultura do consenso” em torno dos valores da elite brasileira, e o projeto de uma “cultura nacionalista” é o espaço para aproximar parcelas da intelectualidade, mesmo aquela não alinhada diretamente ao regime. Para implementar tais tarefas, o Estado getulista promove a construção institucional de espaços, físicos ou simbólicos, onde os intelectuais e artistas possam trabalhar em prol do caráter nacional (BARBALHO, 2007, p. 40).

No TFA, a partir das transformações do desenho social e urbanístico, o processo de reestruturação administrativa, que hierarquizou e verticalizou as classes sociais dentro da máquina governamental e a construção do Cineteatro Territorial de Macapá como espaço de difusão política, educacional e cultural, muito se aproxima dos ideais varguistas ventilados desde o governo provisório, e consolidados durante o Estado Novo (1937-1945). A busca pela valorização da brasilidade esteve presente, orientando a política janarista. O Cineteatro servia aos interesses do governador Janary Nunes, que decidia quem ocuparia o palco territorial e, ainda, como esses eventos estariam a serviço de sua propaganda política, na perspectiva da exaltação dos êxitos governamentais. Na imagem 25 temos o registro da plateia do Cineteatro Territorial, só não foi possível identificar a datação e objetivo do evento; porém, destacam-se os trajes utilizados de maneira maciça, o que nos leva a crer não ter se tratado de um evento popular.

Imagem 25: Plateia do Cineteatro Territorial de Macapá



Fonte: Acervo Histórico do Amapá.

Para Souza (2016), “a narração dos espaços dá sentido à história e a memória dos lugares, pois se consegue resgatar aquilo que é essencial na construção de qualquer lembrança, de qualquer memória de cidade, que é a sua singularidade” (p. 140). Assim, evidenciando-se os pequenos detalhes de cada espaço e a sua forma de apropriação pelos agentes sociais que ali estabeleceram suas relações, podemos compreender melhor como se deu o processo de construção histórica e cultural amapaense.

A sociedade macapaense teve a oportunidade de assistir as primeiras cenas de Teatro Infantil, realizadas pelos escolares e dirigidas pelos professores do Grupo escolar Barão do Rio Branco, e também assistir o nascimento do Teatro do Estudante, realizado pelos secundaristas do atual Colégio Amapaense. Pode prestigiar ainda vários artistas, locais, nacionais e internacionais, como musicistas, cantores e cantoras, sobretudo do casting da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, atores, atrizes, místicos, dançarinos e dançarinas, técnicos teatrais enfim, uma gama de profissionais que, a serviço da educação no TFA, aproximaram a sociedade local a outras culturas “necessárias” à máquina desenvolvimentista em curso, liderada pelo Capitão Janary Nunes e seu séquito progressista.

Para este trabalho, na perspectiva das fontes documentais já discutidas, realizamos o recorte temporal compreendido entre os anos de 1944 e 1949, sendo o primeiro ano dedicado a

análise do Relatório das Atividades do Governo do Território Federal do Amapá e os seguintes, especificamente, a partir da 1ª edição do Jornal Amapá, de 19 de março de 1945, a edição de nº 251, de 31 de dezembro de 1949. Neste percurso, nas próximas cenas trago transcrições e imagens (quando possíveis) das atividades que ocorreram no palco territorial, além de outras fora dele, presentes nas 251 edições do Jornal Amapá, no intuito de discutir o motivo de cada intervenção política e cultural janarista, perfil da assistência e deslocamentos dos pontos de força cultural. Para isso, proponho olhar para a “maior casa de espetáculos do Território Federal do Amapá”, a partir de três perspectivas: em primeiro, como Palanque Territorial, lugar de educação moral e cívica; em segundo, a Hollywood Territorial, de cinema educativo às grandes estrelas norte americanas; e, em terceiro, o Teatro Territorial como berço acolhedor e ainda propulsor de artistas e grupos em destaque, de maneira entrecruzadas, mesmo a partir de uma estrutura cronológica, pois todas as atividades eram geridas sob uma mesma política cultural, a janarista.

### 5.3 CENA III – 1945

Sobre a perspectiva visivelmente voltada para o palco territorial como lugar de reafirmação da política cultural janarista, envolvendo a realização de eventos cívicos, apresentações de espetáculos teatrais e musicais, que fomentassem a imagem do governador, de heróis nacionais, pertencimento e brasilidade, dentre outros, o calendário anual propunha uma gama de possibilidades para atender as “necessidades” da sociedade amapaense. Essas, foram periodicamente noticiadas pelo Jornal Amapá, antes, durante e depois, por meio de programações, de comentários da semana e de notas jornalísticas.

Na 5ª edição, de 19 de abril de 1945, o Jornal Amapá noticiou a primeira atividade, de cunho cívico, realizada no Cineteatro Territorial do ano de 1945. Nessa, foram divulgadas as comemorações em alusão ao aniversário do Presidente Vargas e à memória de dois brasileiros de destaque.

**CULTO CÍVICO AS GRANDES FIGURAS NACIONAIS. AS COMEMORAÇÕES DE 19, 20 E 21 DE ABRIL.**

O Governo Territorial, a exemplo do que vem fazendo com relação as maiores efemérides nacionais, organizou para hoje, amanhã e depois de amanhã, um programa com que homenageará o Presidente da República, Sr. Getúlio Vargas, pela passagem de sua data natalícia, que hoje ocorre, e reverenciará a memória de dois grandes brasileiros do passado: José Joaquim da Silva Xavier – o Tiradentes, e o José Maria da Silva Paranhos, barão do Rio Branco. E o seguinte programa desse culto cívico, em Macapá, sendo que no interior, nas sedes municipais, os três dias serão também condignamente comemorados (JORNAL AMAPÁ, 19 abr. 1945, p. 2).

Acerca da programação, no dia 19 de abril de 1945, em alusão ao aniversário do presidente Vargas, fora divulgado um “animadíssimo baile popular com show” realizado às 20h, abrilhantado por um “esplêndido conjunto musical sob a direção de mestre Oscar Santos”. No dia 21, também às 20h, o palco territorial fora utilizado para uma sessão do Instituto Histórico, seguida de projeção cinematográfica educativa sobre a significação de Tiradentes e o sentido de liberdade e democracia. A edição de 19 de abril de 1945 do Jornal Amapá não apresenta mais detalhes sobre o que foi exibido na “sessão educativa”. Cabe pontuar que foi durante essas comemorações, a inauguração da Hospedaria de Operários, no dia 19, às 17h30 horas, e a instalação da Biblioteca Pública de Macapá, no dia 20 às 17h30 horas.

Na sexta edição do Jornal Amapá, de 28 de abril de 1945, sinalizou-se as comemorações em alusão ao dia do trabalhador.

De hoje a três dias comemorar-se-á, universalmente, a data máxima do operariado; o Dia do Trabalho. E, associando-se ao júbilo decorrente dessa efeméride de tão alta significação para o trabalhador em geral, dadas as conquistas que a mesma representa, o elemento operário do Território também comemorará seu grande dia, em Macapá, cujas festividades estão sendo elaboradas por uma comissão composta de representantes de todas as classes que ora emprestam o seu concurso ao ressurgimento desta nova unidade da Federação. Para que esta data seja festejada em meio às maiores e mais sinceras expansões de júbilo da classe operária, reuniram-se diversos trabalhadores ante-ontem, à noite formando comissões para os respectivos festejos. Ficou deliberado o seguinte: Amanhã, 29, falará pela rádio Aparício de Oliveira; no gramado, haverá eliminatória entre os quadros de futebol do “Panair” e “Construção” (1º jogo) e entre o “Amapá” e o “Cumaú” (2º jogo), no dia 1º de Maio. No intervalo do 1º para o 2º tempo da partida de terça-feira realizar-se-ão 1 prova de 3 voltas (1.000 mts.) no campo e 1 prova de velocidade (100 mts), com prêmios. Na 2ª feira 30 falará ao microfone o operário Raimundo Batista, e finalmente no dia 1, além das provas esportivas, acima, haverá formidável passeata pela manhã, na Fortaleza um churrasco e à noite baile e “show” no Cine-Teatro Macapá (JORNAL AMAPÁ, 28 abr. 1945, s/p.).

De acordo com a fonte Jornal Amapá, não é possível precisar as características deste show no Cineteatro Territorial de Macapá, determinando apenas a ocupação do espaço no dia primeiro de maio. Contudo, é importante ressaltar que o Dia do Trabalhador, ou Dia do Trabalho, celebrado em 1º de maio, teve sua origem no final do século XIX, em meio às lutas das classes trabalhadoras. Em 1º de maio de 1886, trabalhadores de Chicago, nos Estados Unidos, iniciaram uma greve geral por melhores condições de trabalho e pela redução da jornada de trabalho para 8 horas intermitentes (em alguns países, chegava a 16 horas por dia), a qual acabou em confrontos violentos entre trabalhadores e a polícia, deixando diversos mortos e feridos. Em vista disso, em homenagem aos trabalhadores que lutaram por seus direitos e em memória dos que perderam suas vidas em Chicago, em 1889, a Internacional Operária instituiu o dia 1º de maio como o Dia Internacional dos Trabalhadores. A partir daí, a data passou a ser comemorada em diversos países do mundo como um símbolo da luta pelos direitos trabalhistas e da valorização do trabalho como um elemento fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

No Brasil, o Dia do Trabalho foi oficializado a partir do Decreto nº 4.859, de 26 de setembro de 1924, assinado pelo então presidente da República Arthur Bernardes. O objetivo da criação do feriado nacional foi o de homenagear os trabalhadores brasileiros e de reforçar a importância do trabalho para o desenvolvimento do país. Esta escolha seguiu a tradição internacional, uma vez que a data já era reconhecida em outros países como um momento de celebração e de reivindicação dos direitos trabalhistas. Desde então, o Dia do Trabalho é

celebrado em todo o país com eventos, manifestações e homenagens aos trabalhadores, sendo uma importante oportunidade para refletir sobre as condições de trabalho e os direitos dos trabalhadores brasileiros.

No TFA, seguindo a política varguista, a significação das lutas, dos protestos e da crítica às estruturas socioeconômicas do país que originaram a celebração, foram substituídas por jogo de futebol, por provas esportivas, por churrasco e por um bom baile show. Seria um alento para refrescar os corpos cansados do trabalho diário em prol da construção e da modernização da singela Macapá; ou ainda, uma ressignificação do momento histórico em benefício do famigerado desenvolvimentismo. Sobre o churrasco, o Jornal Amapá de 05 de maio de 1945 destacou:

Em meio as efusivas demonstrações de contentamento, teve lugar o churrasco, em que tomaram parte numerosos operários. O local, primitivamente escolhida a praia da Fortaleza, passou a ser no alpendre da Hospedaria dos Operários, a Praça Capitão Assis. Estiveram presentes funcionários, contando-se entre os mesmos as personalidades dos srs. Paulo Moacir de Carvalho, - diretor do D.A. - Jaci Jucá, - oficial do Gabinete do Governador - autoridades policiais, comparecendo também o funcionário Benedito Malcher, que saudou os operários, congratulando-se com eles pela data maior do proletariado. Falaram ainda outros oradores (JORNAL AMAPÁ, 05 maio 1945, p. 2).

No dia 07 de julho de 1945, o Jornal Amapá divulga “Uma esplêndida noite de recreio de civismo” realizada no dia 29 de junho, de acordo a imagem 26:

Imagem 26: Notícia de evento realizado no Cineteatro Territorial, dia 07 de julho de 1945



Fonte: Jornal Amapá, 07 jul. 1945, p. 01

Nos salões do Cine-Teatro Macapá realizou-se, na noite de 29 de junho transato, uma sessão em que foi cumprido o seguinte programa: apresentação do violinista Márcio Rocha ao público de Macapá; palestra do dr. Cláudio Lobato sobre o tema – alimentação; posse do sr. Jaci Barata Jucá no cargo de Prefeito desta capital; encerramento da sessão pelo Exmo. Sr. Governador, e, finalmente sessão cinematográfica. A tarde houve farta distribuição de refeições aos pobres da cidade. Assim decorreu a referida noite, sendo enorme a assistência que ocorreu ao local, demonstrando interesse pelo programa a

que aludimos e ávida de passar, como de fato se verificou, agradáveis momentos que lhe foram proporcionados pela administração pública. Um grande artista. Fazendo apologia da música em sucinto retrospecto, o sr. Paulo Armando Martins Xavier, direto do D.E.C., apresentou ao público desta capital o violinista Mário Rocha, figura muito conhecida nos meios artísticos, não só do Norte, mas das demais plateias do Brasil e mesmo algumas do estrangeiro. Sua arte, aprimorada por um talento de escol e uma interpretação em que o sentimento contribui com apreciável parcela, dá-nos a fruir instantes de suave enlevo, transfundindo em frases musicais inesquecíveis, em melodias imorredouras os impulsos do pensamento, as paixões recalcadas e a beleza introspectiva apenas sonhada ou se, vivida, já relegada ao esquecimento ante a aspereza da vida cotidiana. E' Mário Rocha exímio na sua arte ao ponto de fazer imitações de vozes de animais e outras, o que não compromete, em absoluto, a interpretação estrita das mais maravilhosas páginas musicais. Sua audição entusiasmou a platéia, que não lhe regateou aplausos. Os acompanhamentos ao violão foram feitos por Walter Banhos, que demonstrou conhecimento e domínio do seu instrumento. Abrindo o programa ouviu-se o tango argentino <La Cumparsita>. Logo após, a canção nacional <Meu Brasil>. Foram executados ainda outros números, igualmente aplaudidos pela grande assistência que superlotava o Cine-Teatro (JORNAL AMAPÁ, 07 jul. 1945, p. 01).

Em 14 de julho de 1945, o Cineteatro Territorial abre seu espaço para receber a Convenção do Partido Social Democrático<sup>41</sup>, a sigla partidária do governador Janary Nunes, conforme disposto na imagem 27.

Imagem 27: Notícia de evento realizado no Cineteatro Territorial, dia 14 de julho de 1945



Fonte: Jornal Amapá, 14 de julho de 1945, nº 17, p. 1

<sup>41</sup> Partido político de âmbito nacional fundado em 17 de julho de 1945 pelos interventores nomeados por Getúlio Vargas durante o Estado Novo. Participou da maioria das eleições (proporcionais e majoritárias) realizadas no Brasil entre 1945 e 1965. Na política nacional, seu aliado mais constante foi o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), embora tenha realizado inúmeras alianças também com a União Democrática Nacional (UDN), considerada sua tradicional “adversária”. Majoritário na Câmara dos Deputados durante toda a sua história, o PSD elegeu dois presidentes da República (1945 e 1955), contribuiu decisivamente para a eleição de Getúlio Vargas em 1950, conquistou vários governos estaduais e integrou praticamente todos os ministérios do período. Como os demais partidos políticos em funcionamento no país, foi extinto em 27 de outubro de 1965, pelo Ato Institucional nº 2. Fonte: [www.fgv.br/cpdoc](http://www.fgv.br/cpdoc). Disponível em: <https://acervodigital.tre-df.jus.br/index.php/partido-social-democratico-psd>. Acesso em 10 maio 2023.

Como foi anunciado, terá lugar no Cine - Teatro, hoje, às 20 horas, a convenção do Partido Social Democrático no Território do Amapá. A sessão solene será presidida pelo Exmo. Sr. Governador Janary Gentil Nunes, que pronunciará o discurso de abertura instalando o Partido Social Democrático este Território e empossará o Diretório Territorial a ser eleito pelos diretórios municipais em sessão a realizar-se ainda hoje, às 17 horas. O programa do Partido, as diretrizes da sua orientação política em face dos elevados interesses do Brasil e do Amapá, e as razões que congregaram os amapaenses, numa vitoriosa unanimidade, em torno da organização político-partidária que apoia a candidatura do General Eurico Gaspar Dutra à sucessão do Presidente Getúlio Vargas, serão objeto do discurso do Presidente do Diretório Territorial e das exposições daqueles que forem convidados pela comissão central que tem a seu cargo organizar a convenção (JORNAL AMAPÁ, Jornal Amapá, 14 de julho de 1945, nº 17, p. 1).

Esses eventos, entre tantos outros ocorridos entre 1945 e 1949, tinham como propósito estabelecer uma unidade política no TFA, fazendo com que a sociedade amapaense conhecesse os projetos políticos do partido, e, a partir disso, fosse possível instaurar processos de identificação, uma das chaves do movimento homogeneizador. A instalação do PSD, realizada no Cineteatro Territorial de Macapá, fora noticiada pelo Jornal Amapá, no dia 21 de julho de 1945, conforme imagem 28.

Imagem 28: Notícia de evento realizado no Cineteatro Territorial, dia 21 de julho de 1945



Fonte: JORNAL AMAPÁ, 21 de julho de 1945, ano I, nº 18, p. 1

Às 20 horas de sábado último, grande multidão reuniu-se no edifício do Cine-Teatro, nesta capital, para assistir à Convenção do Partido Social Democrático no Amapá. O local estava artisticamente decorado, vendo-se em destaque Bandeiras Nacionais e vários dísticos e flâmulas com os nomes do Partido e do General Eurico Dutra. A grande assembléia teve início às 20,30 horas, com a presença do Exmo. Sr. Capitão Janary Gentil Nunes, Governador do Território, do Sr. Dr. Raul Montero Valdez, Secretário Geral e autoridades territoriais e municipais e dos Diretórios territorial e municipais do Partido Social Democrático, recém-eleitos. Delineado pela comissão organizadora da Convenção, que teve como supervisor o Sr. Paulo Armando Martins Xavier, - que merece destacado louvor pelo feliz desempenho com que se houve, - foi executado, então, o seguinte

**PROGRAMA**

- 1) Instalação da Convenção pelo Exmo, Sr. Governador;
- 2) – Leitura da síntese do programa do D. S. P. pelo 1º Secretário;
- 3) – Dime que si (Canto) pela professora Stela da Costa Pimenta;
- 4) – Declaração de posse dos Diretórios de Macapá e Mazagão;
- 5) – Que te vaya bien (Sólo de violino) pelo professor Mário Rocha;
- 6) – Aclamação do Diretório do P.S.D. no Amapá;
- 7) – La Cumparsita (Sólo de violino) pelo professor Mário Rocha;
- 8) – Discurso do Presidente do Diretório Territorial do P.S.D.;
- 9) – Minha terra (Canto) pela professora Stela da Costa Pimenta;
- 10) – Leitura do telegrama endereçado ao General Eurico Gaspar Dutra pelo Diretório Territorial, comunicando o lançamento de sua candidatura à Presidência da República;
- 11) – Hino Nacional (JORNAL AMAPÁ, 21 jul. 1945, p. 01).

É salutar darmos destaque a dois personagens nominados na programação acima. A primeira, a professora Stela da Costa Pimenta, responsável pela apresentação musical “Dime que si” e “Minha terra”, que fez parte do primeiro grupo de professores do atual Colégio Amapaense, situado à avenida Iracema Carvão Nunes, nº 419, região central de Macapá em frente a atual Praça da Bandeira, a responsável pela atividade de “Trabalhos Manuais”. Criado a partir do Decreto Territorial nº 49, de 25 de janeiro de 1947, sob o nome de Ginásio Amapaense, tinha por objetivo ofertar o ensino secundário. Iniciou suas funções, em caráter provisório, no prédio do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, no período noturno, ocioso à época, e, somente em 13 de junho de 1952, passou a funcionar definitivamente em seu prédio próprio. A imagem 29, de 1954, mostra o primeiro bloco do Colégio Amapaense, dois anos após a inauguração, em 1952.

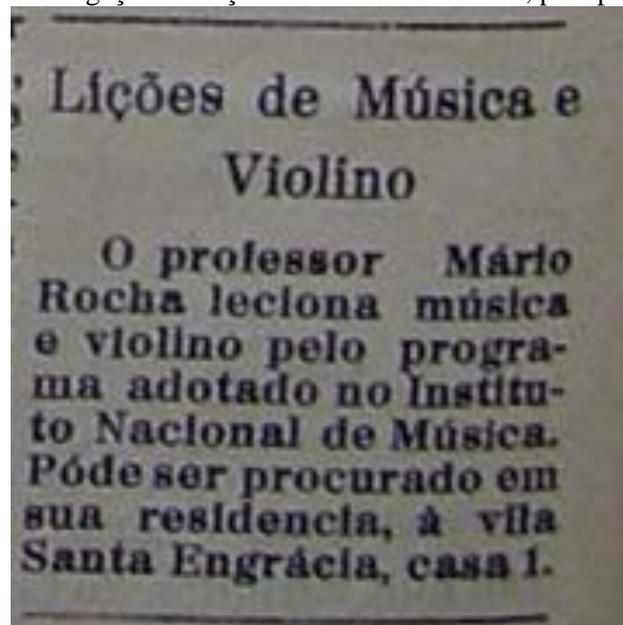
Imagem 29: Colégio Amapaense, 1954



Fonte: Reprodução/Foto Cruz. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2010/04/colégio-amapaense.html>. Acesso em 24 abr. 2023.

O segundo personagem é Mário Rocha, violinista apresentado nos itens 5 e 7, professor de música, egresso de Belém, manteve um curso particular na cidade de Macapá (imagem 30).

Imagem 30: Nota de divulgação das lições de Música e Violino, pelo professor Mário Rocha



Fonte: Jornal Amapá, 17 nov. 1945, s/p.

De acordo com Costa (2018), na década de 1930, Mário chegou a tocar com Waldemar Henrique, seu amigo, no “Bar do Souza”, um dos espaços boêmios da capital paraense. Em 1946, Mário ministrou aulas de violino à Vicente Salles<sup>42</sup>. Em um relato, o aluno revela que:

Perdera a voz. Mas trouxera o violino e tentei estudar com Mário Rocha, um boêmio de Marca Maior. Bom músico, formado no Conservatório do Porto, Portugal, funcionário público durante o dia, músico da noite. Tocava no Quarteto do Grande Hotel numa boate refrigerada, a primeira existente na terra do calor, e que a arraia-miúda deu nome bem apropriado: “buraco frio”. Disponível em: <https://vicentesalles.wordpress.com/noticias-biograficas/>. Acesso em: 24 abr 2023.

Em 25 de agosto, o professor e artista Mario Rocha retorna a capital territorial para mais uma apresentação. Esta, mais uma vez, patrocinada pelo governo territorial, como demonstrado nas “Notas Artísticas” do Jornal Amapá de 25 de agosto de 1945.

#### **Notas Artísticas**

##### **O Recital de Mário Rocha**

Mario Rocha, o exímio violinista paraense que Macapá já teve a oportunidade de aplaudir, vai, novamente, exhibir-se perante o nosso público, no Cine-Teatro Macapá, sob o patrocínio de S. Exc. o capitão Janary Gentil Nunes, Governador do Território. Será um recital dedicado a todos os diretores de Divisão e ao comércio local, devendo realizar-se dentro de breves dias (JORNAL AMAPÁ, 25 ago. 1945, s/p.).

A vigésima quarta edição do Jornal Amapá, de 01 de setembro de 1945, trouxe em sua primeira página a posse da Nova Comissão Territorial da Legião Brasileira de Assistência, e o evento teve como palco o Cineteatro Territorial, como se observa na transcrição abaixo:

##### **A posse da Nova Comissão Territorial da L.B.A.**

Foi uma festa de sentimento e de arte, a da posse da nova comissão territorial da Legião Brasileira de Assistência, no dia 28 do mês findo. O cine-teatro de Macapá estava repleto de pessoas gradas, autoridades e povo, que ali fôram prestigiar a benemérita organização que tanto tem feito em prol da população desvalida. Aberto a sessão pelo governador Janary Nunes, falou o sr. Paulo Armando Xavier, secretário da L.B.A., que leu um relato das atividades da comissão territorial durante um não, demonstrando a soma de serviços prestados ao Amapá pela Legião. A seguir, o capitão Janary deu posse à nova diretoria, que é a seguinte: Presidente – Sra. Maria de Lourdes Dias Dacier Lobato; Secretário – Sr. Paulo Armando Martins Xavier; Tesoureiro – Sr.

---

<sup>42</sup> Doutor honoris causa, pela Universidade Federal do Pará, historiador, antropólogo e folclorista paraense considerado um dos mais importantes intelectuais do século XX, da Amazônia e do Brasil. Entre suas obras estão: “O Negro no Pará sob o regime da escravidão”, “Épocas do Teatro no Grão-Pará” e “Maestro Gama Malcher”. Nascido em 27 de dezembro de 1931 em Igarapé-Açu, no estado do Pará e falecido em 07 de março de 2013 no Rio de Janeiro – RJ.

Pauxy Gentil Nunes; Vogais – Dra. Abelina Valdez, professora Oneide Medeiros da Silva, Sra. Ana Aranha Nunes e Dra. Laura Montero Teixeira. Conselho Consultivo: Sras. Lourdes Vasconcelos, Celina Cavalcanti de Albuquerque, Odete Nunes, Merice Carvalho, Sara Roffé Zagury, Alice Jucá, Aurora Pereira de Moura, Odete Pimentel Maia, Alva Silva e Virginia Nunes, cujos nomes fôram recebidos com uma salva de palmas da assistência. Lembrou ainda o sr. Governador, as missões relevantes que cabem a L.B.A. para melhorar o nível de vida da gente macapaense. Agradecendo a indicação de seu nome para orientar a L.B.A. entre nós, falou a sra. Maria Dias Lobato, que expressou os sentimentos da sociedade amapaense e dos colaboradores da Legião pelo prematuro falecimento da sra. Iracema Carvão Nunes, primeira presidente dessa associação, cujo nome sempre será lembrado com carinho e saudade. Teve ntão lugar a segunda parte do programa, que contou do seguinte: <Desesperación> (tango), executado ao violino pelo <virtuoso> Mario Rocha, <Valsa de Musette> (<La Bohême>), canto, pela professora Stela Costa Pimenta; <Serenata>, de Toselli, por Mario Rocha; e a <Ave Maria>, de Schubert, pela professora Stela Costa Pimenta. Os acompanhamentos ao piano fôram executados pela sra. Laura M. Teixeira. Encerrou a festa de 28 uma seleção de filmes musicais (JORNAL AMAPÁ, 01 set. 1945, p. 01).

Na quarta página desta edição foram destacadas ainda as atividades realizadas no palco territorial, em alusão ao dia do soldado. O evento contou com numerosa assistência e se encerrou com a exibição de cinema educativo, como é possível observar a seguir:

#### **Como decorreu a sessão do Instituto Histórico no Dia do Soldado**

Com a presença de numerosa assistência, realizou-se no Cine-Teatro de Macapá, às 20 horas do dia 25 de agosto, a sessão cívica promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico do Amapá em homenagem a Caxias e ao soldado brasileiro. O presidente daquela instituição, Cap. Janary Gentil Nunes, Governador do Território, após explicar a razão de ser daquela reunião, concedeu a palavra ao Ten. Glicério Marques, que falou sobre o tema “Duque de Caxias, patrono no Exército”, tecendo considerações de ordem histórica e militar sobre o marechal Luiz Alves de Lima, sendo muito aplaudido. Após a palestra, falou o Ten. Paulo Eleutério, membro do Instituto, que leu um discurso sobre o significado atual do Dia do Soldado e a FEB nos campos de batalha da Europa, referindo o destino que o Brasil terá como primeira potência do mundo. Encerrando a sessão, o Cap. Janary Nunes produziu uma brilhante e entusiástica oração, exortando o povo a repetir os exemplos de Caxias, lutando pela unidade nacional acima das competições partidárias ou paixões pessoais. Seguiu-se uma sessão cinematográfica educativa, oferecida pela Divisão de Educação. O telão de fundo da cena aberta do teatro apresentava uma bandeira nacional panejando sobre os muros históricos da velha Fortaleza de Macapá, onde avultava a silhueta de uma guarita de sentinela, representando a vigilância patriótica de nosso povo, trabalho artístico do pintor Romeu Mariz Filho (JORNAL AMAPÁ, 01 set. 1945, p. 04).

Por fim, nesta mesma edição, foi divulgada a data da próxima apresentação gratuita do violinista Mário Rocha, a realizar-se no dia 06 de outubro de 1945, nas dependências do Cineteatro Territorial, como se observa nas “Notas de Arte”.

#### **Notas de Arte**

O recital de violino de Mario Rocha será no dia 6 do corrente. Patrocinado por S. Excia. o Sr. Capitão Governador do Território e pelos Diretores de Divisão, em homenagem ao comercio e ao povo de Macapá, realiza-se no próximo dia 6 o anunciado recital de violino do prof. Mario Rocha, indiscutivelmente um magnífico intérprete e renomado executante. O programa foi organizado de maneira a satisfazer os mais diferentes ouvintes, constando do mesmo desde peças clássicas até canções populares (JORNAL AMAPÁ, 01 set. 1945, p. 04).

Em 07 de setembro de 1945, no exemplar de número 25, foram anunciadas as festividades da Semana da Pátria, que tem como referência os dias 07 e 13 de setembro. O primeiro em alusão aos heróis da independência, e o segundo em comemoração de aniversário da Lei que criou os Territórios Federais. A respeito do dia 07 de setembro de 1945, no TFA, seria o Cineteatro Territorial de Macapá o palco da festividade cívica. Na imagem 31, a reprodução de parte da primeira página do veículo oficial de propaganda política.

Imagem 31: Notícia de evento realizado no Cineteatro Territorial, dia 07 de setembro de 1945



Fonte: JORNAL AMAPÁ, 07 set. 1945, p. 01.

Nesta celebração de cunho cívico, foi reservado o Cineteatro Territorial para a realização de palestras e de representações de escolares, que se dividiram em atividades como a dança, a música e o teatro, descritos na transcrição abaixo. Acerca do Teatro Infantil, nota-se uma dramatização sobre a independência, como podemos observar a seguir:

#### **SETE DE SETEMBRO**

**Reverenciando a memória dos heróis da Independência, os brasileiros reafirmam sua fé e esperança nos destinos do Brasil**

Como será comemorada no Território a data maior de nossa História. Programa dos festejos de hoje 20,30 horas - Sessão solene no Cine-Teatro Macapá. Palestra sobre a data pelo senhor Paulo A. Martins Xavier. Temas: Luta pela Independência, grandes vultos pátrios e seus feitos, focalizando as figuras de Tiradentes, D. Pedro I e José Bonifácio de Andrada e Silva. Marcha progressiva para a completa independência econômica e para o destino de potência mundial. Representação pelos escolares: 1 Bailado: Valsa da Primavera (8 meninas do Jardim da Infância); Não sei (cançoneta); A independência (dramatização cívica); Hino da Independência (canto orfeão do Grupo Escolar); Hino Nacional (cantado por todos os presentes). 22,00 horas – Baile popular (JORNAL AMAPÁ, 07 set. 1945, p. 01).

Ainda nesta edição, em sua segunda página, foi divulgada a passagem do soldado Alfredo Fausto Façanha pela capital territorial, o primeiro “pracinha” da região a se licenciar na Força Expedicionária Brasileira, tendo atuado no teatro de operações da SGM. E sua presença no Cineteatro Territorial, como podemos observar na imagem 32, seguida da transcrição da notícia.

Imagem 32: Notícia do Jornal Amapá de 07 de setembro de 1945



Fonte: Jornal Amapá, 07 set. 1945, p. 02.

### **Acha-se em Macapá um herói da F.E.B.**

#### **Combateu em Montése e Castelo Novo – Condecorado com a Medalha de Campanha**

Está em Macapá, de regresso de sua viagem aventurosa à Europa, o primeiro <pracinha> filho desta região licenciado da Força Expedicionária Brasileira. Trata-se do soldado Alfredo Fausto Façanha, nascido em Floresta, no município de Macapá, hoje pertencente a Afuá, filho de Augusto Fausto Façanha, já falecido, e Amélia Maria Façanha. O jovem macapaense fez parte do contingente da Amazônia que seguiu de Belém para o Rio em dezembro de 1944, tendo chegado à Itália em fevereiro de 1945, sendo incorporado ao 6º Regimento de Infantaria, comandado pelo coronel Nelson Melo. Com essa unidade participou dos combates de Montése, Pau, Zoca e Castelo Novo, ajudando a derrotar os nazistas. Alfredo Façanha, que conta 24 anos de idade, ostenta no peito a Medalha de Campanha da F.E.B., tendo estado em operações de guerra desde 8 de fevereiro até 6 de julho deste ano, regressando ao Brasil no 1º escalão. Veio visitar, agora, sua mãe, residente em Floresta e seu parente, que é comerciante nesta capital, sr. Lourenço Borges Façanha. O governador Janary Nunes recebeu em seu gabinete o <pracinha> macapaense,

a quem considerou hóspede oficial do Govêrno, mostrando-se interessado em aproveitá-lo nos serviços de sua administração.  
O bravo militar participará do desfile de hoje e da sessão solene a se realizar à noite, no cine-teatro, quando terá oportunidade de relatar alguns episódios da Campanha da Itália (JORNAL AMAPÁ, 07 set. 1945, p. 2).

O dia 13 de setembro de 1945, reservado às comemorações alusivas à data de criação do TFA e destinado ao encerramento da Semana da Pátria, marca a abertura da primeira agência do Banco do Brasil em Macapá, a inauguração das novas instalações da Divisão de Saúde, da Divisão de Segurança, das novas casas residenciais para os funcionários e operários, do matadouro; a instalação do Serviço de Geografia e Estatística do Território e a inauguração do Grande Hotel Macapá. Sobre esse, cabe um pequeno apêndice, para que possamos compreender o desenho social que avançava sobre o território.

Conhecido atualmente como Macapá Hotel, teve sua construção iniciada em 1º de julho de 1944, sendo inaugurado em 13 de setembro de 1945. Além de cumprir as funções de hotelaria requintada no TFA, haja vista o aumento progressivo de visitantes que aportavam por aquelas terras, este espaço também dispunha de serviços como: barbearia, perfumaria, engraxataria, salão de jogos, diversão e festas. Nesse, foram realizados inúmeros concursos de Miss Macapá, bailes, recitais, festas de réveillon, dentre outras passagens de datas festivas, e hospedaram-se em suas dependências diversos artistas que vinham apresentar-se no Cineteatro Territorial, como também um grande número de pessoas pertencentes às esferas dos governos de outros estados e convidados ilustres do Capitão Janary Nunes.

Dessa forma, protagonizou, juntamente com o Cineteatro Territorial, como ponto de efusão cultural (era comum encontrar nas programações festivas do TFA a utilização dos dois espaços simultaneamente); contudo, direcionado a grupos mais seletos, sendo, por exemplo, necessário realizar a reserva de mesas e trajes específicos para os eventos no Macapá Hotel, enquanto no Cineteatro Territorial pouco se exigia de recomendação ou reserva. Instalado em frente ao rio Amazonas, na atual rua Azarias da Costa Neto, servia de ponto de encontro daqueles que se direcionavam para essa região, após assistir as exibições cinematográficas no Cineteatro Territorial, afim de “tomar o vento” à beira-rio.

De acordo com o Jornal Amapá de 07 de setembro de 1945, durante a sua inauguração, as 20h do dia 13 de setembro de 1945, o Grande Hotel Macapá (imagem 32) seria palco para apresentações artísticas. O veículo oficial de informação e propaganda do governo descreve uma dramatização cívica intitulada “Três raças”, duas peças musicadas, “Serenata a lua” e Até as flores se amam, encerrando com o Hino Nacional e posterior baile popular.

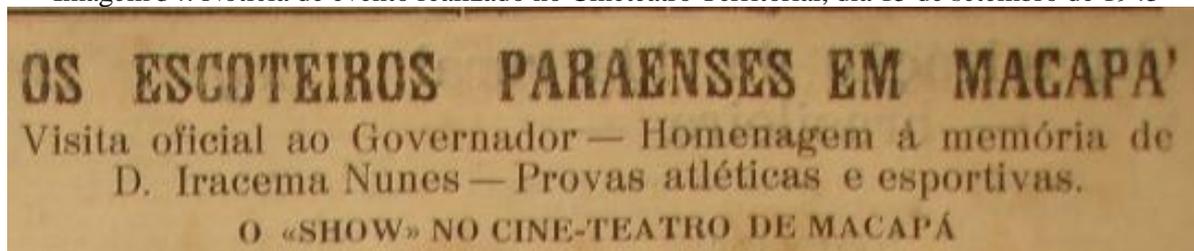
Imagem 33: Fachada do Grande Hotel de Macapá (Macapá Hotel), 1945



Fonte: Foto/Reprodução do acervo do Museu Histórico do Amapá

Entre os primeiros grupos de teatro a se apresentar no palco territorial, principia o grupo de escoteiros paraenses que, convidados pelo governo territorial, levaram à plateia do Cineteatro alguns esquetes com motivos cívicos e patrióticos, além de números musicais incitando a importância do escotismo na região. Segundo Palhano (2021), conseqüentemente, fatos como estes geraram nos jovens que aqui moravam a necessidade da criação de um grupo de escoteiros; em função disso, foi criada a “Associação do Escoteiros Veiga Cabral”, cuja sede localizava-se na Rua Eliézer Levy (p. 87). A imagem 34 trata da notícia veiculada no Jornal Amapá de 15 de setembro de 1945, seguida da transcrição integral do noticiado.

Imagem 34: Notícia de evento realizado no Cineteatro Territorial, dia 15 de setembro de 1945



Fonte: JORNAL AMAPÁ, 15 set. 1945, p. 03

**OS ESCOTEIROS PARAENSES EM MACAPÁ'**  
**Visita oficial ao Governador – homenagem à memória de D. Iracema Nunes – Provas atléticas e esportivas.**

### O <<SHOW>> NO CINE-TEATRO DE MACAPÁ

Pela manhã de sábado passado, estiveram no gabinete do Governador, em visita oficial a S. Exc., os rapazes da Federação Paraense de Escoteiros que se encontravam nesta capital, tendo à frente o capitão Castelo Branco, prestigioso chefe daquela entidade. [...]. No domingo. A' noite, houve a representação teatral dos escoteiros. O Cine-Teatro Macapá estava repleto.

Ouviu-se, inicialmente, o hino brasileiro. Depois, foi entoada a canção dos escoteiros. O primeiro esquete levado á cena foi <<Patriotismo>>, dedicado ao chefe do govêrno do Território, no qual dois escoteiros recriminavam o gesto de peraltas que haviam desrespeitado um herói da guerra do Paraguay, que depois se reporta á batalha de Itoiró; em seguida, <<Idealismo>>, em homenagem ao sr. Paulo Armando; <<Três Tampinhas Pretensiosos>>, focalizando a história dos meninos transviados que os escotismo transforma e integra em seu seio, em homenagem ao escolares, e <<Bandeira da Pátria>>, entrecho cívico de notável repercussão, dedicado ás professoras desta cidade. Nos intervalos, exibiram-se os <<Gaviões do Samba>> que deliciaram o nosso público com números de seu repertório e o escoteiro Oly Almeida, em demonstrações de canto popular. Finalizou a instrutiva serata com o grito de alerta dos escoteiros pelo Brasil e o hino do país. [...]. À noite de segunda-feira, as professoras do Grupo Escolar de Macapá, tendo à frente o diretor da Educação, ofereceram uma recepção em homenagem aos escoteiros. Estes cantaram em primeiro lugar o hino Escola Nova seguindo-se demonstrações de solo de violão por Justiniano Fonseca e Sergio Otavio, havendo aquêlê tocado <La Cumparsita>. Os <boy-scout> ensaiaram um divertido <quebra côco> recitando quadrinhas com as quais se deleitavam os assistentes (JORNAL AMAPÁ, 15 set. 1945, p. 03).

A presença dos escoteiros nos eventos cívicos que orbitaram o Cineteatro Territorial de Macapá é percebida em diversos momentos; nesta ocasião, o grupo pode ainda visitar a cidade de Mazagão-AP, a terra do maior e mais antigo espetáculo teatral a céu aberto da região amapaense: a representação, já citada, da batalha entre Mouros e Cristãos. Como é relatado no Jornal Amapá:

### VISITA A MAZAGÃO

Na terça-feira 11, os escoteiros excursionaram á cidade de Mazagão, a bordo do iate <Itaguary>, acompanhados do sr. Paulo Armando, diretora e professoras do Grupo Escolar, além de alguns alunos desse estabelecimento. Os visitantes, que foram bem recebidos pelo povo mazaganense, tiveram oportunidade de fazer demonstrações de seus conhecimentos práticos e realizaram um espetáculo teatral, que despertou o maior interesse e admiração a todos os que assistiram, sobressaindo os <Gaviões>. Dia 12, os <boys-scouts> levaram a efeito o seu <show> de despedida, que constituiu o fecho de ouro da sua proveitosa temporada nesta capital (JORNAL AMAPÁ, 15 set. 1945, p. 03).

No dia 13 de outubro de 1945, foi divulgada no Jornal Amapá a programação das atividades comemorativas em alusão à Semana da Criança. O encerramento ficaria a cargo de uma palestra com o Dr. Claudio Lobato, seguida de uma sessão cinematográfica educativa.

Abaixo, imagem 35 apresenta a capa do Jornal Amapá que continha a referida programação, seguida da transcrição das atividades realizadas no Cineteatro Territorial de Macapá.

Imagem 35: Notícia de evento realizado no Cineteatro Territorial, dia 13 de outubro de 1945



Fonte: JORNAL AMAPÁ, 13 out. 1945, p. 01.

#### **A Semana da criança**

Dia 17 – Encerramento da “Semana da Criança”: sessão solene presidida pelo Senhor Governador no Cine Teatro de Macapá; falará por essa ocasião o dr. Claudio Lobato sobre a “Importância da higiene pré-natal no futuro da criança”. A sessão será encerrada com projeção cinematográfica (JORNAL AMAPÁ, 13 out. 1945, p. 06).

O dia 10 de novembro de 1945, figura de maneira singular com a presença do primeiro grupo efetivamente de teatro a subir ao palco do Cineteatro Territorial, a Companhia Teatral Cantuária, proveniente de Belém do Pará. O grupo e seu Teatro de Variedades integraram a programação das festividades de Nossa Senhora de Nazaré na terra das mangueiras, e, em novembro, inaugurariam um novo momento para o palco territorial macapaense, como se observa na transcrição do noticiado na edição de 34 do Jornal Amapá:

#### **Encontra-se nesta capital a Companhia Teatral Cantuária**

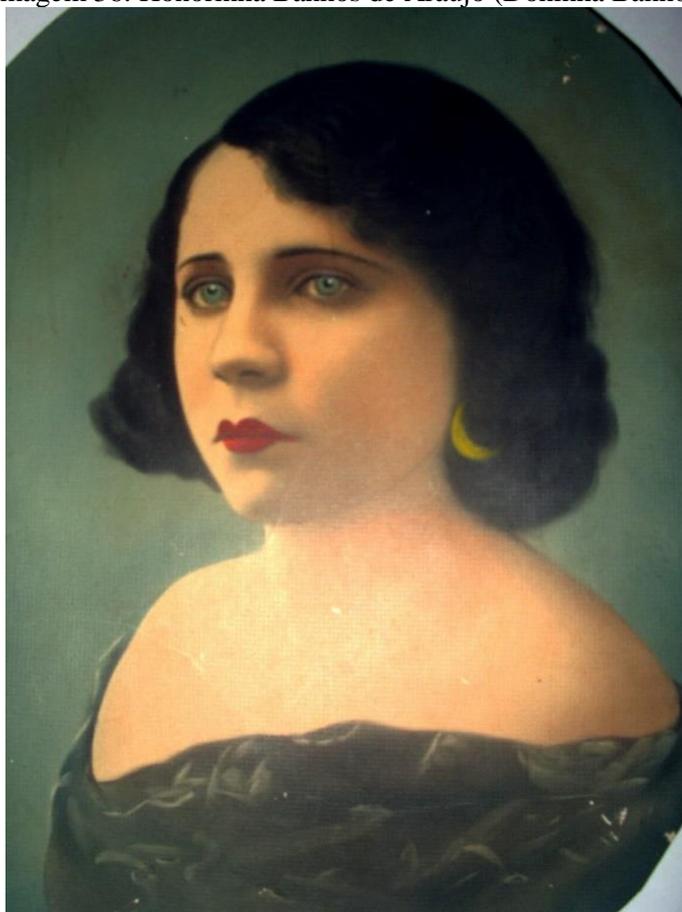
##### **Mais de vinte artistas para se exibirem ao público durante os festejos nazarenos – Repertórios seletos e variado**

Passageiros da lancha motor <Amapá>, chegaram a esta cidade os componentes da Troupe Cantuária, que tanto sucesso alcançou em Belém, nos espetáculos ultimamente realizados no Teatro de Variedades, por ocasião da quinzena festiva da padroeira do Pará. O aplaudido conjunto teatral, que virá se exhibir no Cine Teatro de Macapá, está assim organizado: Teodomiro Cantuária, diretor; Erasmo Banhos, secretário e ator; Dico Rocha, imitador de português, cômico; J. Rocha – <Zé Gaiola>, caipira; Tácito Cantuária, cantor;

Zoé Cantuária, atriz; Maria Leal, atriz (ilegível); Doninha Banhos, atriz genérica; Terezinha Cantuária, pequena atriz; Maria Amélia, idem; Silvia Leão, a <Tal>, sambista; Maria do Carmo, garota prodígio; Maria Cardoso, atriz acrobata; Tacimir Cantuária, a menor sambista do Brasil; A. Gomes, cenógrafo; Tito Rodrigues, maquinista; Manoel Patrício, eletricitista; e um bem organizado corpo de <girls>, com os bailarinos Pery e Edson. Dispõe a Troupe de um repertório seleta e variado, que promete agradar plenamente o nosso público (JORNAL AMAPÁ, 10 nov. 1945, s/p.).

Entre os artistas do Grupo Teatral Cantuária, vale destacar Honorinha Banhos de Araújo, ou simplesmente Doninha Banhos (imagem 36), renomada atriz, cantora e bailarina em circos e teatros do Norte do Brasil, referência entre os artistas paraenses nas décadas de 1940 e 1950. Natural de Belém – PA, nascida no dia 10 de agosto de 1902, Doninha Banhos, mãe do conhecido músico Mário Rocha, participou de várias peças e de vários musicais criados por Félix Roque, inclusive no antigo Palace Cassino (1941), situado à atual Avenida Presidente Vargas, na capital paraense. Neste espaço voltado para jogos, eram encenadas peças teatrais famosas e números de dança.

Imagem 36: Honorinha Banhos de Araújo (Doninha Banhos)



Fonte: Foto/Reprodução artística do acervo da família. Disponível em: <http://montorilaraujo.blogspot.com/2013/06/as-producoes-culturais-de-doninha-banhos.html>. Acesso em 15 maio 2023.

De acordo com Palhano (2021), na década de 1940, Doninha resolve se transferir para Macapá, tendo como motivo a residência de dois dos seus filhos: Walter Banhos de Araújo e José Moacir Banhos de Araújo; atraídos pela crescente oferta de empregos na região amapaense, logo foram absorvidos pelo Jornal Amapá, desempenhando o ofício de tipógrafo, além de exímios artistas musicais, sempre em evidência no Cineteatro Territorial. Enquanto isso, seu outro filho, o violinista Mário Rocha, manteve-se em Belém trabalhando com atividades musicais e dirigindo uma companhia teatral, além de se apresentar por diversas vezes no palco territorial e oferecer cursos livres de violino na capital territorial. No TFA, Doninha contribuiu notadamente para as atividades artísticas ocorridas no Trem Desporte Clube como: Cordão junino “Tem-Tem” e Auto de natal “As Pastorinhas”, encenado pelas meninas do grupo “Jovens Primaveras”<sup>43</sup>.

O historiador, jornalista, professor, administrador, radialista, membro da Academia Amapaense de Letras, servidor aposentado da UNIFAP, Nilson Montoril, nascido em 02 de maio de 1944, no estado do Pará, falecido em 28 de março de 2023, em Macapá por complicações cardíacas, em seu Blog pessoal, registrou algumas das poucas informações que temos de Doninha Banhos e sua família de artistas, dentre eles, seu irmão, o famoso palhaço “Alecrim da Beira D’Água”.

Doninha Banhos era irmã de Erastos Gurgel Banhos, o famoso palhaço “Alecrim da Beira D’Águas” nascido em Belém em 1919, que tanto divertiu as crianças que compareciam ao auditório da Rádio Marajoara aos circos e teatros da capital paraense. Alecrim sempre se apresentava na companhia da palhaça Alfazema. Os filhos de Doninha Banhos, Walter e José Moacyr tocavam violão com louvável tirocínio e fizeram parte do conjunto “Regional E 2” pertencente à Rádio Difusora de Macapá. Walter gerenciou vários cinemas de Macapá e José Moacyr destacou-se como jornalista e radialista. Os últimos anos da vida de Doninha Banhos foram passados em Macapá, onde ela faleceu às 22h30min, do dia 17 de junho de 1978, vítima de Infarto Agudo do Miocárdio. Contava 76 anos de idade (MONTORIL, 2013, on-line).

No dia 24 de novembro de 1945, assinado pelas iniciais R.F.M., o Jornal Amapá abre espaço para a primeira crítica teatral, dirigida às apresentações realizadas pela Companhia Teatral Cantuária, que havia chegado à capital no dia 10 de novembro e se apresentado no Cineteatro Territorial de Macapá. Ressalto a importância deste registro por ser o primeiro grupo de teatro a se apresentar na capital do TFA. Os comentários elogiosos de R.F.M. dão a dimensão do que fora apresentado, como se observa na transcrição abaixo:

---

<sup>43</sup> Disponível em: <http://montorilaraujo.blogspot.com/2013/06/as-producoes-culturais-de-doninha-banhos.html>. Acesso em 15 maio 2023

### Notas Artísticas

#### Impressões sôbre uma Companhia Teatral

A Companhia Teatral Cantuária correspondeu inteiramente á expectativa do público, que não lhe tem regrado aplausos. O espetáculo de estréia, em homenagem ao exmo, sr. Governador, com a apresentação da grandiosa peça <Ladra>, foi uma brilhante vitória do conjunto. Todas as demais representações foram bem acolhidas por todos aqueles que frequentavam o cine-teatro de Macapá durante a quadra nazarena. Teodomiro Cantuária, a figura central da Companhia, é um velho ator que não decai. Interpreta caprichosamente o papel de turco que já se lhe tornou peculiar. O <Jorge> tem mesmo a bossa do oriental, com o seu clássico bigode. Dico Rocha é o português cheio de <verve>, inimitável, que sobressai pelas piadas sempre grotescas. Fórma com o precedente uma dupla de riso que marcou época. Dempsey Leite, um cômico de valor firmado, é um dos pontos altos da troupe. Não deixa circunspecto nem retraído qualquer assistente. O bailarino Edson forma, com Maria Amélia, uma dupla graciosa e burlesca, cujas dansas extasiam a platéia. Erasto Banhos, pela sua boa dição, mostra ser um locutor talhado para o microfone. Como artista, sabe se conduzir bem no palco. Zoé Cantuária, é atriz que trabalha com grande desembaraço e vivacidade. Doninha Banhos também é artista de classe, que impressiona o público cada vez que entra em cena. Smith possui uma voz nítida, que encanta os ouvidos. Maria do Carmo, uma garota inteligente e destra, encarna o papel de <menina-cobra> de um modo espetacular. Tacimir Cantuária é uma pequena sambista que se exhibe admiravelmente ao som da música dos morros. Terezinha Cantuária é uma boa promessa, executando com precoce habilidade a sua tarefa na ribalta. Tácito Cantuária demonstra qualidades de cantor que poderá fazer uma excelente carreira. Walter e Zequinha Banhos e seus demais colegas de <pinho> dedilham o instrumento com parteis, de modo a emocionar a assistência. Contribuem para dar maio brilho á atuação da Companhia – R. F. M (JORNAL AMAPÁ, 24 nov. 1945, p. 03).

Ainda nesta edição, o Jornal Amapá noticiou sobre as celebrações realizadas no dia 19 de novembro, em alusão ao dia da Bandeira. A sessão solene ocorrida no Cineteatro Territorial, fora presidida pelo governador Janary Nunes e contou com discursos em torno do simbolismo da bandeira nacional. O encerramento do evento cívico se deu às 20h, com a presença dos artistas da Companhia Teatral Cantuária no palco territorial, como transcrito a seguir:

O espetáculo teatral decorreu magnífico. A peça “Mãe Brasileira”, repleta de sentimentalismo e amor cívico, desempenhada a contento por elementos da Troupe Cantuária, à frente dos quais se encontravam Erasto e Doninha Banhos e Dempsey Leite, mereceu os mais justos aplausos. Em seguida houve um ato de variedades, em que tomaram parte todos os elementos da Companhia, culminando com uma deslumbrante apoteose, divisando-se ao fundo do palco uma tela simbolizando o pavilhão nacional, tendo ao centro o retrato do exmo. Sr. Cap. Janary Gentil Nunes (JORNAL AMAPÁ, 24 nov. 1945, s/p.).

Entre as várias datas comemoradas no TFA, e tendo como palco o Cineteatro Territorial, a assinatura do laudo suíço também demonstra certo protagonismo, sendo destaque na edição

de número 37 do Jornal Amapá. Chamo à atenção que, nesta edição, foi divulgada a inauguração do cinema, em 01 de dezembro de 1945, às 16h30, fato que corrobora a questão já discutida anteriormente, de que seja uma segunda inauguração, motivada pela montagem de novos equipamentos de projeção, agora com áudio.

Cabe ressaltar também sobre as exigências neste dia, sendo explicitada a necessidade de as crianças estarem “limpas e decentemente vestidas”, além dos “trajes de passeio com gravata” para os adultos e a entrada realizada somente mediante a apresentação de um convite distribuído pela direção do evento. Esse tipo de indicação nos leva a entender o perfil social esperado para a assistência, e o processo de reeducação cultural apoiado na política janarista em curso, principalmente ao revelar, ao final da notícia, que seriam realizadas mais duas sessões “gratuitas” aos “eleitores” que vinham dos interiores, prioritariamente, para votar na capital. Os detalhes podem ser observados, em sua integralidade, pela transcrição a seguir:

### **O DIA DA ASSINATURA DO LAUDO SUÍÇO**

#### **Festivas comemorações em todo o Território**

Transcorre nesta data o quadragésimo quinto ano da assinatura do Laudo Suíço, que veio pôr termo á velha pendencia existente entre o Brasil e a França, relativamente á posse do território do Amapá. Esta região, possuidora de incalculáveis riquezas e assolada constantemente pela audácia e cobiça de inúmeros aventureiros, foi teatro de violentas lutas, quando Francisco Xavier da Veiga Cabral e outros brasileiros intemeratos enfrentaram de armas na mão o estrangeiro invasor. O então presidente da república, dr. Manuel Ferras de Campos Sales, com o intuito de evitar um inútil derramamento de sangue, sugeriu que a questão fosse resolvida por meio de arbitragem, sendo escolhido, para este fim, com o sentimento de ambas as partes, o chefe do govêrno da Confederação Helvetica, sr. Walter Hauser. A defesa dos legítimos direitos do Brasil foi confiada ao talento e habilidade diplomática de José Maria da Silva Paranhos, o inolvidável barão do Rio Branco, que se desincumbiu da missão com pleno êxito, muito prevalecendo as razões expostas no magnífico trabalho escrito em 1861, na capital francesa, pelo notável gaúcho Joaquim Caetano da Silva, intitulado “Loyapock el Amazone – Question Brasiliene et Française”. O Laudo Suíço, referendado em 1º de dezembro de 1900, deu ganho de causa ao nosso país, resolvendo definitivamente o litígio que há cerca de duzentos anos, isto é, desde os tempos do Império, ainda subsistia, e incorporou-lhe ao patrimônio 260.000 quilômetros de terras férteis e quase inexploradas. Em comemoração à data será levado a efeito nesta capital o seguinte programa: Às 12 horas – Funcionamento de Alto-Falantes do Serviço de Informações em toda a cidade. Às 16 horas – Partida de futebol entre as equipes do Amapá Clube e Esporte Clube Macapá, para disputa da taça “Colonia de Férias”. O jogo será transmitido pela Rádio Difusora de Macapá. **Às 16,30 horas – Inauguração do cinema pelo Exmo. Senhor Capitão Governador** – Sessão para professores e escolares. Orador – Sr. Paulo Armando Martins Xavier. Nota – Somente terão entrada no cinema os escolares uniformizados e crianças limpas e decentemente vestidas. Às 19 horas – Sessão cinematográfica para a sociedade e o povo. Entrada mediante convite escrito, distribuído pela Comissão Diretora. Oradores: dr. José Ribamar de Moura e Sr. Lourenço

Façanha. TRAJE de passeio, com gravata. Às 21 horas – Inauguração dos Alto-Falante do Serviço de Informações Instalados em Amapá e Oiapoque, pelo dr. Raul Montero Valdez, em nome do Exmo. Sr. Capitão Governador, do Território. Domingo serão oferecidas duas sessões gratuitas destinadas aos eleitores do interior que vierem à capital para votar, às 16 e 20 horas, sendo também a entrada livre para o povo até completar a lotação de pessoas sentadas no cinema (JORNAL AMAPÁ, 01 dez. 1945, p. 1-6).

#### 5.4 CENA IV – 1946

O ano de 1946 se inicia com a presença de outro grupo teatral a se apresentar no Cineteatro Territorial de Macapá. Desta vez, sobe ao palco a Companhia Teatral Guajarina, também proveniente de Belém-PA. Ressalta-se nesta companhia a presença de Dempsey Leite, ator e empresário pernambucano, um nome já conhecido pela população macapaense. Dempsey havia se apresentado junto à Companhia Teatral Cantuária, em novembro de 1945, e permanecido na capital do TFA juntamente com o cenógrafo Antônio Gomes. De acordo com o Jornal Amapá de 12 de janeiro de 1946, o reconhecido ator cômico assinou, juntamente com Otacílio Madeira, a direção do novo espetáculo, como podemos observar abaixo:

##### **Companhia Teatral Guajarina**

Encontra-se nesta capital, tendo viajado a bordo do iate ‘São Raimundo’, a Companhia Teatral Guajarina, de Belém do Pará, e que obedece a direção dos srs. Otacílio Madeira e Dempsey Leite. Oito artistas formam o conjunto visitante, entre os quais alguns sulinos, que atuaram no ‘Coliseu’, resolvendo depois ficar na capital paraense. Hoje a Companhia Guajarina fará sua estreia, com o empolgante drama ‘Felicidade Perdida’, em 3 atos, seguindo-se de um ato de variedades (JORNAL AMAPÁ, 12 jan. 1946, s/p.).

Na edição seguinte, de 19 de janeiro de 1946, nota-se pela primeira vez a assinatura de Mario Ribas, editor da coluna “Arte e Teatro” do Jornal Amapá. Apesar de afirmar não possuir formação específica na área e de se colocar apenas como espectador, apresenta-nos suas considerações, de forma crítica, sobre a estreia da Companhia Guajarina no Cineteatro Territorial de Macapá:

##### **Estréia da Companhia Guajarina**

Assistimos a estréia da Troupe Guajarina e, sinceramente, ficamos magnificamente bem impressionados com a lança em Africa (para não empregar <o tour de force>, francês) dos animados e corajosos moços da Companhia do nosso estimado e inteligente Dempsey-Picolé. O autor destas linhas não é um técnico de Teatro, nem tão pouco se considera um crítico teatral. Mas, desta vênica, quer com seu aplauso publico, dar aos referidos rapazes do Teatro Regional uns conselhos também publicos no unico intuito de vê-los progredir e melhorar na interessánte e bela profissão de atores teatrais. Si esses nossos atores conseguissem falar no tom natural da voz humana, em vêz de empregarem enfases falsas do velho estilo dramalhão, seria o ideal. Eles o conseguirão muito breve, estou certo disso. No elenco da Companhia Guajarina, além de Dempsey, ator cem por cento, que faria bôa figura em qualquer palco, já no gênero cômico, já no gênero dramático, há outros elementos excelentes que, se estudarem e forem coerentes e modestos, se tornarão com pouco tempo otimos comparsas da cena. Acresce que é esta a primeira Companhia que traz no seu elenco um corpo de mulheres que fêz,

logo de estréia, boa figura no palco, com alguns defeitos de apresentação, é claro, mas que se perdôam e se explicam quando se conhece os fatores que impedem, em nosso teatro, coisa melhor. Parabéns Troupe Guajarina. N. B. – Já estava escrita esta apreciação quando assisti à estreia do drama <Último adeus de um condenado>. No desempenho do mesmo, além de Dempsey, magnífico no papel de juiz, revelou-se muito bem o seu comparsa no papel de Diretor da prisão (JORNAL AMAPÁ, 19 jan. 1946, p. 02).

Na sessão Arte e Teatro do Jornal Amapá, de 26 de janeiro de 1946, Mario Ribas tece suas impressões acerca de outro espetáculo apresentado pela Companhia Guajarina, “O último adeus de um condenado”, em que não deixa de fora questões referentes à recepção de uma plateia “mal-educada e inculta”:

#### **A Vitória de Dempsey**

A vitória de Dempsey, a sua grande vitória, é ter conseguido fazer no palco do nosso teatro, papéis em que encarna personagens austeros e sérios, depois de ter se notabilizado como um excelente artista comico. Apareceu na ribalta como juiz e foi magnifico, natural e exato. Como Promotor Publico, no júri, igualmente bom e para o cumulo da excelência no papel serio, como foi superior e ótimo no papel de padre! E essa vitória é tanto mais meritória quanto se sabe como nossa platéia deixa muito a desejar, com um terço de gente que ri alvarmente nas partes mais sentimentais, julgando na sua triste ignorância de caipiras incultos, que o caso é para rir... Acresce que o artista traz, além disso para enfrentar essa parte da platéia mal educada e inculta, o seu <karma> de ator que já fez papéis demasiado cômicos... Mas apesar de tudo, Dempsey venceu, não uma luta de box como o faria supor o seu pseudônimo que lembra pugilismo, mas o subconsciente da massa de espectadores que em sua parte de pessoas inteligentes e cultas, capazes de discernimento crítico e de rir quando é para rir e sentir a desgraça alheia no desempenho do atôr, quando se trata de um drama de emoção e tristeza, faz naturalmente ao inteligente sócio de Otacílio Madeira outro excelente atôr, a justiça que lhe é bem merecida (JORNAL AMAPÁ, 26 jan. 1946, p. 03).

Em 02 de fevereiro de 1946, o Teatro Escoteiro volta à cena macapaense. Na coluna “Arte e Teatro” da edição 46 do Jornal Amapá, são apresentadas as impressões causadas no público do território, sobretudo perante ao apelo “cívico-pedagógico” com que desenvolveram o espetáculo:

Espectáculo simpático e amável foi esse do Teatro escoteiro que tão boa impressão causou ao nosso público. Estão de parabéns o capitão Castelo branco e sua garbosa tropa de adolescentes e meninos <boys-scouts>, como se diz em inglês. No palco, reproduzindo as cenas teatrais cívico-pedagógicas das representações de seus fogos de conselho, como emocionam a gente esses guris tão desembaraçados em seus gestos, tão naturais e espontâneos nas suas mímicas, tão corrétos e exatos em sua dicção e declamação perfeitas! Vendos, tão jovens e tão oportunos, tem-se vontade de considera-los não mais

meninos ou adolescentes, mas o que são verdadeiramente: uns corajosos <homenzinhos> Bravos, homenzinho! (JORNAL AMAPÁ, 2 fev. 1946, s/p.).

Ainda nesta edição, uma pequena nota apresenta mais alguns detalhes sobre o espetáculo dos escoteiros, inclusive sobre a presença do jovem Walter Banhos, filho de Doninha Banhos.

### O PROGRAMA TEATRAL

À noite, os escoteiros ofereceram um espetáculo teatral às autoridades e ao povo, no Cine-Teatro Macapá. Todos os números encenados tiveram ótimo desempenho e foram bastante aplaudidos. Colaboraram para o sucesso da noite as meninas Dayse Campos e Edmilsa Nunes e o jovem Walter Banhos (JORNAL AMAPÁ, 2 fev. 1946, s/p.).

O mês de março de 1946 inaugura as exhibições cinematográficas de longa-metragem no Cineteatro Territorial. De acordo com o Jornal Amapá, de 09 de março de 1946, o primeiro filme a ser exibido no cinema de Macapá foi “Um Barco e Nove Destinos”, tendo como protagonista a atriz Tallulah Bankhead.

Imagem 37: Cartaz / Cena do filme - Um barco e nove destinos



Fonte: Site Adorocinema. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-2331/>  
Acesso em: 15 maio 2023

De acordo com o site consultado, o filme se passa durante a Segunda Guerra Mundial no Atlântico. Um navio e um barco alemão se envolvem em um combate e ambos naufragam, mas existem alguns sobreviventes que vão para um dos botes; no entanto, eles têm diferentes

origens e propósitos, mas surge o ponto da discórdia quando um dos sobreviventes se revela um nazista. A esse respeito, vejamos o que nos diz o Jornal Amapá:

**No palco na tela**

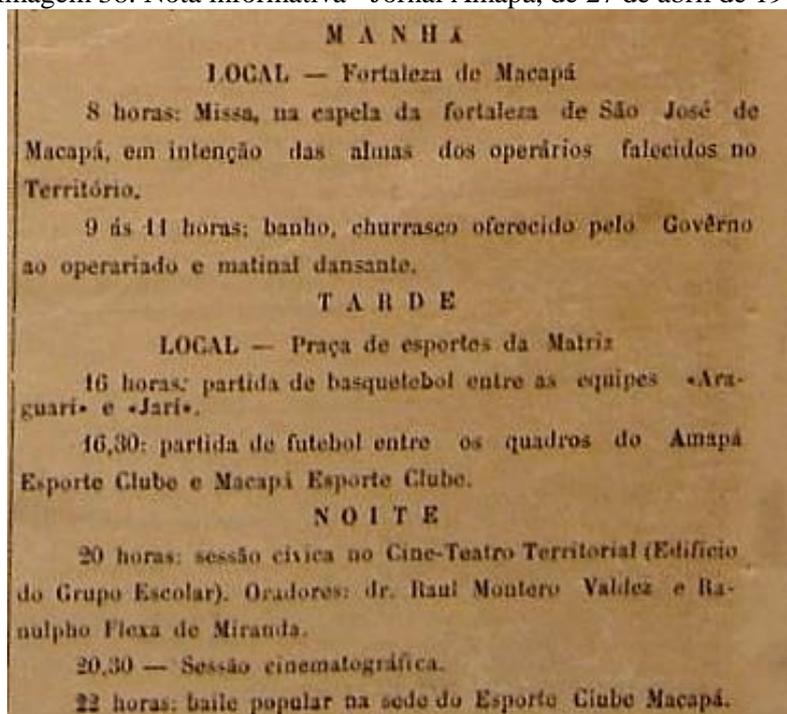
Trata-se de uma história emocionante, desenrolada em pleno Oceano Atlântico, através do qual viajava, durante o passado conflito bélico, um comboio aliado, que se viu, impiedosamente, atacado por um submarino nazista. Um dos barcos que compunha aquele submergiu imediatamente, porém a sua artilharia conseguiu alvejar o corsário, sepultando-o no fundo das águas. Daí por diante, ocorreu a odisseia de nove pessoas que lograram salvar-se, inclusive o comandante do submarino, o qual, ao ser posto na direção do bote tentou afastá-lo a um ponto em que se encontrava um navio de abastecimento germânico, sendo entretanto, lançado ao mar. Vagando a mercê das ondas, os sobreviventes foram até a dita nave, forçados pela circunstância, mas um *destroyer* norte-americano chegou a tempo de evitar o seu aprisionamento, forçando-o às profundezas do abismo. É esse um dos aspectos principais da película, que nos apresentou Tallulah Bankhead no papel da correspondente de guerra, habilmente desempenhada. O filme, apesar de monótono e mais aconselhável as plateias cultas, obteve pleno sucesso nas suas exhibições no Rio e em São Paulo, devido principalmente ao tema focalizado e a boa direção. Assim, o público terá ocasião de assistir a espetáculos a altura do meio em que vivemos, não sendo isso apenas um atrativo ou uma diversão, mas um índice acentuado de progresso (JORNAL AMAPÁ, 09 mar. 1946, p. 02).

No mês seguinte, prestes às comemorações de 1º de maio, dia do trabalhador, o Jornal Amapá traz em sua edição de número 58, de 27 de abril de 1946, os significados tangenciados neste dia, a partir da perspectiva do TFA, “as classes produtoras vivem, presentemente, uma situação de franco desafogo, em contraste com as épocas passadas, quando se não percebiam seus clamores e súplicas. O operário já pode ter casa própria, onde vive confortavelmente com sua família, graças ao auxílio do governo” (página ilegível). Trouxe ainda a programação festiva que incluiu o Cineteatro Territorial no encerramento das celebrações. Reservado à sessão cívica em homenagem à data, presidida por Janary Nunes, mediado por palestra com o Dr. Raul Montero Valdez e Ranulfo Apolinário Flexa de Miranda, seguido de sessão cinematográfica, às 20h.

Na divulgação do evento não foi possível encontrar mais detalhes; porém, nesta edição algo chama bastante atenção: pela primeira vez aparece o nome “Cineteatro Territorial” seguido entre parênteses de “Edifício do Grupo Escolar”. Diferente das edições anteriores que tratam o espaço de difusão artística e cultural simplesmente por “Cineteatro Macapá”, esta faz conexão com o prédio que se popularizou por “Cineteatro Territorial de Macapá”. Essa questão ascende novamente a possibilidade do funcionamento simultâneo de dois espaços e, talvez indique que alguns dos eventos relacionados às exhibições cinematográficas educativas e apresentações

artísticas possam ter acontecido no prédio “tôsko” da antiga Panair Clube e que a “inauguração do cinema sonoro”, veiculado na edição de 1º de dezembro de 1945, possa realmente ter acontecido no Cineteatro Territorial. Ainda não é possível afirmar tais hipóteses, todavia, por meio do Jornal Amapá, o que se observa é que a partir de 27 de abril, como aparecesse na imagem 38, a referência “Cineteatro Macapá” dá lugar a “Cineteatro Territorial de Macapá”, ou apenas “Cineteatro Territorial”.

Imagem 38: Nota informativa - Jornal Amapá, de 27 de abril de 1946



Fonte: Jornal Amapá, 27 abr. 1946, s/p.

Em 11 de maio de 1946, na edição de número 60 do Jornal Amapá, foi anunciada a programação do quinquagésimo primeiro aniversário do honroso feito de Francisco Xavier da Veiga Cabral, o conflito e a vitória sobre os franceses, e a consequente conquista da porção norte amapaense entre os rios Oiapoque e Araguari. O dia 15 de maio, em alusão ao dia em que o Amapá lutou para ser Brasil, passou a ser feriado estadual, instituído em 25 de maio de 2017 por meio do projeto de lei nº 0113/2017-AL, conhecido atualmente como dia do Cabralzinho, personagem residente à memória amapaense, ganhou destaque anual no TFA. No ano de 1946, o Cineteatro Territorial fora palco para esta comemoração cívica, que contou com palestra em torno do heroísmo de Cabralzinho, proferida pela professora Maria Lucia Sampaio Brasil, e com discurso do Dr. Salomão Levy, presidente da Comissão Territorial da Legião Brasileira de Assistência – LBA, além da presença do governador, seguida de sessão cinematográfica.

Em 29 de junho de 1946, o Jornal Amapá inicia a divulgação dos longas-metragens (imagem 39), que começavam a circular no TFA. Evidencia-se, a partir deste período, uma ascensão nas exibições de películas norte-americanas, devido ao contrato estabelecido com a Twenty Century Fox<sup>44</sup> e, é claro, alimentado pelo cenário político de aproximação do Brasil com os Estados Unidos durante e após a SGM (1939-1945), não somente em Macapá como em outros cinemas nacionais.

Imagem 39: Divulgação de sessão cinematográfica



Fonte: Jornal Amapá, 29 jun. 1946, s/p.

Em relação a exibição dos longas metragens, vale ressaltar que, além da divulgação do título, de atores e atrizes, das datas, horários e produtoras, como se observa da imagem 39, nada mais havia de crítica, comentário e recepção da plateia, como acontecia no caso das apresentações teatrais e musicais.

Em 27 de julho de 1946, a edição 71 do Jornal Amapá trouxe a programação das festividades em torno do centenário do nascimento da Princesa Isabel. Neste evento, o público

<sup>44</sup> Criada em 1935, a partir da fusão de The Twentieth Century e Fox Film Corporation, é um estúdio de cinema americano dentro de Walt Disney Studios, que por sua vez pertence a The Walt Disney Company. Disponível em: <https://exame.com/negocios/para-se-afastar-de-trump-disney-tira-o-nome-fox-do-estudio-20th-century/>. Acesso em: 28 jun. 2020.

macapaense poderia assistir, além de discursos e cerimoniais, à uma exibição cinematográfica gratuita no Cineteatro Territorial, conforme demonstra na imagem 40.

Imagem 40: Divulgação de evento comemorativo ao centenário da Princesa Isabel

**O centenário do nascimento da Princesa Isabel...**  
*Continuação da 1.ª página*

**Programa dos festejos comemorativos do primeiro centenário do nascimento da Princesa Isabel**

**— M A N H ã —**

Local: Grupo Escolar Barão do Rio Branco.

8,00 hs.: Hasteamento do Pavilhão Nacional, pelo Excelentíssimo Senhor Governador.

8,10 " : Canto do Hino à Bandeira, pelos colegiais.

8,15 " : Alocução cívica sob o tema: «Abolição da Escravidão»: Oradora, professora Maria Lúcia Sampaio Brasil, Diretora do Grupo Escolar.

8,20 " : Canto do Hino Nacional Brasileiro pelas pessoas presentes.

**— T A R D E —**

Local: Praça de Esportes.

15,00 hs.: Desfile dos colegiais, escoteiros e associações desportivas, em homenagem à data.

16,00 " : Partida de futebol entre as equipes representativas do Amapá Clube X Esporte Clube Macapá.

**— N O I T E —**

Local: Cine-Teatro Territorial.

**1.ª Parte**

20,30 hs.: Sessão solene promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico do Amapá.

20,35 hs.: Abertura da sessão, pelo Excelentíssimo Senhor Governador.

20,40 hs.: Discurso sob o tema: «Princesa Isabel, a Redentora»: Orador, Dr. Aderbal de Oliveira Melo.

20,50 hs.: Encerramento da sessão solene.

**2.ª Parte**

21,00 hs.: Sessão cinematográfica gratuita, dedicada à população macapaense.

Fonte: Jornal Amapá, 27 jul. 1946, s/p.

Na edição seguinte, de 03 de agosto de 1946, o Jornal Amapá apresentou de maneira mais detalhada sobre as atividades realizadas no dia 29 de julho. Ressalta-se neste a presença do sr. Pedro Neves, responsável em captar imagens para a criação de um filme que retratava as celebrações cívicas e o empenho do governador em sua missão desenvolvimentista no TFA. Esse tipo de registro, que buscava exaltar a imagem do governador, era distribuído para outras regiões do território nacional, para que outros governos pudessem acompanhar o progresso da

política cultural janarista. A seguir, a transcrição do noticiado pelo Jornal Amapá:

### **Os festejos comemorativos do centenário de nascimento da Princesa Izabel**

O povo do Território, imbuído de sadio entusiasmo cívico, homenageou a Princesa Izabel no dia em que decorreu o primeiro centenário de seu nascimento, relembrando o papel inolvidável que lhe coube no sentido da libertação dos escravos no Brasil. Às 8 horas do dia 29, em frente ao Grupo Escolar, verificou-se a cerimônia de hasteamento do pavilhão nacional ao som do Hino Brasileiro, seguindo-se uma peroração cívica feita pela professora Maria Lucia Sampaio Brasil, diretora do estabelecimento que sintetizou a repercussão do notável episódio da Abolição no cenário da nossa História. Às 15 horas, desfilaram pela praça de esportes da Matriz os escoteiros da Associação Veiga Cabral e os escolares, acompanhados de seus respectivos professores, além dos grêmios esportivos locais de Macapá, Amapá e Rio Branco, tendo a precede-los as flâmulas e estandartes e obedecendo a direção técnica do sgt. Irineu Gama Pais. Por essa ocasião, o sr. Pedro Neves filmou aspectos para a nova película sobre o Território. À noite, efetuou-se a concorrida sessão cívica, no Cine Teatro Territorial, presidida pelo dr. Raul Montero Valdez, secretário geral, que se encontrava ladeado por outras autoridades e pessoas gradas. S. Exc. Concedeu a palavra ao orador oficial, dr. Aderbal de Oliveira Melo, que proferiu judiciosa palestra acerca de Izabel, a Redentora, focalizando a influência de seu nome num dos mais empolgantes acontecimentos do Segundo Império, a extinção da escravatura e as qualidades morais que definiam seu caráter resolutivo e benigno coração. Após o encerramento da solenidade, o público foi brindado com uma sessão cinematográfica (JORNAL AMAPÁ, 03 ago. 1946, s/p.).

Em 31 de agosto de 1946, o Jornal Amapá de número 76 divulgou a programação estabelecida para a maior celebração do mês de setembro no TFA, as comemorações da Semana da Pátria, composta pelo dia da independência e pelo Aniversário da Criação dos Novos Territórios Federais. Nesta oportunidade, esta ferramenta da política cultural janarista orientou sobre as configurações e os significados em torno do “dever e das tradições que ligam o Homem à Pátria”.

O governo do Território Federal do Amapá, prosseguindo no seu desígnio de fixar na consciência de seus governados, o sentimento do dever e das tradições que ligam o Homem à Pátria, baixou instruções para as comemorações, em todo o Amapá, das datas da Independência do Brasil e do Terceiro aniversário da criação dos novos Territórios Federais. Os professores do Grupo Escolar de Macapá lerão diariamente aos seus alunos, para que transmitam aos seus pais, o seguinte: É DEVER DE TODO O BRASILEIRO NO DIA DA PÁTRIA: Colocar na frente da casa, hasteada em mastro ou suspensas no vão da janela principal, a Bandeira do Brasil. Os que não puderem comprar uma Bandeira devem enfeitar a janela com as cores verde-amarelo. Dia da Pátria. 7 de setembro. Comparecer aos festejos em que se homenageiam nossos heróis, levando na lapela ou vestido a fita verde-amarela (só ficam em casa os imprestáveis e os doentes) (JORNAL AMAPÁ, 31 ago. 1946, s/p.).

As comemorações neste ano aconteceram entre os dias 01 e 13 de setembro. No dia 7, às 20h30 horas, o palco territorial fora utilizado para sessão solene, tendo como palestrante o Dr. Joaquim Gomes Diniz, que discorreu sobre a luta pela independência do Brasil, seguida por uma sessão cinematográfica gratuita oferecida pelo governador à população macapaense. No dia 13 de setembro de 1946, em comemoração ao terceiro aniversário de criação dos Territórios Federais, ocorreu a inauguração do novo prédio do Grupo Escolar Barão do Rio Branco. Neste dia, além das apresentações de canto orfeônico e do hino nacional, houve no palco territorial uma apresentação de teatro realizada por escolares, como detalhado a seguir.

#### **A sessão cívica do dia 13 de setembro**

No dia 13 de setembro, data comemorativa da criação dos novos Territórios Federais, realizou-se uma sessão cívica, no Cine Teatro Territorial a qual teve a presidência o governador interino, dr. Raul Montero Valdez. S. Exc. Proferiu nessa ocasião, um vibrante discurso, fazendo um esboço dos fatos que precederam a instalação do governo do capitão Janary Gentil Nunes, mencionando os inúmeros empreendimentos com que tem dotado a terra amapaense, através de suas cidades, vila, povoações e lugarejos; da educação e cultura do povo; do incremento da agricultura, da pecuária, das comunicações, transportes e obras públicas. Em seguida, foi levado a efeito um atraente programa teatral, no qual tomaram parte alunos do Grupo Escolar de Macapá (JORNAL AMAPÁ, 21 set. 1946, s/p.).

Durante as celebrações da Semana da Pátria de 1946, a partir do informado no Jornal Amapá de 21 de setembro, nota-se a ausência do Capitão e a presença do dr. Raul Montero Valdez, secretário geral do TFA, no cargo de Governador Interino. Essas alternâncias eram comuns durante os afastamentos de Janary Nunes, que, por meio de uma cerimônia de transferência de cargo, destinava ao seu braço direito a responsabilidade da manutenção da política cultural janarista em curso.

Em 5 de outubro de 1946, o TFA se preparava para as celebrações alusivas à Semana da Criança. Para isso, o veículo oficial da propaganda janarista, o Jornal Amapá, dedicou parte de sua edição para divulgar a festiva programação. Durante as celebrações, coube ao Cineteatro Territorial acolher o lançamento do Clube de Saúde<sup>45</sup>, estimado para o dia 13 de outubro, domingo, às 10h. As sessões de cinema com filmes educativos protagonizaram os dias 12 e 15 de outubro, sempre às 10h.

---

<sup>45</sup> Essa agremiação, organizada sob os auspícios do SESP, é constituída exclusivamente pelos alunos do aludido estabelecimento, tendo como finalidade precípua a divulgação dos preceitos de higiene e educação sanitária necessárias à criança, para que se possa tornar sã e forte, exercitando as suas energias em proveito do fortalecimento e unidade do Brasil (Jornal Amapá, 12 out. 1946, s/p.).

Na edição de número 84, de 26 de outubro, há referência à encenação do “sugestivo entrecho Horta da Vitória, magnífica lição às crianças sobre a maneira como devem plantar os legumes, de importante valor nutritivo na alimentação humana”, durante a comemoração do aniversário da Cooperativa Escolar, datada de 15 de outubro. Nesta divulgação não foi possível identificar mais detalhes quanto aos atuantes e outros envolvidos nesta atividade. Em 23 de novembro de 1946, a edição 88 do Jornal Amapá referiu a realização de uma sessão solene no Cineteatro Territorial, durante as celebrações alusivas ao Dia da Bandeira, mas sem detalhes de apresentações artísticas, como mostra a íntegra do noticiado.

#### **Como foi celebrado, nesta capital, O DIA DA BADEIRA**

Expandindo o seu regozijo cívico pelo transcurso do Dia da Bandeira, a população macapaense rendeu o tributo de sua veneração ao símbolo augusto da Pátria, que reflete nas suas dobras os mais gloriosos e edificantes episódios, em que sobressaem a cultura e o heroísmo dos nossos patrícios. Após desfilarem pelas ruas da cidade, puxados por um pelotão de escoteiros, os sargentos, cabos e praças da Guarda Territorial, estudantes, bandeirantes, trabalhadores e populares fizeram <Alto> em frente ao Palácio do Govêrno, onde o capitão Janary Nunes içou o pavilhão nacional ao som do Hino à Bandeira, entoado por todos os presentes. O dr. Marcílio Viana, depois de pronunciar algumas palavras sobre a data, leu com vibração ardente, a belíssima oração ao lábaro sagrado, da autoria de Olavo Bilac, que é um dos capítulos magníficos de nossa educação moral e cívica. NO CINE-TEATRO TERRITORIAL efetuou-se, as 20:30 horas, uma sessão solene, presidida pelo chefe do Govêrno territorial, se achava ladeado pelos srs. Dr. Raul Montero Valdez secretário geral, Paulo Armando Xavier, diretor da Educação, e os membros da embaixada cultural que ora se encontrava na cidade (JORNAL AMAPÁ, 23 nov. 1946, s/p.).

O Jornal Amapá de número 89, de 30 de novembro de 1946, faz referência a Comemoração do dia 1º de dezembro em alusão a assinatura do Laudo Suíço. Na presença do governador Janary Nunes, às 20h, o Cineteatro Territorial fora utilizado para a sessão solene de encerramento da comemoração, com exibição de cinema educativo.

Além das exibições cinematográficas educativas, o ano de 1946 levou muitos macapaenses ao Cineteatro Territorial para assistirem aos longas metragens norte-americanos. Entre os meses de julho e dezembro, registrou-se a exibição de 08 (oito) diferentes filmes, concentrados nos meses de julho, agosto e dezembro, como se observa na tabela 1:

Tabela 1: Calendário de exibições cinematográficas, longas-metragens, 1946

| <b>CINETEATRO TERRITORIAL DE MACAPÁ</b>                  |   |  |  |
|--|---|--|--|
| <b>CALENDÁRIO DE EXIBIÇÃO DE LONGAS METRAGENS – 1946</b> |   |  |  |
| <b>FILME</b>   | <b>JORNAL AMAPÁ</b>                         | <b>TÍTULO</b>  | <b>DETALHES</b>  |
| <b>1</b>   | 06 de julho<br>Ano 2, nº 68, p. 3           | PUNHOS DE FERRO  | Com Wallace Beery, Leo Carrillo e Anne Baxter  |
| <b>2</b>   | 03 de agosto<br>Ano 2, nº 72, p. 3          | A ESPIÃ DA ARGÉLIA   | Com James Marson e Carla Lehmann   |
| <b>3</b>   | 10 de agosto<br>Ano 2, nº 73, p. 3          | AINDA SERÁS MINHA  | Com Clark Gable e Lana Turner  |
| <b>4</b>   | 17 de agosto<br>Ano 2, nº 74, p. 3          | O TREM DO DIABO  | Com Yan Heflin, Patrícia Dane, Cecilia Parker, Virginia Grey e Samuel S. Hinos   |
| <b>5</b>   | 24 de agosto<br>Ano 2, nº 75, p. 3          | DUAS VEZES MEU   | Com Greta Garbo e Melvyn Douglas   |
| <b>6</b>   | 14 de dezembro<br>Ano 2, nº 91, p. 3        | DEDOS DIABÓLICOS   | Com Lew Ayres, Loraine Day e Basil Rathborne   |
| <b>7</b>   | 14 de dezembro<br>Ano 2, nº 91, p. 3        | ÓDIO QUE MATA (16/12)  | Com Merle Oberon e George Sanders  |
| <b>8</b>   | 21 de dezembro<br>Ano 2, nº 92, p. Ilegível | QUARTETO DE AMOR<br><br>(75 moças e um homem!<br>Vejam! A primeira orquestra só de moças que se apresenta na tela) | Com Melvyn Douglas, Ann Sothern, Lee Bowman e Felix Bressart (aguardem para a próxima estreia a grandiosa película da “Fox”) |

Fonte: o autor (2023)

## 5.5 CENA V – 1947

Em 1947, o Cineteatro Territorial aumentou significativamente a oferta de projeções cinematográficas, chegando a exibir um total de 18 (dezoito) longas metragens norte-americanos. Essa efervescência fílmica fora registada em várias edições do Jornal Amapá, como podemos observar na tabela 2:

Tabela 2: Calendário de exibições cinematográficas, longas-metragens, 1947

| <b>CINETEATRO TERRITORIAL DE MACAPÁ</b>                  |   |                                    |   |
|--|---|------------------------------------|---|
| <b>CALENDÁRIO DE EXIBIÇÃO DE LONGAS METRAGENS – 1947</b> |   |                                    |   |
| <b>FILME</b>   | <b>JORNAL AMAPÁ</b>                             | <b>TÍTULO</b>                      | <b>DETALHES</b>   |
| <b>1</b>   | 04 de janeiro<br>Ano 2, nº 94, p.<br>Ilegível   | SONHOS<br>DISSIPADOS               | A partir de hoje, neste cinema a “Metro” apresenta: Lew Ayres, Loraine Day, Lionel Barrymore, Red Skelton e Nils Asther   |
| <b>2</b>   | 11 de janeiro<br>Ano 2, nº 95, p. 3             | A CONQUISTA<br>DA TUNÍSIA          | Vem sendo exibido desde ontem, com grande sucesso, estupendo filme da “Metro”. Este filme permanecerá no cartaz até quinta-feira próxima  |
| <b>3</b>   | 25 de janeiro<br>Ano 2, nº 97, p. 3             | UM ASSASINO<br>DE LUVAS            | Vem sendo exibido desde ontem, com grande sucesso, estupendo filme da “Metro”. Com Heflin, Marsha Hunt e Leo Bowman. Uma história de mistérios e fortes emoções   |
| <b>4</b>   | 01 de fevereiro<br>Ano 2, nº 98, p. 3           | CANÇÃO DA<br>RÚSSIA                | <b>HOJE – GRANDE ESTREIA</b><br>Extraído do conflito e drama dos nossos dias, surge uma grande história amorosa, inspirada pela turbilhonante beleza de uma música divina. Um filme excepcional! Com Robert Taylor e Susan Peters |
| <b>5</b>   | 08 de fevereiro<br>Ano 2, nº 99, p. 3           | MOCIDADE DO<br>BARULHO             | Vem sendo exibido desde ontem o gozadíssimo filme da “Metro”. Com Virgínia Weydler. Uma história interessante, repleta de boas canções, bailados e muita comicidade.  |
| <b>6</b>   | 15 de fevereiro<br>Ano 2, nº 100 p.<br>Ilegível | AS MURALHAS<br>DE JERICÓ           | Está sendo exibido desde ontem, o emocionante filme. Com Red Skelton e Eleanor Powell. Um verdadeiro sucesso da cinematografia  |
| <b>7</b>   | 22 de fevereiro<br>Ano 2, nº 101 p.<br>Ilegível | TRINTA<br>SEGUNDOS<br>SOBRE TÓQUIO | A “Metro Goldwyn Mayer” sente-se orgulhosa em apresentar uma película intensamente humana, extraída de uma das páginas mais gloriosas e ousadas desta guerra. Um episódio verdadeiro da vida de um piloto norte-americano.        |
| <b>8</b>   | 01 de março<br>Ano 2, nº 102 p. 3               | CUIDADO COM<br>MAMÃE               | Cuivem sendo exibido, desde ontem, a estufante comédia da “Metro-Goldwyn Mayer”. O filme alegre que desejam ver Susan Peters no seu primeiro papel cômico, Herbert Marshall e Mary Astor.   |

|           |                                       |                      |   |
|-----------|---------------------------------------|----------------------|---|
|           |                                       |                      | Nota: Este filme permanecerá no cartaz até quinta-feira próxima, dia 6.   |
| <b>9</b>  | 08 de março<br>Ano 2, nº 103 p. 3     | DOIS NO CÉU          | A “Metro-Goldwyn-Mayer” tem o prazer de apresentar, desde ontem, neste Cineteatro, Spenser Tracy e Irene Dunne, juntos pela primeira vez no sensacional filme. Secundados por Lionel Barrymore, Van Johnson, Ward Bond e James Gleason. A mais grandiosa aventura aérea.  |
| <b>10</b> | 22 de março<br>Ano 3, nº 105, p. 4    | INSUSPEITO           | Estreia hoje o sensacional filme da “Metro”   |
| <b>11</b> | 19 de abril<br>Ano 3, nº 109, p. 3    | MULHERES E DIAMANTES | Hoje – sábado – Grande estreia do deslumbrante filme da FOX, em technicolor. A “Extravaganza” mais dispendiosa e mais divertida que Hollywood jamais produziu com Betty Grable, Dick Haymes, Phil Silvers e William Caxtons, nos principais papeis. Um filme repleto de novas e sensacionais canções de Mack Gordon e Harry Warren. Admirem a sua riqueza em talento e os seus magníficos cenários. |
| <b>12</b> | 26 de abril<br>Ano 3, nº 110, p. 4    | ERAM CINCO IRMÃOS    | Hoje Soirée às 20:00 horas. O estupendo filme da FOX. Com Anne Baxter e Thomas Mitchell   |
| <b>13</b> | 14 de junho<br>Ano 3, nº 117, p. 4    | CASA MALUCA          | Está no cartaz, a partir de hoje, a magnífica e desopilante comédia da Metro. Com os irmãos Marx  |
| <b>14</b> | 21 de junho<br>Ano 3, nº 118, p. 4    | SENHORITA VENTANIA   | Vem sendo exibido desde ontem com grande sucesso, o maravilhoso filme da Metro. Com a adorável Lana Turner e Robert Young. Uma incrível comédia que não pode deixar de ser vista.<br><br>AGUARDEM<br>Para sexta-feira, 27 RIO RITA, com Abbott e Costello, um filme excepcional   |
| <b>15</b> | 28 de junho<br>Ano 3, nº 120, p. 3    | RIO RITA             | HOJE – SÁBADO<br>Acha-se no cartaz desde ontem o estupendo filme da Metro. Com Abbott e Costello. Cenas admiráveis! Aventuras excitantes! Um mundo de gargalhadas!  |
| <b>16</b> | 05 de julho<br>Ano 3, nº 121, p. 4    | O ANJO PERDIDO       | HOJE<br>O estupendo filme da Metro. Com Margaret O’Brien  |
| <b>17</b> | 12 de julho<br>Ano 3, nº 122, p. 4    | FELIZES PARA SEMPRE  | HOJE<br>Estreia do interessante filme da Metro. Com Ann Rutherford, Roberto Sterling, Guy Kibbee e Irene Rich<br>Complemento: “Sono que mata” (educativo)   |
| <b>18</b> | 08 de novembro<br>Ano 3, nº 139, p. 4 | ESTRELA DO NORTE     | Vem sendo exibido desde ontem, com grande sucesso, o estupendo filme. Com Ann Baxter e Dana Andrews. Uma película EXTRA da RKO RÁDIO.<br><br>AGUARDEM   |

|  |  |  |  |
|--|--|--|--|
|  |  |  | Para muito breve “E o espetáculo continua” e “Sonhando de olhos abertos” |
|--|--|--|--|

Fonte: o autor (2023)

Além das inúmeras exposições cinematográficas realizadas no Cineteatro Territorial durante do ano de 1947, observa-se outras atividades culturais em espaços paralelos, como o Macapá Hotel. Sobre isso, a edição de número 94 (04 de janeiro de 1947) fez referência aos festejos de passagem de ano, o réveillon celebrado pela sociedade macapaense. Neste sentido, há de se pontuar no Macapá Hotel que, enquanto nos:

Salões e no terraço do estabelecimento, encontrava-se grande número de famílias da nossa elite social, pompeando ali o sorriso e a graça das jovens macapaenses. O baile decorreu ao som da música de discos escolhidos, com o acompanhamento do sr. Manuel Godinho, ao piano, num ambiente seletivo e cordial (JORNAL AMAPÁ, 04 jan. 1947, s/p).

Ou seja, enquanto a elite macapaense se deleitava nas dependências do Macapá Hotel, ao proletariado fora reservado uma noite, por iniciativa do governo, sob os acordes do jazz, a cargo do sr. Messias do Espírito Santo. Na casa do sr. Julião Ramos, uma das figuras mais simbólicas do Marabaixo Laguinense, o Jornal Amapá refere, pela primeira vez, como fora celebrada tal data comemorativa.

#### **O “marabaixo” do Laguinho**

Na casa de residência do sr. Julião Ramos, situada no subúrbio do Laguinho houve uma demonstração de “marabaixo”, culto afro que conta com regular quantidade de prosélitos naquele arrabalde (JORNAL AMAPÁ, 04 jan. 1947, s/p.).

O que fora detalhado sobre o réveillon macapaense, com destacada pompa ao evento realizado no Macapá Hotel, o apoio do governo para o transcurso da data festiva do proletariado e, por fim, como transcorreu a mesma passagem na casa do sr. Julião Ramos, diz bastante sobre a política cultural janarista, que relega à marginalidade aqueles que foram retirados da frente da cidade para buscar moradia “pelos campos do laguinho”. Esse tipo de equalização festiva é recorrente nas celebrações do TFA, visivelmente percebida na fonte documental consultada. Ainda nesta edição, também foram noticiadas as atividades realizadas no dia 1º de janeiro de 1947, no Cineteatro Territorial, onde foi exibido o segundo filme sobre o Amapá, as transformações, o desenvolvimento e as modernizações advindas da “territorialização gentrificante” amapaense, como afirma o Jornal Amapá.

No dia 1º de janeiro às 20:00 horas, foi exibido na tela do Cine-Teatro Territorial, o segundo filme documentário sobre o Território, mostrando interessantes aspectos desta Capital e dos municípios de Amapá e Oiapoque, inclusive a pitoresca vila de Clevelândia, na fronteira com a Guiana Francesa. Numerosa assistência assistiu ao espetáculo, que é mais um índice da obra de restauração desta, sob a administração do capitão Janary Nunes (Jornal Amapá, 04 jan. 1947, s/p.).

A instalação do governo territorial marca a chegada do governador Janary acompanhado de sua equipe “salvadora”, dia 25 de janeiro de 1944, o qual principiou como destaque no Jornal Amapá de número 97, de 25 de janeiro de 1947. O veículo oficial de informação e propaganda do governo abriu espaço em suas páginas para conclamar aos macapaenses às comemorações da data. No programa divulgado pelo noticioso, no dia 25, o sr. Coaracy Nunes subiu ao palco territorial às 20h, juntamente com o governador Janary, para empossar a diretoria da Associação de Escoteiros Veiga Cabral e para realizar a entrega de títulos de propriedade, com sessão cinematográfica gratuita para o encerramento da solenidade.

Na primeira página da edição de número 99, de 08 de fevereiro de 1947, o Jornal Amapá destaca a chegada do coronel José Faustino dos Santos Silva e de sua ilustre comitiva no território amapaense. Segundo o noticioso, o interventor conheceu algumas instalações de órgão governamentais, sendo carinhosamente recepcionado pelos alunos do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, que, sobre a autoridade paraense, lançaram uma chuva de pétalas de rosas, em demonstração de respeito e de admiração. A visita se estendeu até o Cineteatro Territorial, onde ocorreu uma pequena sessão de projeção cinematográfica, contendo algumas cenas do filme Canção da Rússia. Cabe ressaltar que, durante a passagem do coronel José Faustino pelas instalações da Rádio Difusora de Macapá, o interventor pode apreciar:

[...] um atraente programa artístico-musical, em que participaram os alunos de canto orfeônico, do Grupo Escolar, dirigidos pela professora Stela da Costa Pimenta; “Seresteiros do Luar”, conjunto de José Banhos, Armando Bentes Lopes, José Pontes e Souza; o violonista Nicanor Gentil e a garota Edmilsa Nunes (JORNAL AMAPÁ, 08 fev. 1947, p. 1).

A Rádio Difusora de Macapá, assim como o Macapá Hotel, compunha a rota artística no TFA. O auditório desta irradiadora política e cultural fora utilizado como palco artístico por inúmeras vezes, como referido nas edições consultadas do Jornal Amapá. Inclusive, o próprio Cineteatro Territorial serviu, por um tempo, como palco para as programações artísticas da Difusora. Ainda nesta edição, é referido sobre a utilização da maior casa de espetáculos do TFA

para distribuição de livros de histórias às crianças macapaenses. Segue abaixo a transcrição desta notícia.

Domingo passado, no Cineteatro Territorial, o sr. José Carlos Maíra do Amaral, viajante da firma Borges Fiuza & Cia., de Belém, depositário dos afamados produtos “Emulsão de Scott” e Sal de Fruta Eno”, distribuiu gratuitamente à petizada macapaense, inúmeros exemplares de livros de histórias infantis, entre os quais “Diabruras de Miná”, “Babalú ou mascote do feitiçeiro”, “Paulino é teimoso”, “A bela e a fera”, “Aladim e a lâmpada maravilhosa”, “José de Anchieta, o apóstolo do Brasil” e “O aniversário do Dedé”, da Editora Moderna. A atitude do sr. Amaral foi recebida com simpatia pela criançada, que, desse modo poderá recriar o espírito, com a leitura de opúsculos instrutivos e interessantes (JORNAL AMAPÁ, 08 mar. 1947, p. 1).

Mario Rocha, filho de Doninha Banhos e irmão de Walter e José Banhos, figura já conhecida pelos macapaenses, em 15 de março de 1947, segundo o que nos diz o Jornal Amapá, retornara a terra das bacabas acompanhado da Companhia de Revistas Paraense. O motivo dessa presença era a festa de São José, o padroeiro da capital territorial, comemorado no dia 19 de março, como afirma o veículo oficial de informação e propaganda do governo territorial:

#### **Em Macapá a Cia. de Revistas Paraense**

##### **Mario Rocha é o diretor do novel conjunto artístico**

Chegaram anteontem a esta cidade, a bordo da lancha “Amapá”, os artistas da Companhia de Revistas Paraense, que obedece à direção do exímio violonista Mario Rocha. Vêm eles exhibir-se perante o público macapaense durante a festiva temporada de São José. A companhia que ora nos visita conta com um elenco selecionado, composto de elementos que atuavam nos palcos de Belém e no “broadcasting” de PRC 5. É de prever, pois, que alcance grande sucesso. Eis os nomes dos atores que deleitarão a plateia de Macapá com os seus espetáculos, tão ansiosamente aguardados: Mario Rocha, professor de música e membro da Orquestra Sinfônica Paraense; Waldemar Godinho, pianista e compositor, que também participa da O. Sinfônica; Seyla Souza, comedianta, que pertenceu ao elenco do Teatro Guajarinu, de Belém; Gerusia Souza, sambista, que atuou no “cast” de PRC 5; Francisco Alves (Zé Paneiro), impagável cômico que trabalhou no palco de Bar Fortaleza; Leonidas Muzuris, cantor radiofônico, bailarino e acróbata; Antonio Silva, cantor e violonista; Assis dos Santos, cantor e violonista, e Waldomira Santos, atriz genérica; e a graciosa sambista Perola Waughan, que se exibiu cm sucesso no Teatro Guajarinu. Antonio Gomes, secretário da Companhia de Revistas Paraense e conhecido cenógrafo, participou-nos que a peça de estreia seria “Rumo a Macapá”, em 15 originais quadros, repletos de alegria, música e bom humor. Anteontem, à noite, os festejados artistas, especialmente convidados por Mario Ernani, fizeram a sua apresentação dos estúdios da Rádio Difusora de Macapá. Deverão chegar hoje a esta Capital os seguintes artistas, que por motivo de força maior, não puderam viajar por via marítima: José da Providência, clarinetista e violonista; e Perdigão Freire, cantor radiofônico (JORNAL AMAPÁ, 15 mar. 1947, p. 4).

Sobre o elenco da Cia. de Revistas Paraense, é relatado que fazem parte do Broadcasting da PRC 5, emissora de rádio instalada em Belém do Pará e inaugurada em 22 de abril de 1928. É a primeira rádio da Amazônia e a quarta mais antiga no país; a ela, foi concedido o título de Patrimônio Cultural e Imaterial da cidade de Belém em 2022, ficando popularmente conhecida como a “Poderosa”. De acordo com o Jornal Amapá de 09 de junho de 1945, a Rádio Clube do Pará iniciou a irradiação de seus programas especiais sobre o Amapá no dia 07 de junho de 1945; sempre às quintas-feiras, primeiro às 19h30 e, a partir de 23 de agosto, às 20h15, o serviço de “Alto Falantes” retransmitia programas especiais da PRC 5. Em sua vigésima quinta edição, o Jornal Amapá anuncia sobre a retransmissão de um novo programa da emissora paraense, o Rádio Teatro da Saúde, como podemos observar na transcrição abaixo.

#### **Novo programa de rádio em prol de educação sanitária**

O Dr. Guimarães Macedo, chefe do Distrito do SESP nesta capital, recebeu o seguinte telegrama assinado pelo Dr. Paulo Antunes, diretor do Programa da Amazônia do SESP: “Tenho a satisfação de comunicar o início, a 4 de setembro, das transmissões do Rádio Teatro da Saúde, através do Rádio Clube do Pará, em ondas de 60,66 e 204 metros. Trata-se de um programa de educação sanitária que será irradiado todas às terças-feiras, de 21:15 às 21:30 horas, a partir daquela data. Colaborando com o SESP, o Serviço de Alto-Falantes de Macapá retransmitirá, todas as terças-feiras, os programas irradiados pela emissora PRC-5 em prol da educação sanitária do povo (JORNAL AMAPÁ, 07 set. 1945, p. 04).

A edição 106 do Jornal Amapá, de 29 de março de 1947, apresentou em sua segunda página uma coluna dedicada às impressões causadas pela Cia. de Revistas Paraense. “R”, como se intitula a pessoa que escreve a crítica, refere-se a temporada do conjunto artístico na capital territorial, atribuindo sua opinião à cada artista. Abaixo, transcrita na íntegra, a sua crítica.

#### **Impressões de um conjunto artístico**

Assistimos a diversos espetáculos de Companhia de Revistas Paraense, que se exibiu nesta capital desde a festividade de São José até há poucos dias, para cujo brilhantismo contribuiu bastante. Não se trata, <au complet>, de um elenco de classe, o que não se encontra hoje facilmente, mas de um conglomerado de artistas voluntariosos, os quais, lutando embora com a escassez de certos fatores intrínsecos, tudo fizeram para agradar o nosso público. Mario Rocha e Waldemar Godinho merecem um registro à parte. O primeiro é um violinista de largos recursos. A prova tivemos-la durante o seu festival, no salão recreativo do Macapá Hotel, onde se reuniram famílias representativas da nossa sociedade. Executando números consecutivos, com perfeito conhecimento de sua arte, deliciou os ouvintes com as notas sonoras e rítmicas do mavioso instrumento que é uma espécie de irmão gêmeo de sua vida. Waldemar Godinho maneja o teclado do piano com o aprumo dos artistas de escól. É um exímio acompanhador e tem como maior credencial a longa experiência de sua carreira. Gerusia Souza distingue-se como artista

radiofônica. Gesticula bem e é espirituosa, sabendo captar a simpatia da plateia. Seyla Souza é uma atriz que desempenha com habilidade os papéis a si confiados. Falta-lhe, entretanto, um quê de naturalidade. “Zé Paneiro”, apesar de jovem ainda, demonstrou ótimas qualidades. Poder-se-á tornar um cômico de relêvo, se não fugir à sua vocação. Foi o ponto alto da Troupe. Assis dos Santos e Waldomira formam uma dupla formidolosa. Assis sobressai mais como artista genérico do que como violonista e cantor. Waldomira é desembaraçada e possuidora de boa dicção. Leonidas Muzuris é um acróbata que, embora não eletrize a plateia, conduz-se com elegância e controle impecável. Interpreta com rara tonalidade de voz as canções mexicanas. Perola Waughon demonstrou ser uma sambista dotada de voz excepcional e de ritmos alucinantes. Como bailarina, parece, ainda, noviça. José da Providência é um clarinetista que sopra seu instrumento com técnica e entusiasmo. Antonio Silva dedilha o violão como um elemento futuroso. Perdigão Freire mostrou ser um hábil pandeirista. Smith deu mais expressão ao conjunto, sob todos os pontos de vista. Antonio Godinho, cenógrafo, é um moço imaginoso e conhecedor dos segredos do pincel. A companhia de Revistas Paraense conseguiu apreciável sucesso em sua temporada nesta cidade – R (JORNAL AMAPÁ, 29 mar. 1947, p. 02).

No dia 05 de abril de 1947, a primeira página do Jornal Amapá de número 107, destaca a ocupação do palco territorial para a realização de uma palestra proferida pelo Dr. Otávio Mendonça em torno de sua atuação no Congresso Nacional de Ensino Supletivo, ocorrida no dia 28 de março. Este buscou pontuar ainda as melhorias para a educação de adolescentes e adultos, por meio dos investimentos federais que estavam sendo aplicados à campanha da educação popular, e sobre o início da oferta do ensino supletivo no TFA, em meados do mês de abril. À noite, foi realizado o encerramento do evento com a exibição cinematográfica do filme “Insuspeitos”. Nesta mesma edição do Jornal Amapá foi noticiada uma apresentação artística no Cineteatro Territorial, em que o artista, o ventríloquo Pedro Brandão, fora patrocinado pelo governo para se apresentar diante da plateia macapaense, como podemos observar a seguir.

O professor Pedro Brandão, conhecido ventríloquo, que ora se encontra nesta capital, ofereceu, no domingo último [30/03/1947], uma vespéral gratuita à petizada macapaense no Cine-Teatro Territorial. Além dos trabalhos de sua especialidade, com a apresentação de seus chistosos bonecos, Brandão exibiu-se em números de música excêntrica, sendo bastante aplaudido. O festejado ventríloquo esteve em visita à nossa redação, comunicando-nos que promoverá um festival beneficente, hoje à noite, e que se acham expostos, na <Pensão Sempre Viva>, quadros religiosos para serem adquiridos pelo público (JORNAL AMAPÁ, 05 abr. 1947, p. 4).

Em 12 de abril de 1947, o Cineteatro Territorial se preparava para receber em sua plateia um “público seleta e culto”, assim como acontecera em outras cidades do Norte do país, divulgado na edição de número 108. A primeira página desta edição do Jornal Amapá trata da chegada do tenor lírico paraense Adelermo de Matos, como afirma o noticioso:

### **Adelermo Matos chegará hoje**

O aplaudido tenor lírico Adelermo de Matos, que por duas vezes já se exibiu no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, merecendo francos elogios da crítica, é esperado hoje nesta capital, para onde viajará por via aérea. O renomado artista do bel canto, que realiza uma promissora excursão pelo norte do país, apresentando-se diante de seletas e cultas plateias, dará dois espetáculos em Macapá, dedicados ao nosso público no Cine-Teatro Territorial, amanhã e na quarta-feira próxima (JORNAL AMAPÁ, 12 abr. 1947, p. 1).

O Jornal Amapá de 26 de abril de 1947, de número 110, em sua segunda página, abriu espaço para divulgar sobre as atividades cívicas ocorridas no Cineteatro Territorial, em 21 de abril, em torno da “figura máxima da Inconfidência Mineira”, o sr. Joaquim da Silva Xavier, popularizado como Tiradentes. No evento, fizeram-se presentes a professora Iatir Moraes da Costa, a normalista Durvalina Carvalho e o professor Irineu Gama Paes. As palestras, segundo noticiado, aconteceram às 15h, destinada às crianças matriculadas no Grupo Escolar Barão do Rio Branco; e, às 20h, aos alunos adolescentes e adultos do curso de ensino supletivo. Na quarta página, ainda nesta edição, coube pontuar sobre a programação referente às comemorações do dia do trabalho vindouro, sendo o palco territorial reservado para o encerramento do evento, por meio de uma sessão solene às 20h, promovida pela Liga Brasileira de Defesa da Democracia, seguida de “sessão cinematográfica oferecida ao proletariado e ao povo em geral”. Também nesta edição, assinado pelas iniciais A. M., fora divulgada uma crítica a respeito das impressões causadas no público macapaense pela ocasião dos recitais do maestro Adelermo de Matos. Abaixo, a íntegra da coluna jornalística.

### **Os recitais de Adelermo Matos**

A temporada artística do tenor paraense Adelermo de Matos atraiu ao Cine-Teatro Territorial, numeroso público que, ávido de emoções, aplaudiu e bisou o jovem e excelente cantor. Adelermo sempre revelára a sua decidida vocação para o canto lírico e, por ser dono de uma apreciável força de vontade, cedo venceu e projetou-se no mais alto meio da arte da Capital da República, passando pelo crivo aprimorado de eméritos professores sem deslustrar o brilhante curso que fizera no magnífico Instituto Carlos Gomes, no Pará. Nascido dentro do cenário da Amazônia, jamais esqueceu o torrão-natal, tanto que, logo após seus triunfos no Sul, volveu sua lembrança para o Norte, regressando, cheio de satisfação, ao seu Pará, onde soltara os primeiros gorjeios, ali prodigalizando à sensibilidade da plateia paraense momentos de encantamento através de um recital de gala no velho Teatro da Paz. Convidado pelo Govêrno amapaense, que visára motivos educacionais artísticos, a dar ao seu povo, Adelermo de Matos avionou até nós trazendo na sua caprichosa pasta as melhores joias musicais com que brindou a plateia de Macapá, para isto organizando quatro recitais com programas cuidadosamente escolhidos em todos eles demonstrando a pujança de sua voz e o seu timbre rigorosamente clássicos, quer nas partituras suaves do popularesco. Os aplausos demorados que recebeu durante os seus encantadores espetáculos, que foram honrados com a presença do Exmo. Sr. Cap. Janary Nunes,

Governador do Território, traduziram a viva satisfação do público que soubera conquistas desde sua estreia, tendo sempre por acompanhador o exímio pianista patricio Manoel Godinho. A música de câmara também é interpretada por Adelermo com segurança, maviosidade e excepcional sentimentalismo, valendo destacar como a que tornou-se predileta da assistência – a inebriante <Rosa-Maria>, que obrigou o cantor a bisá-la várias vezes e incluí-la em todas as noitadas que viveu o nosso esplendido teatro. E <Rosa-Maria> que fôra, em Recife, pela vez primeira interpretada pelo tenor da planície, lhe foi oferecida, em original, pela autora inspirada Elvira Ferreira, cuja delicada letra é da lavra emocional de um poeta pernambucano. Ainda hoje Macapá sente saudades de Adelermo de Matos, desejando-lhe novas vitórias pelos grandes palcos a percorrer e à cujas luzes mostrará o alto valor nortista dentro da sublime arte lírica (JORNAL AMAPÁ, 26 abr. 1947, p. 04).

Em 10 de maio de 1947, na quarta página da edição de número 112 do Jornal Amapá, há referência sobre como a sociedade amapaense se preparava para as homenagens anuais à memória de Cabralzinho, a acontecer entre os dias 12 e 15 do mês de maio. Naquele ano, além de palestras radiofônicas, proferidas por Ranulfo Flexa de Miranda, Lauro Sodré Gomes, Hildemar Pimentel Maia, e realizadas nas dependências da Rádio Difusora de Macapá, fora divulgado também, no dia 15 maio, às 20h no Cineteatro Territorial, a reconstituição histórica da luta pela posse do Território do Amapá, seguida de sessão cinematográfica gratuita, oferecida ao povo macapaense.

Na edição seguinte, 17 de maio de 1947, o Jornal Amapá revela mais detalhes sobre as atividades realizadas no Cineteatro Territorial à noite de 15 de maio. Na última página do noticioso, fala da reconstituição da cena histórica da invasão do Amapá, sob os auspícios da Divisão de Educação, foi interpretada pelos escoteiros José Raimundo Barata, no papel de Veiga Cabral, e Clodoaldo Nascimento, personificando o capitão Lunier. A representação fora seguida de apresentação musical, à cargo dos Seresteiros do Luar, com a colaboração da senhorinha Edmilsa Nunes. O encerramento das comemorações fora arrematado com uma sessão cinematográfica do filme “A Aventureira”.

No dia 24 de maio de 1947, a edição de número 114 do Jornal Amapá abriu espaço em sua quarta página para fazer um apelo ao público macapaense que fazia uso das sessões gratuitas do Cineteatro Territorial. O ácido apelo, transcrito na íntegra, buscou repelir as condutas “negativas” dos jovens da assistência, como podemos observar a seguir.

#### **Conduta no Cinema**

Certos jovens sem noção nenhuma de educação vêm tentando exibir suas qualidades negativas usando de quando em vez o assobio nos salões do Cine-Teatro Territorial. Ora, essa casa, construída pelo Govêrno para instruir a juventude e divertir o povo amapaense, não deve ser o recinto apropriado a essas demonstrações de pobreza de espírito. Aliás, o fato vem ocorrendo

justamente durante as sessões gratuitas, propiciadas à coletividade pela administração, no generoso propósito de proporcionar o prazer à coletividade. A repetição dessa prática sugere duas medidas, ambas fáceis de tomar: ou não dar mais sessões populares grátis, ou expulsar do recinto os moleques, aplicando-lhes a punição conveniente. Entretanto, a direção do Cine-Teatro espera dos próprios assistentes a repressão merecida aos inconscientes que assim procedem. Se não lhes agrada o filme que já viram em sessões pagas, cabe-lhes retirar-se do recinto, sem perturbar a maioria que tem o direito de exigir o respeito ao seu gosto e alegria (JORNAL AMAPÁ, 24 maio 1947, p.4).

Ainda nesta edição, fora divulgado a chegada do Teatro Ligeiro na capital territorial. Assim como em outros momentos elencados neste trabalho, a apresentação realizada na maior casa de espetáculos do TFA, como também nos outros espaços de difusão política e cultural construídos pelo Governo Janary Nunes, fica sob a responsabilidade do Jornal Amapá difundir a perspectiva educativa de cada realização, como podemos observar a seguir.

#### **O professor Chaman e mme. Betty visitarão esta capital**

O público macapaense terá ensejo, dentro de pouco tempo, de assistir à exibição de dois afamados artistas do teatro ligeiro, que têm alcançado ruidoso êxito em suas apresentações feitas perante as mais exigentes plateias nacionais, numa demonstração inequívoca dos seus méritos. Joveniano Almeida, ou o professor Chaman, como é mais conhecido, e Iracema Rodrigues, a madame Betty, são perfeitos conhecedores da magia, telepatia, hipnotismo e faquirismo, recebendo, por isso, os maiores elogios e boas referências de sua atuação em todas as localidades que perambularam. O professor Chaman, quando de passagem por Fortaleza, prontificou-se a auxiliar a polícia na descoberta do autor de um roubo de joias avaliado em 300 mil cruzeiros, tendo comprovado a sua perícia em diversas ocasiões, como um auto-sugestionador de classe. Mme. Betty é também uma notável cantora, que sabe deleitar os ouvidos de quantos assistem aos espetáculos da excelente dupla, sempre entremeados de números de samba, caipiradas, anedotas, etc. tivemos oportunidade de manusear o álbum do casal Chaman and Betty, que é uma nítida comprovação do valor artístico que os precede, podendo-se antever o pleno sucesso da temporada com que brindarão os amantes das recreações que exercitam a memória e instruem as plateias (JORNAL AMAPÁ, 24 maio, p.4).

Em 07 de junho de 1947, a edição 116 do Jornal Amapá enfatizou sobre a realização de espetáculo teatral gratuito destinado ao operariado. No palco territorial, a assistência operária pode conferir as demonstrações artísticas do casal “*Chaman and Betty*”, e seu gênero cômico e musicado ligeiro, é o que diz o Jornal Amapá:

#### **Teatro gratuito para o operariado**

Realizou-se anteontem à noite, no Cine-Teatro Macapá, um espetáculo teatral gratuito, oferecido pelo Govêrno aos operários e trabalhadores de Macapá e suas famílias, com vultosa assistência. Foram bastante aplaudidos os trabalhos

de magia e ilusionismo do professor Chaman, e de mme. Betty, que, além dos seus números de telepatia, exibiu-se também como cantora. A impagável dupla Casquinho-Pixixl excedeu à expectativa do público, com as suas piadas cômicas e desopilantes emboladas. Elvira Rodrigues (Elba) demonstrou mais uma vez as suas apreciáveis qualidades de atriz genérica (JORNAL AMAPÁ, 7 jun. 1947, p. 01).

Em 02 agosto de 1947, o Jornal Amapá de número 125 noticiou em sua terceira página os festejos em torno da semana do professor, que contou com uma extensa programação, iniciada em 19 de julho. Além das dependências do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, da Rádio Difusora de Macapá e do Macapá Hotel, foi utilizado o palco do Cineteatro Territorial para o encerramento da semana festiva, em 26 de julho, presidido pelo Dr. Marcílio Viana, diretor da Divisão de Educação, com apresentações musicais de canto, duetos e recitações realizadas pelos escolares.

No dia 20 de setembro de 1947, o Jornal Amapá de número 132 repercutiu a inauguração da “Primeira Exposição de Animais do Território”, ocorrida entre os dias 13 e 21 de setembro de 1947. Na presença do governador Janary Nunes, sua equipe governamental e autoridades locais e de outros estados, além de populares, reuniram-se grande número de pecuaristas locais que puderam presenciar a organização da indústria pecuária amapaense. O evento contribuiu para o engrandecimento das celebrações da primeira quinzena de setembro, o terceiro aniversário de criação dos Territórios Federais. O veículo oficial de imprensa do governo refere destaca a programação do dia 13 de setembro em que, desde às 06h da manhã, o TFA se organizava para receber autoridades, fazendeiros e congressistas paraenses que se acumulavam na capital territorial para a inauguração da exposição de animais. Ao longo do dia, fora realizada a inauguração de ruas como a Eliezer Levy e Odilardo Silva, homenagem póstuma a antigos prefeitos de Macapá. De acordo com o Jornal Amapá, o encerramento, realizado no dia 13 de setembro, ocorreu no palco territorial, como podemos observar a seguir:

#### **A primeira exposição de animais do Território do Amapá**

No Cine-Teatro Territorial, efetuou-se, às 20:00 horas, um espetáculo, oferecido ao operariado e ao povo macapaense, o qual obteve o mais completo Êxito. O primeiro número “Canto da Saudade”, de Alberto Costa, foi brilhantemente interpretado pela senhorinha, professora Stela da Costa Pimenta. Os alunos do Orfeão do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, ensaiados a capricho, entoaram as canções “Violeiros” e “Brasil, sina do mundo”. A senhorinha Eloiana Nunes declamou a bela poesia “Quem será meu amor”? da autoria de Laís Miranda. Manoel Godinho executou, ao piano, “La Boheme”, de Puccini. Constatou a segunda parte do programa da encenação do prometo “I – Juca Pirama”, de Gonçalves Dias, pelos alunos do Ginásio Amapaense, que foram muito aplaudidos. O espetáculo finalizou com uma bela apoteose à Bandeira Nacional (JORNAL AMAPÁ, 20 set. 1947, p. 01).

Em 27 de setembro de 1947, o Jornal Amapá de número 133 trouxe em sua primeira página, por meio de uma pequena nota, as atividades realizadas no dia 21 de setembro, em alusão ao dia da árvore. Nesta, o noticioso pontua a presença do cinegrafista Pedro Neves, que realizou a filmagem dos escoteiros macapaenses formados na praça e os alunos de canto orfeônico que se exibiram no Cineteatro Territorial, sob a regência da professora Stela da Costa Pimenta. Sobre este material de áudio visual registrado pelo cinegrafista, ainda não foi possível obter maiores informações.

Na edição seguinte, número 134, de 04 de outubro de 1947, fora noticiada a chegada do Circo Teatro Nacional em terras macapaenses. Acerca disso, faz sentido refletir sobre as reverberações da realização da Primeira Exposição de Animais do Território, realizada entre os dias 13 e 21 de setembro. Este momento político, assim como outros movimentos empreendidos pelo governador, colocava o TFA em singular evidência, uma vez que várias autoridades, inclusive Juscelino Kubitschek, à época deputado federal pelo PSD (mesmo partido de Janary) e futuro presidente do Brasil, juntamente de outros sob à mesma bandeira política que, ao aportarem no TFA, conheceram as obras realizadas, projetos futuros e em andamento do governo territorial. A cada grupo de visitantes era reservado alguns momentos nas dependências do Macapá Hotel e do Cineteatro Territorial, destinados a coquetéis, apreciação artística musical, declamações e exibições cinematográficas.

Neste sentido, pela primeira vez no Território Federal do Amapá, fora noticiado em 04 de outubro, a presença das artes circenses sob a lona do Circo. Até então, pôde-se observar a presença de teatro de variedades, apresentações musicais, teatro realizado pelos escolares, exibição de cinema educativo e longas-metragens, eventos cívico e de apelo político cultural, prioritariamente no palco territorial, primeiro espaço moderno de difusão política cultural. Porém, é claro, não podemos deixar de lado que, desde a instalação do governo territorial, em 25 de janeiro de 1944, já fora instalado um rústico cinema educativo no galpão da Panair, como também o Macapá Hotel, que serviu de espaço cultural numa perspectiva mais elitizada.

Pois bem, considero que, a evidência da região territorial amapaense em torno da realização da primeira exposição de animais do TFA, somado aos esforços empreendidos pelo governador Janary Nunes desde a instalação do território, delineiam um momento extremamente significativo para a política cultural janarista.

A chegada do Circo Teatro Nacional redesenha a geografia cultural, transformando as praças territoriais em pontos de cultura, algo que já vinha acontecendo na praça Barão do Rio Branco, de maneira mais modesta a partir de desfiles cívicos, declamação de poesias, hasteamento do pavilhão nacional. Contudo, na perspectiva das artes cênicas, o hasteamento de

uma lona circense na praça Assis de Vasconcelos desloca o fazer teatral, concebido até então sob uma estrutura de alvenaria, para a experiência de recepção artística e teatral realizada na rua. Esse momento fora divulgado pelo seguinte:

**Em Macapá O CIRCO TEATRO NACIONAL**

Encontra-se há dias nesta cidade o Circo Teatro Nacional, armado à praça Assis de Vasconcelos, aonde acorre diariamente numeroso público para assistir os seus espetáculos. São estes os principais integrantes do elenco do Circo: Temperani, o rei das “piruetas” no arame; Léa Temperani, sambista; Lulú Azevedo, a menina-prodígio; Niny Garcia, bailarina; Pindoba, o menor cômico do mundo; Elza Madeira, sambista; Otacílio Madeira, ator genérico; e Zé Paneiro, caipira (JORNAL AMAPÁ, 04 out. 1947, p. 5).

Cabe ressaltar que a região da atual praça Veiga Cabral, situada entre as ruas São José e Candido Mendes, região central de Macapá, anteriormente conhecida como praça da Matriz e Praça Assis de Vasconcelos, em frente à Igreja de São José, já fora utilizado como pasto para animais, campo de futebol, armação de barracas de arraial, carrossel, barquinhas, roda gigante, circos, desfiles escolares, missa campal, comício político, show de artistas, e atualmente abriga o Teatro das Bacabeiras, o maior teatro à italiana de Macapá.

Ainda sobre o espaço cultural responsável por receber o primeiro Circo da era janarista, na imagem 41, datada de 1908, podemos observar em primeiro plano a Praça da Matriz, lugar utilizado para a montagem do Circo Teatro Nacional em 1947, em que há um grupo de pessoas reunidas em torno do cruzeiro. À esquerda, ainda em primeiro plano, podemos observar um poste dedicado ao sistema de iluminação artificial noturna à base de querosene, uma espécie de lamparina suspensa.

Centralizado ao fundo, a Igreja de São José de Macapá, inaugurada no dia 6 de março de 1761, tombada e elevada a patrimônio histórico e cultural de Macapá, sendo à sua esquerda, uma casa antiga que mais tarde daria lugar ao edifício da Prelazia de Macapá, espaço que também abrigou exposições cinematográficas e encenações teatrais a partir da década de 1950, e que hoje encontra-se o Villa Nova Shopping. À direita da igreja, observa-se também uma casa antiga, vizinho à esquerda dela, não visualizado nesta imagem, fora mais tarde utilizado para a construção do galpão da Panair Club, que serviu como primeira locação para o cinema educativo do território, como já discutido anteriormente. Ressalta-se que, atualmente, encontra-se neste lugar, ao lado esquerdo da Igreja, o prédio da Biblioteca Pública Estadual Profa. Elcy Lacerda.

Imagem 41: Praça da matriz, 1908



Fonte: Foto/Reprodução do Acervo da Biblioteca da Prefeitura Municipal de Macapá. Disponível em: <https://portalovijante.com.br/a-igreja-de-sao-jose-de-macapa>. Acesso em: 11 maio 2023

Ainda em 04 de outubro, o Jornal Amapá faz destaque a uma solenidade ocorrida no palco territorial durante a instalação do Tiro de Guerra de Macapá. Neste evento, datado de 02 de outubro, estiveram presente o governador Janary Nunes, o capitão Humberto Vasconcelos e “numerosa assistência”. O encerramento do evento fora realizado com uma sessão cinematográfica gratuita.

Em 11 de outubro de 1947, o veículo oficial de informação e propaganda do governo territorial, edição 135, divulgou o início das festividades em torno da Semana da Criança, relatando a exibição de cinema educativo dedicada aos escolares, no dia 10 de outubro. Ainda nesta edição, no quadro reservado às ocorrências policiais, um triste ocorrido com uma das artistas do Circo Teatro Nacional foi notícia, como podemos observar a seguir:

#### **Ocorrências Policiais**

Elvira Rodrigues, artista do Circo Teatro Nacional, queixou-se de que lhe furtaram a importância de Cr\$ 40,00 da pensão em que fazia refeições, no Bairro Alto. Adiantou desconfiar de Antero Cavalcante Amorim. Êste compareceu à Polícia, acompanhado de seu pai, tendo, entretanto, negado a veracidade do fato (Jornal Amapá, 11 out. 1947, p. 3).

Ainda nessa edição, fora divulgado mais detalhes sobre as comemorações acerca da Semana da Criança de 1947. As celebrações utilizaram como espaço o Macapá Hotel, o Rotary

Clube, o Posto de Puericultura Iracema Carvão Nunes, e o Cineteatro Territorial onde, além de palestra educativa sobre os problemas sociais da infância, práticas de higiene geral e bucal, e concursos variados como o de melhor escoteiro, conhecimentos sobre a malária (concurso Maria Pernilonga), robustez infantil e bons dentes, também houve apresentações realizadas pelos escolares e premiações diversas.

A edição 140 do Jornal Amapá, de 15 de novembro de 1947, divulgou a chegada da paraense Terezinha Marvão, seu pai Colombiano Marvão, dentre outros artistas que comporiam o quadro de apresentações artísticas durante as festividades de Nossa Senhora de Nazaré. A artista ocultista realizou alguns espetáculos no Cineteatro Territorial, além de atendimentos ao público em uma barraca improvisada, como se observa a seguir.

**Em visita a Macapá uma jovem ocultista paraense TEREZINHA MARVÃO está se exibindo no Arraial da Festa de Nazaré**

Chegou a esta capital, no sábado passado, pelo iate “São Raimundo”, a jovem ocultista Terezinha Marvão, nome bastante conhecido das plateias de Belém e do interior do Estado do Pará, onde se tem exibido em números de sua especialidade, como sejam telepatia, psicomania, psicometria, auto-sugestão, faquirismo, magia, hipnotismo, catalepsia, et. Terezinha que desde cedo revelou suas aptidões para aqueles trabalhos científicos, é natural da cidade de Alenquer e se fez acompanhar do seu pai, s. Colombiano Marvão e irmãos Gil, cenógrafo, e Maria do Carmo; além do aplaudido cantor Edmundo Reis. A sua estreia, terça-feira passada, no Cine-Teatro Macapá, revestiu-se do mais absoluto êxito. Os espetáculos continuarão a ser realizados no mesmo local, às quintas, sábados e domingos. Nos demais dias, Terezinha atenderá aos seus consulentes na Barraca de Nossa Senhora de Nazaré (JORNAL AMAPÁ, 15 nov. 1947, s/p.).

Na edição seguinte, de 22 de novembro de 1947, o Jornal Amapá traça um panorama sobre as apresentações realizadas pela ocultista e pelos artistas que a acompanhavam nas demonstrações de habilidades místicas e artísticas. Segue abaixo, a íntegra da coluna jornalística.

**Os espetáculos de Terezinha no Cine-Teatro Macapá e no arraial da Festa de Nazaré**

Têm causado magnífica impressão os espetáculos realizados pela jovem ocultista Terezinha Marvão no Cine-Teatro Macapá e no arraial da Festa de Nazaré. Terezinha e seu pai, Colombiano Marvão, comprovaram perante o nosso público, a amplitude dos conhecimentos de que são portadores, no ramo científico que abraçaram. Dotados de apreciável força psíquica, conseguem eles imprimir aos seus trabalhos uma perfeição que causa a maior admiração e os maiores elogios entre os espectadores. Os truques de magia, alguns próprios para amadores, e outros mais complicados, impressionam bem pela habilidade com que são executados. Como pitonisa, Terezinha satisfaz plenamente, dada a maneira como responde às consultas que lhe são

formuladas. Devemos salientar também a atuação do cantor Edmundo Reis, o imitador de Vicente Celestino. Seu timbre de voz, voa pronúncia e tonalidade qualificam-no como um elemento futuroso na seára artística. Interpretando as canções do festejado tenor pernambucano, Edmundo o faz com desembaraço e apuro, arrancando os mais calorosos aplausos da plateia. Na terça-feira, Terezinha efetuará o seu festival em homenagem ao Exmo. Sr. Governador (JORNAL AMAPÁ, 22 nov. 1947, s/p.).

O Jornal Amapá número 142, de 29 de novembro de 1947, por meio de uma pequena nota em sua quarta página, trata sobre o êxito da apresentação de Terezinha Marvão durante o festival em homenagem ao governador Janary Nunes, como também uma sessão dedicada aos “proletários macapaenses”. Ainda nesta edição, fora divulgada programação de aniversário da assinatura do Laudo Suíço, sendo o dia primeiro de dezembro reservado para o evento cívico. No cineteatro territorial, fora programado as seguintes atividades, como podemos observar a seguir:

### **O Aniversário do Laudo Suíço**

#### **Programa**

09:30 – Sessão no Cine-Teatro presidida pelo Exmo Sr. Governador interino. Entrega de certificados aos alunos que concluíram o Curso. Entrega de prêmios. Palestra pela professora Iatir Costa. Mesa de frios

16:00 – Local – Cine-Teatro Territorial – Teatro Escolar – Festa de encerramento – Espetáculo realizado pelos alunos do Grupo “Barão do Rio Branco”.

Noite – Sessão cinematográfica gratuita.

(JORNAL AMAPÁ, 29 nov. 1947, p. 01).

Em 6 de dezembro de 1947, a primeira página do Jornal Amapá, sinaliza o encerramento do ano letivo no Grupo Escolar Barão do Rio Branco, no dia 1º de dezembro. Neste, além da solenidade cívica referente a assinatura do Laudo Suíço, destaca a inauguração da exposição de prendas domésticas numa das salas do Grupo Escolar, contendo os trabalhos de confecção de vestimentas escolares, de jogos de cama, de sala de visita e de jantar, de bordados e adornos. No Cineteatro Territorial, houve a entrega dos certificados de conclusão do curso primário a alguns alunos, prêmios de aplicação e frequência, de turmas e de “amor ao trabalho”. Entre as atividades realizadas nesta data, observa-se uma apresentação de teatro educativo.

### **Um dia de intensa vibração cívica, teatro educativo**

Às 16 horas, no proscênio do Teatro, perante numerosa assistência, os alunos do Grupo Escolar realizaram um encantador espetáculo teatral, que teve início com a canção <Alvorada Brasileira>, executada por um conjunto de vozes dirigido pela professora Stela da Costa Pimenta. Os estudantes José Galdino e Lizete Lins Aimoré; Dilma Pimenta Quintas, Ana Picanço, Lilian Nunes, Lucia Cardoso Costa, e um grupo de pequenos escolares exibiram-se em

números de dramatização, monólogos e poesias. A parte da tarde foi encerrada com o canto cívico “Onde o céu azul é mais azul”, a cargo do conjunto orfeônico, e o hino nacional brasileiro, cantado por todos os assistentes (JORNAL AMAPÁ, 06 dez. 1947, p. 06).

A solenidade de encerramento do ano letivo do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, deu-se às 20h, presidida pelo governador interino Raul Montero Valdez, por meio de um pronunciamento realizado pelo Dr. Marcílio Felgueiras Viana, diretor da Divisão de Educação, sobre a importância dos eventos históricos que marcaram a região amapaense como o protagonismo de José Maria da Silva Paranhos, o Barão do Rio Branco, para a assinatura do Laudo Suíço, a bravura de Veiga Cabral ao conquistar o território contestado e a contribuição do Padre Angelo Pfeil na demarcação das fronteiras geográficas. Foram também realizadas a entrega de título de aforamento, prêmios aos melhores criadores de aves e produtores de hortaliças. Ao final da solenidade, a plateia pode apreciar uma sessão cinematográfica gratuita.

Ainda nesta edição, observa-se um espaço reservado ao anúncio da despedida da artista ocultista Terezinha Marvão que, em um breve relato, resumiu alguns de seus “dons” artísticos

#### **Terezinha volverá a Belém**

Viajará com destino a Belém, pelo iate “São Raimundo”, a ocultista Terezinha, que realizou diversos espetáculos nesta capital, alcançando pleno sucesso. Terezinha fará amanhã a prova de sepultamento, na sede do E. C. Macapá, devendo também atravessar uma fogueira de cinco metros de extensão e mergulhar um vasilhame cheio de água, durante o tempo que a assistência determinar (JORNAL AMAPÁ, 06 dez. 1947, p. 06).

Entre tantos eventos culturais ocorridos desde a instauração do TFA, pontua a formação do grupo Jovens Primaveras como mais um significativo deslocamento das atividades teatrais do Cineteatro para outros espaços territoriais. O jornal Amapá de 13 de dezembro de 1947, fala da formação de um grupo pastoril e ainda nos apresenta, pela primeira vez, detalhes que nos revela rastros de um processo de ampliação do vocabulário jornalístico, ao se referir sobre uma das características estruturais do texto dramático, uma “peça em três atos”, como podemos observar abaixo:

#### **Quadra Natalina**

Iniciou seus ensaios o grupo pastoril <Jovens Primaveras>, constituído por 26 gentis senhorinhas residentes nesta capital e que é dirigido pelas senhoras Silvina Mota Lobato, Doninha Banhos, Maria Azevedo e Isolina Barros. O referido grupo deverá exhibir-se durante a quadra natalina, na sede do Trem Esporte Clube, onde apresentará uma peça em três atos, que promete alcançar pleno sucesso (JORNAL AMAPÁ, 13 dez. 1947, p. 02.).

Na quarta página desta mesma edição, O Jornal Amapá recepciona com bastante apreço o cantor Edmundo Reis que, de passagem por Macapá, proporcionaria um festival artístico no palco territorial, às 16h do dia 14 de dezembro, tendo como convidados a ocultista Terezinha Marvão e o conjunto Seresteiros do Luar.

A edição de número 145, de 20 de dezembro de 1947, divulga a programação das festividades do Natal de Jesus daquele ano, sendo o Cineteatro Territorial o espaço escolhido para fechar as comemorações, no dia 25 de dezembro, com uma sessão cinematográfica gratuita às 20h.

## 5.6 CENA VI – 1948

O ano de 1948, sob a perspectiva das atividades realizadas no Cineteatro Territorial, descortina-se com a divulgação dos preparativos para recepção da cantora paraense Maria Helena Coelho, como podemos observar na edição número 147 do Jornal Amapá de 03 de janeiro de 1948.

### **Dará duas audições em Macapá, Maria Helena Coelho**

No panorama artístico do vizinho Estado do Pará, alguns nomes têm se imposto à admiração das plateias e da crítica, graças à sua incontestável virtuosidade. Alguns desfrutam de merecido conceito nos cultos centros do país, como Liége Luculo, Mario Neves, Altino Pimenta, Adelermo de Matos, os irmãos Nobre e Ana Carolina, entre outros, esta última com renome internacional, já se tendo feito ouvir no Metropolitan Opera House, a Méca dos artistas consagrados de todo o mundo. Maria Helena Coelho faz parte da plêiade de “virtuosos”, que engrandece lá fora o meio artístico do Pará. Figurou algumas vezes no cartaz do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Isto justifica a curiosidade com que é aguardada sua chegada a esta Capital, no próximo dia 10 do corrente, onde se fará ouvir em duas audições, sob os auspícios do Governo do Território. Virá com Maria Helena Coelho a festejada pianista Guilhermina Cerveira, que a acompanhará naquelas audições. Está sendo preparada carinhosa recepção à insigne artista conterrânea (Jornal Amapá, 03 jan. 1948, s/p.).

Em 24 de janeiro de 1948, de acordo com o número 150 do Jornal Amapá, o TFA se preparava para a comemoração do 4º aniversário de instalação do governo territorial. Entre as atividades programadas para o dia 25 de janeiro, na Fortaleza de São José de Macapá, havia: a inauguração do Museu Territorial, partidas de vôlei, danças no pátio interno, missa e desfiles cívicos pela manhã; no período vespertino, inauguração do Armazém Macapá e partidas de futebol; e a noite, as 20h, sessão cinematográfica gratuita oferecida ao povo macapaense, porém não é especificado local de realização. Como sabemos, além da aparelhagem cinematográfica do Cineteatro Territorial, o DEC contava com mais aparelhos de reprodução áudio visual, o que nos leva a pensar sobre a possibilidade de exibições como esta não estarem consequentemente atreladas ao palco territorial.

Para o encerramento dos festejos, fora noticiado que às 22h seriam oferecidos um baile no Macapá Hotel; um baile popular na residência do sr. Sebastião Canuto da Costa, oferecido pelo governo aos operários; e outro no Marabaixo, na residência do sr. Julião Ramos. Ao contrário das atividades inseridas nesta programação de encerramento, como em outras celebrações, que possuem horários previamente organizados para que a população possa se fazer presente, nesta programação em específico, nitidamente, buscou-se atender de forma

distinta – ou separar – três diferentes grupos: a elite, o proletariado e por último, sem qualquer tipo de incentivo governamental expressamente descrito pelo Jornal Amapá, os praticantes e simpatizantes do Marabaixo, como já explicitado anteriormente.

Na edição de número 151 de 31 de janeiro de 1948, o Jornal Amapá anuncia a chegada da artista Maria Helena Coelho, em companhia de Guilhermina Cerveira, que, por alguns problemas, não haviam conseguido viajar para o TFA em 10 de janeiro, como divulgado na primeira edição de 1948.

O número 152 do Jornal Amapá, de 07 de fevereiro de 1948, abre uma coluna para noticiar sobre a passagem das artistas Maria Helena Coelho e Guilhermina Cerveira, como podemos observar na transcrição a seguir.

#### **Arte**

Regressa hoje a Belém Helena Coelho, juntamente com a sua acompanhadora, mui graciosa senhorinha Guilhermina Cerveira. Durante o tempo que permaneceram em Macapá essas duas eleitas da arte, receberam as homenagens do Govêrno e da sociedade, e ofereceram duas audições que obtiveram o mais completo êxito. Helena é cantora que dispensa julgamento crítico. Sua arte é bastante conhecida de todos, e os seus dotes já têm sido postos em destaque pelos mais autorizados juízes. Em ambos os concertos o nosso rouxinol encantou o auditório que superlotava a sala. Esses aplausos habituais se justificam porque Helena é, indubitavelmente, segura da sua arte e dos seus malabarismos vocais. Tem uma requintada sensibilidade na melodia, belo fraseado e perfeita compreensão estilística. Possui voz leve e maleável. A sua destreza vocal permite-lhe cantar programas como os que apresentou, de números líricos, de clássicos e de modernos. Seria injustiça não louvar a encantadora Guilhermina cujos acompanhamentos foram de grande eficiência. No último concerto, que foi na quinta-feira 5, a gentil companheira de Helena deu mostras das suas virtudes técnicas e de interprete. Assim, foi que Guilhermina interpretou Debussy, compositor sempre original e de não fácil interpretação, em Arabesque, a que deu excelente versão, oferecendo-nos mais uma valsa de Chopin e o Fado Fantasia, de Tomás de Lima, números aos quais soube transmitir toda a sua aguda sensibilidade (Jornal Amapá, 07 fev. 1948, p. 04).

Em 03 de abril de 1948, o Jornal Amapá de número 160 anuncia a chegada da Companhia de Comédias Barreto Júnior (imagem 42) para realizar uma temporada na capital territorial. Essa companhia era organizada e dirigida pelo ator José do Rego Barreto Júnior, nascido em 05 de junho de 1903, em Cabo de Santo Agostinho – PE, e falecido na capital pernambucana no dia 21 de fevereiro de 1983. Barreto Júnior teve sua vida intimamente ligada ao teatro, além do cinema, inclusive foi dele o papel de galã no filme “Retribuição”, a primeira produção cinematográfica produzida no estado de Pernambuco. Fundou o Teatro Marrocos no centro de Recife-PE, recebeu o Troféu Mambembe do Serviço Nacional de Teatro em 1978,

juntamente com Paschoal Carlos Magno. Circulou ainda por diversas cidades do território nacional, sendo denominado de “Rondon do Teatro Brasileiro”, devido ao enorme alcance de sua arte. A chegada da companhia do “Rei da Chanchada” no TFA fora destaque, como se observa a seguir.

**A Companhia de Comédias Barreto Júnior fará uma temporada em Macapá**

Deve chegar hoje ou amanhã, viajando na lancha <Amapá> a Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior, que proporcionará ao público uma série de dez espetáculos. O conjunto Barreto Júnior é excelente, reunindo bons elementos capazes de dar-nos noitadas de primeira ordem. Fazem parte do seu repertório peças dos melhores teatrólogos, como Viriato Correa, Paulo Magalhães, Mário Couto, Claudio de Sousa, Jorací Camargo, Umberto Santiago, Armando Gonzaga, Olegário Mariano, José Wanderley, Daniel Rocha e Gastão Togeiro. É de prever completo êxito à excursão dos artistas de Barreto Júnior (Jornal Amapá, 03 abr. 1948, p. 05).

Imagem 42: Divulgação da Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior.



Fonte: Jornal Amapá, 03 abr. 1948, p. 05.

No dia 10 de abril de 1948, o Jornal Amapá de número 161, fez referência a estreia da Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior. Em sua quarta página, o veículo oficial de

informação e propaganda do governo detalhou as comédias apresentadas no palco territorial, como se observa a seguir.

### **Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior**

Com grande êxito estreou na passada quarta-feira, no Cine-Teatro Territorial a Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior. Foi encenada a chistosa comédia <Os maridos atacam de madrugada>, que a grande assistência aplaudiu calorosamente. A seguir o cartaz anunciou <O tal de quem as mulheres gostam>, de Miguel Santos e <Marido de Luxo>, de José Wanderley. Hoje teremos <Dia de Eleição>, comédia satírica de Humberto Santiago. Amanhã será representada a sempre aclamada comédia <O Simpático Jeremias>, de Gastão Togeiro (Jornal Amapá, 10 abr. 1948, p. 04).

Em 17 de abril de 1947, a edição 162 do Jornal Amapá trouxe uma coluna assinada por “Ribamar”, que destacou a importância da presença da Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior no TFA e seu “gênero de comédias como educação pedagógica das massas populares”. Ao que parece, a temporada da Cia. na capital territorial estava cumprindo com os “seus deveres” no processo de reeducação da massa inculta macapaense, emanados pela política cultural janarista. Contudo, sobre o “artista que fez o papel do creado preto e depois do creado branco”, vale destacar que talvez não alcançasse tamanho apreço hoje, como o conquistado emotivamente pelo crítico espectador Ribamar, como se pode observar nos detalhes dessa coluna.

### **Impressões de um espectador**

Bem inspirado andou o Governador do Território no esforço de proporcionar bom Teatro ao povo desta terra, conseguindo trazer até aqui a Companhia de Comédias Barreto Júnior e seus demais companheiros. Estão esses simpáticos artistas, todos eles, de parabéns pelo êxito alcançado. Não sou um crítico de Arte. Sem conhecimento de técnica teatral, a minha crítica só pode ser puramente emotiva. Mas faço parte do público e nesse caráter de espectador é que proclamo que, quanto a mim, a impressão foi magnífica. O gênero de comédias como educação pedagógica das massas populares é para mim de uma eficiência superior a todos os insossos catecismos moralistas. “Ridendo castigat mores”: rindo se castigam os costumes, reza a sabedoria dos axiomas e tem ainda razão Eça de Queiroz quando dizia que o riso é sempre a melhor maneira de filosofar...Esse fim é alcançado pelo repertório da Companhia com as comédias: <Os maridos atacam de madrugada>, <O tal de quem as mulheres gostam>, <Maridinho de luxo>, e o <O simpático Jeremias>, às quais tive oportunidade de assistir. Todavia o grande sucesso da Companhia de Barreto Júnior é a celebre peça teatral de Joraci Camargo intitulada <O neto de Deus>. Nela se revela como excelente ator o artista Alberto Peres, que notei descolocado e até canhestro nos papeis exclusivamente cômico. Entretanto <O neto de Deus>, Peres está, ao que parece, no seu elemento, que deve ser o gênero dramático, lembrou-me o patinho feio de Andersen que fazia má figura entre os patos por que era afinal... um cisne! Já a sua esposa, Iris del Mar, atúa com felicidade em papeis cômicos, obtendo êxito em fazer de menina ingênua,

a filhinha de mamãe para a qual a virtude é tão axiomática com a beleza dos meninos da coruja. A atriz Augusta Moreira torna-se merecedora de nossa admiração porque é excelente até em papéis cuja psicologia contraria a sua maneira natural de ser: pessoa de um gênio sempre alegre e comunicativo, espetacular até fora do palco. E no entanto, na ribalta, sabe ser a terna e discreta criada do neto de Deus. Notei clara e bôa dicção em Carmem e ótima a “performance” no artista que fez o papel do criado preto e depois do criado branco, etc. o casal Elpidio e esposa impressionaram como velhos mestres atores. São naturais, tal e qual figuras humanas, nem parece que estão representando. O rapaz que estreou no papel de marido enganado é mais do que uma promessa: revela-se um bom ator. Carlos Danilo foi, por sua vez, no marido espancado da perigosa estratégica madrugadora, um ótimo intérprete. Os meus votos de maiores êxitos a Barreto Júnior e seus companheiros por este Brasil afora – RIBAMAR (JORNAL AMAPÁ, 17 abr. 1948, p. 02).

Em 24 de abril de 1948, o Jornal Amapá de número 163, estampa em sua primeira página a programação de recepção ao prefeito do departamento da Guiana Francesa e Território do Inini. Nesta, fora disponibilizado para o dia 25 de abril, às 20h30, uma saudação aos visitantes, por meio de uma apresentação de números de teatro escolar no Cineteatro Territorial. Os detalhes desta programação foram descritos no Jornal Amapá de 1º de maio de 1948.

#### **Manifestações de amizade ao povo da Guiana Francesa**

À noite, no CINE TEATRO TERRITORIAL, foram apresentados números de teatro escolar. O professor José Facundo Leite, em nome do Govêrno, pronunciou eloquente discurso, em francês, saudando o Sr. Robert Vignon e sua luzida comitiva, a apoteose constou da <Marselhesa>, cantada no palco pelos alunos do Ginásio Amapaense, ao centro duas jovens entrelaçando as Bandeiras do Brasil e da França. O canto foi ouvido, de pé, por toda a assistência que repletava o teatro (JORNAL AMAPÁ, 01 maio 1948, p. 04).

Ainda nesta edição, fora destaque a programação referente ao dia do trabalhador: houve uma sessão cinematográfica gratuita no palco territorial, às 19h30.

Em 15 de maio de 1948, na sexta página do Jornal Amapá da edição de número 166, houve referência sobre as comemorações em homenagem a Veiga Cabral. Para este ano, às 20h no palco territorial, estava programado para receber a reconstituição do fato histórico, seguido de sessão cinematográfica gratuita.

Em 12 de junho de 1948, o Jornal Amapá em sua edição 170, apresenta um destacado depoimento sobre o início do Teatro do Estudante do Amapá, momento que também figura de maneira singular no palco territorial. De acordo com o noticioso, o grupo, ainda jovem, seria resultante dos esforços da política cultural janarista, empreendida desde a instauração do governo do Território Federal do Amapá. É possível perceber no texto divulgado, além da

riqueza de detalhes, o olhar crítico do editor quanto as potencialidades desenvolvidas nos escolares, a partir do contato com os artistas que passaram pelo palco territorial.

### **O promissor início do Teatro do Estudante do Amapá**

Constituiu motivo de grande prazer a todos os que compareceram ao Cine Teatro Territorial no dia 3 do corrente, gentilmente convidados, a instalação do Teatro do Estudante do Amapá, com a encenação de <Joaninha Buscapé>, comédia satírica em 3 atos, original de Luiz Iglesias. Sabemos que o diretor Marcílio Viana não se arriscaria a uma apresentação que não estivesse à altura de confirmar os seus conhecimentos artísticos. Entretanto, jamais julgamos, como todos que ali se encontravam, que a exibição chegasse a constituir um magnífico espetáculo, um grande acontecimento mesmo. À sua louvável direção, em grande parte, deve-se o sucesso alcançado. Dessa maneira, justo é que ressaltemos também a vocação artística de Mário Quirino, que encarnou splendidamente o criado João, secundado por Lizete Aimoré, no papel de Joaninha. Seguindo-se a estes, destacaram-se Nazí Gomes, como Liana, Araújo Filho, Ida Aimoré, Raimundo Barata, Vilela Monteiro e Papaléo Paes. O Teatro do Estudante do Amapá, um dos melhores veículos de educação popular, porque divertindo educa, bem mereceu os aplausos e o agrado com que foi recebido na sua estreia, pois atestou, de modo inequívoco, o grau de evolução já alcançado por nossa juventude que, ao proporcionar-lhe contacto com expoentes da cena e da música brasileira, vem procurando seguir o exemplo dos mestres. A vitória alcançada pelo T.E. do Amapá é assim a cristalização dos ensinamentos ministrados desde 1944 e a indicação de que, no setor educacional, a linha de nível é ascendente. Além da parte do desempenho artístico a que nos referimos linhas acima, mais que justo é registrar a impecabilidade da <mise-em-scene> de Aluizio Carvão, apresentando uma cenoplastia comparável às melhores já apresentadas em nossa principal casa de espetáculos. A caracterização, de responsabilidade deste artista, mais difícil aqui por se tratar de um elenco muito jovem, convenceu plenamente (Jornal Amapá, 12 jun. 1948, s/p).

Na edição seguinte (nº 171), além de noticiar a recepção do Governador do Estado de Goiás, Coimbra Bueno, podendo ele conhecer todas as instalações do governo territorial e ainda assistir uma rápida sessão cinematográfica no Cineteatro Territorial, o Jornal Amapá de 19 de junho de 1948 veiculou uma extensa crítica teatral, sob a autoria de “Semblano”, referente ao espetáculo apresentado pelo Teatro de Estudante de Macapá. Dado a significância desse importante momento, segue em sua integralidade.

### **Como vi o Teatro Estudante de Macapá**

Sempre acreditei na função social do Teatro como veículo de cultura. Por isso mesmo acolhi com a maior simpatia a representação que se anunciava da comédia satírica de Luiz Iglesias “Joaninha Buscapé”, desempenhada por alunos e alunas do Ginásio Amapaense. Fui assisti-la com o espírito desprevenido. Gostei. O que observei procuro relatar sem preocupações de fazer crítica ou agradecer. Por ordem da representação no palco. Mario Quirino fez com segurança e realismo o papel de “velho” João. Deu aos seus diálogos entonação adequada e natural. Seus olhares expressivos para Maurício

(Raimundo Barata) – ao sobreviverem as consequências da história inventada por este sobre paternidade de “Joaninha Buscapé” (Elizete Aimoré) – conseguiram ganhar bom humor da assistência. Sua melhor cena de “suspense” foi sem dúvida quando, superando as debilidades do físico alquebrado (“velho João”), tomou a arma oferecida por Joaninha e expulsou Paulo (Vilela Monteiro) da mansão do milionário dr. Synval (Araújo Filho). Mário Quirino é um ator de futuro, a persistir na intenção de fazer Teatro. Tem desembaraço, segurança de interpretação e boa dicção. Seu trabalho agradou. Nazí Gomes, no papel de Liana (herdeira rica e distinta), esteve completa quanto ao tipo de granfina que interpretou. Somente no final cometeu algumas “gags” que tanto podem ser lapsos de memórias como efeito de ensaio insuficiente, não lhe permitindo domínio completo dos diálogos, obrigando-a a esperar o “ponto”. Aliás, essa hesitação foi notada com vários figurantes, nos diálogos da parte final. Figura expressiva e simpática, Nazí esteve à vontade no papel de noiva granfina. Seu tipo de “Geisha” agrada plenamente. Vilela Monteiro, interpretando um tipo “rafinée” (noivo de Liana e caçador de dote), poderia ter atuado com domínio do papel, pois tem possibilidades nesse gênero. Faltou-lhe convicção e maior desembaraço. A cena, por exemplo, do idílio com Helena (Ida Aimoré) não convenceu absolutamente. Acho que Vilela Monteiro não tem talento para desempenhar-se melhor e deve esforçar-se por fazê-lo. Raimundo Barata fazendo o herdeiro rico e estroina, irmão de Liana, podia ter dado desempenho completo ao seu papel. Sua entrada foi excelente (como bêbado) e convenceu. A verossimilhança com que encarnou o alcoólatra conquistou a assistência. Portou-se como um bêbado mas falou um “são”. Sua pronúncia e o espaçamento das palavras deveriam ter o ritmo e a insegurança do indivíduo alcoolizado, para convencer. A mímica esteve adequada. Pude notar que a rapidez de alguns diálogos; a ânsia de dar o seu “recado” (que fez por vezes com que um interlocutor “entrasse” antes do outro concluir); e uma certa preocupação em deixar a plateia, - são pequenos defeitos de estreantes que podem ser facilmente corrigidos. Elizete Aimoré, no papel de “Joaninha Buscapé” (a pequena imaginosa que não era nem filha do “malandro”, nem “cria” do morro – e que revolucionou a mansão do dr. Synval), juntamente com o “velho” João (Mário Quirino) – foram os pontos altos da peça. Ela tem vivacidade e naturalidade, e mais do que isto tudo, uma convicção notável, o que lhe permitiu a excelente interpretação. É um dos elementos mais eficientes e promissores do Teatro de Estudantes de Macapá. Pôde interpretar gêneros diversos, o que é característica inconfundível do bom artista. Falta-lhe apenas metal de voz, um pouco débil. Como algum exercício poderá torna-lo mais alto e mais forte, adquirindo timbre conveniente, Araújo Filho, no papel de dr. Synval, o milionário e sempre distante pai de Liana e Maurício, a cujos filhos sobrava dinheiro e faltava o aconchego de um verdadeiro lar, teve um desempenho consciencioso. Para a sua idade e para o seu tio, o papel de pai de dois filhos maiores, e milionário – especialmente nas circunstâncias – não seria nada fácil. Mas sobrepujou minha expectativa. Faltou-lhe espírito dramático na cena do regresso quando chamado pelo telegrama de <Joaninha Buscapé>. Para o momento, que requeria uma cena veemente, emocional, não atuou com <impulso> suficiente. É um dos bons elementos do conjunto. Helena (Ida Aimoré) e Manoel (Papaléo Paes) fizeram curtos papéis que não ofereciam muita <nuance> e pelos quais não se pode aquilatar de suas verdadeiras possibilidades. Sensivelmente, porém, o tipo de Helena não se enquadra devidamente ao feitio de Ida. Julgo que o tipo dramático lhe assesta mais que o amoroso. Quanto a Papaléo, reproduz com exatidão a pronúncia, mas em sua breve permanência no palco quase não se pôde vê-lo por ter ficado a maior parte do tempo encoberto por Elizete Aimoré. O cenário esteve muito bem. Destaco o efeito do quadro de Aluízio

Carvão com uma vista da rua Siqueira Mendes. O <Ponto>, embora sua responsabilidade é o ser sempre desempenhado com desconforto, nunca é mencionado na crítica teatral. Mas desejo relembrar aqui que em alguns espetáculos da Companhia Barrêto Júnior, no Teatro local, podia-se ouvir distintamente, até boa distância do palco, a voz do <ponto> na Caixa do teatro. Auremilto, a quem esteve entregue a tarefa nesta encenação, atuou com a discrição conveniente (JORNAL AMAPÁ, 19 jun. 1948, s/p).

Em 28 de agosto de 1948, às 20h, quem sobe ao palco do Cineteatro Territorial de Macapá é “o índio devidamente civilizado”, de acordo com o Jornal Amapá de número 181, Guaycurú Umburahé. O noticioso refere que, procedente de Belém do Pará, o representante da comunidade indígena Guaycurú, habitantes da ilha de Mabileque, ao sul do Estado do Mato Grosso, estava percorrendo os estados brasileiros realizando conferências, levando a várias plateias nacionais “assuntos que dizem respeito aos seus irmãos índios”. Na última página do veículo oficial de informação e propaganda do governo territorial, por meio de uma pequena nota, divulgou que após a apresentação, “a missão” do indígena seguiria para a capital manauara, passando também pelas cidades do baixo Amazonas.

Nesta mesma edição e na edição seguinte (número 182), de 04 de setembro de 1948, foram noticiadas as festividades em torno da Semana da Pátria e do Concurso Miss Macapá 1948. Nota-se que as respectivas programações deixam de lado o palco territorial, ao privilegiar outros espaços como a Praça da Matriz, o Macapá Hotel para o “evento de gala” que escolheria a Miss Macapá, e às áreas da Fortaleza de São José de Macapá, sede do Trem Esporte Clube, além da residência do senhor Benedito Lino Afilhado, sendo esses dois últimos espaços reservados para o encerramento da festividade do dia 13 de setembro, por meio de uma festa dançante.

Apesar da proposta deste trabalho priorizar o Cineteatro Territorial, acredito na relevância de abrir algumas janelas para que se possa compreender os deslocamentos dos pontos de difusão cultural no TFA, como a utilização crescente do Macapá Hotel para eventos destinados à “fina flor de nossa elite”. A edição especial de 13 de setembro de 1948, contendo 10 páginas, apresenta as singularidades do concurso Miss Macapá daquele ano, que reelegera a ganhadora do ano anterior, como podemos observar a seguir.

A nota de maior destaque social foi o baile de gala realizado no Macapá-Hotel, quando se reuniu a fina flor de nossa elite para festejar a passagem da maior data nacional. As 24,00 horas, efetuou-se a eleição para escolha de MISS MACAPÁ 1948. Esse fato constituiu a maior sensação da elegante soirée. As cédulas para o pleito foram distribuídas pelo dr. Hildemar Pimentel Maia e srs. Clovis Pena Teixeira e Jaci Barata Jucá, sendo a apuração procedida na mesa do Exmo. Snr. Dr. Uriel Sales de Araújo, Juiz de Direito da Comarca de

Macapá, que proclamou a eleita. Conseguiu colocação em primeiro lugar a senhorinha Rita de Matos Costa, filha do comerciante Luiz Pires da Costa, que reteve assim a faixa conquistada em 1947 (JORNAL AMAPÁ, 13 set. 1948, p. 10).

Em 13 de setembro de 1948, o TFA iniciava a 2ª Exposição de Animais do Território. Nesse, diferente da anterior, que se deteve apenas aos espécimes bovinos, fora agregado espécies equinas, suínas, aves e produtos de origem animal, proporcionando uma verdadeira “Festa do Criador Amapaense”, como divulgado na edição de 28 de agosto de 1948 do Jornal Amapá. Na quarta página da edição, de número 183, foi apresentado o programa festivo em alusão a criação dos territórios federais, em que explicita a utilização do palco territorial para sessão cinematográfica, oferecida pelo governo aos visitantes, criadores e vaqueiros envolvidos no evento agropecuário do TFA, às 20h do dia 13, e às 19h30 do dia 16 de setembro.

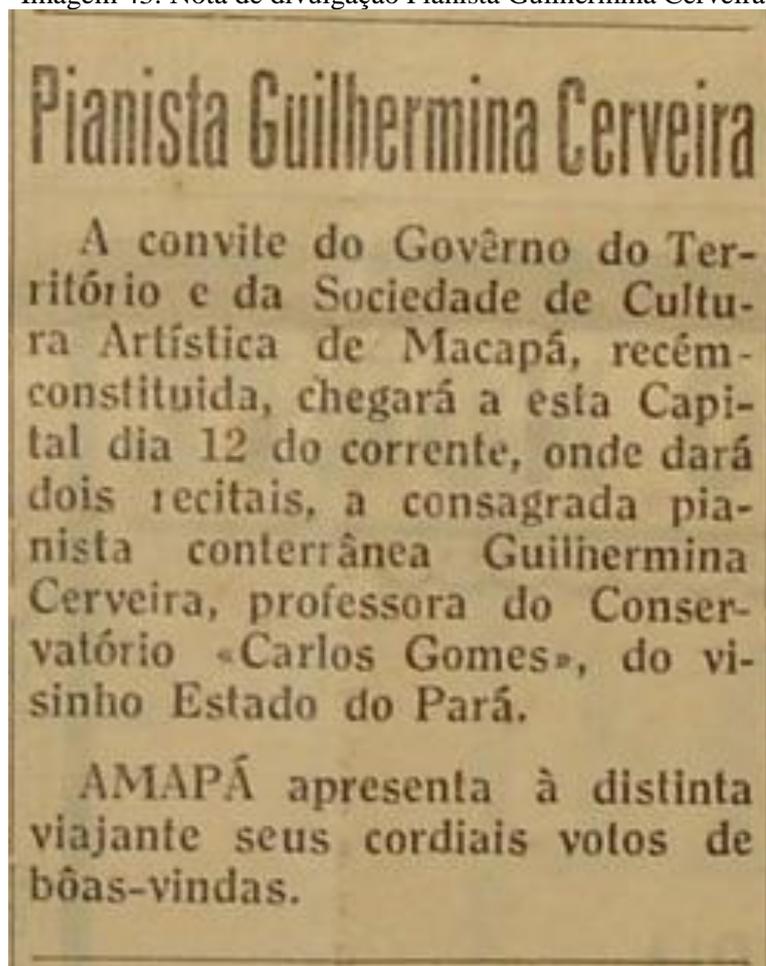
Vale destacar a presença de fazendeiros paraenses como “Heraclito Cavalcante e senhora, Delmar Cavalcante, senhora e filho. Irvai Lobato e senhora, Michel Melo e Silva, Flavio Bentes, Raul Bulhosa e Deputados Estaduais Silvio Braga e Juvencio Dias”, além do jornalista “Osvaldo Mendes e o fotógrafo Brito Pinto, representantes dos Diários Associados” (p. 04). Essas presenças foram financiadas pelo governo federal, ao disponibilizar um avião da FAB para as viagens dos representantes agropecuários, das autoridades governamentais e dos profissionais da comunicação. Destaca-se também neste dia, a posse da diretoria provisória da Sociedade de Cultura Artística de Macapá.

#### **Sociedade de Cultura Artística de Macapá**

Quinta-feira última foi empossada a Diretoria provisória da <Cultura Artística de Macapá>, constituída pelos Doutores Hermógenes Lima Filho, Marcílio Viana e pelos senhores Geraldo Souza e Silva, Clóvis Penna Teixeira e Solerno Moreira. A entidade recém-fundada se acha atualmente em processo de filiação à Sociedade Artística Internacional e é um dos élos da corrente de associações que, com fins idênticos, existem hoje em quási todas as cidades importantes do país. Sua finalidade é o fomento das artes em geral, quer seja a música, o canto ou a pintura, para o que trará a este Território os melhores artistas que se apresentam à plateia de Belém, contratados pela sua congênere do vizinho Estado. AMAPÁ augura à novel sociedade cultural, próspera e proveitosa vida associativa (JORNAL AMAPÁ, 13 set. 1948, p. 10).

Esta edição especial do Jornal Amapá ainda faz referência à chegada da pianista Guilhermina Cerveira, já conhecida pela sociedade amapaense, como se pode observar na imagem 43:

Imagem 43: Nota de divulgação Pianista Guilhermina Cerveira



Fonte: Jornal Amapá, Macapá, 13 set. 1948, p. 10.

Noticia também o falecimento da professora Stela da Costa Pimenta, em Belém-PA, ocorrido no dia 11 de setembro. Cabe pontuar sobre a atuação da primeira professora de Canto Orfeônico do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, entre 1º de abril de 1945 e 1º de janeiro de 1947, que levou vários alunos a subirem ao palco territorial para apresentações musicais, durante eventos cívicos e visitas de autoridades.

Em 25 de setembro de 1948, o Jornal Amapá de número 185 faz referência à recepção de uma turma de instrutores e de alunos da Escola de Comando e Estado Maior da Aeronáutica, sob o comando do “ilustre Brigadeiro do Ar Netto dos Reis”. Na sexta página do noticioso, é anunciada a recepção realizada no Cineteatro Territorial.

#### **Visita o Amapá a Escola de Comando e Estado Maior da Aeronáutica Cine-Teatro Territorial**

A nossa principal casa de espetáculos apresentava um aspecto festivo, literalmente tomada pelo povo que ansiava por mais de perto conhecer os viajores. O dr. Marcilio Felgueiras Viana, diretor da Divisão de Educação, ofereceu em nome do Govêrno Territorial à briosa oficialidade um artístico

show, tomando parte no mesmo alunos do Grupo Escolar e Ginásio Amapaense e elementos do cast de ZYE-2, Rádio Difusora de Macapá, que irradiou a singela homenagem dos amadores locais (JORNAL AMAPÁ, 25 set. 1948, p. 6).

O exemplar de número 188 do Jornal Amapá, veiculado no dia 16 de outubro de 1948, na sexta página da edição, tratou a respeito das comemorações realizadas durante a Semana da Criança, ente os dias 10 e 17 de outubro. Assim como no ano anterior, fez parte da programação a entrega de prêmios aos vencedores dos concursos de “robustez infantil, inscrição precoce a assiduidade pré-natal, puericultura e bons dentes”. A entrega foi realizada às 10h do dia 17 de outubro, no Cineteatro Territorial que também fora palco para palestras às 10h do dia 10 (abertura do evento), sobre a “Significação da Semana da Criança”, pelo Dr. Álvaro Simões, e “Moralidade Infantil”, pelo Dr. Claudio Lobato.

No dia 30 de outubro de 1948, na edição de número 190 do Jornal Amapá, foi divulgada a chegada de “famosas cantoras chilenas” para se apresentar em Macapá, como se observa a seguir.

#### **Famosas cantoras chilenas chegam no domingo a Macapá**

Esta capital vai receber pelo avião o dia 31 a festiva visita do TRIO CHILENO, famoso conjunto que vem obtendo destacado sucesso nas exibições que atualmente faz nos grandes centros do país. Intérpretes inconfundíveis de sambas e canções brasileiras, foxes e boleros, as vitoriosas artistas, que aqui aportam a convite da SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA DE MACAPÁ e a coadjuvação do Govêrno do Território, irão entreter a plateias macapaense em três espetáculos, dias 31, 1 e 3 do mês de novembro entrante, no Cinte Teatro Territorial. Os números de sucesso que serão exibidos pelas aplaudidas artistas prenunciam um êxito excepcional à curta temporada que proporcionarão à nossa plateia. O regresso do festejado conjunto artístico, cujo empresário é o conhecido locutor de Rádio pernambucano Luiz Renato, se fará 5ª feira próxima pelo avião da carreira da <Cruzeiro do Sul> (JORNAL AMAPÁ, 30 out. 1948, p. 06).

O número 191 do Jornal Amapá de 06 de novembro de 1948 anuncia, em sua sexta página, a chegada da Companhia de Comédias Marquise Branca, via lancha “Amapá”, que acabava de realizar uma temporada em Belém-PA, “com total de 13 personagens, e estava entre as programações da Festa de Nossa Senhora de Nazaré no TFA. Nesta edição, fora divulgado também as impressões do Trio Chileno acerca de sua estadia na capital territorial, como podemos observar a seguir:

#### **Em palestra com a reportagem de AMAPÁ o Trio Chileno e o locutor José Renato**

Esta capital teve a oportunidade de hospedar por 5 dias, o renomado Trio Chileno, integrado por Cora Santa Cruz, Sonia e Miriam, que em companhia

do locutor José Renato, da Rádio Clube de Pernambuco, veio a Macapá exhibir-se em recitais e programas radiofônicos, sob o patrocínio da Sociedade de Cultura Artística. Em palestra, nosso repórter solicitou das simpáticas intérpretes da música popular hispano-americana, bem como do locutor que as acompanha; manifestassem sua opinião sobre o que viram em nosso território. As artistas acolheram de maneira fidalga o pedido de nosso companheiro, expressando-se da forma seguinte: disse José Renato: “Macapá, é uma criança que está tomando leite Nestlé; e este leite, é a administração fecunda do Capitão Janary Nunes, Território de grandes possibilidades econômicas, em futuro próximo, certamente, compensará o Governo Federal das verbas empregadas em seu desenvolvimento”. A seguir Cora Santa Cruz, emocionada, disse-nos que reputava a nossa plateia como das mais cultas do Norte, sabendo diferenciar e aplaudir os bons números. A jovem Sônia, adiantou-nos que muito as alegrou a simpática acolhida que tiveram do público macapaense. Concluindo, expressou: “Muito desvanece a quem vem do outro lado, das bandas do Pacífico, sentir-se no extremo norte do Brasil, como em sua própria terra”. Miriam, meiga e calma, fez diversas referências a nossa Rádio Difusora, elogiando os elementos do “cast” artístico de ZYE-2, afirmando estar reservado à mesma um brilhante futuro. Ao fim de nossa palestra, José Renato pediu-nos que divulgássemos que, por intermédio de sua Agência Teatral em Pernambuco, trará sempre ao Amapá os nomes mais em evidência no cenário artístico internacional. Pelo avião da carreira, do dia 4, os simpáticos artistas deixaram nossa Capital, onde inegavelmente alcançaram um ruidoso sucesso (JORNAL AMAPÁ, 06 nov. 1948, p. 06).

Em 13 de novembro de 1948, na segunda página do número 192 do Jornal Amapá, reservou-se espaço para noticiar sobre a estreia de mais um destacado grupo de teatro, a Companhia de Comédias Marquize Branca.

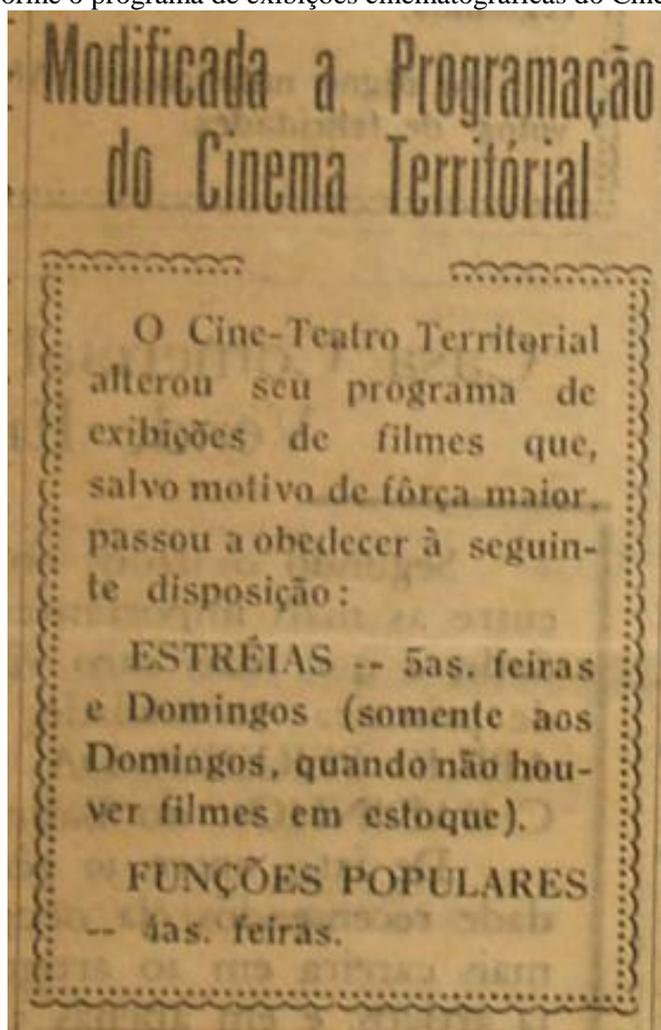
### **TEATRO**

Estreou domingo último no palco do Cine-Teatro Territorial a Companhia de Comédias <Marquize Branca>. O público que repletava a nossa principal casa de espetáculos, palmeou os artistas patricios, que tudo fizeram para agradar a nossa plateia. A peça de estreia, <Bicho do Mato>, original de Luis Iglesias, de difícil interpretação, foi bem defendida pelo elenco, destacando-se Marquize no papel de Mesencória e Afonso Moreira, em Severo. O ato variado também agradou, culminando com a vibrante salva de palmas recebida pelo tenor José Brasileiro, ao cantar a Fantasia espanhola de Agustin Lara <Granada>. Marquize, cantando sambas e a rumba <Escandalosa>, conquistou a plateia macapaense, que muito a aplaudiu, bisando-a repetidas vezes. O Trio Acrobático <Irmãos Poli> é um dos pontos altos do elenco, impressionando vivamente com seus números, pelo arrojo e perfeita coordenação de movimento. Elbe Lima, cantou de <sarong> uma melodia havaiana, merecendo aplausos da assistência. O bailarino Hugo Bianchi, executou dois números de seu repertório, salientando-se no motivo afro-cubano <Babalú>. Os demais artistas satisfizeram ao nosso público e é de se esperar que a temporada da Cia. De Comédias <Marquize Branca>, nos palcos macapaenses, venha a ser coroada de pleno êxito (JORNAL AMAPÁ, 13 nov. 1948, p. 02).

O Jornal Amapá de número 193, de 20 de novembro de 1948, em sua sexta página, divulgou as festividades alusivas ao dia da bandeira, celebrada no dia anterior, com início às 10h30, no palco do Cineteatro Territorial. Contou com a presença do Governador Capitão Janary Nunes, que proferiu durante 50 minutos uma palestra aos escolares e professores do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, sobre as origens históricas do “Símbolo Augusto de nossa Pátria”, numa “explanção erudita e vigorosa, que deixou a melhor impressão em todos”.

Em 27 de novembro de 1948, o Jornal Amapá de número 194, apresenta em sua primeira página a programação em alusão a assinatura do Laudo Suíço. É referenciado sobre uma apresentação de teatro infantil no palco territorial, realizado pelos escolares do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, sem mais detalhes. Ainda nesta edição, fora noticiada a alteração dos dias de estreia de novos filmes, e ainda, sobre a reserva das quartas-feiras para a realização de funções populares, como se observa na imagem 44:

Imagem 44: Informe o programa de exibições cinematográficas do Cineteatro Territorial



Fonte: Jornal Amapá, 27 nov. 1948

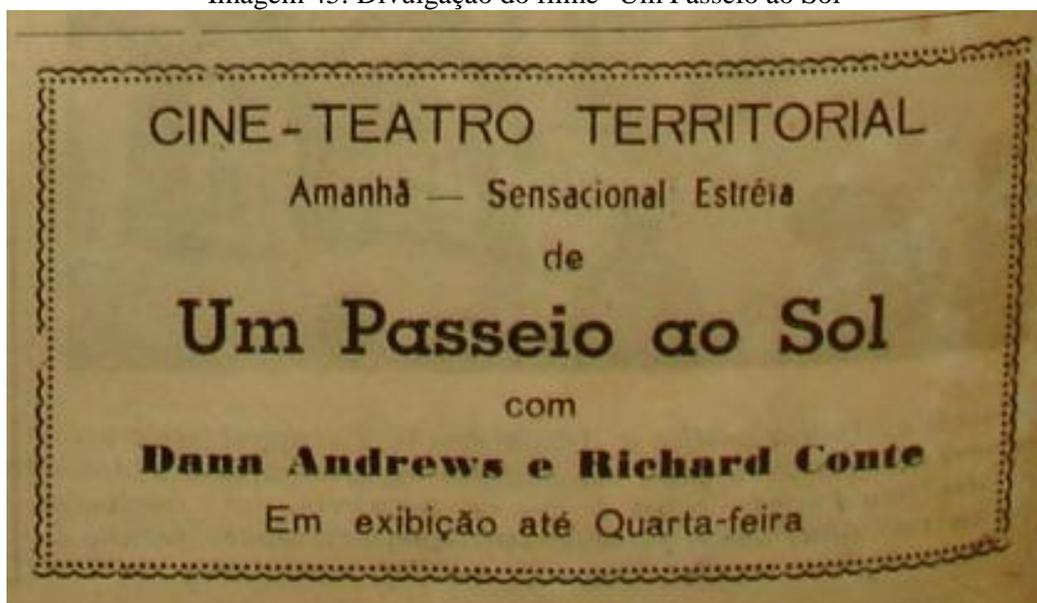
Em 04 de dezembro de 1948, no Jornal Amapá de número 195 é mencionada a comemoração do Dia Pan-americano de Saúde no dia 02 de dezembro, nas dependências do Cineteatro Territorial, sob os “auspícios da Divisão de Saúde do Território”, por meio de palestras que tangenciaram a significação da data, noções sobre a tuberculose, controle das doenças transmissíveis na infância e higiene bucal. O encerramento foi seguido de sessão cinematográfica. Na mesma edição, também se fez referência à visita do Almirante Braz Vellozo a Macapá, em que foram organizadas, para essa recepção, algumas atividades artísticas no Cineteatro Territorial e residência do governador.

**A vista do Almirante Braz Vellozo a Macapá**  
**Visitas - <show> no Cine-Teatro Territorial**

Às 19:00 horas, depois do jantar na residência governamental, onde se achavam hospedados os distinguidos itinerantes, foi visitado o Grupo Escolar Barão do Rio Branco e o Ginásio Amapaense, seguindo-se, à noite, animado <show>, promovido pelos artistas Alfredo Mussi e Célia Maria, do Rádio carioca, com a coadjuvação de elementos do <cast> local e do conjunto de canto orfeônico das alunas do Grupo Escolar. Depois da Sessão no Cine-Teatro Territorial, a família Janary Nunes ofereceu ao Almirante Braz Vellozo e sua exma família uma sugestiva hora de arte, durante a qual houve números de canto, música e recitativos, por môças e rapazes da sociedade local (JORNAL AMAPÁ, 04 dez. 1948, p. 01).

A edição 197, de 18 de dezembro de 1948, reservou à sua última página, a divulgação do longa-metragem “Um passeio ao sol”, estrelados por Dana Andrews e Richard Conte, como mostrado na imagem 45:

Imagem 45: Divulgação do filme "Um Passeio ao Sol"



Fonte: Jornal Amapá, 18 dez. 1948, p. 06.

Na primeira página do Jornal Amapá de 25 de dezembro de 1948, número 198, foram divulgadas as atividades do “Natal de Jesus”, e ainda duas sessões cinematográficas gratuitas, realizadas no dia 24 dezembro, às 19h e 21h. Nesta oportunidade, fora exibido o longa-metragem “Falcão em Perigo”. No dia 25, o governo realizaria mais uma sessão gratuita ao povo macapaense, às 15h, e às 20h, uma sessão paga do filme “Anjo ou Demônio”, conforme imagem 46. Segue ainda a tabela 3 contendo o tímido resumo cinematográfico do ano de 1948.

Imagem 46: Divulgação dos filmes: "Um Falcão em Perigo" e "Anjo ou Demônio"



Fonte: Jornal Amapá, 25 dez. 1948, p. 06.

Tabela 3: Calendário de exibições cinematográficas, longas-metragens, 1948

| <b>CINETEATRO TERRITORIAL DE MACAPÁ</b>                  |                                       |                    |  |
|--|---------------------------------------|--------------------|--|
| <b>CALENDÁRIO DE EXIBIÇÃO DE LONGAS METRAGENS - 1948</b> |                                       |                    |  |
| <b>FILME</b>   | <b>JORNAL AMAPÁ</b>                   | <b>TÍTULO</b>      | <b>DETALHES</b>  |
| <b>1</b>   | 18 de dezembro<br>Ano 4, nº 197, p. 6 | UM PASSEIO AO SOL  | Amanhã – Sensacional estreia. Com Dana Andrews e Richard Conte. Em exibição até quarta-feira.  |
| <b>2</b>   | 25 dezembro<br>Ano 4, nº 198, p. 6    | O FALCÃO EM PERIGO | Hoje às 15:00 horas em Matinée, GRATUITO, oferecido pelo Governo, ao povo de Macapá.   |
| <b>3</b>   |                                       | ANJO OU DEMÔNIO    | Em soirée, às 20:00 horas. Grandiosa estreia do monumental filme da FOX. Com Alice Faye. Dana Andrews e Linda Darnel. Iniciando com um novo Jornal sobre o AMAPÁ. Ingresso Cr\$ 8,00 |

Fonte: o autor 2023

## 5.7 CENA VII – 1949

O dia 12 de fevereiro de 1949, a edição 205 do Jornal Amapá registrou, em sua sexta página, a visita do Cônsul de Portugal à capital do TFA. Sediado em Belém do Pará, o ilustre visitante, dr. Carlos Pericão de Almeida, tinha como objetivo estudar as possibilidades da fundação de um Vice-Consulado em Macapá; dentre os lugares visitados, o veículo oficial de informação e propaganda do governo destacou o Cineteatro Territorial.

Em 19 de fevereiro de 1949, o Jornal Amapá de número 206, noticiou o concurso que elegeria a melhor música de carnaval daquele ano, organizado pela Prefeitura de Macapá, em nome do prefeito José Serra e Silva, e pela Rádio Difusora, em nome do chefe do serviço de rádio Manoel Raimundo Veras, e que seria realizado no dia 25 de fevereiro, às 20h30 horas, nas dependências do Cineteatro Territorial. A edição de número 208, de 05 de março de 1949, dá mais detalhes sobre a realização do concurso.

### **Concurso de Músicas Carnavalescas**

#### **4 Prêmios para um só autor – Outras notas**

Por iniciativa da Prefeitura Municipal de Macapá, em colaboração com a Rádio-Difusora de Macapá, teve lugar, no dia 25 passado, no palco do Cine-Teatro Territorial, o Concurso de Música de Autores Regionais. Grande número de pessoas afluíu ao local da disputa, estando presentes o Regional da Difusora autores concorrentes e o Júri, composto do Prefeito José Serra e Silva, drs. Hildemar Pimentel Maia, Marcílio Viana e srs. Solerno Moreira, Ariosto Pais e Manuel Veras. Tendo início o Concurso, foram ouvidas todas as músicas concorrentes, algumas interpretadas pelos autores e outras por Araújo Filho e Josino Farias, sendo procedido o recebimento de votos das mãos de todos os presentes e, após a contagem, obtido o seguinte resultado: 1º, 2º, 3º e 5º, lugares, respectivamente, às músicas “Jeep da Yayá”, “Macapá”, “Bôca de Forno” e “O Meu Samba”, da autoria de Gutemberg Tupinambá, cabendo o 4º lugar à música “Toda a Cidade Pergunta”, de autoria de Delbanor Dias. Os prêmios foram entregues pelo dr. Marcílio Viana, e estavam assim distribuídos: ao 1º lugar Cr\$ 1.000,00, ao 2º lugar Cr\$ 500,00, oferta da Prefeitura e, aos demais, vários brindes, doados pelo Comércio local (JORNAL AMAPÁ, 05 mar. 1949, p. 02).

O Jornal Amapá de 30 de abril de 1949, edição 216, apresenta em sua quinta página, detalhes sobre uma encenação de júri no Cineteatro Territorial, realizada pelos escolares do Ginásio Amapaense, uma das atividades realizadas pelo Teatro do Estudante, como podemos observar na transcrição abaixo:

### **O Júri Histórico no Cine-Teatro Territorial**

Encenado pelos alunos do Ginásio Amapaense, teve lugar, no Cine-Teatro Territorial, às 20:30 horas do dia 21, a representação do Júri Histórico alusivo à data, sendo a peça de autoria do Professor Gabriel de Almeida Café, diretor daquele estabelecimento de ensino secundário. Estava dividido em três partes: acusação, defesa e execução de Tiradentes, o mártir da Inconfidência Mineira. Essa noite de arte contou com a presença de grande assistência, inclusive autoridade. Constituiu uma esplêndida afirmação de arte dramática a serviço da cultura cívica da nossa mocidade estudiosa. Os ginasianos que tomaram parte nessa expressiva festa educacional, foram os seguintes: Irineu da Gama Paes (juiz); Edilson Borges de Oliveira e José Vilela Monteiro (ouvidores); Mario Quirino da Silva (advogado da defesa); José Raimundo Barata (promotor); Tiradentes – Raimundo Nonato de Araújo Filho; Silvério dos Reis – Altair Cavalcanti Lemos; Tomaz Antônio de Gonzaga – Francisco dos Reis Pires Eirado; Oficial de Justiça – Otávio Gonçalves de Oliveira; Frei Penaforte – José Maria Papaleu Paes; Carrasco – Lourenço Tavares de Almeida; Mãe de Tiradentes – Ida Minervina Lins Aimoré; Marília – Edmilson Aranha Nunes; Jurados: Luiz Carlos de Araújo Monteiro, Lucimar Amoras del Castilo, José Klebert Santiago, Mair Naftali Bemergui, Francisco Calandrino de Azevedo, Mirton dos Anjos Ataíde, Ivan Jesus de Lima e soldados coloniais: José Cabral do Nascimento e Aureovaldo Wilson Rodrigues de Abreu (JORNAL AMAPÁ, 30 abr. 1949, p. 05).

Em 07 de maio de 1949, a edição 217 do Jornal Amapá abre sua primeira página noticiando as festividades ocorridas no TFA em alusão ao dia do trabalhador, com a presença do dr. Raul Montero Valdez, governador na data, que, além das atividades cívicas comuns a esse dia, inaugura o serviço de “luz e força para populoso bairro do Trem”. No Cineteatro Territorial, subia ao palco o Rei do Baião, Luiz Gonzaga, como explicitado na transcrição abaixo.

### **As Vibrantes Manifestações do Dia do Trabalhador No Cine-Teatro Territorial**

No Cine-Teatro Territorial teve lugar a apresentação do Curso Normal Regional, tendo aberto a sessão o professor Gabriel de Almeida Café, seu diretor. Em nome do corpo discente falou o primeiranista João Reis Brandão. Seguiu-se ligeira festa de arte, na qual tomaram parte alunos do Curso Normal e o artista patricio Luiz Gonzaga, do <cast> da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, que executou quatro números de seu apreciado repertório, sendo aplaudidíssimo pela assistência que repletava a nossa principal casa de espetáculos (JORNAL AMAPÁ, 07 maio 1949, p. 01).

Após sua apresentação no palco territorial, o acordeonista Luiz Gonzaga fez nova aparição no hangar do Aeroclube de Macapá. Durante uma festa oferecida pelo governo, o artista exibiu-se novamente aos presentes, encerrando as festividades do dia do trabalhador no TFA. Na última página desta edição, consta uma nota sobre a passagem do Rei do Baião pela capital territorial, como podemos observar a seguir.

### **ESTEVE EM MACAPÁ LUIZ GONZAGA**

Foi hóspede desta cidade, por alguns dias, o festejado acordeonista patricio Luiz Gonzaga, artista exclusivo da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, nome de destaque entre os principais intérpretes da música popular brasileira, que, em <tournee> pelo Brasil, não quis deixar de visitar a cidade de Macapá. Artista de grandes recursos, Luiz Gonzaga teve oportunidade de brindar o nosso público com três magníficos espetáculos, onde também tomaram parte vários elementos do <broadcasting> regional. Luiz Gonzaga, em todos os festivais, teve grande assistência a aplaudi-lo calorosamente, podendo-se dizer que, com a sua simplicidade e irradiante simpatia, conquistou a plateia de Macapá. Quinta-feira última, pelo avião da <Cruzeiro do Sul>, Luiz Gonzaga rumou para a capital paraense, onde fará um a pequena temporada, seguindo depois para São Luiz do Maranhão (JORNAL AMAPÁ, 07 maio 1949, p. 06).

Em 14 de maio de 1949, o Jornal Amapá de número 218, divulgou o 54º aniversário do feito heroico de Veiga Cabral, a realizar-se no dia 15 de maio. Para este ano, no Cineteatro Territorial, a partir das 09h15, foram apresentados números de canto orfeônico pelos alunos do Curso Normal Regional, canto por alunos do Jardim de Infância do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, declamações e cenas por alunos do Ginásio Amapaense.

No dia 04 junho de 1949, na sexta página da edição 221 do Jornal Amapá, informou que o TFA comemorava o aniversário do Capitão Janary Nunes, ocorrido no dia 1º de junho. Para a celebração, foi organizada uma exaustiva programação desde as primeiras horas do dia, com o Cineteatro Territorial aberto ao público para uma sessão cinematográfica festiva às 20h. Nesta oportunidade, o público amapaense pode assistir, gratuitamente, o filme “Anel da Morte”.

Em 25 de junho de 1949, na sexta página do Jornal Amapá, edição 224, há referência a uma importante conferência do arqueólogo Clifford Evans no Cineteatro Territorial. Neste evento, estiveram presentes o dr. Marcílio Viana, o governador Raul Montero Valdez e altas autoridades territoriais, federais, municipais, e o professorado, que pode apreciar a explanação das pesquisas realizadas pelo cientista acerca de suas descobertas arqueológicas, a partir dos estudos realizados no rio Araguari, Amapari, Piçacá e no Igarapé do Lago, além da cidade do Amapá e alguns cemitérios. Entre as descobertas, um grande número de cerâmicas de diferentes qualidades, que, em parte, foram devidamente entregues ao Museu Territorial.

No dia 02 de julho de 1949, na sexta página da edição 225 do Jornal Amapá anuncia-se a chegada, em breve, de Maria da Luz, “o coração de Portugal”, para se apresentar ao público macapaense.

### **Maria da Luz “O coração de Portugal” visita o Amapá**

Viajando pelo avião da <Cruzeiro do Sul>, chegará a esta cidade, amanhã, a consagrada cantora portuguesa Maria da Luz, que vem logrando autêntico sucesso em nosso país. A simpática e famosa cantora, cuja apresentação está

sendo aguardada com justa ansiedade nesta capital, dará seu primeiro espetáculo segunda-feira, dia 4, no Cine-Teatro Territorial (JORNAL AMAPÁ, 02 jul. 1949, p. 06).

A sexta página do Jornal Amapá de 09 de julho de 1949 (imagem 47), edição 226, reserva uma homenagem em agradecimento à cantora lusitana Maria da Luz, pela passagem e espetáculo oferecido na capital territorial.

### **Maria da Luz em Macapá**

#### **O que foi a temporada da festejada cantora lusitana**

Tivemos a oportunidade de aplaudir, esta semana, um dos mais destacados valores do moderno radicalismo lusitano. Trata-se de Maria da Luz, a voz maravilhosa de Portugal, que veio trazer ao nosso povo um pouco do seu sentimento, do romantismo bonito de seu canto, cheio de tão bela e cativante expressão. Três espetáculos, apenas, consagraram a temporada de Maria da Luz entre nós como uma das mais fiéis intérpretes das canções e fados portugueses. O mais interessante, entretanto, é que Maria da Luz canta com a mesma delicadeza o samba brasileiro, demonstrando o quanto de admiração possuem os portugueses pela nossa música. Maria da Luz conquistou a plateia macapaense, que vibrou com as suas representações e, por isso, merece parabéns pelo êxito alcançado nesta capital. Pelo avião de quinta-feira passada Maria da Luz retornou a Belém, em companhia do seu digno esposo, sr. Egas Santos, de onde deverá seguir para o sul do país, prosseguindo na sua vitoriosa “tournee”. Terminada a última récita de Maria da Luz, a festejada cantora lusitana recebeu carinhosa homenagem da família Governador Raul Montero Valdez, a qual constou de uma recepção íntima na residência do Chefe do Executivo amapaense (JORNAL AMAPÁ, 09 jul. 1949, p. 06).

Imagem 47: Divulgação da temporada de Maria da Luz em Macapá



Fonte: Jornal Amapá, 09 jul. 1949, p. 06

Em 16 de julho de 1949, o Jornal Amapá, edição 227, refere sobre a passagem pelo palco territorial de mais uma artista de destaque nacional à época, Carmen Costa (imagem 48), cantora do casting da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, como se observa a seguir.

#### **As exibições de Carmem Costa em Macapá**

Mais um festejado astro radiofônico nacional vem de se exhibir para o público macapaense, Carmen Costa, a conhecida e aplaudida sambista patricia, acaba de proporcionar-nos horas de alegre divertimento, com a apresentação de três magníficos espetáculos no palco do Cine-Teatro Territorial intérprete genuína da nossa música popular, Carmen Costa se apresentou com um variado repertório, conquistando as simpatias da plateia local e logrando um merecido sucesso. Com três exibições, senda a última récita oferecida pelo governo ao povo e operariado do Território, a simpatizada <bomb shell> leva sempre casas à cunha, havendo sido bisados muitos números do seu programa. Em companhia de Carmen Costa viajou o humorista paraense <Palhaço>. Nos espetáculos da sambista patricia colaboraram com eficiência vários elementos do <broadcasting> regional. Pelo avião de quinta-feira última, da <Cruzeiro do Sul>, a festejada artista retornou a Belém. De onde prosseguirá viagem para a capital maranhense. Dentre as interpretações que mereceram maiores aplauso destaca-se <Amar>, <Lamento Negro>, <Sarambá> e <Facundo>, que constituíram êxitos absolutos (JORNAL AMAPÁ, 16 jul. 1949, p. 06).

Imagem 48: Divulgação da temporada de Carmen Costa em Macapá



Fonte: Jornal Amapá, 16 de julho de 1949, ano 5, nº 227, p. 6.

Ainda na edição 277, por meio de uma pequena nota, disposta na sexta página, fora noticiada a chegada do “Ballet Juvenil”, proveniente de Belém-PA, para se apresentar ao público macapaense no palco territorial.

#### **Chegou o “Ballet Juvenil”**

Viajando pela lanha <Amapá>, da frota territorial, aportou a esta cidade, ontem pela manhã, o <Ballet Juvenil>, que vem realizar uma temporada artística em Macapá. Composto de 18 figurantes, o conjunto se exhibirá em números de danças clássicas, batuques, esquetes e canto, estando a estreia marcada para 2ª feira próxima, às 8:30, no Cine-Teatro Territorial, havendo simpática expectativa em torno da sua apresentação. Dirige o <Ballet>. Do qual também é ensaiadora, a professora Lydia Souza, atuando como acompanhante a pianista Anita Beltrão (JORNAL AMAPÁ, 16 jul. 1949, p. 06).

Na edição seguinte, de 23 de julho de 1949, na sexta página do Jornal Amapá traça-se um panorama das apresentações artísticas ocorridas no palco territorial, destacando a singularidade do espetáculo apresentado pela “troupe de estudantes” paraenses, que brindaram o público macapaense com o seu ballet juvenil. De maneira explícita, a notícia atribui à política

cultural janarista o crivo artístico nas escolhas dos melhores artistas e espetáculos, que tenham maiores condições de se apresentar, educando e transformando a cultura local, numa perspectiva de cultivo, já discutido anteriormente.

### **Uma troupe de estudantes em Macapá**

#### **Alcança êxito o “ballet da juventude paraense”**

No sentido de incrementar a educação do povo, a Administração local, tem procurado trazer ao Amapá artistas de bom padrão, visando oferecer espetáculos condignos à plateia macapaense. Já tivemos oportunidade de conhecer cantores líricos como Adelmo de Matos e Maria Helena Coelho; pianista clássicos como Guilhermina Cereira; violoncelistas como Mussapêre e Christancho; cantores folclóricos como o Trio Chileno, acordeonistas como Luiz Gonzaga; fadistas com Maria da Luz e sambistas como Marquize Branca, Jerusa Souza e Carmen Costa. Todavia, agora assistimos a um gênero diferente, o bailado clássico, a dança estilizada, trazida por uma plêiade de jovens estudantes que integram o “Ballet da Juventude Paraense”. Assistimos algumas exposições dos jovens artistas. Notamos a leveza com que são interpretados os números de coreografia e a maneira fiel com que são dançados o nosso samba, o frevo, o tango, o “swing”, a conga, o batuque e outros números de dança típica. Destacamos em todos os números a atuação de Felicidade Bandeira, das irmãs Magalhães, da mascote Lucy Silva, das irmãs Gonzaga, de Waldir Miranda, Osvaldo e outros. Os moços que fazem parte desse promissor conjunto, bem assim a professora Anita Beltrão, encarregada da direção musical, estão todos de parabéns pelo grande êxito do “Ballet da Juventude Paraense” em Macapá, o que aqui com prazer registramos (JORNAL AMAPÁ, 23 jul. 1949, p. 06.).

No dia 13 de agosto de 1949, a edição 231 do Jornal Amapá, abre sua primeira página noticiando as comemorações de 11 de agosto, referente a data dedicada às instituições dos Cursos Jurídicos no Brasil. Elaborado pela diretoria do Ginásio Amapaense, o evento iniciou-se na Igreja da Matriz às 07h, e às 09h foi realizada uma sessão magna no Cineteatro Territorial. Estiveram presentes o “dr. Manoel Cacella Alves, representando o sr. Governador, os drs. Uriel Sales de Araújo e Jarbas de Amorim Cavalcante, o sr. Clóvis Pena Teixeira e a professora Maria Lúcia Sampaio Brasil”. Nesta mesma edição fora noticiada a chegada de um conjunto artístico, inclusive a famosa cantora Dalva de Oliveira e seu Trio de Ouro, para exhibir-se ao público no palco territorial.

### **Aplaudido conjunto artístico chega hoje a Macapá**

Chegará, hoje, a Macapá, o conjunto artístico denominado <Embaixada da Alegria>, formado por expressivos valores do rádio nacional. São seus componentes: Dalva de Oliveira, integrante do <Trio de Ouro>; Herivelto Martins, compositor, autor de vários sucessos musicais, entre outros <Segredo> e <Fracasso>; Amália Paiva, sambista; Vicente Paiva, maestro e compositor, e Walfrido, ritmista (bateria). Os festejados artistas patrícios, que regressarão segunda-feira, farão duas representações nesta capital, sendo a

estreia hoje, à noite, e o segundo espetáculo amanhã, ambos no cine-teatro Territorial. As entradas para essa temporada estarão à venda no Bar Elite e na Sorveteria Leão do Norte, onde poderão ser adquiridas pelos interessados (JORNAL AMAPÁ, 13 ago. 1949, p. 06).

Na edição seguinte de nº 232, de 20 de agosto de 1949, em sua segunda página, discorre-se sobre as impressões causadas em Macapá pela passagem da Embaixada da Alegria pela capital territorial, patrocinada pelo governador interino Raul Montero Valdez, “em obediência ao seu programa de educação do povo”, como nos diz o Jornal Amapá:

#### **Aplaudidos Artistas Brasileiros Visitam Macapá**

Dalva de Oliveira, Herivelto Martins, Vicente Paiva, Walfrido Silva e Amália Paiva são os artistas que todo Brasil conhece e aplaude. Esses queridos astros do rádio nacional, regressando de uma viagem à Venezuela, complemento da <tournee> que empreenderam pela América do Sul, acabam de visitar o Território do Amapá, proporcionando à nossa plateia três magníficos espetáculos, sob o patrocínio do Govêrno territorial, em obediência ao seu programa de educação do povo. Achamos desnecessário comentar o sucesso que os integrantes da <Embaixada da Alegria> lograram alcançar entre nós, pois não pode haver maior testemunho do que o do povo que os assistiu e aplaudiu nas récitas que se realizaram no Cine-Teatro Territorial. Foi oferecido, também, domingo pela manhã um espetáculo para a garotada escolar, que agradou plenamente. Em avião, a <Embaixada da Alegria> retornou a Belém, terça-feira última, de onde rumará para o Rio de Janeiro (JORNAL AMAPÁ, 20 ago. 1949, p. 02).

Ainda nesta edição, na segunda página, fora divulgada a fundação de uma sociedade cultural, “a reunião contou com a presença de numerosos interessados, sendo na mesma discutidos o objetivo e os princípios sociais da nóvel agremiação. Foi aclamada, ainda, uma Junta Governativa provisória e designada uma comissão para elaborar o Estatuto”. A sessão mencionada foi aberta a todos que se interessassem pelos assuntos culturais.

Em 27 de agosto de 1949, o Jornal Amapá, edição 233, abria sua primeira página destacando as comemorações alusivas ao Dia do Soldado. O evento, comemorado no dia 25, contou com uma programação iniciada à noite do dia 24, por meio de uma palestra do professor Gabriel Almeida Café, irradiada pela Rádio Difusora de Macapá, e às 08h30 do dia 25, no Cine Teatro Territorial, foi realizada uma palestra aos alunos do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, tendo como palestrante a professora Maria Lúcia Sampaio Brasil. Na sexta página desta mesma edição, o Jornal Amapá convidava a sociedade macapaense a prestigiar a primeira récita de Rogaciano Leite.

### **Hoje, à noite, a primeira récita de Rogaciano Leite**

Será realizado, à noite de hoje, no Cine-Teatro Territorial, um magnífico espetáculo de arte poética. Rogaciano Leite, o inspirado vate pernambucano que tem entusiasmado as plateias de norte a sul do país com a eloquência de suas estrofes, levará a efeito o seu primeiro recital artístico entre nós, sob os auspícios do Grêmio Literário e Cívico <Rui Barbosa>, do Ginásio Amapaense. Figura mûça, cheia de vitalidade e simpatia humana, Rogaciano Leite vai encantar a plateia macapaense com a magia dos seus versos sonoros, o relâmpago dos seus arrebatadores improvisos e glosas, com a sua viva e contagiante inspiração. Trazendo sob os seus passos o cõro de uma crítica unânime em que figuram nomes como Agripino Grieco, Gustavo Barroso, Guilherme de Almeida, Assis Chateaubriand e Olegário Mariano, é grande a expectativa com que é aguardada a sua estreia na noite de hoje. Depois de mais uma récita amanhã, pela manhã em nossa principal casa de espetáculos, dedicada à juventude escolar e realizada sob o patrocínio do Govêrno territorial, o festejado homem de letras retornará ao sul, prosseguindo em sua vitoriosa excursão artística (JORNAL AMAPÁ, 27 ago. 1949, p. 06).

Em 13 de setembro de 1949, a primeira seção da edição especial de número 235 do Jornal Amapá dedicou-se em noticiar a 3ª Exposição de Animais e Produtos Derivados do Território Federal do Amapá. Assim como nas anteriores, trouxe para a programação a ocupação do palco territorial, uma representação de Teatro Escolar no dia 13 de setembro, às 15h, e às 20h, uma sessão cinematográfica para os Criadores e Vaqueiros. No dia 14 de setembro, às 20h, uma palestra realizada pela professora Yatir de Moraes da Costa, sobre o tema: “A necessidade de educar as crianças”, e logo após, uma sessão cinematográfica para os Criadores e Vaqueiros participantes do evento.

A segunda seção do Jornal Amapá se debruça sobre o Panorama Educacional do Território. Assim, utiliza da segunda página para se referir aos significados do cinema como ferramenta educacional a serviço da política cultural janarista; não somente em Macapá, mas também em outros municípios, como Mazagão e Amapá, que a essa altura já contavam com seus respectivos Cineteatros. A esse respeito, segue a íntegra do noticiado.

### **Panorama Educacional do Território**

#### **Cinema**

O cinema, como fator relevante na educação do povo, tem merecido especial atenção do nosso departamento de ensino. O Cine-Teatro Territorial vem mantendo, desde julho de 1944, sessões cinematográficas populares. Em 1946, instalados que foram dois possantes projetores <Energmann IV> e <Zeiss Ikon>, de 35mm, tal serviço melhorou muito, apresentando filmes de bõa qualidade e longa-metragem. Nos outros municípios se encontram em funcionamento projetores Vry, também de 35mm. Conta assim o Território com cinco aparelhos de 35mm, através dos quais são projetados filmes produzidos pela Metro, pela R.K.O. Rádio e Twentie Century Fox. Sempre que possível, também o governo do Território patrocina a exibição, em Macapá, de elementos de destacado valor do cenário artístico nacional.

Macapá possui seu Teatro de Estudante integrado por alunos do nosso principal estabelecimento de ensino, o Ginásio Amapaense. Foi um grupo com finalidade essencialmente educativa, visando o desenvolvimento do gosto e da cultura artística dos escolares e do povo em geral, com atividade extra-curricular, oferecendo experiência de trabalho e material para recreação, através da montagem e representação de peças teatrais (JORNAL AMAPÁ, 13 set. 1949, 2º seção, p. 02)

A edição 236 do Jornal Amapá, de 17 de setembro de 1949, noticiou em sua quarta página as comemorações realizadas durante o sexto aniversário de TFA. Nessa, foram divulgados mais detalhes a respeito das apresentações realizadas no palco territorial, no dia 13 de setembro, quando exibiram-se ao público macapaense “pela primeira vez, os aplaudidos artistas Jararaca e Ratinho, além de Vicente e Amália Paiva”.

Em 24 de setembro de 1949, na sexta página do Jornal Amapá número 237, reservou-se uma coluna para comentar sobre a comemoração em alusão ao dia da árvore. No dia 21 de setembro, no Cine Teatro Territorial, tiveram lugar os festejos, que foram iniciados com uma representação do Teatro Escolar, sendo obedecido o seguinte programa: canto, pelo Orfeon da Escola Normal; declamação, por um aluno do Grupo Escolar; canto pela aluna do Ginásio Amapaense Aeuilina de Souza Alencar; <A Árvore>, declamação pela professora Vitória Tuma; e ainda um número de canto pelo Orfeon do Grupo Escolar.

A edição 239 do Jornal Amapá, de 8 de outubro de 1949, anuncia o início das comemorações da Semana da Criança, programado para o dia 10 de outubro. Logo na primeira página, o Cineteatro Territorial aparece como palco para uma palestra proferida pelo dr. Hildemar Maia, a respeito do “Registro de Nascimento. Sua importância para os indivíduos e para a sociedade”. Até a data final, 17 de outubro, fariam parte das celebrações exibições cinematográficas e teatro pelos escolares, além dos conhecidos concursos de “Bons Dentes, Robustez Infantil, Inscrição Precoce, Assiduidade Pré-natal”, patrocinados pela Comissão Territorial da LBA, a cargo da dra. Abelina Valdez e do dr. Cláudio Lobato.

A edição de número 241 do Jornal Amapá, de 22 de outubro de 1949, dá mais detalhes sobre o encerramento da Semana da Criança, ocorrido no dia 17 de outubro. Em sua sexta página, comunica sobre a apresentação de números artísticos desempenhados por alunos do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, “num programa bastante aplaudido”, como podemos observar a seguir.

#### **Encerrada brilhantemente a “Semana da Criança” em Macapá**

Constou essa tertúlia do seguinte: 1º - <O Brasil>, declamação pela aluna Lucy Silva; 2º - <Mucama Bonita>, canto pela aluna Maria José Castelo; 3º - <A Casa>, declamação pelo aluno José Ribamar; 4º - <Os Esquindins de

Yayá>, canto pela aluna Lucy Silva; 5º - Desafio – pelas alunas Raimunda Ramos e Raimunda Lins; 6º - <As Aves>, declamação pelo aluno José Ribamar; 7º - Número de canto orfeônico pelos alunos da 2ª série, sob a direção da professora Vitória Tuma (JORNAL AMAPÁ, 22 out. 1949, p. 06).

Em 12 de novembro de 1949, o Jornal Amapá de número 244, utiliza sua sexta página para noticiar os festejos do centenário de Ruy Barbosa no território nacional. No TFA, celebrado durante a primeira semana de novembro, com o dia 05 reservado para uma sessão solene no palco territorial, em memória ao “excelso patrono dos advogados brasileiros”.

A edição 245 do Jornal Amapá, de 19 de novembro de 1949, além da atenção especial às celebrações do Círio de Nazaré iniciadas no dia 12 de novembro, noticiou ainda em sua sexta página a chegada do pianista Washington Costa.

#### **Washington Costa dará recitais em Macapá Chega hoje o Festejado Pianista**

Terá a plateia macapaense oportunidade de assistir a mais uma série de bons espetáculos em nossa principal casa de diversões, executados por um dos mais expressivos valores da música brasileira. Trata-se de Washington Costa, pianista patricio de fama nacional, que está sendo esperado hoje pelo avião Correio Aéreo Nacional, devendo passar uma semana entre nós. Washington Costa, que há pouco esteve percorrendo vários Estados do Sul, realizará recitais em Macapá, sendo o primeiro em homenagem ao sr. Capitão Janary Gentil Nunes e o último homenageando o povo do Amapá. O festejado artista exhibir-se-á também para os estudantes, sob o patrocínio do Govêrno do Território (JORNAL AMAPÁ, 19 nov. 1949, p. 06).

Ainda nesta edição, fora dedicado uma nota jornalística acerca da presença de artistas pernambucanos que se apresentaram no Cineteatro Territorial. Sobre as impressões causadas, podemos observar a seguir.

#### **Festejados artistas pernambucanos se exibem em Macapá**

Estrearam quarta-feira última nesta capital os festejados artistas pernambucanos J. Santiago, Athanildes e “Chico Fulô”, os quais vieram dar maior animação aos festejos nazarenos. Tendo procedido de Belém, onde se exibiu também durante alguns dias, o harmonioso conjunto, pela originalidade dos seus espetáculos (telepatia e ilusionismo), vem logrando êxito em nossa plateia, constituindo uma das grandes atrações da presente quadra festiva (JORNAL AMAPÁ, 19 nov. 1949, p. 06).

A edição 246 do Jornal Amapá, de 26 de novembro de 1949, dedicou sua primeira página para divulgar a programação das celebrações do 49º aniversário do Laudo Suíço, a realizar-se no dia 1º de dezembro do corrente ano. Entre as atividades, figura a apresentação de Teatro Infantil às 09h30 e sessão cinematográfica oferecida ao povo macapaense, a partir das

20h00, no Cine-teatro Territorial sob o patrocínio do governo. Na sexta e última página desta edição, o Jornal Amapá apresenta um panorama das récitas proporcionadas pelo artista Washington Costa, além das impressões do próprio artista a respeito do acolhimento recebido pelo público macapaense.

**A plateia macapaense aplaudiu Washington Costa  
Retorna amanhã o festejado pianista – suas declarações a AMAPÁ**

Realizou o pianista e compositor paraense Washington Costa, em nossa capital, durante esta semana, dois recitais, a convite das autoridades macapaenses, como parte do programa de educação e diversão do ovo. Contando sempre com boa casa e apresentando números do seu variado repertório, Washington Costa teve oportunidade de ver suas composições aplaudidas pela nossa plateia, que soube acatar com justiça as interpretações do pianista paraense, cujos espetáculos agradaram plenamente, satisfazendo às exigências dos apreciadores da música popular, principalmente no que diz respeito aos ritmos da Amazônia. O maior sucesso desta temporada de Washington Costa, porém, foi o fox-canção “Garimpeiros do Ouro”, lançado no espetáculo de estreia na interpretação de Delbanor Dias. Outros sucessos do artista paraense foram constituídos pelo hino escolar “Macapá Querida” – “Terra da Promissão”, interpretados por um grupo de alunas do Grupo Escolar “Barão do Rio Branco” e pela garota Enoi Nunes, respectivamente. Outros elementos regionais colaboraram no espetáculo de despedida, como a garota Luci Silva, que dançou um swing e a jazz da Guarda Territorial, sendo animador o locutor Agostinho Souza. Essa audição, de caráter popular, foi oferecida pelo governo à classe operária e ao povo. Procurando conhecer as impressões de Washington Costa nesta sua primeira visita ao Território, procurando-o no Macapá Hotel, onde fomos gentilmente recebidos, sendo-nos prestadas as seguintes declarações pelo festejado pianista: “Estou satisfeítíssimo com a acolhida que me foi dispensada no Amapá, que eu bem classifiquei de “Terra da Promissão”. Quero agradecer mais uma vez a gentileza do Govêrno Territorial por todas as facilidades que me proporcionou para a realização desta temporada, assim como ao povo macapaense pela boa acolhida que deu às minhas composições. Aos artistas regionais que colaboraram nos meus recitais um agradecimento especial e a minha admiração, principalmente por que surpreenderam-me pelo modo feliz com que as interpretaram. Tudo o que observei e se realizou já me havia sido antecipado pelos srs. Capitão Janary Nunes e Deputado Coaracy Nunes, no Rio de Janeiro, quando demonstrei o desejo de visitar o Amapá (JORNAL AMAPÁ, 26 nov. 1949, p. 06).

Ainda na sexta página, o Jornal Amapá refere que “em virtude do grande estoque de filmes em Macapá, a partir de ontem, o Cine-Teatro Territorial passará a exibir três novos programas semanais. Portanto, cada película será projetada apenas nas noites”. Sendo assim, a partir desta edição, até a de 31 de dezembro de 1949, aquele abriria parte da sexta página para divulgar o extenso programa cinematográfico, chegando a divulgar, nestas 6 (seis) edições, a oferta de 27 (vinte e sete) longas metragens produzidos pelas empresas Metro, RKO RÁDIO e Paramount, como podemos observar na tabela 4.

Tabela 4: Calendário de exibições cinematográficas, longas-metragens, 1949

| <b>CINETEATRO TERRITORIAL DE MACAPÁ</b>                  |                                       |                          |  |
|--|---------------------------------------|--------------------------|--|
| <b>CALENDÁRIO DE EXIBIÇÃO DE LONGAS METRAGENS - 1949</b> |                                       |                          |  |
| <b>FILME</b>   | <b>JORNAL AMAPÁ</b>                   | <b>TÍTULO</b>            | <b>DETALHES</b>  |
| <b>1</b>   | 26 de novembro<br>Ano 5, nº 246, p. 6 | OS TRINTA E NOVE DEGRAUS | – Última soirée, às 20:00 horas <b>(26/11/1949)</b> .<br>– Em matinée, às 15:00 horas <b>(27/11/1949)</b> .<br>Sensacional filme inglês, com o grande astro Robert Donnat. |
| <b>2</b>   |                                       | A MEIA LUZ               | <b>(27 e 28/11/1949)</b><br>– Em soirée, às 20:00 horas, grandiosa estreia da Super-produção da Metro, com a insuperável dupla Charles Boyer e Ingrid Bergman.             |
| <b>3</b>   |                                       | A VOLTA DA NOIVA         | <b>(29 e 30/11/1949)</b><br>– Em soirée, às 20:00 horas, o movimentado filme da Metro, com Lionel Barrimore.   |
| <b>4</b>   |                                       | ESTIRPE DO DRAGÃO        | <b>(01 - 04/12/1949)</b><br>– Em soirée, às 20:00 horas, o movimentado filme da Metro, com a querida estrela Ketherine Hepburn.  |
| <b>5</b>   | 03 de dezembro<br>Ano 5, nº 247, p. 6 | O RETRATO DE DORIAN GRAY | <b>(04 e 05/12/1949)</b><br>– Em soirée, às 20:00 horas, grandiosa estreia do excepcional filme da Metro.  |
| <b>6</b>   |                                       | O BARBEIRO INFERNAL      | <b>(06 e 07/12/1949)</b><br>– Em soirée, às 20:00 horas, grandiosa estreia do excepcional filme da Metro   |
| <b>7</b>   |                                       | A CHAVE MESTRA           | <b>(06 e 07/12/1949)</b><br>– Em soirée, às 20:00 horas, grandiosa estreia do excepcional filme da Metro (1º e 2º episódio).   |
| <b>8</b>   |                                       | TÍTULO NÃO DIVULGADO     | <b>(08/12/1949)</b><br>– Soirée Popular, às 20 horas.  |
| <b>9</b>   |                                       | UM LÍRIO NA CRUZ         | <b>(09 e 10/12/1949)</b><br>Em soirée, às 20:00 horas, a Super Produção da Paramount.<br><b>(11/12/1949)</b><br>Em Matinée, às 15:00 horas                                 |
| <b>10</b>  | 10 de dezembro<br>Ano 5, nº 248, p. 6 | O BOM PASTOR             | <b>(11 e 12/12/1949)</b><br>– Em soirée, às 20:00 horas, grandiosa estreia do excepcional filme da Paramount, com Bing Crosby.   |
| <b>11</b>  |                                       | HOTEL RESERVADO          | <b>(13 e 14/12/1949)</b><br>– Em soirée, às 20:00 horas, o sensacional filme da RKO RÁDIO.   |
| <b>12</b>  |                                       | A CHAVE MESTRA           | <b>(13 e 14/12/1949)</b><br>– Em soirée, às 20:00 horas, 2ª série (3º e 4º episódios).   |
| <b>13</b>  |                                       | TÍTULO NÃO DIVULGADO     | <b>(15/12/1949)</b><br>– Soirée Popular, às 19:30 horas.   |

|    |                                       |                            |  |
|----|---------------------------------------|----------------------------|--|
| 14 |                                       | TARZAN E A MULHER LEOPARDO | (16 e 17/12/1949)<br>– Em soirée, às 20:00 horas, o maravilhoso filme da RKO RÁDIO, com Johnny Weissmuller.<br>(18/12/1949)<br>– Em Matinée, às 15:00 horas<br><b>Obs.: Jornal Amapá de 24/12/1949, Ano 5, nº 250, p. 6</b><br>(24/12/1949)<br>– Em soirée, às 19:00 e 21:00 horas |
| 15 | 17 de dezembro<br>Ano 5, nº 249, p. 6 | O FILHO DE LASSIE          | (18 e 19/12/1949)<br>– Em soirée, às 20:00 horas, espetacular! Monumental!   |
| 16 |                                       | ANDY HARDY PREFERE LOURAS  | (20 e 21/12/1949)<br>Em soirée, às 20:00 horas, o espetacular filme da Metro, com Mickey Rooney.   |
| 17 |                                       | CHAVE MESTRA               | (20 e 21/12/1949)<br>Em soirée, às 20:00 horas, o espetacular filme da Metro. 3ª série (5º e 6º episódios).  |
| 18 |                                       | TÍTULO NÃO DIVULGADO       | (22/12/1949)<br>– Soirée Popular, às 19:30 horas.  |
| 19 |                                       | SILÊNCIO DAS TREVAS        | (23/12/1949)<br>– Em soirée, às 20:00 horas, o espetacular filme da RKO RÁDIO.<br><b>Obs.: Jornal Amapá de 24/12/1949, Ano 5, nº 250, p. 6</b><br>(25/12/1949)<br>– Em Matinée às 15 horas e em Soirée às 20 horas, últimas exhibições do formidável filme                         |
| 20 |                                       | O ÚLTIMO DOS MOICANOS      | (26 - 28/12/1949)<br>– Em Soirée, às 20:00 horas, monumental estreia, espetacular produção de Arte   |
| 21 | 24 de dezembro<br>Ano 5, nº 250, p. 6 | CHAVE MESTRA               | (26 - 28/12/1949)<br>– Em Soirée, às 20:00 horas, o espetacular filme da Metro. 4ª série (7º e 8º episódios).  |
| 22 |                                       | TÍTULO NÃO DIVULGADO       | (29/12/1949)<br>– Soirée Popular, às 19:30 horas.  |
| 23 |                                       | ROMANCE E FANTAZIA         | (30/12/1949)<br>– Em Soirée, às 20:00 horas, sensacional estreia do maravilhoso filme da RKO RÁDIO, estrelando Claudelle Colbert.  |
| 24 |                                       | TUDO POR UMA MULHER        | (31/12/1949)<br>– Última Soirée Chic do sensacional filme da RKO RADIO, tendo como principais protagonistas Gary Cooper e Loretta Young.<br>(01/01/1950)<br>– Em Matinée, às 15 horas, o grandioso Far-West.   |
| 25 | 31 de dezembro<br>Ano 5, nº 251, p. 6 | A FILHA DO CORSÁRIO VERDE  | (02 e 03/01/1950)<br>– Em Soirée, às 20 horas, grande estreia, a monumental Super Produção.  |
| 26 |                                       | CHAVE MESTRA               | (02 e 03/01/1950)  |

|    |  |                      |   |
|----|--|----------------------|---|
|    |  |                      | Em Soirée, às 20 horas, grande estreia, a monumental Super Produção, 5ª série (9º e 10º episódios). |
| 27 |  | TÍTULO NÃO DIVULGADO | (04/01/1950)<br>– Soirée Popular, às 19:30 horas.   |

Fonte: o autor (2023)

O Jornal Amapá de 03 de dezembro de 1949, edição 247, em sua primeira página, apresenta mais detalhes sobre as cerimônias realizadas no Cineteatro Territorial alusivas à data de assinatura do Laudo Suíço. Além da “apresentação de um harmonioso conjunto artístico de alunos do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, que interpretaram números de canto e dança, grangeando fortes aplausos da assistência que lotava o recinto de nossa principal casa de espetáculos”, fora também oferecida uma representação teatral gratuita, às 20h, patrocinada pelo governo territorial.

**Como transcorreram em Macapá as cerimônias alusivas à data da assinatura do laudo suíço**

**Representação teatral**

Representaram os artistas J. Santiago e sua mulher Atanildes, <A Mulher Mistério>, que exibiram números de ilusionismo. Coadjuvaram o espetáculo, prestando valiosa cooperação, os artistas locais Tupinambá e Lucy Silva. O primeiro, atuando a caráter, tocou violão e cantou diversas emboladas, enquanto a pequena Lucy executou números de canto. Todos os artistas agradaram plenamente. Com esta última parte, foi brilhantemente rematado o programa de comemorações à assinatura do Laudo Suíço (JORNAL AMAPÁ, 03 dez. 1949, p. 01).

A edição 250 do Jornal Amapá, de 24 de dezembro de 1949, dedicou sua primeira página para apresentar a programação do evento “Natal de Jesus”. A noite de natal do TFA fora brindada com duas sessões cinematográficas gratuitas no Cineteatro Territorial. Financiado pelo governo, a sociedade macapaense pode assistir, às 19h20 e 21h, o longa-metragem: “Tarzan e a Mulher Leopardo”.

A última edição do Jornal Amapá do ano de 1949, em 31 de dezembro, dedicou sua primeira página para prestar homenagens ao Capitão Janary Gentil Nunes, que retornava ao cargo de governador do TFA, lugar ocupado pelo sr. Raul Montero Valdez, interinamente, durante os últimos oito meses. Enquanto a sociedade territorial se preparava para a recepção de Janary, Lucy Silva já se preparava para subir ao palco territorial, às 20h do dia 1º de janeiro de 1950.

**Lucy e suas amiguinhas no Cine Teatro Territorial**

Promete revestir-se de grande brilhantismo o festival artístico que será realizado dia 1º às 20,00 horas no Cine Teatro Territorial, quando estarão em cena 20 crianças tendo à frente a menina Lucy Silva, sob o patrocínio da Divisão de Educação. Os ensaios para esta festa estão sendo realizados com a colaboração da professora Orlandina Nascimento e do professor Manoel Godinho, tudo indicando que a nossa plateia terá naquele espetáculo momentos de sadia vibração espiritual, tomando-se em conta a progressão artística das nossas crianças. As entradas para o festival de Lucy e suas amiguinhas estão sendo passadas, devendo parte da renda reverter em benefício da Liga de Ação Social. A trupe realizará mais dois espetáculos, sendo um no bairro do Trem e outro no Cine Teatro Territorial para as crianças, em datas a serem oportunamente anunciadas (JORNAL AMAPÁ, 31 dez. 1949, p. 06).

## 5.8 CENA VIII – PERSONALIDADES ARTÍSTICAS, ENTRE MEMÓRIAS E SILENCIAMENTOS

Entre tantos personagens de fundamental importância para este trabalho, que durante parte de vida, contribuíram no processo de construção identitária no TFA sob a política cultural janarista, elenco três profissionais que merecem destaque neste trabalho: as professoras Aracy Mont'Alverne e Creusa Bordalo, reconhecidas no atual Estado do Amapá pelo empenho com que desenvolveram suas funções nas escolas da região, principalmente acerca das atividades teatrais; e também o senhor João Freire da Silva, operador dos aparelhos de projeção do Cineteatro Territorial de Macapá.

### 5.8.1 Aracy Mont'Alverne

O Cineteatro Territorial foi o propulsor para o aparecimento dos primeiros grupos de Teatro Escolar, quando fomentou o início do Teatro Amador na região, além de permitir à assistência o contato com grupos de outros estados. Foi palco para festas cívicas, apresentações musicais, pronunciamentos do governo, reuniões de partidos políticos, espaço para gravação de programas radiofônicos com presença de público e peça importante na memória local. Entre os personagens que se destacaram como impulsionadores do Teatro Escolar, destaca-se a professora e poetisa, além de dramaturga, Aracy de Mont'Alverne.

A professora Aracy chegou à Macapá em 08 de dezembro de 1942, onde motivou e dirigiu várias peças realizadas pelos escolares. Há indícios de que ela tenha sido a precursora do teatro escolar em Macapá, mesmo antes do advento do Cineteatro Territorial

Imagem 49: Professora Aracy de Mont'Alverne



Fonte: Foto/Reprodução. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/search/label/Prof%C2%AA%20Aracy%20Mont%27Alverne>. Acesso em 17 maio 2023

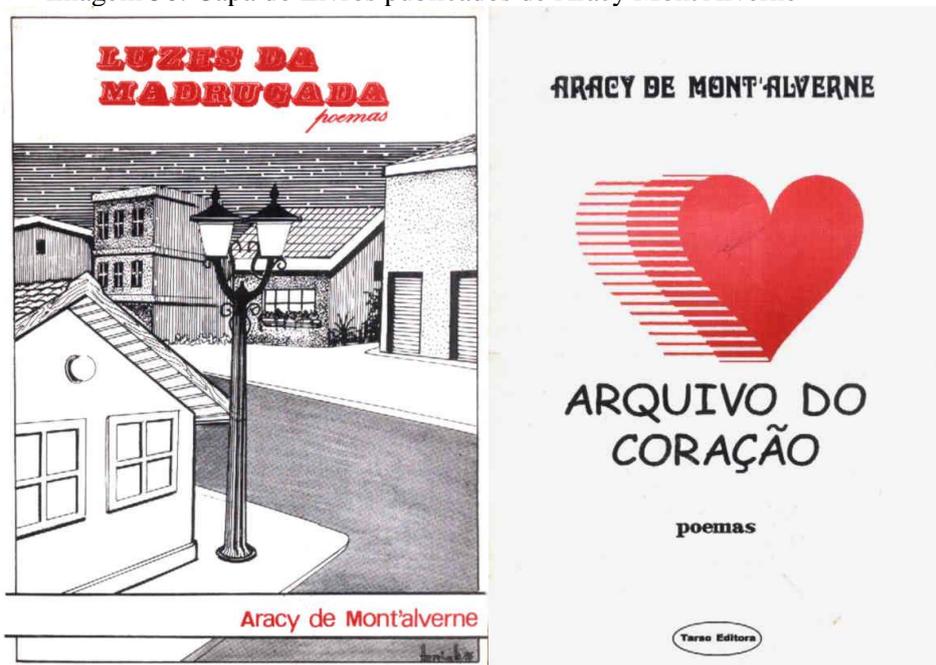
No registro fotográfico acima, de 1964, publicado pela Revista ICOMI Notícias e reproduzido no blog Porta-Retrato (um de seus poucos registros), à direita a professora Aracy Mont'Alverne, quando participava de uma programação cultural na sede do Manganês Esporte Clube, em Serra do Navio, ao lado de senhoras e professoras das escolas de Vila Amazonas, de Santana-AP. Na oportunidade, a poetiza especialmente convidada pelo clube serrano recitou os poemas de sua autoria: “Macapá Cinderela”, “As Duas Esposas”, “A Criança e a Escola”, “Mucama”, “Rio Amazonas” e outras.

Na obra *Personagens Ilustres do Amapá* de Coaracy Barbosa (1998), o autor relata que Aracy Miranda de Mont'Alverne, nascida em Colares-PA, no dia 13 de fevereiro de 1913, filha de Werneck Barbosa de Miranda e D. Raimunda Maria de Miranda, estudou nos colégios de Belém e formou-se professora normalista em 1933, e começou a trabalhar como professora do Ensino Primário em Belém, no período de 1933 a 1936. De acordo com Barbosa (1998), ela

Chegou ao Amapá, em 8 de dezembro de 1942, convidada pelo então governador Janary Gentil Nunes, ingressando no quadro de funcionários do governo na função de professora dos cursos pré-primário e primário nível 11 no dia 2 de fevereiro de 1949. Em 27 de fevereiro de 1962, foi promovida para o cargo de professora do ensino secundário nível 16. Exerceu o cargo de chefe de educação e cultura de 1962/1964; Diretora da biblioteca e arquivo público em 1965; Orientadora do ensino de 2º grau em 1960; Chefe de relações públicas do governo do Amapá em 1965 (BARBOSA, 1998, p. 75-76).

Aracy recebeu títulos de honra ao mérito por serviços prestados ao governo do TFA; do Círculo Militar; da Federação dos Bandeirantes do Brasil; do Projeto Rondon. Ao longo de sua carreira, teve brilhante atuação como poetisa, declamadora, musicista, escritora e teatróloga. Lançou seu primeiro livro *Luzes da Madrugada* (1988), que conta com a apresentação de Fernando Canto, que se refere a autora: “como educadora, ensinando e aprendendo, ela soube como poucos, abstrair da alma do homem amazônico, sua identidade cultural, posta em igarapés e campos, entre a floresta e a barraca ribeirinha”. Compôs várias músicas entre as quais o Hino do CCA; escreveu várias peças infantis; em 1997, a Associação Amapaense de Escritores – APES lançou seu segundo livro *Arquivo do Coração* em homenagem aos seus 84 anos. Casou-se com o Sr. José Jucá de Mont'Alverne, de cuja união nasceram os filhos Ana Luiza, José Sebastião, Joacy Werneck, José Jorge, Ana Lourdes, Ana Lúcia e Ana Lídia. Aposentou-se em 1969, aos 33 anos de serviço público no TFA; em 1995, a professora Aracy ingressou na Associação Amapaense – APES e recebeu uma homenagem especial da primeira turma do curso de Letras da UNIFAP. Faleceu em 1º de fevereiro de 2002.

Imagem 50: Capa do Livros publicados de Aracy Mont'Alverne



Fonte: Disponível em: <http://escritoresap.blogspot.com/2011/02/macapa-cinderela-o-belo-poema-ufanista.html>. Acesso em 03 abr. 2023.

De acordo com o blog Porta-Retrato, na imagem abaixo a professora Aracy discursa numa solenidade tendo à mesa a partir da esquerda: Dr. Edson Correia, Dr. Rubens Baraúna, prof. Paulo Guerra, Governador Arthur Azevedo Henning e prof. Geraldo Majela (segurando o microfone).

Imagem 51: Professora Aracy Mont'Alverne na década de 1970



Fonte: Foto/Reprodução. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2011/02/professora-aracy-montalverne-98-anos-de.html>. Acesso em: 17 maio 2023

Em sua obra, *Luzes da madrugada* (1986), Aracy Mont'alverne, apresenta uma coletânea de poemas, entre eles *Macapá Cinderela*, um dos poemas mais popularizados da ilustre professora, que permanece na memória de muitos de seus alunos.

***Macapá Cinderela***

*Nesta singela narração,  
Fiz poema de uma história,  
Fazendo a comparação  
De uma cidade humilde  
Do interior do Brasil  
Com uma pobre menina  
Que de repente tornou-se  
Muito famosa e gentil!*

*Macapá já foi outrora  
Uma menina do mato ...  
Tão pequena, tão franzina,  
Doentia, retraída,  
E que vivia esquecida ...  
Muito pálida e quieta,  
Era quase analfabeta ...*

*Mas um dia apareceu  
 Na linha do seu destino  
 Um homem forte e bondoso  
 Que a protegeu e ajudou,  
 Trabalhador, caridoso,  
 A menina transformou.  
 Mas se alguém o conhece  
 Mesmo de nome aqui.  
 Esse de quem vos falo  
 É o Coronel Janary!*

*Hoje a menina está moça  
 E ainda está crescendo,  
 Já é por todas notada,  
 Está se desenvolvendo  
 E quando ouve dizer*

*Com toda admiração  
 Que é São Paulo ou Brasília,  
 Do Brasil o coração  
 Ela toda ufana diz -  
 "Eu também sou importante,  
 sou a cabeça do País."*

*Vive feliz, tem tudo,  
 Cresceu muito, ficou forte,  
 É a Cinderela do Norte!  
 Tem saúde, tem escolas,  
 Para se aperfeiçoar.  
 Tem ouro e jóias bonitas ...  
 Até não usa mais chita!  
 Vem gente lá de outras terras  
 Aos grupos, lhe visitar,  
 É gentil, não é orgulhosa,  
 A todos sabe tratar  
 E na terra onde vive  
 Sob o sol do Equador  
 Não teme o frio intenso  
 E nem morre de calor!*

*É morena, é tão formosa,  
 Educou-se, está famosa,  
 É das dez mais elegantes  
 Do lindo Brasil gigante!. ..  
 É tão bonita e gentil....  
 E, querem saber de uma?  
 Macapá está pensando  
 que já vai se preparando  
 para ser Miss Brasil!*

(MONT'ALVERNE, 1986, p. 13).

## 5.8.2 Creusa Bordalo

Creusa Sousa Bordalo, professora Creusa, uma das pioneiras da educação amapaense, foi casada com o advogado Cícero Borges Bordalo<sup>46</sup>, além de impulsionadora artística e cultural. Nasceu no município de Brejo-MA, no dia 04 de setembro de 1930, filha de Jonatas Lopes de Lima e Sousa e Josefa Olímpia de Sousa. Aportou em Macapá no ano de 1950, com 20 anos de idade, lecionou no IETA – Instituto Educacional do Amapá, antiga Escola Normal. Financiada pelo governador Janary Nunes, passou três anos se especializando em Artes Cênicas no Conservatório Nacional de Teatro da Universidade Federal do Rio de Janeiro, embrião da atual Escola de Teatro da UNIRIO, desde 1979. Ressalta-se que esse curso de teatro esteve a serviço da política cultural difundida por Getúlio Vargas, por meio do Serviço Nacional de Teatro - SNT, órgão público criado a partir do decreto-lei<sup>o</sup> 92, de 21 de dezembro de 1937. De acordo com o decreto:

Art. 1<sup>o</sup> O teatro é considerado como uma das expressões da cultura nacional, e a sua finalidade é, essencialmente, a elevação e a edificação espiritual do povo.

Art. 2<sup>o</sup> Para os efeitos do artigo anterior, fica criado, no Ministério da Educação e Saúde, o Serviço Nacional de Teatro, destinado a animar o desenvolvimento e o aprimoramento do teatro brasileiro.

Art. 3<sup>o</sup> Compete ao Serviço Nacional de Teatro:

- a) promover ou estimular a construção de teatros em todo o país;
- b) organizar ou amparar companhias de teatro declamatório, lírico, musicado e coreográfico;
- c) orientar e auxiliar, nos estabelecimentos de ensino, nas fábricas e outros centros de trabalho, nos clubes e outras associações, ou ainda isoladamente, a organização de grupos de amadores de todos os gêneros;
- d) incentivar o teatro para crianças e adolescentes, nas escolas e fora delas;
- e) promover a seleção dos espíritos dotados de real vocação para o teatro, facilitando-lhes a educação profissional no país ou no estrangeiro;
- f) estimular, no país, por todos os meios, a produção de obras de teatro de todos os gêneros;

---

<sup>46</sup> Cícero Borges Bordalo, ou Bortalão, nascido em Currálinho-PA, em 29 de setembro de 1930, Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Pará (1955), chegou ao TFA em 04 de agosto de 1957. Atuou na Divisão de Segurança Pública, foi assessor jurídico do TFA e pioneiro da advocacia amapaense. Foi casado, em primeiras núpcias, com a professora Creusa Souza Bordalo, e em segundas núpcias com a professora e Dra. Nilza Bordalo. Cícero foi um dos advogados mais longevos em atividade no Amapá, 57 anos de exercício na profissão, o primeiro a implantar um escritório de advocacia na região. Participou ativamente do movimento que instalou a secção da Ordem dos Advogados do Brasil em Macapá, ainda na época do Território Federal do Amapá e foi também conselheiro federal da OAB, além de presidente da associação brasileira de advogados criminalistas do Amapá. Seu primeiro escritório de advocacia era localizado em frente à Casa Leão do Norte, pertencente aos irmãos Zagury, ao lado do antigo fórum e atual sede da OAB-AP. O trabalho desenvolvido ao longo desses 57 anos, influenciou filhos e netos a atuarem na carreira jurídica. Faleceu no dia 14 de outubro de 2012, em Belém-PA, foi trasladado para Macapá, velado na sede da OAB-AP, e sepultado no Cemitério de Nossa Senhora da Conceição. Disponível em <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2012/10/morre-em-belem-dr-cicero-borges-bordalo.html>. Acesso em: 03 abr. 2023.

g) fazer o inventário da produção brasileira e portuguesa em matéria do teatro, publicando as melhores obras existentes;

h) providenciar a tradução e a publicação das grandes obras de teatro escritas em idioma estrangeiro.

Art. 4º O Serviço Nacional de Teatro será superintendido por um diretor, nomeado em comissão, com vencimentos equivalentes ao padrão "M",

Art. 5º O pessoal técnico e administrativo do Serviço Nacional de Teatro, salvo o diretor, será admitido na forma do decreto n. 871, de 1 de junho de 1936.

Art. 6º A organização do Serviço Nacional de Teatro constará de regulamento, a ser baixado pelo Poder Executivo.

Art. 7º Fica extinta a Comissão de Teatro Nacional, criada pela lei n. 378, de 13 de janeiro de 1937.

Art. 8º Esta lei entrará em vigor no dia 1 de janeiro de 1938.

Art. 9º Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1937, 116º da Independência e 49º da República (BRASIL, 1937).

Ao finalizar seus estudos em Teatro, a professora Creusa assume o cargo de Diretora da Rádio Difusora de Macapá – RDM. Neste período, destacou-se como atriz de radionovelas, conquistando altos índices de audiência na pioneira emissora de rádio, além de dirigir gloriosos programas de auditório transmitidos ao vivo. Na obra *Teatro no Amapá – artistas e seu tempo* do professor Palhano (2013), resultado de suas atividades no Grupo de Pesquisa em Artes Cênicas (GPAC) e do Núcleo Amazônico de Estudos das Artes Cênicas (NACE) da UNIFAP, refere que:

Na década de 1970 praticamente não havia televisão em Macapá, a comunicação era realizada a partir de jornais impressos e da radiodifusão. O rádio teatro também era muito frequente, principalmente na Rádio Educadora e Rádio Difusora de Macapá. Zé Maria de Barros; Creusa Bordalo e Clodoaldo Nascimento foram reconhecidos rádio atores e rádio atrizes que participavam também em rádio novelas (PALHANO, 2013, p. 22).

O aprofundamento nos estudos em teatro de Creusa Bordalo, além da prática artística radiofônica, encontrou espaço muito especial na rede de ensino de Macapá. Nas décadas de 1960 e 1970, lecionou Educação Artística na Grupo Escolar Barão do Rio Branco, Colégio Amapaense, Colégio Comercial do Amapá, Instituto de Educação do Amapá, e no Curso de Arte Dramática no Conservatório Amapaense de Música, atual Centro de Música Walkiria Lima. Sua paixão pelo teatro fomentou a criação do Grupo de Teatro de Amadores do Amapá ao lado de conhecidos como Sebastião Ramalho da Silva, Ester da Silva Virgolino, Ivaldo Veras, Aracy de Mont'Alverne, Antônio Munhoz Lopes e Hilcias Alves de Araújo.

De acordo com o Blog Porta-Retrato, na imagem 52, é possível observar um dos momentos de confraternização dos artistas da Rádio Difusora de Macapá. Datado de 1956, da

esquerda para a direita estão Alberto Chaves, Reynaldo Faray, Lygia Cruz, Marilena Souza, Antônio Chaves e Creusa Bordalo.

Imagem 52: Artistas do rádio teatro da Difusora de Macapá, 1956



Fonte: Foto reprodução do arquivo pessoal de Humberto Cruz. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2018/05/foto-memoria-da-educacao-do-amapa-prof.html>. Acesso em: 02 abr. 2023.

Ainda a partir do Blog Porta-Retrato, mais um registro do *casting* da RDM. Na imagem 53, da esquerda para a direita, é possível observar Ivaldo Veras, Reinaldo Farah, Lygia Cruz e Creusa Bordalo.

Imagem 53: Creusa Bordalo ao lado do elenco da Rádio Difusora de Macapá, 1958



Fonte: Foto reprodução do arquivo pessoal de Humberto Cruz. Disponível em: <https://portaretrato-ap.blogspot.com/2018/05/foto-memoria-da-educacao-do-amapa-prof.html>. Acesso em: 02 abr. 2023.

Em 1982, sob o governo de Aníbal Barcelos, Creusa Bordalo se aposenta, encerrando seu ciclo no serviço público territorial. No dia 06 de agosto de 2021, aos 89 anos de idade, a professora de artes, atriz do rádio e teatro amapaense foi a óbito, em consequência de complicações do COVID-19, sendo sepultada no Cemitério Nossa Senhora da Conceição, em Macapá. Na rede social Instagram, seu filho Cícero Bordalo Júnior, advogado e sócio proprietário da Bordalo Jr Advogados Associados em Macapá-AP, conta um pouco da trajetória de sua mãe, transcrita integralmente:

Professora Creusa Sousa Bordalo, aportou em Macapá no ano de 1953. Foi professora do grupo Escolar Barão do Rio Branco, na década de 60. Foi atriz de teatro e rádonovela, nos anos 60, na Rádio Difusora de Macapá. Nos anos 70, formou-se na Universidade Federal do Pará em Pedagogia, tendo feito especialização em Supervisão Geral do magistério. Lecionou em diversos colégios do ensino médio de Macapá, despontando entre eles o Colégio Amapaense - CA, o Colégio comercial do Amapá e o IETA - Instituto de Educação do Estado do Amapá, além de outros. Na década de 70 foi nomeada Diretora da Rádio Difusora de Macapá. Era aposentada como servidora pública federal, pelo ex-território federal do Amapá. Despede-se da vida, aos 89 anos de idade, faltando 28 dias para completar os seus 90 anos de idade. Vai e deixa dois filhos, Cícero Bordalo Junior e Fabíola Sousa Bordalo, além de 4 netos e 6 bisnetos, além de grandes e inúmeros amigos (BORDALO JÚNIOR, 2021).

Imagem 54: Creusa Bordalo, últimos registros



Fonte: BORDALO JÚNIOR, 06 ago. 2021

### 5.8.3 João Freire da Silva

Na obra *Personagens Ilustres de Macapá*, v. II, Coaracy Barbosa (1998) abre espaço para nos apresentar João Freire da Silva, operador do maquinário de cinema do Cineteatro Territorial. Nascido em Belém-PA, no dia 8 de outubro de 1929, filho de Franquilino Freire da Silva, funcionário público e de D. Hildebranda de Araújo Salgado. Iniciou seus estudos no grupo escolar da vila de Mosqueiro-PA. Acompanhou seu pai, já viúvo, quando se transferiu para o Amapá, chegando no dia 12 de setembro de 1944. Nos primeiros meses de 1945, seu pai entrou na Guarda Territorial e foi servir como guarda civil na Base Aérea do Amapá, matriculando seu filho na escola daquela localidade.

Sobre a Guarda Territorial, cabe ressaltar que foi criada por meio do Decreto nº 8, em 17 de fevereiro 1944, reflexo do Decreto Lei nº 5839 de 21 de setembro de 1943, que trazia em uns de seus artigos: Art. 4º ao governador compete: X – Prover a organização de uma guarda territorial, que será civil; tendo como objetivo prover a segurança pública, além de auxiliar o governo local frente à construção civil. A Guarda Territorial funcionou como órgão do Departamento de Segurança Pública do TFA por 32 anos, sediada na Fortaleza de São José de Macapá. Dessa forma, ficou à frente do serviço de policiamento até se transformar na Polícia Militar do Território Federal do Amapá, por meio da Lei nº 6.270, do dia 26 de novembro de 1975, assinada por Ernesto Geisel, então presidente da república, na qual determinava como missão executar com exclusividade o policiamento ostensivo fardado, planejado pelas autoridades competentes, a fim de assegurar o cumprimento da lei e o exercício dos poderes constituídos. De acordo com Fábio Luiz da Silva de Lima e Leandro da Cruz Pereira (2014):

Prestavam também, “serviços básicos de atendimento à população e vão além da missão de policiamento, como também: carpintaria, marcenaria, manutenção de prédios públicos, pinturas de prédios públicos, organização de enterros em caso de falecimentos, sapataria, alfaiataria” entre outros (LIMA; PEREIRA, 2014, p. 36).

Por conseguinte, ainda em 1945, com a interferência de seu pai João Freire da Silva, começou a trabalhar como auxiliar de balconista no clube dos oficiais da marinha americana. Com o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, e com o regresso dos norte-americanos para o seu país, perdeu o emprego e retomou aos estudos na escolinha dirigida pelo professor Alzir

da Silva Maia<sup>47</sup>; e, ao terminar o primário, viajou para a cidade de Macapá, participando do curso de férias, promovido pelo governo. Em 18 de dezembro, chegou a Macapá com a finalidade de conseguir emprego, e depois de uma audiência com o próprio Governador Capitão Janary Nunes, foi contratado na função de servente na Divisão de Educação, em 2 de janeiro de 1948, quando era dirigida pelo Dr. Marcílio Filgueiras Viana e secretariada pelo Sr. Emanuel Pinheiro. No final do mesmo ano, passou a exercer a função de protocolista. De acordo com Coaracy Barbosa (1998):

Em 1950 através do Sr. Emanuel, foi removido para o Cineteatro Territorial que, naquela época era o ponto de encontro dos macapaenses. Aprendeu de tudo e realizava todas as tarefas, desde a limpeza do salão, a programação, o preparo dos filmes, a publicidade na Rádio Difusora de Macapá. Adorava o que fazia e esse trabalho durou 14 anos, quando o Governador José Francisco de Moura Cavalcante desativou o cinema, causando a indignação dos frequentadores. João Freire chorou decepcionado e viveu, durante muito tempo, triste, executando a função de datilógrafo na seção de folhas de pagamento. O sistema, na época, pedia 3 tipos de folhas diferentes. Era um serviço que não tinha fim. Terminavam de datilografar o mês findo começava o outro. A folha continha descontos de adiantamentos de compras em casa de comércio e até de jogos de futebol, feitas no mês anterior. Em 1972 foi removido para o Serviço de Administração Geral, no setor de pessoal, João Freire terminou no ano de 1978, o curso no Instituto de Educação e no Colégio Comercial do Amapá, diplomando-se em Contabilidade. Nesse mesmo ano foi designado para exercer a função gratificada de Chefe da Seção de Cadastro e Registros Funcionais, permanecendo até a sua aposentadoria. João Freire casou-se com D. Alencarina Alencar da Silva no dia 8 de outubro de 1981 e nasceram os filhos Elizabeth, Cléia, Vera Lúcia, Sônia Edna, Telma, Elza, Maria de Nazaré, Maria Áurea, Terezinha de Jesus, Margarete e Ângela. Fez parte do grupo de Escoteiros, dirigido pelo tenente Glycério de Souza Marques; tentou organizar um time de futebol, comprou camisas, elegeu a Diretoria, mas não deu certo. Não era bom de bola. (BARBOSA, 1998, p. 208).

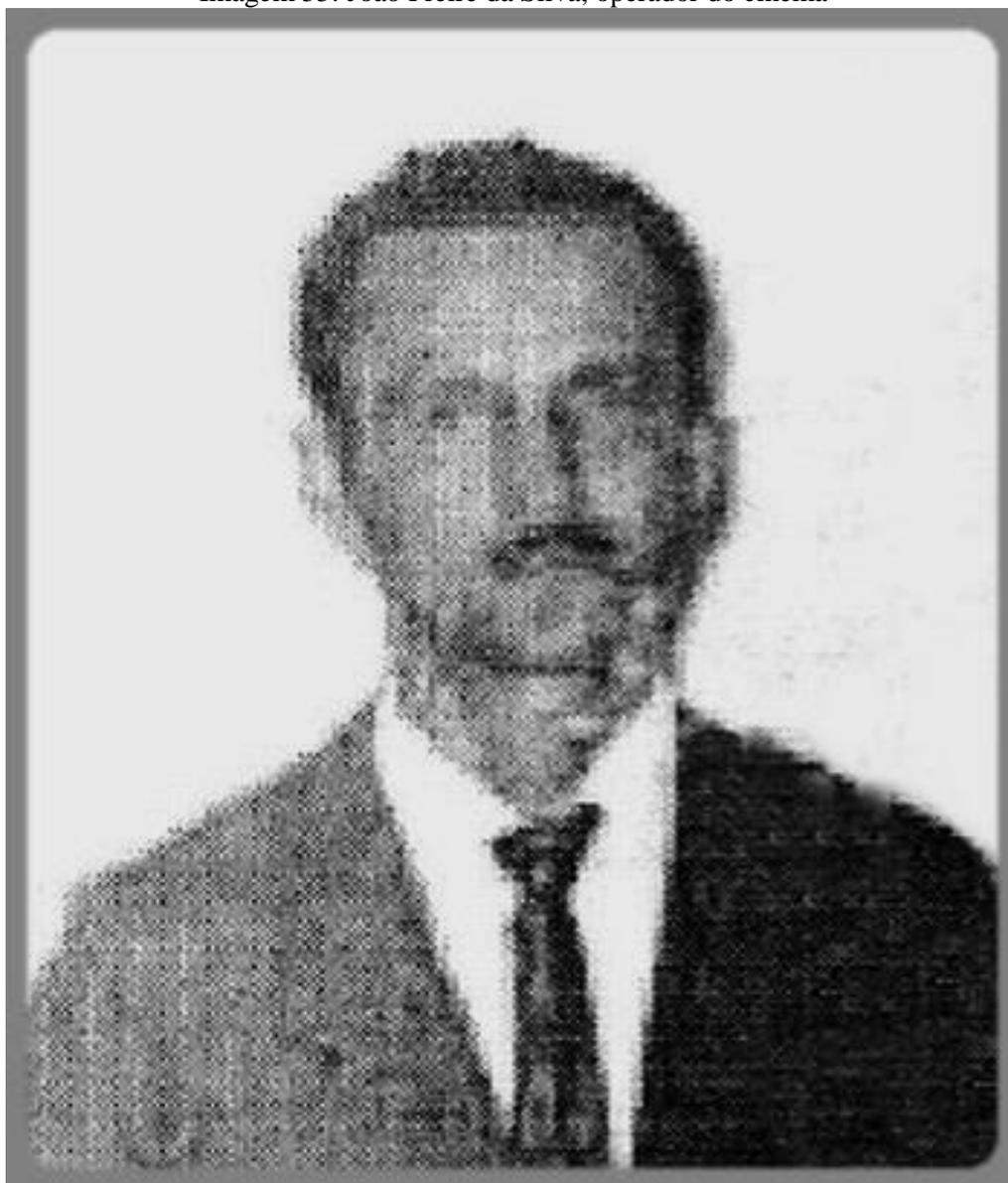
Na imagem 55, reproduzida a partir do Blog Porta-Retrato, seu único registro encontrado, pouco se enxerga as feições de João Freire da Silva. Ao contrário das professoras

---

<sup>47</sup> Professor Alzir da Silva Maia nasceu em São Luís - MA, no dia 27 de setembro de 1910, filho do músico Ernesto Florêncio Maia e D. Rita Rodrigues da Silva Maia. Iniciou seus estudos nas escolas primárias de São Luís e, ao se transferir com sua família para Belém, no ano de 1925, foi matriculado na Escola de Artífice, hoje Escola Técnica Federal do Pará onde completou o 1º e 2.º graus. Estava com 18 anos quando viajou para o Rio de Janeiro, matriculando-se na Escola Técnica Venceslau Brás, onde se diplomou professor de Desenho, Matemática e Ciências. No ano de 1944, conheceu o Governador Janary Gentil Nunes e aceitou o convite para trabalhar no Território Federal do Amapá, chegando à Macapá, no dia 23 de janeiro daquele mesmo ano. Iniciou suas atividades profissionais no dia 7 de fevereiro, lecionando em um Curso de Alfabetização de Adultos destinado aos operários com o fim de ensiná-los a escrever, para assinar as folhas de pagamento e adquirir documentos. Ingressou no quadro de funcionários do Governo do Amapá no dia 1º de junho de 1945, designado para trabalhar na Escola de Iniciação Agrícola, sediada na Base Aérea do Amapá, dirigida pelo professor José Barroso Tostes. Era um entusiasta, participante de todos os eventos sociais e cívicos das escolas por onde passou (BARBOSA, 1998, p. 36).

Aracy Mont'Alverne e Creusa Bordalo, que tiveram seus nomes grafados na memória cultural amapaense, e tendo seu legado difundido pelos seus filhos e netos, ao senhor João Freire da Silva, filhos e netos, nada se encontrou além destes pequenos relatos, relegando sua memória ao mesmo espaço que ocupou no Cineteatro Territorial de Macapá, ao fundo, atrás da sala VIP, envolto na penumbra, de maneira solitária. Sabe-se que ele ainda conseguiu desenvolver seus conhecimentos técnicos no CINE JOÃO XXIII e CINE ORANGE. Faleceu em janeiro de 2015, na cidade de Belém-PA.

Imagem 55: João Freire da Silva, operador do cinema



Fonte: Foto/Reprodução. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/search/label/Cinema>  
Acesso em 18 maio 2023.

## 5.9 CENA IX – A DESPEDIDA DO CINETEATRO TERRITORIAL

Durante seu funcionamento, o Cineteatro Territorial de Macapá passou por algumas adequações. O prédio, inicialmente projetado como sede de despachos do governo territorial, foi guarnecido com as tecnologias da época, para que pudesse atender satisfatoriamente as demandas das produções cinematográficas que chegavam até a capital do território, sobretudo proveniente dos estúdios norte-americanos, que possuíam um enorme mercado externo. Ainda deveria satisfazer o desejo do governo em elevar o status social da região, ambicionando sua inclusão no rol dos grandes centros urbanos da Amazônia como Belém-PA e Manaus-AM que já possuíam, respectivamente, o Theatro da Paz e o Teatro Amazonas desde final do séc. XIX.

Na imagem 56, datada de 1954, a partir do Blog Porta-Retrato, um dos registros encontrados da maior casa de espetáculos do TFA. Nela, encontra-se entre as autoridades componentes da mesa: o Governador Janary Nunes, Dom Aristides Piróvano – 1º Bispo Prelado de Macapá, Dr. Hildemar Pimentel Maia – Promotor Público do TFA, dentre outros não identificados.

Imagem 56: Solenidade oficial no Palco Auditório do Cineteatro Territorial (1954)



Fonte: Foto/Reprodução. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2010/04/cineteatro-territorial.html>. Acesso em 10 maio 2021.

Na imagem 57, no registro de 2007, vê-se a sala de projeção do Cineteatro Territorial de Macapá, que à época, ainda se encontrava com os modernos projetores *Zeiss Ikon*, instalados em 1946.

Imagem 57: Sala de projeção do Cineteatro Territorial de Macapá, 2007



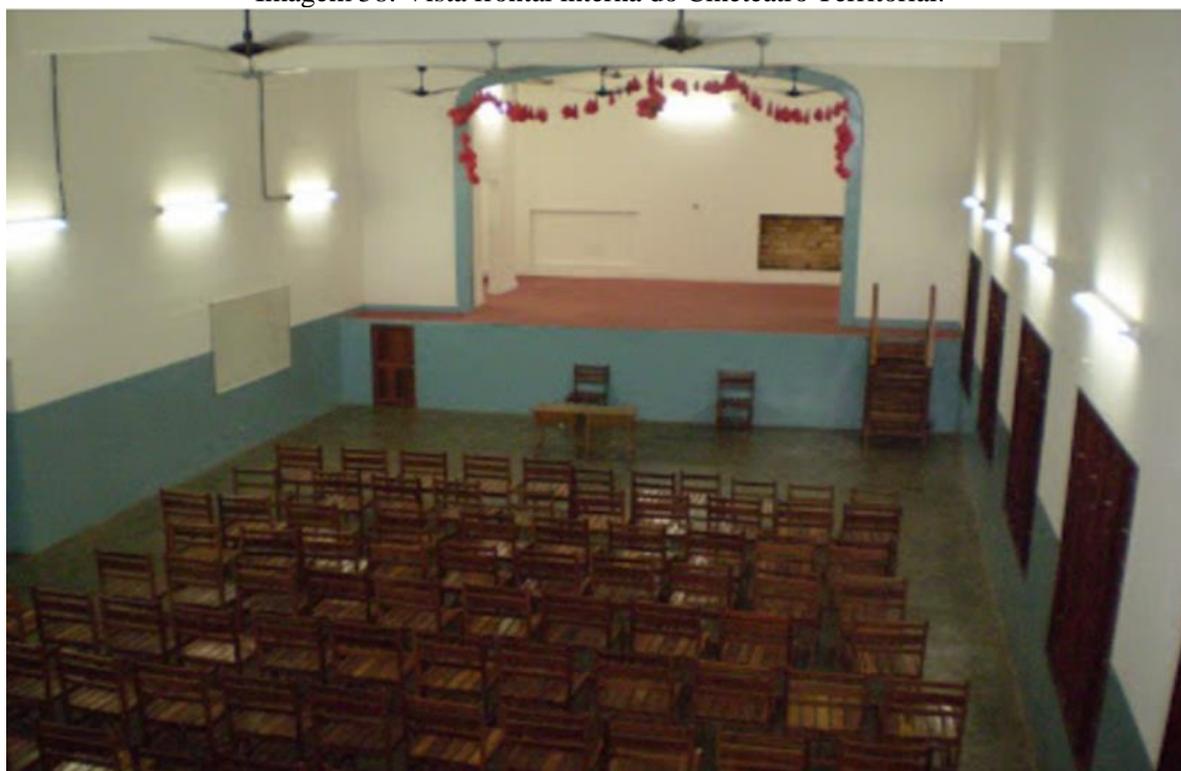
Fonte: Foto/Reprodução. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2010/04/fotos-do-estado-atual-das-maquinas-do.html>. Acesso em: 10 maio 2021.

Esse importante capítulo da história cultural de Macapá, ainda desconhecido por muitos, encerra seu ciclo em 1961, com o fechamento do Cineteatro Territorial durante o governo de José Francisco de Moura Cavalcante (pernambucano e inimigo político de Janary). Indicado pelo presidente Jânio Quadros para governar o TFA, realizou entre suas primeiras ações, o encerramento das atividades no Cineteatro Territorial, extinguindo dele o título de maior casa de espetáculos do TFA e, definitivamente, anexando-o “atrás” da Escola Estadual Barão do Rio Branco, como auditório reservado para as reuniões, os ensaios e as apresentações dos escolares. Ressalto também que, as sucessivas readequações da Escola Barão do Rio Branco, a partir de novas construções no entorno do Cineteatro Territorial, culminaram na extinção de seu acesso principal, voltada à rua Cândido Mendes.

Em 2014, o espaço do antigo Cineteatro Territorial e toda a Escola Estadual Barão do Rio Branco foram permanentemente interditados para reforma. Por meio do Blog Porta-Retrato,

as Imagens 58 e 59 apresentam um dos últimos registros, das vistas frontal e posterior, realizados antes da interdição. É possível perceber que já haviam sido retiradas as cadeiras fixas de madeira, o declive em direção ao palco, as escadas laterais que davam acesso ao palco, sendo realizada a troca por apenas uma ao lado esquerdo do palco, e os alto-falantes que se encontravam fixados nas paredes laterais, além da troca do piso e abertura, à direita, de uma pequena passagem para o camarim sob o palco.

Imagem 58: Vista frontal interna do Cineteatro Territorial.



Fonte: Foto/Reprodução. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2010/04/fotos-do-estado-atual-das-maquinas-do.html>. Acesso em 14 maio 2021.

Imagem 59: Vista posterior interna do Cineteatro Territorial.



Fonte: Foto/Reprodução. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2010/04/fotos-do-estado-atual-das-maquinas-do.html> Acesso em 14 maio 2021.

De acordo com o portal de notícias G1 (imagem 60), a obra iniciada em setembro de 2021, que compreende a restauração e a revitalização do Cineteatro Territorial, localizado atrás do prédio da escola já reinaugurada (03 de setembro de 2021) foi orçada em mais de R\$ 1 milhão.

Imagem 60: Portal de notícias G1, Governo do Amapá, 2021



ESPECIAL PUBLICITÁRIO

# Obras de restauração do Cine Teatro Territorial mantêm arquitetura original

O espaço está sendo restaurado pelo Governo do Amapá, preservando toda arquitetura da estrutura original.



Por Governo do Amapá

10/03/2022 17h35 - Atualizado há um ano



Fonte: G1, Governo do Amapá. Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/especial-publicitario/governo-do-amapa/amapa-juntos-por-um-estado-forte/noticia/2022/03/10/obras-de-restauracao-do-cine-teatro-territorial-mantem-arquitetura-original.ghtml>. Acesso em 18 maio 2023.

Todas as estruturas do local comprometidas pelo tempo, como telhados quebrados e azulejos, foram retiradas para serem substituídas por novas; além disso, também seria feita a revisão do prédio para a criação de um novo projeto elétrico e avaliações referentes a acústica do local. Os serviços coordenados pela Secretaria de Infraestrutura do Estado (Seinf) seguem na tentativa de minimizar alterações na arquitetura do prédio histórico. O Cineteatro Territorial reabrirá suas portas como Museu da Imagem e do Som, pois o local, que guarda memórias importantes do audiovisual, servirá para fins pedagógicos, podendo ser utilizado pelos membros da escola e por toda a comunidade. A imagem 61 registra a lateral do prédio durante as fases iniciais da restauração.

Imagem 61: Lateral do Cineteatro Territorial, 2021



Fonte: G1, Governo do Amapá. Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/especial-publicitario/governo-do-amapa/amapa-juntos-por-um-estado-forte/noticia/2022/03/10/obras-de-restauracao-do-cine-teatro-territorial-mantem-arquitetura-original.ghtml>. Acesso em 18 maio 2023.

Em 11 de outubro de 2022, no site do Ministério Público do Estado do Amapá, encontra-se uma matéria a respeito da visita técnica in loco realizada na Escola Estadual Barrão do Rio Branco, com a finalidade de vistoriar pendências na obra do complexo escolar. Entre elas, a necessidade de instalação de plataforma de acessibilidade na escola e “anfiteatro”, além das obras pendentes do novo Museu da Imagem e do Som. Desta visita, temos o último registro do saudoso Cineteatro Territorial. Na imagem 62, é possível perceber mais algumas alterações, como a instalação de uma escada, em alvenaria, à direita do palco; uma abertura frontal do antigo camarim que ficava abaixo do palco; instalação de novas janelas e porta na parede lateral; além de iluminação em LED e troca do piso.

Imagem 62: Obras no antigo Cineteatro Territorial, 2022



Fonte: Ministério Público do Estado do Amapá. Disponível em: <https://www.mpap.mp.br/noticias/gerais/fiscalizacao-mp-ap-realiza-vistoria-escola-estadual-barao-do-rio-branco>. Acesso em 18 maio 2023.

Ainda sem data marcada para a inauguração do novo Museu da Imagem e do Som, seguimos na espera de um dia poder reocupar este importante espaço, nascido para servir de ferramenta da política cultural janarista, palco responsável pelo acolhimento de destacados artistas nacionais e internacionais nas décadas de 1940 e 1950, berço de grandes artistas amapaenses, que guardam em suas memórias a grandiosidade do que foi a maior casa de espetáculos do Território Federal do Amapá.

## 5.10 CENA X – REFLEXOS DA POLÍTICA CULTURAL DE JANARY NUNES PARA A SOCIEDADE AMAPAENSE

### **Jeito Tucuju**

Quem nunca viu o Amazonas  
Nunca irá entender a vida de um povo  
De alma e cor brasileiras  
Suas conquistas ribeiras  
Seu ritmo novo

Não contará nossa história por não saber e por não fazer juz  
Não curtirá nossas festas tucujus

Quem avistar o Amazonas, nesse momento, e souber transbordar de tanto amor  
Este terá entendido o jeito de ser do povo daqui

**Intérprete: Patrícia Bastos**

**Composição: Val Milhomen e Joãozinho Gomes**

O ato de fazer juz para só então poder contar a história e o jeito de ser do povo daqui, talvez more nesse lugar o início da estruturação da última cena desse trabalho. Encaminhando para o fechamento das cortinas, chamo o leitor, nessa cena, para entender os reflexos que a Política Cultural de Janary Nunes causou para o Amapá enquanto Estado, com um recorte específico para a seara artística/teatral.

Esse processo de compreensão de fatos não é algo novo; pelo contrário, há um caminhar acadêmico que indica que a revisitação de fatos históricos para a leitura de acontecimentos atuais é uma estrutura recorrente em pesquisas que tenham como objetivo a História em um contexto geral, podendo se ramificar em história das relações sociais, história da comunicação, história das artes, e assim sucessivamente.

Entender o passado e correlacionar ele com fatos atuais é um exercício de democracia, é entender como as relações de poder se estabelecem, mesmo que silenciosamente, e conectam elos que ligam o oprimido com o opressor. Pensar na História do Jornal “AMAPÁ” como meio de construção política é, tacitamente, pensar nos meios de comunicações atuais como sujeitos sociais de construção e desconstrução de figuras/líderes a partir da prolação de discursos ou pela omissão desses (RODRIGUES JÚNIOR; SEIXAS, 2021. p. 11).

Dessa forma, compreendemos que os processos atuais são produtos direto de acontecimentos vividos no passado; na interpretação da história de longa duração de Braudel (1965), é entender que não há acasos na história do Amapá. A realidade vivida hoje é resultado natural da arquitetura política/administrativa que se desenvolveu ao longo dos anos do antigo Território Federal até a instituição do Estado do Amapá.

Entender a história de longa duração como norteadora para a compreensão de acontecimentos é a maneira que utilizamos para conceber os reflexos que o evento histórico “política cultural janarista” causou na sociedade amapaense. É interpretando os acontecimentos e resignificando a forma como determinada seara fora orquestrada, neste caso, as questões artísticas, que construímos um olhar sobre o resultado que se consolida como presente.

A dialética das durações, como coloca Braudel, liga, relaciona, articula os diferentes tempos da história. Apesar de dar maior importância à longa duração, o autor afirma em vários de seus escritos a necessidade de se pensar a conjuntura e o evento. Superar a história acontecimental atribuindo uma importância maior à relação entre as diferentes velocidades com as quais o tempo histórico viaja, exprime sinteticamente a idéia de dialética das durações (CRACCO, 2009. p. 10).

A noção de tempos históricos, proposto por Braudel (1965) dentro da terceira geração da escola dos Anales<sup>48</sup>, consistiu como uma nova forma de observar as dinâmicas sociais, dividindo os tempos históricos em curto, médio e longo. Os fatos de curta duração seriam o que hoje a professora Marialva Barbosa entende por questões ultracontemporâneas, e na concepção do autor, é um tempo que pertence aos jornalistas; os tempos de média e longa duração seriam pertencentes aos historiadores e cientistas sociais, que cuidariam da sucessão de fatos que desaguam no presente contínuo, visando entender os meandros que levaram a essas construções.

De fato, as durações que distinguimos são solidárias umas das outras: não é a duração que é a tal ponto criação de nosso espírito, mas os fragmentos dessa duração. Ora, êstes fragmentos reúnem-se no termo de nosso trabalho. Longa duração, conjuntura, acontecimento encaixam-se sem dificuldade, pois todos se medem por uma mesma escala. Tanto mais que participar em espírito num dêstes tempos, é participar em todos. Para o historiador, tudo começa, tudo acaba, pelo tempo, um tempo matemático e demiurgo, do qual seria fácil escarnecer, tempo como que exterior aos homens, "exógeno", diriam os economistas, que os impele, os constringe, leva seus tempos particulares às côres diversas: sim, o tempo imperioso do mundo (BRAUDEL, 1965. p. 289).

---

<sup>48</sup> Escola dos Annales é uma corrente historiográfica fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch, na França, no início do século XX. Essa escola propôs uma nova abordagem para a história, que se afastava das tradicionais narrativas políticas e se voltava para a análise das estruturas sociais, econômicas e culturais de longo prazo. Os Annales, como ficou conhecida essa escola, propunham uma história mais abrangente, que não se limitasse a grandes eventos políticos ou militares, mas que se ocupasse também das transformações sociais e culturais que ocorriam ao longo do tempo. Para tanto, os Annales propuseram uma abordagem interdisciplinar, que incluía a história, a geografia, a antropologia, a sociologia, a economia e outras ciências humanas. A Escola dos Annales teve um grande impacto na historiografia e influenciou muitos historiadores em todo o mundo. Alguns dos principais temas de pesquisa dos Annales incluem as estruturas sociais e econômicas, a cultura popular, as mentalidades coletivas, as relações entre cidade e campo, as mudanças climáticas e os processos de longa duração que moldam a história.

Dessa feita, passamos a entender o Amapá da criação do Cineteatro Territorial como um episódio histórico cultural que hoje se caracteriza dentro de um espaço de longa duração. As formas como se deu a seleção de filmes e espetáculos, a partir de um critério subjetivo de avaliação, a maneira como o espaço era disposto para fins políticos/partidários e a maneira como o gestor se referia ao Cineteatro como órgão oficial, só nos demonstra que houve uma relação de utilização da arte para fins de favorecimento da imagem do político, o Governador Capitão Janary Nunes. Assim, ao tomarmos como conclusão dessa pesquisa o fato de que a pasta cultural, assim como as pastas comunicacionais, educacionais, comerciais, dentre outras, serviam diretamente aos interesses do governo janarista, passamos a entender que as manifestações artísticas (e os componentes mediatos ou imediatos dessa) passaram a ser uma espécie de instrumentos para os ideais políticos do então Governador.

Essa constatação não é atípica à realidade mundial da época; afinal, a arte, enquanto instrumento político, foi utilizada por governos para difundir ideologias e promover suas agendas, como por exemplo o governo soviético, que usou a arte como propaganda para promover o comunismo, com pinturas e esculturas retratando trabalhadores heróicos e a luta contra o capitalismo; o regime nazista na Alemanha também usou a arte como propaganda, com obras que celebravam a "raça ariana" e a superioridade do povo alemão; o governo estadunidense (USA) utilizou da arte para a unificação de um ideal de nacionalidade e estilo de vida americano, dentre outros chefes de Estado que usaram das intermediações artísticas para edificar seus propósitos.

Esse processo de utilização de manifestações artísticas pode ser compreendido, de maneira geral, dentro do conceito de censura, uma vez que o conteúdo dos roteiros, a liberdade de expressão e/ou as formas de comunicação de informações de dado produto artístico são condicionados à aprovação prévia de determinado grupo; o processo, então, é sim de censura em primeiro plano, e da serviência aos interesses desse grupo em segundo plano.

Os processos de censura no Brasil são tão velhos quanto as falácias do dito descobrimento (que na verdade fora uma invasão) remontando desde o período monárquico. Mas é após a instauração do Estado Novo de Vargas que se pode observar com mais veemência essa relação, seja para a consolidação e a perpetuação de dado gestor, ou seja para o silenciamento ou perseguição de qualquer que se levante como oposição contra quem detenha a situação governamental.

Carneiro (2019) infere que, entre os anos de 1945 e 1964, a censura de diversões públicas, como filmes, letras de música, programas de rádio e peças

de teatro, era baseada essencialmente no artigo 45 do Decreto n.º 20.493 de 1946 – o qual fora criado para regulamentar as atividades dos novos serviços de censura estaduais –, que apresentava uma série de justificativas legais para o veto, podendo-se destacar a divulgação ou indução aos maus costumes, a provocação do incitamento contra o regime vigente e o ferimento ao interesse nacional (BARBOSA; SOARES; SABARÁ, 2022. p. 02).

Assim, podemos compreender que a relação que Janary Nunes mantinha com as manifestações artísticas, e até mesmo com o espaço de instituí-las (Cineteatro Territorial), era dentro da esteira da censura, objetivando fortalecer sua base governamental, o que, conscientemente ou não, gerou uma edificação da figura desse como um governador benevolente e um ótimo administrador.

Compreender como esses processos de censura refletiram na sociedade amapaense da época e como isso reverbera na atualidade é quase que imensurável, uma vez que haveriam diversas texturas e camadas a serem analisadas, até mesmo pela razão de que os reflexos são condicionados a estruturas sociais, comportamentais e afins, não sendo, dessa maneira, igual para todos. O que podemos considerar é que a política cultural janarista repercutiu de forma latente na sociedade amapaense, causando contradições e inquietação, e movendo pesquisas até os dias atuais. Entender ainda que foi a partir dessas construções, que hoje o nome Janary ostenta contornos imortais na memória daquela população, é compreender que estamos diante de uma construção histórica que condicionou o Amapá, e suas expressões artísticas dentro do Cineteatro Territorial de Macapá, a uma marca atemporal.

Dessa maneira, é compreensível que, por vezes, tenhamos nos deparado com o descaso para com os espaços oficiais que o governador criou, entre eles o próprio Cineteatro Territorial, que por muito não recebeu o prestígio de um espaço histórico e cultural. Apagar traços da administração anterior, no ideal de silenciar aquela, é um jogo político de rápida identificação, explicando o motivo pelo qual o espaço por muito fora apenas um anexo, aquele que fica atrás, que não fora importante o bastante para ser reinaugurado até o momento.

Assim, finalizamos essa cena e, consecutivamente, o ato, entendendo que o tapete empoeirado do CineTeatro ainda tem muito para nos apresentar, para trazer à cena, seja naquilo que exibiu, ou seja nos silenciamentos que fez/promoveu por estar diretamente condicionado a uma política janarista. Infelizmente, o percurso histórico no que se refere a políticas culturais, a apoio, a incentivo e a reconhecimento dos espaços e das atividades artístico-culturais, enfatiza o quanto ainda há por ser estabelecido, seja em que governo for, em termos de políticas culturais como programas ininterruptos. A região amazônica e os povos amazônidas têm riquezas

imensuráveis, há muito exploradas. Agora, a urgência clama por providências e ações efetivas e permanentes!

## 6 ÚLTIMO ATO – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomo a poesia musicada de Val Milhomen e Joãozinho Gomes, Jeito Tucuju, divinamente repousada sobre o talento singular de Patrícia Bastos: “*Quem avistar o Amazonas, nesse momento, e souber transbordar de tanto amor. Este terá entendido o jeito de ser do povo daqui*”.

Foi no encontro com o Rio Amazonas, ao lado da Fortaleza de São José, debaixo da sombra de uma frondosa árvore que pude ser tocado pelo refrescante “vento norte que fez meu coração navegar”<sup>49</sup>, e me fez ainda capaz de falar um pouquinho sobre “o jeito de ser do povo daqui”. Uma vez conquistado esse lugar, fui conduzido para a década de 1940, na intenção de conhecer um pouco mais sobre o estado que me abraçou em 2015. Constituir outros olhares histórico-culturais acerca deste importante período, os primeiros cinco anos da instalação do Território Federal do Amapá, desvendar algumas lacunas, e, conseqüentemente, abrir outras, sobre o processo de formação identitária cultural da região amapaense, tendo como ponto de convergência o Cineteatro Territorial de Macapá. Uma das ferramentas que contribuíram para o processo de criação de uma política cultural janarista, se estabeleceu como gatilho disparador de uma longa investigação.

Nesta, fui transportado para a capital territorial amapaense, onde me deparei com as memórias de uma região que no poente foi Pará e na nascente se tornou Território Federal, uma região que abriga a maior fortificação portuguesa da América Latina, que fora ponto de apoio para as operações norte-americanas em meio a Segunda Guerra Mundial, a região que escolhi chamar de lar.

A caminhada, amparada pelas empoeiradas páginas do Jornal Amapá, em diálogo com os autores elencados, resultou nas linhas que antecederam este momento. Foi possível perceber que o processo de formação histórico-cultural do TFA esteve atrelado ao período histórico vivenciado, tendo como pano de fundo diversos processos de conquistas e invasões anteriores, além das ressonâncias da SGM, aproximação entre Estados Unidos e Brasil, e deste o desejo em proteger as áreas fronteiriças de possíveis ataques do movimento nazifascista, configurando-se, assim, em uma estratégia política defensiva e autoritária do governo Vargas. Neste contexto, conhecer um pouco sobre a política cultural varguista e suas emanções a partir do governo Janary no TFA, tornou-se propósito indeclinável.

---

<sup>49</sup> Referência à música Vento Norte, Boi Bumbá Caprichoso. Composição de Ariosto Braga e José Augusto Cardoso Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ZSSgRuCvgMc&ab\\_channel=BoiBumb%C3%A1Caprichoso-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=ZSSgRuCvgMc&ab_channel=BoiBumb%C3%A1Caprichoso-Topic). Acesso em: 22 maio 2023.

Pude vislumbrar o quão importante foi o Cineteatro Territorial, não somente como um braço de Departamento de Educação e Cultura, que tinha como objetivo difundir a educação no TFA; mas, para além disso, conheci um pouco mais deste espaço que propiciou o contato da Macapá territorial com artistas nacionais e internacionais, com as primeiras películas internacionais, com o teatro escolar, com o teatro do estudante, com o movimento artístico musical em ascensão nacional e, principalmente, com os artistas e as personalidades locais que, neste espaço, puderam semear sua arte amazônica.

Percebi também que, apesar das contradições em torno do governo Janary Nunes, entre apoiadores e opositores, é inegável o trabalho por ele realizado; inclusive, há de se destacar que fora sim criada uma política cultural janarista, baseada em diretrizes varguistas e que, de certa maneira, alcançou outros perímetros para além da região central. Claro que não na mesma intensidade, haja vista suas ações de popularização da arte, como a reserva da quinta-feira para o atendimento de classes menos favorecidas, por meio de ingressos mais baratos.

Sobre políticas culturais, Teixeira Coelho (2000) entende como um programa de intervenções sistemáticas realizadas pelo Estado, instituições civis, entidades privadas ou grupos comunitários para estabelecer metas e ações que tragam fomento (acesso aos meios de produção), promoção (garantia de divulgação) e difusão (distribuição do produto cultural) de ações e agentes culturais com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas.

Apesar de compreendermos, a partir de Teixeira Coelho (2000), que o programa de ações desenvolvidas pelo governo janarista tratou-se de uma política cultural, é importante ressaltar que a satisfação dessas “necessidades” não contemplava toda a população, sendo dedicado um maior número de produções a quem pudesse pagar; logo, a “sociedade amapaense” que entrava em contato com a modernidade proposta pelo governo era composta, majoritariamente, de grupos da elite local.

Cabe ressaltar ainda que o Cineteatro Territorial de Macapá, um dos instrumentos da política cultural Janarista, servia a um propósito governamental que pretendia instaurar na região uma nova roupagem, uma nova cultura inspirada em paradigmas externos e alheios à cultura local. E é nesse ponto que se desenrola mais uma questão, o processo de aculturação amapaense. Neste sentido, Teixeira Coelho (2004), esclarece como sendo:

Resultante de uma pluralidade de formas de intercâmbio entre diversos modos culturais – cultura erudita, popular, empresarial, etc. – que geram processos de adaptação, assimilação, empréstimo, sincretismo, interpretação, resistência (reação contra-cultural), ou rejeição de componentes de um sistema

identitário por um outro sistema identitário (COELHO, T., 2004, p. 36).

Foi possível pontuar também alguns deslocamentos dos pontos de força da difusão política cultural e a conseqüente revisão do perfil social, ao estabelecer nas instalações do Macapá Hotel o espaço de convergência da “mais fina flor da elite macapaense”, e ainda a partir da utilização da Praça da Matriz para a instalação do primeiro circo na capital territorial, a reterritorialização das pulsões culturais para espaços mais “públicos”.

Diante desse estudo, e também diante de todas as lacunas que ainda temos sobre os contextos histórico-culturais da região amapaense e sobre a ainda escassa produção acadêmica acerca do teatro neste contexto territorial, coaduno com Oliveira e Rodrigues (2009), quando enfatizam que em vez de continuarmos com um antigo lamento de como é pouca a literatura sobre a História da Região Amazônica e do Amapá, por que então, não as produzimos. É nesta perspectiva que admito o quanto há para pesquisar, escrever, refletir a partir da memória, da história e da cultura que nos foi concedida e, principalmente, diante daquelas que ainda não nos foi confiada.

Durante essa trajetória investigativa, percebo uma quantidade de fontes documentais e de materiais bibliográficos que merecem ser revisitados e interrogados, no intuito de extrair memórias ainda relegadas à invisibilidade. Ressalta-se, aqui, o elevado número de reproduções cinematográficas, de pronunciamentos, de comemorações cívicas e de apresentações teatrais de cunho educativo e pertinentes à divulgação e à manutenção da moral e dos bons costumes, como ponto de apoio para estudos futuros.

Este estudo não se objetivou em esgotar por completo todas as possibilidades de análise, de reflexão e de crítica sobre o contexto social, político e cultural, com ênfase no teatro realizado no Território Federal do Amapá, mas sim fazer emergir outros prismas, outros pontos de observação e de análise crítica acerca da criação de uma Política Cultural Janarista, tendo como foco o Cineteatro Territorial, compreendendo a representatividade desse espaço e as significações de modernidade propagada pelo veículo oficial de informação e propaganda do governo Janary Nunes.

Pois bem, interrompo por aqui este estudo com a certeza de que ainda há muito material a ser pesquisado neste período (1944-1949), como também a partir da década de 1950 até os dias atuais, mas isso já é outra história. Este foi o recorte para a pesquisa do meu doutorado, outros estudos virão, seja no pós-doutorado, seja em artigos acadêmicos para publicação. Espero e desejo que as memórias aqui destacadas provoquem outras pesquisas. Os arquivos são ricas fontes de consulta e demandam estudos de diversas naturezas no campo das artes, dos

estudos culturais em diálogo com outras referências, de modo a trazer à tona e problematizar fragmentos de memórias amapaenses.

## 7 REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Sheila Mendes; DE SALLES, Sandro Guimarães. **Marabaixo: identidade social e etnicidade na música negra do Amapá**, 2012. Disponível em: [https://www.academia.edu/644393/MARABAIXO\\_IDENTIDADE\\_SOCIAL\\_E\\_ETNICIDADE\\_NA\\_M%C3%9ASICA\\_NEGRA\\_DO\\_AMAP%C3%81](https://www.academia.edu/644393/MARABAIXO_IDENTIDADE_SOCIAL_E_ETNICIDADE_NA_M%C3%9ASICA_NEGRA_DO_AMAP%C3%81). Acesso em 20 maio 2023.

ALMEIDA, José Carlos. Memória e identidade nacional: as comemorações públicas, as grandes exposições e o processo de (re) construção da nação, In.: **A questão social no novo milênio**. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, Portugal, 2004. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4628541>. Acesso em: 13 abr. 2023.

ALMEIDA, Thays Fregolent de. (2018). Um Brasil em movimento: a Marcha para o Oeste. **Revista Epígrafe**, 6(6), 2018, p. 337-345. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8855.v6i6p337-345>. Acesso em 11 abr. 2023.

ALVES, Júlia Falivene. **A invasão cultural norte-americana**. São Paulo: Moderna, 1988.

ANDRADE, Almir. **Cultura política: revista mensal de estudos brasileiros**. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, março de 1941, ano 1, nº 1. Rio de Janeiro, 1941. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/cultura-politica/163538>. Acesso em: 17 abr. 2023.

ANDRADE, Rômulo de Paula. “Conquistar a terra, dominar a água, sujeitar a floresta”: Getúlio Vargas e a revista “Cultura Política” redescobrem a Amazônia (1940-1941). In.: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**. Belém, v. 5, nº 2, p. 453-468, maio-ago. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1981-81222010000200015>. Acesso em 16 abr 2023.

ARNOLD, Matthew. *Culture and Anarchy* (1969). Republicado em S. Collini (org). **Culture and Anarchy and other Writings**. Cambridge University Press, 1993, p. 53-188.

BARBALHO, Alexandre. Políticas culturais no Brasil: identidade e diversidade sem diferença. In: **Políticas Culturais no Brasil**. Org. Antônio Albino Canelas Rubim. Salvador: EDUFBA, 2007.

BARBOSA, Coaracy Sobreira. **Personagens Ilustres do Amapá**. vol. II, Departamento de Imprensa Oficial, 1998.

BARBOSA, Fabiani Aparecida; SOARES, Geovana Borges; SABARÁ, Maria Tereza Ribas. O cinema brasileiro diante do percurso político: uma perspectiva acerca dos resquícios ditatoriais em tempos de democracia. **Revista Extensão**, v. 6, n. 1, p. 7-17, 2022.

BARBOSA, Marialva. **Meios de comunicação: lugar de memória ou na história?** *Contracampo*, v. 35, n. 1, 2016.

BARKER, Chris. **Cultural Studies - Theory and Practice**. Los Angeles/London: Sage, 3rd, 2008.

BASTOS, Cecília Maria Chaves Brito. **Conflitos ambientais urbanos em áreas de ressaca:**

**um estudo da comunidade negra da Lagoa dos Índios em Macapá / AP.** 2006. 188 f., il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/1772>. Acesso em: 19 abr. 2023.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura.** Obras escolhidas. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BRASIL, Senado Federal. **Pronunciamento de Randolfe Rodrigues em 01/03/2012.** Brasília-DF. Disponível em: < <https://tinyurl.com/yclhz49f> >. Acesso em: 29 maio 2019.

BRAUDEL, F. História e Ciências Sociais: a longa duração. **Revista de História**, [S. l.], v. 30, n. 62, p. 261-294, 1965. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1965.123422. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/123422>. Acesso em: 20 maio. 2023.

CALDAS, Yurgel; SOUZA, Manoel. **O Jornal Amapá e a literatura amapaense: os anos entre 1945 e 1968.** Letras Escreve, 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/335943900\\_O\\_Jornal\\_Amapa\\_e\\_a\\_literatura\\_amapaense\\_os\\_anos\\_entre\\_1945\\_e\\_1968](https://www.researchgate.net/publication/335943900_O_Jornal_Amapa_e_a_literatura_amapaense_os_anos_entre_1945_e_1968). Acesso em 15 mar 2023.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade.** Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. 284p

CANTO, Fernando. **A água benta e o diabo.** 2. ed. Macapá: FUNDECAP, 1998.

\_\_\_\_\_. **Telas e quintais.** Macapá: Conselho de Cultura do Amapá, 1987.

CEVASCO, Maria Eliza. **As Dez Lições Sobre os Estudos Culturais.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

COELHO, Mauro Cezar. De caboclo a brasileiro: Estado e nacionalidade no território federal do Amapá. *Sæculum – Revista de História*, n. 10, 31 jul. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/issue/view/10>. Acesso em 30 maio 2020.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural.** 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2000.

CORREIA, Maria Rosa dos Santos, MIGUEL, Nadya Maria Deps. Os intelectuais no Iphan na era Vargas. V Encontro de estudos multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, Salvador – BA, 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19141.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2023.

COSTA, Antônio Maurício D. da. Piano, violões e batuques: caminhos da invenção artística e folclórica da música negra na Amazônia paraense (1923-1940). In.: **Dossiê Música Popular: tradição e experimentalismo.** História (São Paulo), v. 37, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2018035>. Acesso em: 24 abr. 2023.

CRACCO, Rodrigo Bianchini. **A longa duração e as estruturas temporais em Fernand Braudel: de sua tese O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Felipe II até o artigo História e Ciências Sociais: a longa duração (1949-1958).** 2009. 115 f. Dissertação

(mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/93349>. Acesso em: 20 maio 2023.

FERREIRA, Carolin Overhoff. **Uma breve história do teatro brasileiro moderno**. Revista Nuestra América, n. 5, p. 131-143, jan.-jul. 2008. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/2650/3/131-143.pdf>. Acesso em 13 maio 2021.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e Os Vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GONSALVES, Alfredo Távora. **Folhas soltas do meu alfarrábio: um livro para meus filhos**. Brasília: Gráfica Gravo Papers, 2010.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JÚNIOR, Marlon Galeno Rodrigues; SEIXAS, Netília Silva dos Santos. **Processos comunicacionais no amapá: o jornal do amapá como um veículo de historicidade**. Anais do 31º Simpósio Nacional de História [livro eletrônico]: história, verdade e tecnologia / organização Márcia Maria Menendes Motta. -- 1. ed. -- São Paulo: ANPUH-Brasil, 2021. Disponível em: [https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628822877\\_ARQUIVO\\_a4d7dbd78eb0d1d02223ec64572212eb.pdf](https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628822877_ARQUIVO_a4d7dbd78eb0d1d02223ec64572212eb.pdf). Acesso em: 20 maio 2023.

LAGO, Cláudia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo** / Cláudia Lago, Márcia Benneti (org.) 3. Ed. Petrópolis, RJ: VOZES, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**, trad. Bernardo Leitão, et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LION, Antônio Ricardo Calori de Lion. Cine-teatro Cuiabá e a simbolização da modernização cultural em Mato Grosso nos anos 1940. In.: **Revista Nós - Cultura, Estética e Linguagens**, v.01 nº 01, 2016. Disponível em: [https://www.academia.edu/27944709/CINE\\_TEATRO\\_CUIAB%C3%81\\_E\\_A\\_SIMBOLIZA%C3%87%C3%83O\\_DA\\_MODERNIZA%C3%87%C3%83O\\_CULTURAL\\_EM\\_MATO\\_GROSSO\\_NOS\\_ANOS\\_1940](https://www.academia.edu/27944709/CINE_TEATRO_CUIAB%C3%81_E_A_SIMBOLIZA%C3%87%C3%83O_DA_MODERNIZA%C3%87%C3%83O_CULTURAL_EM_MATO_GROSSO_NOS_ANOS_1940). Acesso em 20 maio 2023.

LOBATO, Sidney da Silva. Federalização da fronteira: a criação e o primeiro governo do Amapá (1930-1956). In.: **Revista Territórios e Fronteiras**. Cuiabá - MT, vol. 7, nº 1, jan.-jun., 2014. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosefronteiras/index.php/v03n02/article/download/210/pdf/716>. Acesso em: 19 abr. 2023.

LOVISOLO, Hugo. A memória e a formação dos homens. **Revista Estudos Históricas**, v. 2, n.3, p. 16-28, 1989. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2274>. Acesso em 13 abr. 2023.

LUCA, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 111-153

LUNA, Verônica Xavier. **Um cais que abriga histórias de vida: sociabilidades conflituosas na gentrificação da cidade de Macapá (1943-1970)**. Macapá: UNIFAP, 2017.

LIMA, Fábio Luiz da Silva de; PEREIRA, Leandro da Cruz. **Territórios, sujeitos e força policial: pontos sobre a história da Polícia Militar do Amapá (1973 - 1977)**. Belém: IESP, 2014.

MALDONADO-TORRES, Nelson, Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In.: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson e GROSFOGUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**, 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica. 2019.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MARTINS, Bene. **Imagens-Conceituais da Amazônia: olhares interculturais**. Belém-PA: Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2020.

MOREIRA, Eidorfe. **Obras reunidas de Eidorfe Moreira**. Belém: CEJUP, 1989. v. 1.

MONT'ALVERNE, Aracy. **Luzes da madrugada, poemas**. Secretaria de Educação e Cultura do Território do Amapá. Departamento de ação complementar de Macapá, 1986.

NUNES, Janary Gentil. **O Território Federal do Amapá depois de um ano de administração, possibilidades – riquezas – esclarecimentos úteis**. Divulgação do Serviço de Informações. Macapá, junho de 1945.

NUNES, Janary Gentil. **Relatório das atividades do Governo do Território Federal do Amapá, em 1944**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

NUNES FILHO, Edinaldo Pinheiro. **A base aeronaval norte-americana do Amapá-Brasil pós-Segunda Guerra Mundial**. Revista Portuguesa de História, 2014, p. 299-323. Disponível em: [https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/35377/1/RPH45\\_artigo15.pdf](https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/35377/1/RPH45_artigo15.pdf). Acesso em 24 de nov. 2018.

OLIVEIRA, Augusto; RODRIGUES, Randolfe (org). **Amazônia, Amapá: escritos de História**. Belém: Paka-Tatu, 2009.

PALHANO, Romualdo Rodrigues. **História do teatro do amapá: do século XVIII à década de 1940**. Macapá: UNIFAP/CROMOSET, 2021.

\_\_\_\_\_. **Teatro no Amapá, artistas e seu tempo**. João Pessoa: Sal da Terra, 2013.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. Trad. J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. - São Paulo: Perspectiva, 2015.

PAZ, Adalberto. **A voz do extremo Norte: crise, trabalho e desenvolvimento nas páginas do jornal Pinsonia (1895-1897)**. In: **Anais da ANPUH – XXVIII Simpósio Nacional de História**. Florianópolis-SC, 2015, p. 01-12. Disponível em:

[https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945030\\_be32a76fd548a84f1e8a57fd32fe9e0a.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945030_be32a76fd548a84f1e8a57fd32fe9e0a.pdf). Acesso em 15 maio 2021.

PAZ, Adalberto. **Os mineiros da floresta: modernização, sociabilidade e a formação do Início da mineração caboclo-operário no início industrial amazônica**. - Belém: Paka-Tatu, 2014.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>. Acesso em: 13 abr. 2023.

PORTILHO, Ivone dos Santos. Áreas de Ressaca e Dinâmica Urbana em Macapá/AP. In: **VI Seminário Latino-Americano de Geografia Física e II Seminário Ibero-Americano de Geografia Física**. Universidade de Coimbra, 2010. Disponível em: <https://www.uc.pt/fluc/cegot/VISLAGF/actas/ind4>. Acesso em: 21 mar. 2023.

REIS, Arthur César Ferreira. **Território do Amapá: perfil histórico**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1949.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. Políticas culturais no Brasil: tristes tradições, enormes desafios. In: **Políticas Culturais no Brasil**. Org. Antônio Albino Canelas Rubim. Salvador: EDUFBA, 2007.

SANTOS, Fernando Rodrigues. **História do Amapá: da autonomia territorial ao fim do janarismo – 1943 a 1970**. Macapá: Editora Gráfica O Dia, 1998.

SARNEY, José; COSTA, Pedro. **Amapá: a terra onde o Brasil começa**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 1999. (Coleção Brasil 500 anos) p.45-70. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1029>. Acesso em 18 mar 2021.

SCHMITT, Rogério. **Partidos políticos no Brasil, 1945-2000**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e preto: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SILVA, Maura Leal da. **A cidade imaginada: histórias e vivências em Macapá nos primeiros anos do território federal do Amapá**. Estudos Históricos (Rio de Janeiro), v. 35, p. 289-308, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/scXnT4fbPFy96Bq7Mdybkkc/abstract/?lang=pt#>. Acesso em 13 abr. 2023.

\_\_\_\_\_. **“O território imaginado”: Amapá, de Território à autonomia política (1943-1988)**. 2017. 379 f., Tese (Doutorado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/23698>. Acesso em 16 abr. 2023.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2 - A pesquisa científica. In: Tatiana Engel Gerhardt; Denise Tolfo Silveira. (Org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, v. p. 31-42.

SIMIS, Anita. Cinema e cineastas em tempo de Getúlio Vargas. In.: **Revista de Sociologia e Política**, nº 9, 1997, p. 75-80. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/39299>. Acesso em: 11 abr. 2023.

SOUZA, Manoel Azevedo de. **Imagens, memórias e discursos: a construção das identidades amapaenses no Jornal Amapá – 1945 a 1968**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Humanidades. Universidade Federal do Ceará. 2016.

STEINBRENNER, Roseane Maria Albino, CASTRO, Edna. Desenvolvimento e pensamento pós-colonial/decolonial: revendo conceitos e práxis. **Anais**. Intercom – 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Joinville, SC. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-2133-1.pdf>. Acesso em 13 abr. 2023.

VARGAS, Getúlio. **Biblioteca da Presidência da República: A criação dos territórios nacionais**. Biblioteca da Presidência da República, 1944. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/getulio-vargas/discursos/1944/03.pdf/view>. Acesso em: 09 mar. 2023.

\_\_\_\_\_. Discurso do Rio Amazonas. In.: **Revista brasileira de geografia**, v. 4, n. 2, (1942). Disponível em: <https://www.rbg.ibge.gov.br/index.php/rbg/article/view/3512>. Acesso em: 17 abr. 2023.

\_\_\_\_\_. **O cinema nacional de aproximação dos habitantes do país**. Biblioteca da Presidência da República, 1934. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/getulio-vargas/discursos/1934/04.pdf/view>. Acesso em 12 abr. 2023.

## Periódicos

Jornal Amapá/AP (em ordem de edição)

S/a. Sem título. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 01, 19 mar. 1945, pg. 01.

S/a. Culto cívico as grandes figuras nacionais. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 05, 19 abr. 1945, p. 02.

S/a. Tiradentes e significação de sua morte. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 05, 19 abr. 1945, s/p.

S/a. A entrada dos aliados em Berlim. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 06, 28 abr. 1945, s/p.

S/a. Os operários de Macapá e o 1º de maio. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 06, 28 abr. 1945, s/p.

S/a. Ray Francis esteve nesta capital. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 07, 05 maio 1945, p. 01.

S/a. Sem título. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 07, 05 maio 1945, p. 02.

S/a. Os Territórios Federais: a finalidade de sua criação. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 07, 05 maio 1945, s/p.

S/a. Sem título. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 1, nº 11, 02 jun. 19445, s/p.

S/a. Súmula de atos e fatos. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 14, 30 jun. 1945, s/p.

S/a. Um grande artista. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 16, 07 jul. 1945, p. 01

S/a. Uma esplêndida noite de recreio de civismo. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 16, 07 jul. 1945, p. 01.

S/a. A convenção do Partido Social Democrático. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 17, 14 jul. 1945, s/p.

S/a. Instalado o Partido Social Democrático. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 18, 21 jul. 1945, p. 01.

S/a. Sem título. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 20, 04 ago. 1945, p. 02.

S/a. Esportes, as atividades do esporte clube Macapá, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 20, 04 ago. 1945, p. 03.

S/a. Notas artísticas, o recital de Mário Rocha. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 23, 25 ago. 1945, s/p.

S/a. A posse da nova comissão territorial da L.B.A. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 24, 01 set. 1945, p.01.

S/a. Notas de Arte, o recital de violino de Mário Rocha será dia 6 do corrente. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 24, 01 set. 1945, p. 04.

S/a. Como decorreu a sessão no instituto histórico no dia do soldado. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 24, 01 set. 1945, p. 04.

S/a. Notas de arte. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 24, 01 set. 1945, p. 04.

S/a. Reverenciando a memória dos heróis da independência, os brasileiros reafirmam sua fé e esperança nos destinos do Brasil. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 25, 07 set. 1945, p. 01.

S/a. Acha-se em Macapá um herói da FEB. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 25, 07 set. 1945, p. 02.

S/a. Novo programa de rádio em prol de educação sanitária, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 25, 07 set. 1945, p. 04.

S/a. Os escoteiros paraenses em Macapá. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 26, 15 set. 1945, p. 03.

S/a. Visita a Mazagão. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 26, 15 set. 1945, p. 03.

S/a. A semana da criança. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 30, 13 out. 1945, p. 01-06.

S/a. Sem título. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 33, 03 nov. 1945, p. 02.

S/a. Encontra-se nesta capital a companhia teatral cantuária. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 34, 10 nov. 1945, s/p.

S/a. Lições de música e violino. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 35, 17 nov. 1945, s/p.

R. F. M. Impressões sôbre uma companhia teatral. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 36, 24 nov. 1945, p. 03.

S/a. Sem título. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 36, 24 nov. 1945, s/p.

S/a. O dia da assinatura do laudo Suíço. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 37, 01 dez. 1945, p. 01-06.

S/a. Companhia teatral guajarina. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 43, 12 jan. 1946, s/p.

RIBAS, Mário. Estréia da companhia guajarina. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 44, 19 jan. 1946. Arte e Teatro, p. 02.

RIBAS, Mário. A vitória de Dempsey. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 45, 26 jan. 1946, p. 03.

RIBAS, Mário. Arte e teatro. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 46, 02 fev. 1946, s/p.

S/a. O programa teatral. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 46, 02 fev. 1946, s/p.

S/a. No palco na tela. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, nº 51, 09 mar. 1946, p. 02.

NUNES, Janary. O caminho da redenção. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 2, nº 52, 16 mar. 1946, p. 01.

S/a. Comentário da semana. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, nº 55, 06 abr. 1946, p. 02.

S/a. Sem título. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, nº 58, 27 abr. 1946, s/p.

S/a. Sem título. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, nº 60, 11 maio 1946, s/p.

S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, nº 67, 29 jun. 1946, s/p.

S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, nº 68, 06 jul. 1946, p.03.

S/a. Comentário da semana. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, nº 70, 20 jul. 1946, p. 02.

S/a. O centenário da princesa Izabel. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, nº 71, 27 jul. 1946, s/p.

S/a. Os festejos comemorativos do centenário de nascimento da Princesa Izabel. **Jornal**

**Amapá**, Macapá, ano 02, n° 72, 03 ago. 1946, s/p.

S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, n° 72, 03 ago. 1946, p. 03.

S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, n° 73, 10 ago. 1946, p. 03.

S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica), **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, n° 74, 17 ago. 1946, p. 03.

S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, n° 75, 24 ago. 1946, p. 03.

S/a. Sem título. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, n° 76, 31 ago. 1946, s/p.

S/a. Sem título. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, n° 77, 07 set. 1946, s/p.

S/a. Sem título. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, n° 78, 13 set. 1946, s/p.

S/a. A sessão cívica do dia 13 de setembro. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, n° 79, 21 set. 1946, s/p.

S/a. Comentário da semana. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, n° 80, 28 set. 1946, p. 03.

S/a. Imigrantes para a lavoura. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, n° 80, 28 set. 1946, p. 02.

S/a. Memorável assembleia popular, levantada a candidatura do dr. Coaracy Nunes à deputação federal do Amapá. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, n° 80, 28 set. 1946, p. 01.

S/a. Sem título. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, n° 82, 12 out. 1946, s/p.

S/a. Sem título. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, n° 84, 26 out. 1946, s/p.

S/a. Como foi celebrado, nesta capital, o dia da bandeira. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, n° 88, 23 nov. 1946, s/p.

S/a. Sem título. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, n° 89, 30 nov. 1946, s/p.

S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, n° 91, 14 dez. 1946, p. 03.

S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, n° 92, 21 dez. 1946, s/p.

S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, n° 94, 04 jan. 1947, s/p

S/a. Reveillon no macapá hotel. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, n° 94, 04 jan. 1947, s/p.

- S/a. O “marabaixo” no Laguinho. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, nº 94, 04 jan. 1947, s/p.
- S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, nº 95, 11 jan. 1947, p. 03.
- S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, nº 97, 25 jan. 1947, p. 03.
- S/a. Sem título. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, nº 97, 25 jan. 1947, s/p.
- S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, nº 98, 01 fev. 1947, p. 03.
- S/a. Sem título. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, nº 99, 08 fev. 1947, p. 01.
- S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, nº 99, 08 fev. 1947, p. 03.
- S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, nº 100, 15 fev. 1947, p. 03.
- S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, nº 101, 22 fev. 1947, p. 03.
- S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, nº 102, 01 mar. 1947, p. 03.
- S/a. Distribuição de livros de histórias às crianças macapaenses. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, nº 103, 08 mar. 1947, p. 01.
- S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, nº 103, 08 mar. 1947, p. 03.
- S/a. Em Macapá a cia. de revistas paraense, Mario Rocha é o diretor do novel conjunto artístico. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, nº 104, 15 mar. 1947, p. 04.
- S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 105, 22 mar. 1947, p. 04.
- R. Impressões de um conjunto artístico. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 106, 29 mar. 1947, p. 02
- S/a. Sem título. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 107, 05 abr. 1947, p. 04.
- S/a. Adelermo Matos chegará hoje. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 108, 12 abr. 1947, p. 01.
- NUNES, Janary Gentil. Educação. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 109, 19 abr. 1947, p. 01
- S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 109, 19 abr. 1947, p. 03.

S/a. O dia de Tiradentes e os escolares macapaenses. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 110, 26 abr. 1947, p. 02.

S/a. O dia do trabalho. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 110, 26 abr. 1947, p. 04.  
A.M. Os recitais de Adelermo Matos. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 110, 26 abr. 1947, p. 04.

S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 110, 26 abr. 1947, p. 04.

S/a. Os festejos em homenagem à memória de Veiga Cabral. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 112, 10 maio 1947, p. 04.

S/a. Homenagem em honra de Cabralzinho. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 113, 17 maio 1947, p. 04.

S/a. Conduta no cinema. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 114, 24 maio 1947, p. 04

S/a. O professor Chaman e mme. Betty visitarão esta capital. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 114, 24 maio 1947, p. 04

S/a. Teatro gratuito para o operariado. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 116, 07 jun. 1947, p. 01

S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 117, 14 jun. 1947, p. 04.

S/a. Sem título, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 3, nº 118, 21 jun. 1947, s/p.

S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica), **Jornal Amapá**, Macapá, ano 3, nº 118, 21 jun. 1947, p. 04.

S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica), **Jornal Amapá**, Macapá, ano 3, nº 120, 28 jun. 1947, p. 03.

S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica), **Jornal Amapá**, Macapá, ano 3, nº 121, 05 jul. 1947, p. 03.

S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica), **Jornal Amapá**, Macapá, ano 3, nº 122, 12 jul. 1947, p. 03.

S/a. Semana do professor. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 125, 02 ago. 1947, p. 03

S/a. A primeira exposição de animais do Território do Amapá. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 132, 20 set. 1947, p. 01.

S/a. Comemorado em Macapá, o dia da árvore. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 133, 27 set. 1947, p. 01.

S/a. Em Macapá o circo teatro nacional. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 134, 04 out. 1947,

p. 05.

S/a. Ocorrências policiais. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 135, 11 out. 1947, p. 03.

S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica), **Jornal Amapá**, Macapá, ano 3, nº 139, 08 nov. 1947, p. 03.

S/a. Em visita a Macapá uma jovem ocultista paraense Terezinha Marvão está se exibindo no Arraial da Festa de Nazaré, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 3, nº 140, 15 nov. 1947, s/p.

S/a. Os espetáculos de Terezinha no cine-teatro macapá e no arraial da Festa de Nazaré, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 3, nº 141, 22 nov. 1947, s/p.

S/a. O Aniversário do laudo suíço, programa, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 142, 29 nov. 1947, p. 01.

S/a. Um dia de intensa vibração cívica, teatro educativo, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 143, 06 dez. 1947, p. 06.

S/a. Terezinha volverá a Belém, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 143, 06 dez. 1947, p. 06.

S/a. Quadra natalina, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 144, 13 dez. 1947, p. 02.

S/a. O Natal de Jesus, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 145, 20 dez. 1947, p. 06.

S/a. Dará duas audições em Macapá, Maria Helena Coelho, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 147, 03 jan. 1948, s/p.

S/a. Programa dos festejos do 4º aniversário da instalação do governo do Território Federal do Amapá sob a administração do Capitão Janary Gentil Nunes, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 150, 24 jan. 1948, p. 01.

S/a. Helena Coelho chega hoje, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 151, 31 jan. 1948, p. 01.

S/a. Arte, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 03, nº 152, 07 fev. 1948, p. 04.

S/a. A companhia de comédias Barreto Júnior fará uma temporada em Macapá, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 160, 03 abr. 1948, p. 05.

S/a. Companhia nacional de comédias Barreto Júnior, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 161, 10 abr. 1948, p. 04.

RIBAMAR. Impressões de um espectador, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 162, 17 abr. 1948, p. 02.

S/a. Chegará hoje a Macapá o sr. Prefeito do Departamento da Guiana Francêsa e Território do Inini, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 163, 24 abr. 1948, p. 01.

S/a. Manifestações de amizade ao povo da Guiana Francesa, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 164, 01 maio 1948, p. 04.

S/a. Homenagem a Cabralzinho, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 166, 15 maio 1948, p. 06.

S/a. O promissor início do teatro do estudante do Amapá, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 170, 12 jun. 1948, s/p.

S/a. Como vi o teatro estudante de Macapá, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 171, 19 jun. 1948, s/p.

S/a. Um índio conferencista encontra-se entre nós, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 181, 28 ago. 1948, p.6.

S/a. Miss Macapá, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 182, 04 set. 1948, p. 04

S/a. Programa dos festejos da semana da pátria, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 182, 04 set. 1948, p. 04

S/a. Programa do Certame e Festejos Comemorativos da Semana do Território, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 183, 13 set. 1948, p. 04

S/a. O baile de gala no Macapá-Hotel, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 183, 13 set. 1948, p. 10.

S/a. Sociedade de cultura artística de Macapá, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 183, 13 set. 1948, p. 10.

S/a. Pianista Guilhermina Cerveira, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 183, 13 set. 1948, p. 10.

S/a. Notas fúnebres, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 183, 13 set. 1948, p. 10.

S/a. Visita o Amapá a escola de comando e estado maior da aeronáutica, cine-teatro territorial. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 185, 25 set. 1948, p. 06.

S/a. Semana da criança, o programa. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 188, 16 out. 1948, p. 06.

S/a. Famosas cantoras chilenas chegam no domingo a Macapá. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 190, 30 out. 1948, p. 06.

S/a. Em palestra com a reportagem de Amapá o trio chileno e o locutor José Renato. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 191, 06 nov. 1948, p. 06.

S/a. Teatro. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 192, 13 nov. 1948, p. 02.

S/a. Os Festejos do dia da bandeira. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 193, 20 nov. 1948, p. 06.

S/a. Aniversário do laudo suíço. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 194, 27 nov. 1948, p. 01.

S/a. A vista do Almirante Braz Vellozo a Macapá, Visitas - <o show> no Cine-Teatro

Territorial, **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 195, 04 dez. 1948, p. 01.

S/a. O dia panamericano da saúde. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 195, 04 dez. 1948, p. 06.

S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 197, 18 dez. 1948, p. 06.

S/a. Natal de Jesus. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 198, 25 dez. 1948, p. 01.

S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 198, 25 dez. 1948, p. 06.

S/a. Em Macapá o cônsul de Portugal na Amazônia, objetivos da visita – as impressões colhidas. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 205, 12 fev. 1949, p. 06.

S/a. Concurso de músicas carnavalescas. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 206, 19 fev. 1949, p. 06.

S/a. Concurso de músicas carnavalescas, 4 Prêmios para um só autor – Outras notas. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 04, nº 208, 05 mar. 1949, p. 02.

S/a. O Júri histórico no cine-teatro territorial. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 216, 30 abr. 1949, p. 05.

S/a. As Vibrantes manifestações do dia do trabalhador, no cine-teatro territorial. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 217, 07 maio 1949, p. 01.

S/a. Esteve em Macapá Luiz Gonzaga. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 217, 07 maio 1949, p. 06.

S/a. O Feito heroico de Cabralzinho. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 218, 14 maio 1949, p. 01-06.

S/a. Brilhantemente comemorado o aniversário do primeiro governador do território. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 221, 04 jun. 1949, p. 06.

S/a. Importante conferência do arqueólogo Clifford Evans no cine-teatro territorial. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 224, 25 jun. 1949, p. 06.

S/a. Maria da Luz “O coração de Portugal” visita o Amapá. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 225, 02 jul. 1949, p. 06.

S/a. Maria da Luz em Macapá, o que foi a temporada da festejada cantora lusitana. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 226, 09 jul. 1949, p. 06.

S/a. As exibições de Carmem Costa em Macapá. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 227, 16 jul. 1949, p. 06.

S/a. Chegou o “ballet juvenil”. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 227, 16 jul. 1949, p. 06.

S/a. Uma troupe de estudantes em Macapá, alcança êxito o “ballet da juventude paraense”. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 228, 23 jul. 1949, p. 06.

S/a. A música popular amapaense. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 230, 06 ago. 1949, p. 02.

S/a. As comemorações 11 de agosto, sessão magna. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 231, 13 ago. 1949, p. 01.

S/a. Aplaudido conjunto artístico chega hoje a Macapá. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 231, 13 ago. 1949, p. 06.

S/a. Aplaudidos artistas brasileiros visitam Macapá. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 232, 20 ago. 1949, p. 02.

S/a. Fundada em Macapá uma sociedade cultural. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 232, 20 ago. 1949, p. 02.

S/a. Comemorado condignamente o “dia do soldado”. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 233, 27 ago. 1949, p. 01.

S/a. Hoje, à noite, a primeira récita de Rogaciano Leite. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 233, 27 ago. 1949, p. 06.

S/a. 3ª Exposição de animais e produtos derivados do Território Federal do Amapá, programa do certame e festejos comemorativos da semana do território. **Jornal Amapá**, 1ª seção, Macapá, ano 05, nº 235, 13 set. 1949, p. 04.

S/a. Panorama educacional do território, cinema. **Jornal Amapá**, 2ª seção, Macapá, ano 05, nº 235, 13 set. 1949, p. 02.

S/a. O sexto aniversário do território, as comemorações realizadas – presente uma caravana de deputados. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 236, 17 set. 1949, p. 04.

S/a. O dia da árvore. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 237, 24 set. 1949, p. 06.

S/a. Semana da criança. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 239, 08 out. 1949, p. 01.

S/a. Encerrada brilhantemente a “semana da criança” em Macapá. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 241, 22 out. 1949, p. 06.

S/a. Grandes festejos assinalaram, em todo o país, o centenário de Ruy Barboza. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 244, 12 nov. 1949, p. 06.

S/a. Washington Costa dará recitais em Macapá, chega hoje o festejado pianista. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 245, 19 nov. 1949, p. 06.

S/a. Festejados artistas pernambucanos se exibem em Macapá. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 245, 19 nov. 1949, p. 06.

S/a. O 49º aniversário do laudo suíço. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 246, 26 nov. 1949, p. 01.

S/a. A plateia macapaense aplaudiu Washington Costa, retorna amanhã o festejado pianista – suas declarações a AMAPÁ. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 246, 26 nov. 1949, p. 06.

S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 246, 26 nov. 1949, p. 06.

S/a. Como transcorreram em Macapá as cerimônias alusivas à data da assinatura do laudo suíço, representação teatral. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 246, 03 dez. 1949, p. 01.

S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 247, 03 dez. 1949, p. 06.

S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 248, 10 dez. 1949, p. 06.

S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 249, 17 dez. 1949, p. 06.

S/a. O natal de Jesus, programa. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 250, 24 dez. 1949, p. 01.

S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 250, 24 dez. 1949, p. 06.

S/a. Cine-teatro territorial (divulgação cinematográfica). **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 251, 31 dez. 1949, p. 06.

S/a. Lucy e suas amiguinhas no cine teatro territorial. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 05, nº 251, 31 dez. 1949, p. 06.

## Sites

ALEIXO, Rafael. Cantora da Amazônia, Patrícia Bastos leva ritmo amapaense para o Palco Nave do Rock in Rio 2022. In.: **G1 AMAPÁ**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2022/09/10/cantora-da-amazonia-patricia-bastos-leva-ritmo-amapaense-para-o-palco-nave-do-rock-in-rio-2022.ghtml>. Acesso em 16 abr 2023.

BORDALO JÚNIOR, Cícero. Professora Creusa Sousa Bordalo. Macapá, 06 de ago. 2021. Instagram: @cicero\_bordalo\_advogado. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CSPJeeML7ZS/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CSPJeeML7ZS/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em 02 abr 2023.

CANTO, Fernando. Dirigíveis sobre o Curiaú. In.: **Blog De Rocha**, Elton Tavares, 2020. Disponível em <https://www.blogderocha.com.br/category/historia/page/28/>. Acesso em 15 maio 2021.

\_\_\_\_\_. O bairro do Laginho – Crônica porreta de Fernando Canto republicada por conta dos 77 anos do bairro. In.: **Blog De Rocha**, 2021. Disponível em:

[https://www.blogderocha.com.br/o-bairro-do-laguinho-cronica-porreta-de-fernando-canto-republicada-por-conta-dos-77-anos-do-bairro-fernando\\_\\_canto/](https://www.blogderocha.com.br/o-bairro-do-laguinho-cronica-porreta-de-fernando-canto-republicada-por-conta-dos-77-anos-do-bairro-fernando__canto/). Acesso em 22 mar. 2023.

CINÉDIA. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao637286/cinedia>. Acesso em: 19 maio 2023. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

ELOI, Arthur. Nada de Novo no Front é intenso, apesar de pouco original | crítica. In.: **Jovem nerd**, on-line, 2023. Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/nerdbunker/nada-de-novo-no-front-critica/>. Acesso em: 16 abr 2023.

HANCOCK, Jaime Rubio. Os meninos não se vestiram sempre de azul, nem as meninas de rosa. In. **El País**, Estilo, 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/04/estilo/1546614596\\_209570.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/04/estilo/1546614596_209570.html). Acesso em: 14 abr 2023.

INTRIELI, Laura; OLIVEIRA, Ingrid. Redes sociais foram essenciais para atos golpistas; entenda como Articuladores de invasão utilizaram redes sociais para organizar ataques e compartilhar mídias. In.: **Terra**, on-line, 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/byte/redes-sociais-foram-essenciais-para-atos-golpistas-entenda-como,66b70d25d77da8555e2e77679ad484da2bjbfviq.html>. Acesso em: 21 abr 2023.

IZEL, Adriana. Há 70 anos, a televisão foi inaugurada no Brasil; relembre a história. In.: **Correio Brasiliense**, on-line, 2020. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/diversao-e-arte/2020/09/4876275-ha-70-anos-a-televisao-foi-inaugurada-no-brasil-relembre-a-historia.html>. Acesso em: 19 maio 2023.

RIVIERA, Carolina. Para se afastar de Trump, Disney tira o nome “Fox” do estúdio 20th Century. In.: **Exame**, 2020. Disponível em: <https://exame.com/negocios/para-se-afastar-de-trump-disney-tira-o-nome-fox-do-estudio-20th-century/>. Acesso em: 28 jun. 2020.S

S/a. Cantando o Amapá, Grupo Pilão comemora 45 anos com Live. In.: **Diário do Amapá**, on-line. Disponível em: <https://www.diariodoamapa.com.br/cadernos/nota-10/cantando-o-amapa-grupo-pilao-comemora-45-anos-com-live/>. Acesso em 09 mar 2023.

S/a. Cultura: Trajetória da Companhia Cinematográfica Vera Cruz em cartaz na Casa das Rosas. In.: Governo de São Paulo, on-line, 2002. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/eventos/cultura-trajetoria-da-companhia-cinematografica-vera-cruz-em-cartaz-na-casa-das-rosas/>

S/a. Curso de Especialização em Estudos Teatrais Contemporâneos. In.: **Curso de Teatro UNIFAP**, on-line. Disponível em: <https://www2.unifap.br/teatro/curso-de-especializacao-em-estudos-teatrais-contemporaneos/>. Acesso em: 18 maio 2023.

S/a. Franceses e brasileiros abrem oficialmente a Ponte Binacional do Rio Oiapoque. In.: **Estado do Amapá**, on-line. Disponível em: [https://www.amapa.gov.br/ler\\_noticia.php?slug=1803/franceses-e-brasileiros-abrem-oficialmente-a-ponte-binacional-do-rio-oiapoque](https://www.amapa.gov.br/ler_noticia.php?slug=1803/franceses-e-brasileiros-abrem-oficialmente-a-ponte-binacional-do-rio-oiapoque). Acesso em 06 mar 2023.

S/a. História, assim era a atlântida. In.: **Atlântida Cinematográfica**, on-line. Disponível em: <http://www.atlantidacinematografica.com.br/historia/>. Acesso em 19 maio 2023. Acesso em: 19 maio 2023.

S/a. Kay Francis (1905-1968). In.: **IMDb**. Disponível em: [https://www.imdb.com/name/nm0290215/?ref\\_=nm\\_rvi\\_nm\\_i\\_1](https://www.imdb.com/name/nm0290215/?ref_=nm_rvi_nm_i_1). Acesso em 15 mar 2023.

S/a. Ministérios assinam termo para projetar ponte inacabada sobre o Rio Jari, que ligará AP ao PA. In.: **G1 AMAPÁ**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2020/10/02/ministerios-assinam-termo-para-projetar-ponte-inacabada-sobre-o-rio-jari-que-ligara-ap-ao-pa.ghtml>. Acesso em 06 mar 2023.

S/a. Partido Social Democrático - PSD (1945-1965). In.: **Tribunal Regional Eleitoral – DF**, on-line. Disponível em: <https://acervodigital.tre-df.jus.br/index.php/partido-social-democratico-psd>. Acesso em 10 maio 2023.

S/a. Projeto quer transformar museu a céu aberto em parque sobre a 2ª Guerra Mundial, no Amapá. In.: **G1, AMAPÁ, AMAZÔNIA**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2023/02/12/projeto-quer-transformar-museu-a-ceu-aberto-em-parque-sobre-a-2a-guerra-mundial-no-amapa.ghtml>. Acesso em 15 mar 2023.

S/a. Randolfe recebe ministro das relações exteriores e trata sobre Oiapoque/Guiana Francesa. In.: **Diário do Amapá**, on-line. Disponível em: <https://www.diariodoamapa.com.br/cadernos/politica/randolfe-recebe-ministro-das-relacoes-exteriores-e-trata-sobre-oiapoque-guiana-francesa/>. Acesso em 06 mar 2023.

S/a. The Walt Disney Company. In.: **Canaltech**. Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/walt-disney/>. Acesso em 21 mar 2023.

S/a. Memorial Vicente Juarimbu Salles. Disponível em: <https://vicentesalles.wordpress.com/noticias-biograficas/>. Acesso em: 24 abr 2023.

MONTORIL, Nilson. As produções culturais de Doninha Banhos. In.: **Blog Arambaé**, 2013. Disponível em: <http://montorilaraujo.blogspot.com/2013/06/as-producoes-culturais-de-doninha-banhos.html>. Acesso em 15 maio 2023.

PACHECO, John; CASTRO, Wedson. Apagão no Amapá completa 1 ano e expõe fragilidades no acesso a energia elétrica no estado. In.: **G1 AMAPÁ**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2021/11/03/apagao-no-amapa-completa-1-ano-e-expos-fragilidades-no-acesso-a-energia-eletrica-no-estado.ghtml>. Acesso em: 10 maio 2023.

## Imagens

ATAÍDE, João. A igreja de São José de Macapá. In.: **Blog O Viajante**. Foto/Reprodução do Acervo da Biblioteca da Prefeitura Municipal de Macapá. Disponível em: <https://portaloviajante.com.br/a-igreja-de-sao-jose-de-macapa>. Acesso em: 11 maio 2023.

BARROS, Paulo Tarso. Centenário de Aracy Mont'Alverne. In.: **Blog Literatura no Amapá**. Reprodução. Disponível em: <http://escritoresap.blogspot.com/2011/02/macapa-cinderela-o-belo-poema-ufanista.html>. Acesso em 03 abr 2023.

LÁZARO, João. Aracy Mont'Alverne e seu filho Sebastião Mont'Alverne. In.: **Blog Porta-Retrato**. Foto/Reprodução. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2014/09/lembrancas-da-professora-aracy.html>. Acesso em 03 abr. 2023.

\_\_\_\_\_. Artistas do rádio teatro da difusora de Macapá, 1956. In.: **Blog Porta-Retrato**. Foto/Reprodução. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2018/05/foto-memoria-da-educacao-do-amapa-prof.html>. Acesso em 02 abr 2023.

\_\_\_\_\_. Cine Teatro Territorial. In.: **Blog Porta-Retrato**. Foto/Reprodução. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2010/04/cine-teatro-territorial.html>. Acesso em 10 maio 2021.

\_\_\_\_\_. Colégio Amapaense. In.: **Blog Porta-Retrato**. Foto/Reprodução. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2010/04/colégio-amapaense.html>. Acesso em 24 abr 2023.

\_\_\_\_\_. Creusa Bordalo ao lado do elenco da rádio difusora de Macapá, 1958. In.: **Blog Porta-Retrato**. Foto/Reprodução. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2018/05/foto-memoria-da-educacao-do-amapa-prof.html>. Acesso em 02 abr 2023.

\_\_\_\_\_. Fotos do estado atual das máquinas do antigo Cine Teatro Territorial. In.: **Blog Porta-Retrato**. Foto/Reprodução. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2010/04/fotos-do-estado-atual-das-maquinas-do.html>. Acesso em 14 maio 2021.

\_\_\_\_\_. Grupo musical Os Cometas. In.: **Blog Porta-Retrato**. Foto/Reprodução. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/search/label/Sebasti%C3%A3o%20Mont%27Alverne>. Acesso em 12 maio 2023.

\_\_\_\_\_. João Freire da Silva. In.: **Blog Porta-Retrato**. Foto/Reprodução. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/search/label/Cinema> Acesso em 18 maio 2023.

\_\_\_\_\_. Professora Aracy Mont'Alverne. In.: **Blog Porta-Retrato**. Foto/Reprodução. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/search/label/Prof%C2%AA%20Aracy%20Mont%27Alverne>. Acesso em 17 maio 2023.

\_\_\_\_\_. Professora Aracy Mont'Alverne na década de 1970. In.: **Blog Porta-Retrato**. Foto/Reprodução. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2011/02/professora-aracy-montalverne-98-anos-de.html>. Acesso em: 17 maio 2023

\_\_\_\_\_. Sala de projeção do Cineteatro Territorial de Macapá. In.: **Blog Porta-Retrato**. Foto/Reprodução. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2010/04/fotos-do-estado-atual-das-maquinas-do.html>. Acesso em: 10 maio 2021.

\_\_\_\_\_. Solenidade oficial no Palco Auditório do Cineteatro Territorial (1954). In.: **Blog Porta-Retrato**. Foto/Reprodução. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2010/04/cine-teatro-territorial.html>. Acesso 10 maio 2021.

\_\_\_\_\_. Vista frontal da Panair Clube. In.: **Blog Porta-Retrato**. Foto/Reprodução. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2022/07/memoria-do-esporte-amapaense-mudanca-de.html>. Acesso em: 12 maio 2023.

\_\_\_\_\_. Vista frontal interna do Cineteatro Territorial In.: **Blog Porta-Retrato**. Foto/Reprodução. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2010/04/fotos-do-estado-atual-das-maquinas-do.html>. Acesso em 14 maio 2021.

\_\_\_\_\_. Vista posterior interna do Cineteatro Territorial. In.: **Blog Porta-Retrato**. Foto/Reprodução. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2010/04/fotos-do-estado-atual-das-maquinas-do.html> Acesso em 14 maio 2021.

S/a. Apresentação de dançarinas na Base Aérea no município de Amapá (AP). In.: **Flickr**, on-line. Foto/Reprodução. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/grappie/10656627335/in/album-72157651217308026/>. Acesso em 15 maio 2021.

S/a. Apresentação musical na Base Aérea no município de Amapá (AP). In.: **Sixtant**, on-line. Foto/Reprodução. Disponível em: <http://www.sixtant.net/2011/artigos.php?cat=u.s.-navy-bases-in-brazil&sub=u.s.-navy-bases--30-pages&tag=3%29usn-naf-amapa>. Acesso em 15 maio 2021.

S/a. Obras de restauração do Cine Teatro Territorial mantém arquitetura original. In.: **G1 Governo do Amapá**, on-line. Foto/Reprodução. Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/especial-publicitario/governo-do-amapa/amapa-juntos-por-um-estado-forte/noticia/2022/03/10/obras-de-restauracao-do-cine-teatro-territorial-mantem-arquitetura-original.ghtml>. Acesso em 18 maio 2023.

S/a. Fiscalização: MP-AP realiza vistoria na Escola Estadual Barão do Rio Branco. In.: **Ministério Público do Amapá**, on-line. Foto/Reprodução. Disponível em: <https://www.mpap.mp.br/noticias/gerais/fiscalizacao-mp-ap-realiza-vistoria-escola-estadual-barao-do-rio-branco>. Acesso em 18 maio 2023.

S/a. Presidente Getúlio Vargas nas escadas do Palácio Rio Negro em Manaus, 09 out. 1940. Foto/Reprodução. (CPDOC/FGV). In.: **Amazônia Real**, on-line, 2020. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/amazonia-80-anos-antes/>. Acesso em 16 abr 2023.

S/a. Time do Panair Sport Clube. In.: **Blog História do Futebol**. Foto/Reprodução. Disponível em: [https://historiadofutebol.com/blog/?attachment\\_id=76664](https://historiadofutebol.com/blog/?attachment_id=76664). Acesso em 12 maio 2023.

S/a. Um barco e nove destinos. In.: **Adorocinema**. Foto/Reprodução. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-2331/> Acesso em: 15 maio 2023

## Músicas

CULTURA: Canções curiosas. Intérprete: Sandra Peres e Paulo Tatit. Compositor: Arnaldo Antunes. In: **Palavra Cantada**, 1998. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=c6VzzH2AMxQ&ab\\_channel=PalavraCantada-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=c6VzzH2AMxQ&ab_channel=PalavraCantada-Topic). Acesso em: 19 maio 2023.

JEITO TUCUJU, Intérprete: Patrícia Bastos. Compositores: Val Milhomen, Joãozinho Gomes. In: **ZULUZA**, 2013. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=MS9uNjBRHLY&ab\\_channel=JIVM](https://www.youtube.com/watch?v=MS9uNjBRHLY&ab_channel=JIVM). Acesso em: 20 maio 2023.

O BONDE DE SÃO JANUÁRIO. Intérprete: Ciro Monteiro. Compositores: Ataulfo Alves, Wilson Batista. In: **MESTRE DO SAMBA**, 1941. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=37lo7UyS0IM&ab\\_channel=1000amigovelho\\_](https://www.youtube.com/watch?v=37lo7UyS0IM&ab_channel=1000amigovelho_). Acesso em: 19 maio 2023.

SOBRE O APAGÃO NO AMAPÁ, FALOU TUDO NESSA CANÇÃO, In.: **Facebook, Santana do Amapá**, 2020. Disponível em: <https://fb.watch/jTj9sGtAdZ/>. Acesso em: 19 maio 2023.

U AMASSU I U DUBRADÚ. Intérprete: Patrícia Bastos. Compositores: Dante Ozzeti, Joãozinho Gomes. In: **ZULUZA**, 2013. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=NPRJjXJeSz0&ab\\_channel=SolfejosdePrata](https://www.youtube.com/watch?v=NPRJjXJeSz0&ab_channel=SolfejosdePrata). Acesso em: 16 abr. 2023.

## Vídeos

S/a. Apagão no Amapá// Uma História de Horror Amapaense. In.: **Youtube**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=JzZA\\_88pV9k&ab\\_channel=Haerivigs](https://www.youtube.com/watch?v=JzZA_88pV9k&ab_channel=Haerivigs). Acesso em: 11 maio 2023.

## Leis

BRASIL. **Decreto-lei nº 92 de 21 de dezembro de 1937**. Cria o Serviço Nacional de Teatro. Rio de Janeiro, 1937. Disponível em: <https://www.diariodasleis.com.br/legislacao/federal/151539-cria-o-serviuiu-nacional-de-teatro.html>. Acesso em 20 maio 2023.

BRASIL, **Decreto-lei nº 5.812, de 13 de setembro de 1943**. Cria os Territórios Federais do Amapá, do Rio Branco, do Guaporé, de Ponta Porã e do Iguassú, 1943. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/del5812.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del5812.htm). Acesso em: 20 maio 2023.

BRASIL, **Decreto-lei nº 5.839, de 21 de setembro de 1943**. Dispõe sobre a administração dos Territórios Federais do Amapá, do Rio Branco, do Guaporé, de Ponta Porã e do Iguassú, 1943. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-5839-21-setembro-1943-415958-norma-pe.html#:~:text=EMENTA%3A%20Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20administra%C3%A7>

%C3%A3o,Ponta%20Por%C3%A3%20e%20do%20Iguass%C3%BA.&text=Vide%20Norma (s)%3A,Executivo)%20%2D%20(Alter%C3%A7%C3%A3o). Acesso em: 22 maio 2023.

**BRASIL, Decreto-lei nº 6.550, de 31 de maio de 1944.** Retifica os limites e a divisão administrativa dos Territórios do Amapá, do Rio Branco, do Guaporé, de Ponta Porã, e do Iguassú, 1944. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-6550-31-maio-1944-451989-norma-pe.html>. Acesso em: 20 maio 2023.

**BRASIL, Lei nº 6.270, de 26 de novembro de 1975.** Cria as Polícias Militares dos Territórios Federais do Amapá, de Rondônia e de Roraima, disciplina as suas organizações básicas, fixa os respectivos efetivos, e dá outras providências, 1975. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-6270-26-novembro-1975-357240-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 20 maio 2023.

**8 ANEXOS**

Capitão Janary Gentil Nunes



Fonte: Foto/Reprodução do acervo da família Nunes

Apresentação musical no palco do Cineteatro Territorial



Fonte: Foto/Reprodução do acervo da família Nunes

Fotografia aérea da Escola Estadual Barão do Rio Branco (2021)



Fonte: Captura de tela – vídeo publicitário da reinauguração da Escola Estadual Barão do Rio Branco. Disponível em: <https://www.facebook.com/governo.ap/videos/o-bar%C3%A3o-voltou-a-escola-bar%C3%A3o-do-rio-branco-est%C3%A1-pronta-reformada-e-muito-mais-m/348091200397381/>. Acesso em: 23 maio 2023

Maquete do Cineteatro Territorial de Macapá



Fonte: TCC de Livia Góis Ferreira, intitulado “Projeto de Conservação e Restauro da Escola Estadual Barão do Rio Branco, no município de Macapá – AP, 2016, p. 67

## Mapa de danos palco e plateia Cineteatro Territorial, 2016

|  |               |  |               |
|--|---------------|--|---------------|
|   |               | <b>ESCOLA ESTADUAL BARÃO DO RIO BRANCO</b>   |               |
|  |               | END: AVENIDA FAB, ENTRE A RUA SÃO JOSÉ E RUA CÂNDIDO MENDES                          |               |
|  |               | BAIRRO: CENTRAL / CIDADE: MACAPÁ-AP  |               |
| TABELA DE DANOS: PLANTA DE LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO INTERNO- CINE TERRITORIAL  |               |  |               |
|    |               |  |               |
| DATA: OUTUBRO 2016   | AUTOR:        | DATA: OUTUBRO 2016   | AUTOR:        |
| FOTO: 01   | LÍVIA CARDOSO | FOTO: 02 e 03  | LIVIA CARDOSO |
|    |               |   |               |
|   |               |  |               |
| DIAGNÓSTICO:   |               |  |               |
| <p>ESQUADRIAS DE MADEIRA DAS JANELAS E PORTAS COMPROMETIDAS, PICAÇÃO NAS PAREDES, TOMADAS ELÉTRICAS COMPROMETIDAS, MANCHAS DE SUJEIRA NA PAREDE, COMPROMETIMENTO DE PISOS, PINTURA DANIFICADA E TETO DANIFICADO E INFILTRAÇÃO NA PAREDE, FISSURAS NA PAREDE DEVIDO, APARECIMENTO DE MICROORGANISMOS VIVOS NA PAREDE.</p> |               |  |               |
| DISCENTE: LÍVIA GÓES FERREIRA CARDOSO  |               |  |               |
| ORIENTADORA: JULIANE GONÇALVES DA SILVA  |               |  |               |

Fonte: TCC de Livia Góis Ferreira, intitulado "Projeto de Conservação e Restauro da Escola Estadual Barão do Rio Branco, no município de Macapá – AP, 2016, p. 83

## Mapa de danos área vip e sala de projeção Cineteatro Territorial, 2016

|   |               |  |               |
|---|---------------|--|---------------|
|    |               | <b>ESCOLA ESTADUAL BARÃO DO RIO BRANCO</b>   |               |
|   |               | END: AVENIDA FAB, ENTRE A RUA SÃO JOSÉ E RUA CÂNDIDO MENDES                          |               |
|   |               | BAIRRO: CENTRAL / CIDADE: MACAPÁ-AP  |               |
| TABELA DE DANOS: PLANTA DE LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO INTERNO- CINE TERRITORIAL   |               |  |               |
|   |               |  |               |
| DATA: OUTUBRO 2016  | AUTOR:        | DATA: OUTUBRO 2016   | AUTOR:        |
| FOTO: 01 e 02   | LÍVIA CARDOSO | FOTO: 03 e 04  | LÍVIA CARDOSO |
|   |               |   |               |
|    |               |  |               |
| DIAGNÓSTICO:  |               |  |               |
| <p>PICHAÇÃO NAS PAREDES, TOMADAS ELÉTRICAS COMPROMETIDAS, MANCHAS DE SUJEIRA NA PAREDE, COMPROMETIMENTO DE PISOS, PINTURA DANIFICADA E TETO DANIFICADO E INFILTRAÇÃO NA PAREDE, FISSURAS NA PAREDE DEVIDO COMPROMETIMENTO DA VIGA, PRESENÇA DE MICROORGANISMO VIVOS NO TETO E ESCADA DE MADEIRA COMPROMETIDA.</p> |               |  |               |
| DISCENTE: LÍVIA GÓES FERREIRA CARDOSO   |               |  |               |
| ORIENTADORA: JULIANE GONÇALVES DA SILVA   |               |  |               |

Fonte: TCC de Livia Góis Ferreira, intitulado "Projeto de Conservação e Restauro da Escola Estadual Barão do Rio Branco, no município de Macapá – AP, 2016, p. 84